

A woman with dark curly hair, wearing a bright red cardigan over a white skirt, stands in a bright, airy kitchen. She is holding a white bowl filled with fresh blackberries. A few blackberries have spilled onto her white skirt. The background shows a white shelf with various kitchen items and a bouquet of pink flowers.

DOROTHY
KOOMSON

os aromas
do amor

Da autora do *bestseller*
a filha da minha melhor amiga



Apaixonada desde sempre pela palavra escrita, Dorothy Koomson escreveu o seu primeiro romance aos 13 anos.

A Filha da Minha Melhor Amiga foi o seu primeiro livro editado em Portugal. A história comovente de duas amigas separadas pela mentira e unidas por uma criança encantou os leitores portugueses.

Pedaços de Ternura, Bons Sonhos, Meu Amor, O Amor Está no Ar, Um Erro Inocente, Amor e Chocolate, O Outro Amor da Vida Dele e A Praia das Pétalas de Rosa foram igualmente bem-sucedidos, consagrando a autora como uma das grandes referências para os leitores.

Descubra mais sobre a autora em: **www.dorothykoomson.co.uk**
www.facebook.com/dorothykoomsonportugal

Os aromas do amor

Dorothy Koomson

Publicado em Portugal por:

Porto Editora, Lda.

Divisão Editorial Literária – Porto

E-mail: delporto@portoeditora.pt

Título original:

The Flavours of Love

© 2013 by Dorothy Koomson

Tradução: Irene Ramalho

Imagens da capa: © Silas Manhood

1.^a edição em papel: maio de 2014

Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68387-8

A

M & G & E

Adoro ver-nos neste superavião juntos.

Prólogo

– Vais contar à polícia? – pergunta ela.

– Acho que tenho de o fazer – respondo. Sinto a boca seca, a cabeça a mil, tantos pensamentos e decisões a disparar em tantas direções ao mesmo tempo que nem consigo acompanhá-los. Não consigo fixar um único pensamento durante muito tempo sem que outro venha roubar-lhe o lugar. O ar parece querer fugir-me dos pulmões e, por isso, ainda não consegui respirar como deve ser desde que a minha filha começou a falar. Sinto o coração a gelar perante o conhecimento de quem matou o meu marido. E porquê.

Tenho de contar isto à polícia, claro que tenho.

– Não, mãe, por favor.

– Mas, Phoebe...

– Por favor, mãe, não contes. Por favor, por favor, por favor. – O seu corpo de 12 anos, aninhado no meu colo, estremece com soluços aflitivos. – Por favor. Por favor. Por favor. Tenho medo. Tenho tanto medo.

– Phoebe, não podemos...

– Por favor, mãe. Desculpa mas, por favor, não contes.

– Chhh, chhhhh – digo eu a embalá-la, a tentar aquietá-la. Não é justo. Nada disto é justo. – Não falemos agora do assunto. Vai correr tudo bem, eu vou fazer com que tudo se resolva.

PARTE I

I

Qual será a diferença entre envolver e misturar?

Tenho a certeza de que já soube, alguém já mo deve ter dito. Aparentemente, é possível perceber-se se um ingrediente foi envolvido ou misturado na massa. Sempre tive as minhas dúvidas, sempre me questionei se isso não seria uma daquelas coisas que os cozinheiros/ chefes de cozinha incluem nas instruções para fazer uma receita parecer mais interessante ou mais difícil do que realmente é.

Envolver ou misturar. Misturar ou envolver.

– *Aham!* – faz o homem sentado do outro lado da secretária, cujo corpo e roupas exibem os inequívocos indícios de um homem profundamente atolado numa crise de meia-idade, tossicando pouco à vontade. Obviamente, tem algo importante a dizer. Precisa da minha atenção, embora a minha atenção, o meu olhar, o façam remexer-se um pouco na cadeira de cada vez que lhos dirijo. *Nunca* falha. Não sabe como partilhar o espaço com a mulher cujo marido foi assassinado. Comigo.

Sei que é assim que mentalmente se refere a mim, que fala sobre mim com outras pessoas, porque é assim que toda a gente se refere a mim: já ouvi os sussurros nos dois parques infantis onde costumo deixar os meus filhos, nas casas de banho do trabalho, nas conversas das pessoas na loja e no supermercado. Não é por maldade, é apenas uma expressão fácil que descreve alguém à margem das suas vidas. Ainda hoje, 18 meses depois, sou conhecida como A Mulher Cujo Marido Foi Assassinado. Ou então, o título completo: A Mulher Cujo Marido Foi Assassinado E Nunca Apanharam O Assassino.

– *Aham!* – tossica ele novamente, e volta a remexer-se na cadeira quando lhe dirijo o olhar.

A última vez que privei com este homem, ele não estava a atravessar uma crise de meia-idade e discutíamos a melhor forma de reintegrar a minha filha na escola depois do sucedido. Ele evitava o meu olhar, remexia nos papéis em cima da secretária, fazia estalidos repetitivos com o mecanismo da caneta e tropeçava nas próprias palavras, receoso e sem saber bem o que dizer. E cá estamos nós hoje outra vez: o mesmo gabinete, o mesmo constrangimento, mas com roupas diferentes e um diretor de turma diferente ao lado dele.

O diretor de turma, posicionado ao lado do diretor da escola como um guarda-costas silencioso, é um homem cuja reputação conheço: é *O* professor Bromsgrove. O artigo foi-lhe atribuído pelas mães que se reúnem nos parques infantis, por ser relativamente jovem e bem-parecido, sendo alvo de alguns comentários escandalosamente lascivos (apesar de elas serem muito bem casadas e de ele não ser necessariamente professor dos seus filhos).

No canto oposto do gabinete, do mesmo lado da secretária que eu, sentada numa cadeira que não podia estar mais longe de mim a não ser que estivesse lá fora, no corredor, está a minha filha. Phoebe Mackleroy. Ainda não sei o que terá feito, nem porque me terão chamado à escola no primeiro dia de folga que tenho há quase um ano.

É uma miúda ajuizada, queria eu poder dizer. *Isto é só uma crise passageira; na verdade, é uma miúda muito ajuizada*. Mas não vou poder dizê-lo, pois não? As coisas não funcionam assim para gente como eu.

– *Aham!*

Nova hesitação do diretor da escola antes de falar: – Sra. Mackleroy. Não há outra forma de lhe dar uma notícia destas. Hoje a Phoebe revelou algo ao diretor de turma, aqui o professor Bromsgrove. – A mão pálida e rechonchuda do diretor da escola ergue-se no ar para indicar o homem a que se refere. Apetece-me corrigi-lo, lembrá-lo de que, na realidade, se trata d'*O* professor Bromsgrove, mas sei que não seria apropriado. Portanto, em vez disso, permito-me lançar-lhe um olhar de relance e *O* professor Bromsgrove,

por seu lado, continua cuidadosamente a evitar olhar-me nos olhos. O diretor da escola continua a falar: – Ele não sabia bem o que fazer, por isso, veio ter comigo. Julgámos melhor entrar em contacto consigo o mais depressa possível. Sobretudo se chegarmos à conclusão de que teremos de envolver os serviços de assistência social.

O meu coração deixa de bater por alguns instantes ao ouvir aquelas palavras mágicas. Tinha-me preparado mentalmente ao receber a chamada da secretaria da escola, tinha pousado a pilha de receitas rabiscadas em diferentes tipos de papel que folheava e tinha-me preparado para ouvir o pior. Mas, quando me pediram para vir aqui e não ao hospital, quando cheguei e vi a Phoebe sentada numa cadeira, a mexer-se, a respirar, *viva*, permiti-me descontraír um pouco, relaxar quase totalmente.

Como a estúpida que sou, permiti-me esquecer que a vida de uma pessoa pode ser devastada por um capricho do vento, uma mudança de ideias, uma intenção amiga com resultados catastróficos. A vida pode mudar, mesmo diante dos nossos olhos, por não repararmos no corte mais ínfimo numa artéria principal.

– Não há outra forma de lhe dizer isto, Sra. Mackleroy. – O diretor da escola ainda está a falar, como se mencionar os serviços de assistência social não bastasse para me permitir um momento para digerir a informação como deve ser, para me preparar, porque tudo vai numa direção com um destino marcado: “Inferno”. – Lamento que tenha de o ouvir por mim e não pela própria Phoebe. Sentimos (os três) que esta era a melhor forma de ficar a saber.

Se foram necessários dois agentes da polícia para me explicar que um “incidente” significava que nunca mais veria o meu marido, porque não haviam de ser necessárias três pessoas para me contar o que quer que seja que a minha filha fez?

Viro-me para a observar. A postura dela na cadeira em forma de tulpá

(de costas para mim como se fosse um girassol e o sol se situasse do lado oposto do gabinete) impede-me de lhe ver o tronco. A saia cinzenta de pregas, do uniforme da escola, deixa ver os joelhos; as meias cinzentas e compridas com a barra azul-turquesa ocultam a pele abaixo dos joelhos até desaparecerem no interior dos sapatos pretos e rasos. O cabelo dela, que está voltado para mim no lugar do seu rosto, está dividido em duas partes iguais e preso na perfeição em dois carrapitos *afro* por dois elásticos pretos. Não tem ar de ser uma criança problemática, mas também nunca teve. Tem o ar de uma rapariga que segue as regras, que faz o que lhe dizem e fica envergonhada *de morte* ao ser chamada ao gabinete do diretor da escola.

Eu sei o que tu fizeste, penso eu, fitando-a.

– *Aham!* – tossica novamente o diretor, e viro-me para ele. Devia saber o nome dele, mas não sei. A informação evaporou-se, substituída pelo conhecimento do que a minha filha de 14 anos fez. Não preciso de o ouvir da boca dele, porque sei muito bem o que se passa.

No entanto, ele di-lo porque é algo que precisa de ser dito em voz alta, que precisa de ser confirmado.

– Sra. Mackleroy, lamento dizer-lhe que a sua filha está grávida de cerca de quatro semanas.

II

16 anos antes *Daquele Dia* (junho de 1995) Tinha os dedos cravados nos apoios para os braços e o corpo apertado contra as costas do assento enquanto o avião, o voo 4867 com destino a Lisboa, guinava à esquerda de forma alarmante e imediatamente a seguir era arremessado para a direita. Por isto é que eu odiava voar. Por isto é que eu tinha passado tanto tempo a refletir sobre se haveria mesmo, mesmo necessidade de “virar costas a tudo e deixar para trás as preocupações”. Não tinha bem a certeza se valeria a pena passar por isto só para escapar à ansiedade e ao stress de estar em casa. Se valeria a pena arriscar ficar encurralada numa caixa metálica a vacilar em pleno ar, à espera de alcançar céus mais tranquilos ou, então, despencar de repente, o que significaria ter de gritar, chorar ou rezar ante a iminência da morte.

Vai a Portugal, dissera eu a mim própria. São só duas horas de avião, pensara. Vai correr tudo bem. São apenas 120 minutos. A quanta turbulência podemos estar sujeitos em tão pouco tempo? Há filmes mais longos do que isso. Vai correr tudo bem, Saffron. Não vai acontecer nada.

Mas eu não me sentia nada bem. Estava agarrada aos apoios dos braços do assento de um avião, a ancorar-me firmemente no presente, recusando-me a ver passar a vida à frente dos olhos, porque, se conseguisse impedir que isso acontecesse, o resto, o gritar/ rezar/chorar ante a iminência da morte, também seria evitado.

O homem sentado ao meu lado, que vinha com a namorada agarrada à sua mão esquerda como um torno, virou-se para mim quando o avião começou a dançar de lado e estendeu-me a mão direita.

– Pode agarrar-se a esta mão, se quiser – disse ele. Olhei da enorme mão, com as suas unhas angulosas e limpas, para a namorada. Tinha um olhar

aterrorizado nos olhos verdes esbugalhados, o cabelo liso encrespado, ao que parecia, de puro medo, mas, ainda assim, conseguiu acenar-me com a cabeça para comunicar: *Vá, idiota, agarra-te e aperta com força. Estamos todos juntos nisto.*

O avião inclinou-se para a frente e a namorada dele e eu fechámos os olhos depois de soltar um “Ohhhhhhh” em simultâneo. Apoderei-me da mão que me era oferecida e agarrei-me a ela como a uma tábua de salvação enquanto prosseguimos a nossa tumultuosa viagem até Lisboa.

Deixei-me cair numa poça no tempo, revisei um dos locais do meu passado com o Joel e regressei ao presente com o vaivém de uma maré de náusea no fundo do estômago. Normalmente, as bolsas de memória que contemplam o Joel e a nossa vida antes *daquele dia* dão-me um ânimo inesperado, um pequeno empurrão que me ajuda a levar a vida para a frente no presente, mas desta vez não.

Desta vez o caldeirão de incertezas e preocupações que habita o lugar onde o meu estômago devia estar continua a fervilhar num frenesi, porque eu sou um daqueles pais. *Daqueles* pais. Os que aparecem nos jornais ou nas revistas e nos fazem abanar a cabeça num gesto de reprovação; aqueles que nos levam a pensar *Onde estavam os pais?* quando ouvimos falar de alguma coisa terrível que envolve uma criança. Sei que sou um desses pais porque aqui estou eu com as mãos cruzadas no colo, o rosto congelado numa expressão neutra, a repassar segredos que há poucos segundos um estranho me revelou sobre a minha própria vida.

Detesto sentir-me enjoada.

Detesto sentir-me enjoada ainda mais do que estar fisicamente enjoada, porque, pelo menos, depois de vomitarmos, depois de esvaziarmos o conteúdo do estômago, tirando a dor nas costelas ou na garganta, a coisa fica por aí; desaparece. Esta sensação de náusea, no entanto, fica a pesar-nos bem lá no fundo, a revolver-se de forma lenta e inexorável, ascendendo de tempos

a tempos, ameaçando transbordar antes de serenar outra vez, envolvendo-se e misturando-se, misturando-se e envolvendo-se a si própria no crescendo de uma sensação que tão cedo não irá embora.

Neste momento sinto-me enjoada.

A minha filha, que ainda usa um uniforme escolar, a quem ainda tenho de levar às compras quando precisa de sapatos novos, que ainda tem ursinhos de peluche na cama, está grávida.

– Não dizes nada, Phoebe? – pergunto-lhe, voltando-me na cadeira para a encarar.

O seu corpo esguio, de costas voltadas para mim, encolhe-se de forma quase impercetível ao ouvir a minha voz (uma ligeira contração involuntária dos músculos), mas ela não se mexe nem dá mostras de reconhecer a minha presença.

– Phoebe? – chamo eu com brandura, com meiguice.

Nada. A minha filha não reage.

Devolvo a minha linha de visão aos homens que tenho à minha frente e concentro-me no mais jovem, o bem-parecido. *O* professor Bromsgrove. Porque terá ela decidido contar-lhe, *a ele*? De todas as pessoas do mundo, desta cidade, desta escola, porque terá ela decidido contar-lhe, *a ele*? É jovem, mas não particularmente jovem. Aliás, deve ser mais ou menos da minha idade. Tem, sem dúvida, idade suficiente para ser pai dela. Traz o cabelo cortado à escovinha e possui traços fortes, de um homem que facilmente dá a impressão de não estar para brincadeiras, mas que é capaz de parecer gentil e compreensivo no instante seguinte. É esguio, a atirar para o magricela, e traz uma camisa branca de corte justo, um blazer azul-marinho e calças de bombazina castanho-claras. Os olhos dele, pelo que consigo ver por trás dos óculos de aros metálicos, possuem o mesmo tom escuro de avelã que a sua pele e parecem bondosos. É a primeira vez que o observo com olhos de ver, que *reparo* nele, e agora percebo o que leva as outras no parque infantil a

segredar. Porque andam todas pelo beicinho. O que me faria ter uma paixoneta por ele se fosse adolescente. Será isso que se passa com a minha filha? Será por isso que lhe contou primeiro a ele? Por pensar que isto podia aproximá-los? Ou haverá um motivo mais sinistro? Terá ele alguma coisa a ver com o estado dela?

Olho para o diretor da escola. *Como pôde você permitir que acontecesse uma coisa destas?*, apetece-me perguntar-lhe. *Quando ela não está em casa está aqui na escola, por isso, deve ter acontecido em período de aulas.*

Volto novamente a contemplar O professor Bromsgrove. Tê-lo-á ela mencionado um pouco de mais? Terei eu visto alguma coisa com o nome dele no quarto dela quando lá entro para inspecionar o computador? Vasculho a memória na tentativa de encontrar um momento em que tenha surgido este homem, este potencial pai do filho da minha filha. Nada. Não me ocorre nada e não há nada que salte à vista. Nada nele me dá sequer motivos para suspeitar de que se tenha passado algo impróprio entre eles.

Pode ter acontecido em qualquer sítio, digo a mim própria. Pode ter sido com qualquer um, porque não sei o que a Phoebe faz no intervalo de tempo desde que sai da escola até entrar em casa. Em casa, está sempre a estudar, e as boas notas podem comprová-lo, ou sentada ao canto do sofá na sala de estar, de telemóvel na mão, a trocar SMS ou no Facebook e no Twitter e todas essas coisas a que não tenho prestado a devida atenção. Como está em casa sempre assumi que estava a salvo. O que é mau só acontece “lá fora”. Desde que esteja onde eu a possa ver a maior parte do tempo, está a salvo.

– A Phoebe não quis dizer-nos quem é o pai – diz O professor Bromsgrove. Pelo canto do olho vejo a cabeça dela a virar um pouco ao olhar para ele. Estará zangada e ressentida por ele estar a dizer-me isto ou incrédula ao ouvi-lo falar no assunto quando ele próprio está envolvido? Não posso saber ao certo porque não vejo o rosto dela.

– Sra. Mackleroy, não sei o que pretende fazer agora... – O diretor da

escola deixa a frase em aberto e espera que eu a termine.

– Vai denunciar o caso aos serviços de assistência social? – pergunto eu no vazio que ele me deixou.

O diretor da escola olha de relance para *O* professor Bromsgrove e eu pergunto-me se algum deles ouve o ruído de espanto quase inaudível da Phoebe. Terão reparado que ela está a sustentar a respiração? Terão eles noção de que já estamos sob o radar dos serviços de assistência social e que uma revelação deste género iria fazer com que começasse tudo de novo?

O professor Bromsgrove fita o diretor da escola, depois olha para a Phoebe, e depois volta a olhar para o diretor. Não me inclui na sua avaliação da situação. Aliás, tem evitado olhar diretamente para mim desde que aqui cheguei. Vi-o a olhar-me de cima a baixo quando entrei, mas são notórias as suas tentativas de ignorar a minha presença. *Não faz mal*, gostava eu de poder dizer-lhe, *sei que sou uma mãe péssima, não tem de evitar olhar para mim com receio de mostrar a repugnância que sente. Já me sinto repugnada comigo própria o suficiente pelos dois*.

Finalmente, o diretor da escola volta a concentrar-se em mim.

– Acho que, por agora, devemos esperar e ver como corre, não? Pensamos que o melhor seria ter uma conversa com a Phoebe, decidir o que quer fazer e depois podemos reunir-nos outra vez para discutirmos as nossas opções. – Cora violentamente. – Quer dizer, opções no sentido escolar e educativo, claro. *Aham!* – E começa a remexer desesperadamente na papelada.

O caldeirão de náusea que se revolve no centro do meu ser acelera o passo.

16 anos antes *Daquela Dia* (setembro de 1995) – O que queres que te prepare, lindeza? – perguntou-me o Joel. Há dois meses que saíamos juntos, sem contar com a época em que nos conhecemos no avião para Lisboa e o mês seguinte, em que não nos vimos, e este era o nosso primeiro encontro

que não envolvia uma atividade física qualquer: bólingue, caminhada (desastroso), patins em linha, montanhismo, esqui em pista artificial, discotecas. Hoje, no entanto, ele insistira num encontro mais calmo e mais descontraído, com jantar e bebidas, no apartamento que partilhava com outra pessoa em Hove.

– Nada. Acho que não ia conseguir comer nada. – Esfreguei a barriga para reforçar a ideia. – Passei o dia a comer, estou cheia.

– Que disparate. – Como sempre, os tons profundos da voz dele escorreram deliciosamente por mim como xarope de ácer amornado. – Podes escolher o que quiseses da ampla variedade do meu frigorífico.

Abriu a porta do grande frigorífico branco, descerrando um portal para um mundo de prazer: legumes frescos, massa caseira, maçãs, amoras, morangos, mirtilos, manteiga, queijo, fiambre, frango e salmão bem organizados em três prateleiras, com a carne crua, as aves e o peixe amontoados no mesmo sítio, os legumes frescos e as frutas juntos e os produtos de charcutaria lado a lado. Nada de latas meio abertas a criar bolor a cada segundo que passa, nada de alimentos deteriorados destinados a apodrecer deixando para trás manchas peganhentas e malcheirosas, nada de boiões com tampas cheias de crostas e rótulos descorados.

O resto da cozinha apresentava-se igualmente imaculado. Por toda a divisão, espaçosa para um T2, via-se sinais de que ali se cozinhava, comia, *vivia*. A parede ao lado do forno exibia duas longas prateleiras a abarrotar de óleos e azeites de todos os tipos, alguns com malaguetas, alho e ervas aromáticas em suspensão. A prateleira de baixo continha frascos transparentes com diferentes tipos de massa seca, arroz, feijão e lentilhas. Por baixo, estava um suporte com especiarias e ervas aromáticas. Numa das superfícies de trabalho havia um suporte de madeira para facas com seis facas de punho prateado (todas de tamanhos diferentes, imaginei). No peitoril da grande janela que deixava entrar luz na cozinha alinhavam-se pequenos vasos

de ervas aromáticas, das quais reconheci três: alfavaca, manjeriça e cebolinha.

– Tu e o teu amigo Fynn vivem aqui por vossa conta? – perguntei-lhe.

– Sim, desde que arranámos empregos decentes a seguir à universidade.

– E gostam os dois de cozinhar?

– Não, isso é uma coisa minha. O Fynn é mais adepto de carros. E mulheres. Mas, acima de tudo, carros.

– Como é que duas pessoas tão diferentes conseguiram tornar-se tão boas amigas?

– Não somos assim tão diferentes. Como te disse, conhecemo-nos num dia aberto em Cambridge. Criámos uma certa afinidade quando, no espaço de 10 minutos, percebemos que ambos estávamos ali para satisfazer os nossos pais.

– Era preferível ser uma desilusão, então?

– Não, era preferível ter vida própria. Não ambicionava entrar lá e não teria sido justo tirar a vaga a alguém que quisesse mesmo estudar em Cambridge. O Fynn estava na mesma situação. Voltámos a encontrar-nos durante as entrevistas e trocámos números de telemóvel. Depois das provas de acesso, decidimos fugir e viver à beira-mar para escapar ao som dos corações dos nossos pais a partir. Durante um ano não fizemos literalmente mais nada senão trabalhar e andar de festa em festa, até entrarmos na universidade em Brighton.

Fechei a porta do frigorífico, peguei-lhe na mão e fiquei ali a olhar para ele durante alguns segundos. Só a observá-lo. Era, de longe, o homem mais atraente com quem já tinha estado “envolvida”. De longe. Rondava o metro e oitenta e tinha uma constituição sólida, com músculos esguios e possantes que eu não parava de admirar sempre que o via de manga curta. Ainda não tinha visto o resto da mercadoria, por assim dizer, mas tinha esperanças de poder mudar isso. Dava constantemente por mim a tentar perder-me nos

olhos dele, porque eram como torvelinhos gémeos de mogno derretido, cercados de pestanas negras como carvão. O rosto dele podia ter sido esculpido a partir de uma peça de nogueira de tão polido e escuro que era, e mesmo a pedir para ser acariciado. E aquela boca, sempre a sorrir-me. Sempre que o apanhava a olhar para mim tinha um grande sorriso nos lábios ou parecia estar prestes a sorrir.

– Não viste nada que te apetecesse no frigorífico, hã? – perguntou ele, e voltou a estender a mão para o puxador prateado.

– Não propriamente – disse eu. Para desviar a sua atenção para mim levei-o pela mão até à espaçosa sala do apartamento, onde o encorajei a sentar-se para que eu pudesse afundar-me no sofá ao pé dele. – Preferia ouvir mais sobre as tuas andanças durante o tal ano de trabalho e festas de arromba.

– Estás assim tão interessada? – questionou, e o seu sorriso voltou a iluminar-lhe o rosto de 26 anos. Senti-me logo derreter por dentro. Ele passou-me o braço à volta da cintura, como eu há tanto ansiava, antes de se encostar para trás no sofá e me puxar para si.

– Oh, sim, estou mesmo muito, muito interessada.

Estamos na paragem de autocarro perto da escola. Depois da chamada a convocar-me a St. Allison sentia-me demasiado abalada para pensar, sequer, em conduzir, pelo que gastei todo o dinheiro que tinha na carteira num táxi para chegar aqui. Ainda tinha o suficiente para regressar a casa de autocarro e a Phoebe tinha o passe dela.

Estamos sentadas no banco de plástico sob o resguardo, à distância de duas pessoas de tamanho normal. Estamos em abril e, como toda a gente, continuo à espera do mínimo indício de que chegou a primavera, mas o tempo não quer colaborar. O ar à nossa volta está frio, mas não desagradável de todo. Apesar disso, gostava que estivesse mais calor. Esperar pelo autocarro seria muito mais agradável se o ar frio não comesse a entranhar-se por baixo do meu casaco e a arrepiar-me a pele.

– Mais tarde ou mais cedo vais ter de falar comigo – digo à Phoebe na primeira vez que lhe dirijo a palavra desde “Vamos ter de apanhar o autocarro”, quando ela parou para ver que direção eu tomaria para chegar ao carro.

Em resposta, ela vira a cabeça para mais longe ainda, não para o lado de onde o autocarro virá, mas na direção de casa e da escola, atrás de nós.

Paro de olhar para ela, ela não vai olhar para mim. Em vez disso, concentro-me em vigiar a chegada do autocarro e pergunto-me: *Estará ela a desejar estar em casa, regressar à segurança dos muros da escola, estar em qualquer sítio, neste momento, menos ao pé de mim?*

III

Há uma área arroxeadada no chão branco da cozinha. É uma mancha irregular que ando a tentar remover há 15 meses, mas continua lá. Mais ninguém consegue vê-la, aparentemente, ou talvez não incomode mais ninguém: que eu tenha reparado, sou a única pessoa que não consegue tirar os olhos dela. Já experimentei vinagre branco, lixívia, cremes abrasivos, todos os tira-nódoas que conheço, mas nada resultou. Ainda ali está, dispersa por seis tijoleiras, a lembrar-me de quando deixei cair uma taça de amoras e não tive a presença de espírito de limpar tudo antes que o suco negro e viscoso se entranhasse no vidrado da tijoleira branca, deixando uma nódoa negra permanente na nossa casa.

É sempre a primeira coisa que vejo quando entro na cozinha. Lanço-lhe um olhar de esguelha e lembro-me fugazmente da letargia que tomou conta de mim com uma rapidez assustadora; do *fft, fft, fft* das amoras a explodir na tijoleira; do som da taça, já velha e estalada, a escaqueirar-se no chão; da sensação de ficar sem ar de repente.

Vejo os calcanhares das meias cinzentas da minha filha a passar por cima da mancha como se lá não estivesse. Acomoda-se à mesa, na cadeira mais próxima do lava-loiça, onde habitualmente se senta, e a primeira coisa que faz é tirar o telemóvel do bolso do casaco. Não devia estar de casaco dentro de casa, mas, considerando o panorama geral, não penso que isso tenha muita importância.

– Esta noite o Zane fica em casa da Imogen. Ele e o Ernest querem experimentar um jogo novo – explico-lhe. Falo-lhe como normalmente embora ela continue a ignorar-me desde o gabinete do diretor da escola. Ou terá começado antes disso? Terei eu deixado de existir para a Phoebe há todo este tempo, desde que fiz o que ela queria e concordei não ir à polícia? Será

que conseguir levar a melhor a fez perder todo o respeito por mim?

O Zane, o irmão mais novo da Phoebe, de 10 anos, está com o Ernest, o seu melhor amigo desde o primeiro ano. A mãe do Ernest, a Imogen, tem sido uma querida, sobretudo nos últimos 18 meses, mas não lhe contei o que se passou hoje. Não consigo sequer encontrar palavras para o explicar a mim própria, quanto mais a alguém que criou três filhos – dois dos quais conseguiram ultrapassar a fase da adolescência sem este tipo de escândalos.

14 anos antes *Daquele Dia* (junho de 1997) Atravessei o apartamento em Hove a correr, com o coração a soar-me nos ouvidos como uma manada de búfalos em debandada, depois de atirar para o lado o pano com que estava a limpar as superfícies da cozinha, e respondi aos gritos urgentes do Joel do outro lado da casa. Tínhamos arrendado um apartamento *art déco* lindíssimo mesmo à beira-mar e mantê-lo limpo era, para mim, quase uma obsessão.

– O quê, o quê, o que foi? – perguntei-lhe. Estava na casa de banho, apenas com uns boxers brancos tão justos, tão moldados ao corpo, que me admirei de não lhe cortarem a circulação entre o tronco e as pernas.

– Acho que chegou o momento, Ffrony. Tens de me barbear as costas.

– Era por isso que estavas a chamar-me aos gritos? Julguei que era uma emergência. Ou, pelo menos, qualquer coisa importante.

Havia um tapete de lã negra a forrar o lavatório e ele tinha o peito liso e desprovido de pelos. Os seus bem definidos abdominais destacavam-se agora que já não estavam cobertos de penugem.

– E é importante – replicou ele. Franziu-me o sobrolho pelo espelho, fingindo uma expressão de horror por eu não estar a compreender. – É extremamente importante. Tens de me barbear as costas.

– Hum, não me parece – respondi. Embora não fizesse tenções de barbear coisa nenhuma, empoleirei-me na beira da banheira esmaltada, com os seus pés de cobre em forma de garras apoiadas em bolas, e aproveitei a oportunidade para apreciar o meu namorado. Adorava examinar, sempre que

podia, a forma como o corpo dele se contraía e se expandia, quantas expressões ínfimas e aparentemente inconsequentes lhe atravessavam o rosto sem se manifestarem em palavras e ações. Adorava observá-lo.

– Lamento, fofa, mas acho que vais acabar por descobrir que faz parte do acordo: “na alegria e na tristeza” e tudo o mais – disse ele num tom persuasivo. – Vá lá, não demora nada. Umas quantas passagens e já está.

– Quantas vezes já me disseste isso? – graciei.

Com um grande sorriso no rosto ele virou-se para mim, fez-me levantar da banheira e enfiou-me a máquina de barbear na mão.

– E por que diabo precisas tu de barbear as costas? Não me importo que sejas peludo.

– Sim, mas é incrivelmente incómodo ter costas peludas, especialmente no tempo quente.

Examinei a máquina à minha frente. Os dentes pareciam cruéis e perigosos, mais aptos a retalhar a pele em fatias do que a cortar os pelos de forma efetiva e eficiente.

– Mas, espera aí, estamos juntos há dois anos, vivemos juntos há três meses, como é que só agora é que te lembraste de me pedir uma coisa destas?

– A resposta, é claro, tornou-se imediatamente óbvia. – Isto é coisa do Fynn, não é? *Ainda?* Ainda? Também és tu que barbeias as dele?

– Isso é entre mim e ele, Ffrony. Há coisas que não podes saber.

– Eu juro-te, vocês os dois... às vezes, não sei se hei de ter ciúmes ou ficar impressionada. Há intimidade de mais entre vocês.

– Isso não existe. Vá lá, fofa, não me deixes aqui assim.

Carreguei no botão de borracha do ON e o aparelho ganhou vida, vibrando violentamente na minha mão.

– Este é um momento muito importante na nossa vida em comum, Ffrony. Não é qualquer um que me barbeia as costas, és a primeira mulher a quem peço para fazer isto. Estás prestes a granjear um lugar no Corredor da

Fama do Joel.

– O Corredor da Fama do Joel. *Ceeeeerto*. – Eu parecia confiante, mas estava a tremer com os nervos. Não queria magoá-lo. Nunca. A mão tremia-me quando a aproximei da zona peluda acima da omoplata direita.

– Não tenhas medo de me magoar – disse ele, sério. Os torvelinhos dos olhos dele prenderam o meu olhar através do espelho. – Sei que nunca o farias.

Forcei a minha mão e forcei-me a mim própria a parar de tremer. Ele tinha razão. Eu não iria magoá-lo e era *capaz* de fazer aquilo.

– Está bem.

– Seja como for, não é possível, pois isso tem um mecanismo de segurança – acrescentou ele, e desatou a rir de tal forma que levou cinco minutos a ficar suficientemente quieto para eu voltar a tentar.

– Pensei em fazer frango com molho *pesto*, puré de batata e salada para o jantar – digo eu à minha primogénita. O Joel e eu passámos o que pareceu uma eternidade a tentar concebê-la. De cada vez que o meu período regressava sentia-me terrivelmente desapontada, e nunca experimentei tamanho choque e pânico como no instante em que as duas linhas ficaram azuis no teste de gravidez. – Já fiz o *pesto*. Que tal comê-lo antes com *gnocchi*, para ser mais rápido?

Continua de cabeça baixa e o seu polegar direito voa sobre o teclado do telemóvel enquanto redige uma mensagem. Para a Phoebe, ao que parece, está tudo normal, nada mudou.

Ergue a cabeça, olha-me de soslaio e, a seguir, encolhe os ombros como quem diz “pode ser” antes de devolver a atenção ao telemóvel, à sua vida real, ao que realmente importa. A língua dói-me de tanto a entalar entre os dentes para conter o grito que me queima o peito. Com o grito ainda preso na garganta, apresso-me a pegar na chaleira cromada e a levá-la para o lava-loiça. Enquanto isso, o mantra “Não vou gritar, não vou gritar, não vou

gritar” descreve piruetas sem fim na minha cabeça como a bailarina de uma caixinha de música.

13 anos antes *Daquele Dia* (agosto de 1998) – O que preferias ter, um menino ou uma menina? – perguntou o Joel, repousando a mão na subtil saliência da minha barriga grávida de três meses. – Sei que o que vier será bom, mas idealmente, o que gostarias que o bebé fosse?

– Humano? – repliquei. Cobri as mãos dele com as minhas, aproximando-o do nosso bebé e ancorando-me a ele ao mesmo tempo.

– *Humano*? Por oposição a...? – questionou ele.

– Klingon?

Com a mão livre puxou-me para mais perto enquanto nos reclinávamos no nosso sofá e enterrou o nariz na cova do meu pescoço, onde estava sempre a beijar-me com os seus lábios frios, o que me fazia dissolver em risadinhas e estremecer ao mesmo tempo.

– Ora vamos lá saber, o que tens tu contra os Klingon? – perguntou ele enquanto esfregava o nariz no meu pescoço.

– Nada. Vou casar contigo, não vou, Sr. Cara de Espinhaço?

Ele levou de imediato a mão à testa, como que para verificar, como se eu não estivesse sempre a chamar-lhe a mesma coisa.

– Eu *não* tenho a testa grande.

– Se tu o dizes... – atirei-lhe eu entre risadinhas.

– Não lhe liguês, bebé – continuou ele, risonho. – O teu pai não tem a testa grande.

– Pois não, não é grande – concedi eu –, é *enorme*!

– Sei muito bem o que estás a fazer, Ffrony – disse ele, abandonando o tom brincalhão –, e não vai resultar. Para de evitar a questão.

– Desculpa. – Fechei os olhos e contemplei o futuro; vi-o a ele, a mim e um bebé pequenino. De repente, o medo incandescente do incerto começou a apertar o cerco em volta dos meus pensamentos e a atizar a preocupação com

o que viria a seguir, com o que podia correr mal, o medo de falhar, os medos que coexistiam dentro de mim num equilíbrio precário como uma torre de chávenas de porcelana fina. Recusava-me a reter os pensamentos, as necessidades, a lista de desejos para o futuro com medo de atrair má sorte, de dar corpo a algo que me podia ser tirado. – Não sei, Joel, não sei mesmo.

– Não tenhas medo – disse ele. Sabia aquilo em que eu estava a pensar, o que me preocupava, e apertou-me nos braços em vez de abraçar apenas o bebé. – Vai correr tudo bem.

– Não tens forma de saber isso.

– Tenho e sei.

– E então tu, o que preferias? – Não queria que a minha inquietação arruinasse as esperanças dele. Aquele momento também lhe pertencia. Ainda que eu não fosse capaz de relaxar completamente, o mínimo que podia fazer era dar-lhe essa oportunidade.

– Menina, acho eu. Ficarei igualmente feliz se for rapaz, não me interpretes mal, mas adorava que fosse menina.

– Porquê?

– Para dizer a verdade, não sei... – Calou-se e deixou-se cair num dos seus silêncios, agora tão familiares e reconfortantes, enquanto considerava todos os ângulos da questão. – Não sei, acho que é uma daquelas coisas que julgamos querer sem conseguir explicar porquê.

– Estou a ver – respondi, embora não fizesse a mínima ideia do que ele estava a falar.

Estou diante do lava-loiça a olhar pela janela, a ver os últimos resquícios de luz darem lugar ao crepúsculo através dos espaços na nossa cortina de borboletas. Quando tinha 10 anos, a Phoebe passou semanas a criar borboletas de missangas translúcidas de todas as cores. Noite após noite, ocupava o seu lugar num coxim ao canto da sala para moldar as borboletas com a ajuda de uma agulha grossa e arame, cujas extremidades apertava com

um nó utilizando um alicate próprio, antes de passar à borboleta seguinte. Quando terminou, o pai prendeu-as a um varão que pendurou por cima da janela que fica diante do lava-loiça.

Durante o dia, a cortina salpica a cozinha com pontos de luz de cores diferentes, intensificadas, é claro, quando o sol brilha. Às vezes, venho à cozinha antes do nascer do sol, sento-me à mesa com uma caneca de café e fico a olhar para a mancha de suco de amora enquanto a divisão se ilumina gradualmente com um brilho multicolor.

– Quem é o pai? – pergunto eu à Phoebe enquanto disponho os pratos em cima dos individuais com um padrão de borboletas, que coloquei na mesa enquanto a massa cozia.

A Phoebe pega no garfo que lhe pus à frente e espeta-o numa bolinha de massa coberta de rúcula e molho *pesto*. Quando lhe coloco a questão, em vez de levar a comida à boca, deixa-a espetada no garfo pousado na beira do prato. Por fim, brinda-me com um discreto encolher dos seus ombros ossudos à laia de resposta.

Começo a entrar em pânico.

– Não sabes quem é o pai ou não me queres dizer? – pergunto-lhe.

Desta vez, encolhe apenas um dos ombros. Inspiro fundo, devagar, e deixo sair o ar a pouco e pouco. Sei o que o Joel diria numa situação destas. Lembrar-me-ia de que a Phoebe tem apenas 14 anos, está assustada, e de que há coisas piores do que engravidar. Dir-me-ia para não lhe gritar. Dir-me-ia para me lembrar de como era estar na posição dela. Dir-me-ia todas estas coisas e teria razão.

Pego no meu garfo e lembro-me do terror que é estarmos sentados diante de um pai ou de uma mãe, que já temíamos de antemão, depois de terem sido chamados ao gabinete do diretor por nossa causa e de terem ficado a saber coisas sobre nós das quais não tínhamos medido as consequências. Lembro-me das palavras controladas que jorraram da boca da minha mãe quando dei

por mim numa situação semelhante à da Phoebe, como cada sílaba era um doloroso golpe de que ainda hoje consigo lembrar-me sem grande esforço. Lembro-me de não ter dito uma palavra até ela parar e de me deixar ficar calada quando me ignorou durante uma semana inteira por ter envergonhado a família.

Isto é diferente, no entanto: ignorar o problema não vai fazer com que ele desapareça; fingir que não está a acontecer não vai resolver nada. Baixo o garfo e apoio-o na beira do prato.

– A questão, Phoebe, é que encolher os ombros não vai servir-nos de nada. – Falo num tom calmo e razoável, muito diferente de como me sinto por dentro. – Pode até ser a forma como queres lidar com o assunto, mas não podemos resolver um problema de adultos com comportamentos de criança.

– É assim que tu me vês, não é? – atira ela praticamente a gritar, com o rosto contorcido como o de um animal selvagem ferido e acossado prestes a atacar. – Como um problema! É só o que eu sou para ti, não é? Um problema!

Não faço a mínima ideia do que estou aqui a fazer, claro. O Joel saberia. Arranjaria uma forma de lidar com isto, escolheria as palavras certas, a forma mais correta de agir. Eu?

Eu só penso: A MINHA FILHA ESTÁ GRÁVIDA.

Só penso: TEVE RELAÇÕES SEXUAIS.

Só penso: E NÃO ME DISSE.

Ainda há 12 meses me pedia para lhe comprar bonecos de peluche. Há seis meses apenas corria contra o irmão até ao topo do escorrega do parque infantil e gritava de alegria enquanto deslizavam até ao fundo. Há três meses tinha só 13 anos e ainda era uma criança. A minha pequenina. Mas agora descubro que anda a ter relações sexuais como uma mulher adulta há sabe Deus quanto tempo. E que engravidou como uma mulher adulta. E agora está a reagir como uma criança. Como hei de eu saber lidar com isto?

– O que eu quero saber é se vais lidar com esta *situação* como um adulto ou como uma criança. Não podes encolher os ombros e esperar que as coisas se resolvam por si. Preciso de saber o que se passa. Quem é o pai. Se já lhe contaste. O que pensa ele no caso de lhe teres contado, e se lhe vamos contar no caso de ainda não o teres feito.

Apesar da explosão de raiva, a Phoebe ia comendo, mas agora para de enfiar comida pela garganta abaixo e, em vez disso, põe-se a mover as bolinhas de massa de um lado para o outro no prato com a ponta do garfo, espalhando o molho verde e cremoso. O Joel costumava fazer o mesmo quando tinha molho no prato. Dava-lhe voltas e mais voltas como se estivesse a tentar pintar um quadro. Provavelmente é um hábito que a Phoebe aprendeu com o pai, ou talvez seja uma predisposição genética que ambos partilhavam.

– Já contaste ao pai? – pergunto-lhe.

Ela abana a cabeça sem tirar os olhos da bolinha de massa, enquanto esta continua a sua viagem à volta do prato. Eu também fico a olhar para a pequena bola ovalada de batata, farinha de trigo, matéria seca de leite e todas as outras coisas que os fabricantes acrescentam. O Joel fez *gnocchi* uma vez, mas usou ovo e natas, julgo eu. Ou terá sido parmesão? Ou ambos? Nunca mais voltou a fazê-lo de raiz porque, segundo ele, o esforço não compensava. Todas as semanas, sempre que o Joel fazia molho *pesto*, a Phoebe e o Zane tentavam convencê-lo de que também queria fazer *gnocchi*. De que nada seria melhor. Ele mantinha-se firme, no entanto, ignorando os apelos deles à sua boa vontade.

– É teu namorado? – pergunto eu à Phoebe, obrigando-me a regressar ao presente. Estou constantemente a cair nestas poças no tempo, a dar por mim lá, com ele, com eles, connosco, como costumávamos ser. Porém, não é altura para isso. Tenho de manter a concentração, de me manter no *agora*.

A Phoebe hesita e, a seguir, acena uma vez. Para. Abana a cabeça quatro vezes. Acena cinco vezes e, por fim, encolhe os ombros. O eterno encolher de

ombros. Era capaz de gritar até deitar a casa abaixo à conta daqueles encolheres de ombros.

– Estás apaixonada por ele? – questiono. Preciso de saber o que esta gravidez significa para ela. Tenho de saber se pensa nela como o fruto do seu amor, algo que pode até ter feito de propósito para se vincular a este rapaz sem nome, ou se não passa de um grande erro que a deixa horrorizada para além de a aterrorizar.

A Phoebe não responde, nem sequer olha para mim, pois ambas sabemos que se trata de uma pergunta estúpida. As adolescentes de 14 anos andam sempre apaixonadas. É a sensação efervescente, explosiva, vertiginosa de morrer de paixão que as define. O amor é algo que lhes acontece de cada vez que respiram.

Apetece-me dizer-lhe que o que ela sente não é “amor”. O “amor” não permanece o mesmo, muda consoante nós mudamos, é moldado pelas nossas experiências, pelo que fazemos, por quem conhecemos, por aquilo que aprendemos. Gostava de lhe explicar que a sensação de estar apaixonada agora não é para sempre e que, mesmo que fiquemos com o mesmo rapaz para o resto da vida, esta encarnação do amor nunca se mantém inalterada.

Ao que parece, todavia, para a adolescente que tenho à minha frente a pergunta é estúpida por razões bem diferentes.

– Toda a gente curte, mãe – declara ela. – Não quer dizer nada. Não é amor nem nada do género.

– O que é isso de “curtir”? – replico. Não sou burra, simplesmente tenho de ter a certeza de que a entendi bem.

– Tu sabes, *curtir*.

Não. Não sei mesmo. Ou melhor, prefiro não saber.

– Então estás grávida por teres “curtido” com alguém?

Ela não diz nada porque a comida que tem no prato se revela subitamente muito interessante e torna-se absolutamente vital enfiar duas peças de

gnocchi de uma só vez na boca e mastigar bem devagar, impossibilitando qualquer tipo de resposta verbal.

Baixo também a cabeça e comemos em silêncio. Passados cinco minutos olho para ela: os carrapitos afro, tão infantis, o uniforme escolar cinzento com detalhes em azul-turquesa, a pulseira da amizade que traz no pulso esquerdo carregada de borboletas cor-de-rosa de plástico transparente. *Curtir? A criança que tenho à minha frente tem andado a curtir?*

– Tens 14 anos – lembro-lhe. – Quem é que “curte” aos 14?

Não lhe vejo o abdómen, onde a resposta à minha pergunta já cresce, por causa do tampo de madeira da mesa. *Quem é que curte?* Toda a gente, aparentemente.

5 meses antes *Daquele Dia* (maio de 2011) – Por amor de... porque é que me estás a fazer isto, Joel? Que motivo podes tu ter para me serrazines desta maneira?

– Estou apenas a fazer papas de aveia – riu-se ele. As gargalhadas dele enchiam uma divisão como o aroma divino do pão acabado de sair do forno, sentia-as envolver-me como xarope, lembrando-me de todas as coisas boas que havia no meu mundo.

– Não, estás a fazer papas de aveia numa caçarola metálica com uma colher metálica. Sabes bem o que isso me faz. E além disso, qual é a necessidade? Diz-me. – Indiquei o recipiente metálico ao lado do fogão, atulhado de utensílios: um passador, um ralador manual, uma espátula e, principalmente, carradas e carradas de colheres de pau dos mais diversos tamanhos. – Tens ali mil colheres de pau, às vezes mal podemos mexer-nos na cozinha com tanta colher de pau, e continuas a insistir em usar uma colher metálica com a caçarola metálica.

– Estou a tentar poupar na loiça. Se usar esta, também posso comer com ela.

– Como se alguma vez lavasses a loiça! – escarneci. – Ah, e a propósito,

caso não tenhas reparado, apesar de eu estar sempre a dizer-te o mesmo, isso não são papas de aveia, é cimento.

– As genuínas papas de aveia são mesmo assim – argumentou ele. Enquanto passava as papas para a taça branca com flores vermelhas no rebordo, pôs-se a fazer estalidos teatrais como se a pasta análoga ao cimento estivesse a quebrá-la.

– Deixa-me lá ir acordar os miúdos – disse eu enquanto ele ligava a televisão. Pegou no comando para assistir ao noticiário da BBC e tomou o lugar dele à mesa. Quando passei por ele a caminho das escadas, passei-lhe a mão pelo cabelo e parei para torcer um caracol entre os dedos, ajeitando o princípio de um *dreadlock*.

O Joel prendeu-me o pulso antes de eu poder avançar, puxou-me para trás e deu-me um beijo na palma da mão.

– Estou muito orgulhoso de ti e da forma como estás a sair-te – disse ele baixinho antes de voltar ao cimento bege e a pôr-se a par das notícias internacionais, os seus poucos minutos de paz antes de a família tomar conta do nosso mundo.

Tal como o sorriso dele, as suas gargalhadas, aquelas palavras tinham o condão de espalhar calor por todas as células do meu corpo.

As náuseas continuam, mas agora sinto-as a apoderar-se do meu estômago a pouco e pouco. Se calhar, devia comer mais para acabar com o enjoo. É pior quando tenho fome, mas não consigo comer mais. A minha boca recusa-se a mastigar e não me permite engolir mais comida. A sensação de fracasso que estou a ter neste momento, o horror que é aceitar que sou uma péssima mãe, está a deixar-me à beira do vômito. Quando o fizer, quando acabar com esta sensação pungente de querer vomitar, talvez me sinta melhor, talvez a náusea diminua o suficiente para que eu possa pensar com clareza.

– Fazes alguma ideia do que queres fazer em relação a isto? – pergunto-

lhe.

Ela abana a cabeça.

– Queres que pare de falar no assunto?

Acena afirmativamente com a cabeça.

– Eu também – admito. – Olha, sei que ainda é cedo, mas vamos para a cama refletir sobre o assunto. Falamos melhor amanhã de manhã.

Um encolher de ombros.

– Se quiseres.

Aperto as têmporas com a ponta dos dedos, fecho os olhos e luto contra o refluxo gástrico que me subiu repentinamente à garganta.

Não vou gritar. Não vou vomitar e não vou gritar.

– Sabes que mais, Phoebe, não tem a ver com o que eu quero. Estou a tentar ser... Isto é algo com que, francamente, não pensei vir a ter de lidar. Nunca vais a festas e nem sequer me pedes para ir dormir a casa das tuas amigas. Tanto quanto sei, ou estás na escola, ou estás em casa. Nunca pensei ter de me preocupar com uma coisa destas. E como foi um choque tão grande, não tive tempo para decidir como reagir. Por isso, não sei o que dizer nem o que fazer neste momento, quanto mais o que dizer ou fazer que não te faça explodir. Além disso, estou a tentar não levar a mal o facto de teres decidido contar a um professor qualquer da tua escola antes de me contares a mim, como se eu fosse um ogre que desata aos berros contigo. Pensei que sabias que podes confiar em mim. Depois daquela última vez, depois de... O que eu estou a dizer é: não gritei contigo da última vez, pois não? Fui compreensiva, fiz o que era melhor para ti. E, ainda assim, tu vais e contas as notícias primeiro a um estranho.

– Ele não é um estranho – declara ela, simplesmente.

– Para mim, é! – dispero eu. Admira-me que, de que entre tudo o que há de errado nesta situação, ela ainda esteja a defender o professor. Inspiro fundo para encher bem os pulmões de ar, para reunir todas as minhas forças.

Expiro para libertar a raiva e a tensão.

– Olha – voltei a um tom normal –, vamos para a cama e voltamos a falar amanhã. Com um pouco de sorte vamos estar as duas de cabeça mais fria e talvez possas dizer-me mais. Está bem?

Um encolher de ombros, seguido de um aceno de cabeça.

Levanto-me primeiro. Ambas deixámos comida no prato, eu mais do que ela, mas, por momentos, ocorre-me dizer-lhe para comer tudo, lembrar-lhe que vai precisar das forças dela durante as próximas semanas e os próximos meses, independentemente do que decidir. Não posso fazê-lo, no entanto. É errado a todos os níveis e seria mais um motivo para nos desentendermos.

Antes que ela possa escapulir-se, contorno a mesa e envolvo-a num abraço apertado. Posso até ter vontade de gritar com ela neste momento, mas amo-a e quero que ela o saiba. É o meu mundo. Ela e o Zane são o meu mundo, sobretudo depois do que aconteceu ao Joel, depois do segredo que fui forçada a guardar e da escolha que tive de fazer. Quero que a Phoebe saiba que fiz o que tive de fazer. Não foi fácil, mas fi-lo por ela, porque a amo muito.

Nos meus braços, ela fica tensa. Não consegue ou não quer aceitar estes gestos da minha parte. Abraço-os, a ela e ao Zane, a toda a hora, e ao passo que ele me devolve o abraço ou revira os olhos até eu o largar, esta é quase sempre a reação normal da Phoebe, ultimamente: um corpo rígido nos meus braços, outro lembrete de que, por mais que eu tente fingir, a nossa família está destrozada e os meus esforços para nos unir novamente não estão a resultar.

– Amo-te muito, bebé – sussurro eu como costumava fazer todos os dias quando ela era recém-nascida, um bebé de colo, uma criança pequena. “Amo-te muito, bebé”, sussurrava eu, porque ela me tinha salvado. De formas que nem sequer confessei ao Joel, ela tinha-me ajudado a pôr a minha vida nos eixos e a ultrapassar alguns dos meus maiores medos. Até que fez 12 anos e

meio e esses dias chegaram ao fim, encurtados pela guilhotina de perder o Joel.

Recebo novo encolher de ombros da Phoebe, desta vez para que me afaste dela. Está a dizer-me que não precisa de mim e muito menos das minhas declarações de amor.

Estendo a mão quando ela se prepara para sair da cozinha.

– Vou precisar do teu telemóvel.

– O quê? – pergunta ela, incrédula.

– Precisas de dormir e não podes fazê-lo se passares a noite na Net ou a trocar SMS. O telemóvel, se fazes favor.

– Não!

– O *telemóvel*, Phoebe – insisto.

Ela cerra os dentes e franze os lábios carnudos, semicerrando os olhos numa expressão de puro desprezo. Eu continuo a olhá-la nos olhos, lembrando-lhe silenciosamente as regras: depois daquilo que fez da última vez, só pode ter telemóvel se mo entregar sempre que eu lho pedir e desde que eu saiba a palavra-passe para poder verificá-lo sempre que quiser.

Ofegante e cega de indignação, enfia a mão na mochila que decorou com cintilantes borboletas azuis, roxas e vermelhas como as que usou para fazer a cortina, e atira o aparelho negro e prateado para cima da mesa. Antes que eu tenha tempo de lhe pegar, volta a agarrá-lo, remexe na parte de trás até o abrir e, depois, retira-lhe a bateria retangular e mete-a no bolso. Não quer que conheça os segredos que habitam o seu telemóvel.

Isto não faz parte do acordo, mas neste momento não sei se tenho energia suficiente para discutir. Não me parece que vá conseguir controlar a náusea por muito mais tempo. Estou a respirar pelo nariz na tentativa de conter o vômito mas até isso começa a perder a eficácia.

Sem se dar ao trabalho de voltar a juntar as peças da sua caixinha de segredos, a Phoebe atira-a para cima da mesa e abandona intempestivamente

a cozinha.

– Só para que saibas – chamo eu, levando-a a deter-se no quinto degrau para ouvir o que estou a dizer –, também vou levar o *router* comigo para o quarto.

Ao dar-se conta de que lhe cortei todas as saídas por esta noite, de que não vai poder enviar e-mails, nem entrar nas redes sociais no iPod ou no computador que tem no quarto, cada estampido lá em cima aumenta para níveis de tremor de terra. Bate com a porta do quarto com tamanha força que tenho a impressão de sentir os alicerces da casa a abanar.

Já não consigo chegar à casa de banho do andar de cima. Corro para a pequena divisão de serviço com o seu pequeno lavatório de parede que fica mesmo ao lado da cozinha. Deixo-me cair de joelhos, levanto a tampa da sanita e finalmente dou rédea solta à ansiedade, à aflição e ao horror que fervem dentro de mim desde que o telefone soou e a minha vida voltou a descarrilar.

Naquele Dia Sinto os dedos dormentes, o corpo dormente, todo o meu ser fica de repente sem ar. Ouço os baques surdos de um punhado de amoras a esborrachar-se no chão, o estrondo de uma taça branca de barro ao atingir a tijoleira branca.

Forço-me a sair do transe, arranco-me da poça no tempo que leva ao passado e finco pé no presente, onde tenho de estar. E onde tenho de estar é à porta do quarto da minha filha.

Está a chorar baixinho, mas, ainda assim, ouço os seus soluços contidos, apenas parcialmente abafados pelo travesseiro. Precisa de dormir e precisa de chorar. Precisa de estar sozinha consigo própria para sentir tudo isto. Fugir da dor não vai ajudá-la, tornar-se-á um hábito que é virtualmente impossível de quebrar. Foi por isso que lhe neguei todas as distrações interativas, que a obriguei a vir sozinha para o quarto: para ela poder começar a sentir isto. Não quero castigá-la, apenas ajudá-la a aceitar o que se passa. Ao contrário da

perda do pai, esta situação é uma bomba-relógio. Ignorá-la, fingir que não está a acontecer, só vai resultar durante pouquíssimo tempo. Com a perda do pai, a perda do Joel, podemos tentar adiar a dor pelo resto das nossas vidas.

Passo o quarto dela e sigo até ao quarto principal – é sempre como uma chicotada no coração a rapidez com que passou a ser o *meu* quarto depois de ter sido nosso durante quase 10 anos –, mas não entro. Em vez disso, abro a porta, meto o *router* lá dentro e volto a fechar a porta como de costume, para que a Phoebe pense que fui deitar-me. A seguir, percorro o soalho desalinhado e ruidoso do corredor e regresso ao meu lugar à porta do quarto dela. Sento-me no chão e roço os dedos pela porta de madeira escura. “Amo-te muito, bebé”, gesticulo, e espero que ela sinta as minhas palavras. Que estas atravessem a madeira da porta e flutuem através do ar até à cama, para que ela possa respirá-las.

Era tudo o que eu podia fazer há 18 meses. Nem o Zane, nem a Phoebe queriam dormir na cama grande comigo e eu não podia dividir-me em dois para estar com ambos, por isso, sentava-me aqui, no espaço entre os quartos deles, sussurrava “Amo-te” a cada um e ficava a ouvi-los chorar até adormecerem sem nada poder fazer.

É tudo o que posso fazer pela Phoebe agora, porque, neste momento, ela precisa mesmo de estar sozinha e de sentir o que quer que seja que vai sentir a seguir.

– Saff? O que foi? Passou-se alguma coisa?

A familiaridade da voz do Fynn acalma imediatamente um pouco da tensão do meu corpo e da minha mente atormentada.

– Desculpa, sei que é tarde e não queria acordar-te, mas não sabia a quem mais havia de ligar.

– Estou a caminho – afirma ele, e ouço-o a afastar a roupa da cama, a soerguer-se e a preparar-se para sair da cama.

– Não, não, não precisas. Só preciso de contar isto a alguém antes que a

minha cabeça rebente.

– Está bem – diz ele receoso, já a preparar-se para o pior. Mas o que vem a ser o pior? Ele já ouviu o pior, estará a preparar-se para isso? Estará a preparar-se para me ouvir dizer que perdeu outra das pessoas que mais ama?

– *Tens de vir* – disse-lhe eu na época. – *Aconteceu uma coisa. Ao Joel. Aconteceu uma coisa ao Joel. Preciso que venhas cá. Tenho de ir ao hospital.*

Dessa vez ele não reagiu logo. Ficou em silêncio durante muitos, muitos segundos que me pareceram horas e, depois, saiu do transe e disse-me que estava a caminho. Liguei-lhe antes de ligar aos pais do Joel, antes de ligar aos meus pais ou à minha irmã, porque não sabia se seria capaz de voltar a falar depois de o ter dito uma vez. Precisava que ele viesse e que informasse outras pessoas, porque eu tinha outras coisas a fazer. Tinha de ir identificar o corpo, tinha de ir buscar as crianças e contar-lhes. Tinha de fingir acreditar que aquilo estava a acontecer. E só podia fazê-lo se o Fynn também ali estivesse.

No presente, ele solta a pouco e pouco o ar que continha e imagino-o a fechar os olhos azuis-escuros, a deixar descair os ombros largos, forçando-os a relaxar, a contrair o tórax enquanto se prepara. *Tu és capaz, Fynn*, está ele a pensar para si próprio. *És capaz de superar seja o que for.*

– A Phoebe está grávida – digo eu. Tencionava preparar melhor o terreno, explicar que me tinham chamado à escola, que tinha falado com o diretor e com aquele outro fulano, O professor Bromsgrove, como me tinha dado conta do que se estava a passar mesmo antes de mo dizerem. Mas fazê-lo dessa forma teria sido cruel. Revelações desta magnitude devem ser comunicadas de imediato. Podemos tentar atenuar o choque e oferecer consolo a seguir. O preâmbulo leva quem nos ouve a imaginar todo o tipo de cenários perniciosos antes de receber a notícia.

A reação inaudível do Fynn é obviamente de choque. De incompreensão ante o que acabo de lhe dizer.

– Que Phoebe? – pergunta ele, por fim. Não em choque, mas confundido. Tem estado a tentar perceber de quem posso estar a falar, de tão ridícula que é a ideia de me referir à única Phoebe que ele conhece.

– A tua afilhada, a irmã do Zane, a minha filha e do Joel.

O silêncio volta a instalar-se do outro lado da linha. Finalmente, ele volta a falar: – Mas ela só tem 14 anos – declara. – Tens de... Sabes o que tens de fazer para engravidar, e ela só tem 14 anos.

– Eu sei – respondo eu.

– Tens a certeza absoluta, Saff? – Acha que estou fora de mim, que perdi o juízo.

– Sim. Ela contou a um professor e chamaram-me à escola. Está grávida de umas quatro semanas. Ou o que quer que seja em termos da última menstruação, *etc.*

Silêncio. Choque, desta vez.

– C’um caraças – diz ele num sussurro. – *C’um caraças.*

Percebeu. Sabe porque é que eu estou a entrar em pânico: não há saída fácil para isto. Aconteça o que acontecer a Phoebe – o meu bebé – nunca mais vai voltar a ser a mesma.

– Não me quer dizer quem é o pai – explico eu antes que ele pergunte. – Praticamente não me dirige a palavra. Se lhe faço uma pergunta recebo um encolher de ombros ou meia dúzia de palavras, mas nada que me faça entender porquê e como é que uma coisa destas aconteceu. Quer dizer, não sei se a forçaram, se a pressionaram, ou se foi manipulada. Se o fez por vontade própria. Se foi tudo pensado ou um erro monstruoso. Como não faço ideia, não sei como ajudá-la. Nem o que devo fazer. Só queria que ela falasse comigo. Só queria conseguir raciocinar. Só queria deixar de ter vontade de desatar aos gritos com ela.

– Queres que fale com ela?

– Adorava, se pudesses, e se isso fizesse com que ela se abrisse, mas não

para já. Acho que lhe dava uma coisinha má se soubesse que contei a alguém. Mas tinha de ser, senão o meu cérebro explodia. Tenho a cabeça a mil e tinha de desabafar com alguém. Ou eras tu, ou ia cavar um buraco no jardim e gritar lá para dentro, e não me parece que o jardim tenha tamanho suficiente para o buraco de que eu ia precisar.

– Não tens culpa disto – diz ele, lendo-me o pensamento como o Joel costumava fazer.

– A sério? Como é que chegaste a essa conclusão?

– Não tens culpa disto – repete ele com mais firmeza na voz.

– Fynn, eu sei que já te disse isto, mas, quando temos filhos e lhes acontece alguma coisa má, ou mesmo alguma coisa não muito boa, tentamos logo fazer tudo para perceber o que podíamos ter feito de maneira diferente para obter um resultado diferente.

Para não ter uma adolescente de 14 anos aterrorizada e a chorar à noite na cama porque a vida real, com a qual devia familiarizar-se a pouco e pouco através da soma das suas experiências ao longo dos próximos anos, a submergiu de uma assentada, num único banho de realidade. Outra vez.

– O que é que tu podias ter feito de maneira diferente? – Por trás da atitude sensata, da tentativa de atenuar a culpa que eu sinto, está um homem aterrorizado, de modo silencioso mas definitivo. Ouço-o no timbre da voz dele, nas pausas entre as palavras. Provavelmente, tem a expressão “c’um caraças” às voltas na cabeça e está a esfregar a zona acima da sobrancelha direita – um tique nervoso.

– Não sei – admito.

– Aí tens, não há nada que pudesses ter feito de maneira diferente e nada disto é culpa tua. Queres que vá aí?

– Não, deixa-te estar. Mas obrigada por não me culpares.

– Claro que não. O Joel também não o faria. Ouve-me com atenção, Saff: não tens culpa disto e tu própria sabes que não podias ter feito nada para

alterar as coisas.

– Pois, tens razão. Dorme bem, Fynn.

– Tu também.

Devo ter parecido convincente, porque ele não me manteve em linha, a insistir para falarmos, não insistiu em vir cá a casa para me tranquilizar em pessoa. Quase dei por mim a acreditar que não sei como podia ter impedido que isto acontecesse.

E, no entanto, é óbvio. Por mais voltas que lhe dê, por mais que analise o assunto, que tente vê-lo de uma perspetiva diferente, uma coisa é certa: isto não estaria a acontecer se o Joel ainda estivesse connosco. O lento declínio da Phoebe até chegar a este ponto não teria ocorrido se eu não tivesse provocado a morte do pai.

IV

Andam lesmas a comer-me as plantas.

Passam-se épocas em que está tudo bem e não há sinal delas, mas um belo dia saio de manhã bem cedo, antes de ir para o trabalho, para regar a “horta” e dou com a evidência irisada e viscosa de visitantes indesejados. Esta manhã, parece que as lesmas fizeram uma orgia no canteiro da hortalça apesar das cascas de ovo partidas que espalhei cuidadosamente em redor. Talvez eu não tenha sido suficientemente diligente, talvez uma delas tenha agido como um cavalo de Tróia, escondendo-se debaixo das folhas de espinafre com planos para fazer entrar as outras assim que eu virasse as costas, pois dizimaram tudo. A zona dos espinafres foi, obviamente, a que sofreu os maiores estragos. Até aposto que, se olhar com atenção, consigo ver minúsculas garrafinhas de cerveja, mortalhas e invólucros de preservativos espalhados pelo chão.

Já passa das nove, a Phoebe ainda não apareceu e não me dei ao trabalho de a acordar. Tive de organizar o dia e pedir outra folga (embora a licença por falecimento de familiar que gozei há mais de um ano tenha sido incluída no total anual dos dias de férias dos dois últimos anos e ainda façam má cara se preciso de tirar *um só* dia de folga que seja). O Kevin, o meu chefe, que é Diretor de Operações, fez uma longa pausa quando lhe disse que tinha uma emergência médica e ia precisar também do dia de hoje. Com estalactites de gelo a pender-lhe de cada sílaba, perguntou-me se iria trabalhar amanhã *sem falta*. Em resposta, apeteceu-me cantar-lhe aqueles versos sobre ninguém saber o que o amanhã nos traz da canção “Love Lifts Us Up Where We Belong”, e um homem melhor do que ele teria apreciado a piada, teria rido. Em vez disso, fiz figas atrás das costas, embora ele não pudesse ver-me, e respondi: – Sim, claro.

A seguir, marquei uma consulta para a Phoebe. Apesar de ter ligado um minuto depois das oito (quando as linhas de marcação abrem às oito), acabei com seis pessoas à minha frente na fila de espera e já não consegui vaga para a médica que normalmente a atende.

Para me poupar a mais acusações por parte de estranhos (pelo menos conhecia a médica o suficiente para suportar o desprezo dela), marquei uma consulta para o dia seguinte e, a seguir, liguei ao Zane antes de ele sair para a escola. Vivemos pertíssimo da escola, literalmente ao virar da esquina, e senti-me tentada a ir esperá-lo ao portão da escola para o apertar nos braços e lembrar a mim própria que ele estava bem. Que, apesar de ter falhado com a mais velha, o mais novo estava bem. Não podia fazê-lo, contudo, porque isso iria matá-lo de vergonha, eu a agir como uma mãe-galinha tresloucada diante dos amigos dele. Tive de me contentar com falar com ele ao telefone, saber se ele se tem comportado, se tinha feito os trabalhos de casa, se sabe como o amo. A impaciência percorrerá cada “Sim, mãe” que ele pronunciara como uma veia palpitante. Sorri ao ouvi-lo, pois aquela atitude dizia-me que, de facto, estava bem.

E agora cá estou eu, de joelhos diante das verduras na zona mais sombria da horta, ao correr da parede caiada das traseiras, a examinar, como um pai que chegou de umas férias sem os dois filhos adolescentes, o estrago que as lesmas fizeram à minha horta.

Aquela é das grandes. Perfeitamente esférica, a sua membrana transparente cintila ao rodopiar para longe. Mergulho a vareta roxa e volto a retirá-la e a agitá-la no ar para libertar bolas de sabão dos mais diversos tamanhos sob a intensa luz do sol desta límpida manhã de abril. O dia está perfeito para fazer bolinhas de sabão. Para grande consternação dos nossos filhos, eu e o Joel gostávamos de estar no jardim, um com a vareta, o outro perdido de riso, enquanto perseguíamos o que pareciam ser frágeis esferas de cristal. Depois trocávamos de papéis e continuávamos até acabar o líquido.

– Estão a comportar-se como se tivessem 3 anos – dizia o Zane ao fim de 15 minutos a observar-nos.

– Faço minhas as palavras dele – acrescentava a Phoebe. E nós ríamo-nos ainda mais, porque éramos os pais deles e embaraçá-los era a nossa função.

Ainda compro recargas de mistura para fazer bolas de sabão, mas é a primeira vez desde *aquela dia* que encho um dos recipientes para o efeito com o líquido amarelo e vou para o meio da área relvada do jardim fazê-las. É outra daquelas coisas que não tenho conseguido fazer porque não funciona sem o meu parceiro no crime. Só que hoje preciso de me sentir mais próxima dele, de fazer alguma coisa que me lembre dele e de como nós éramos juntos, de como eu era, de que já fui capaz de sentir algo para além desta apatia. Vivo num torpor constante, como que rodeada de camadas de algodão e gaze, como se a vida fosse filtrada por essas grossas camadas, impedindo-me de experimentar as coisas em pleno. Talvez seja de mais para mim: como se, a exemplo do vislumbre que recebi com a notícia de ontem, tornar-me parte integrante do mundo, tocar-lhe, vivendo por inteiro, pudesse esmagar-me. Se fizer isto, no entanto, talvez consiga ligar-me ao Joel. Talvez recupere alguma da sensação e, então, saberei o que tenho de fazer a seguir.

Podia cozinhar qualquer coisa, mas, neste momento, preciso de ar livre, de sentir a brisa na pele, o sol nos olhos. Preciso de ver as bolas de sabão a elevar-se sem esforço na atmosfera, a captar a luz e a deixar-se levar pelo vento. Tenho de fazer tudo isto e ver se isso pode devolver-me um sorriso aos lábios e as sensações ao corpo.

– O que é que estás a fazer? – pergunta a Phoebe. Atravessa a porta da cozinha, que deixei entreaberta, ainda no seu pijama azul e com o felpudo roupão cor-de-rosa bem apertado por cima.

Mergulho a vareta e agito-a no ar para libertar as esferas perfeitas.

– Estou a fazer bolas de sabão.

– Porquê?

– Porque é terça-feira. Porque não fui trabalhar. E porque as lesmas me deram cabo do canteiro das hortaliças. – Trago o meu avental de jardinagem às riscas verdes e brancas e as minhas luvas de jardinagem, por isso, devo ter um ar estranho ou excêntrico, dependendo da forma como se vêem estas coisas. – Ajuda mesmo a relaxar – acrescento. Estendo-lhe o frasco. – Queres experimentar?

Ela revira os olhos e franze os lábios com uma expressão de desprezo. Acho que, se alguma vez tivesse olhado assim para os meus pais, eles ter-me-iam virado a cara do avesso com uma bofetada.

– Podes devolver-me o meu telemóvel? – pergunta ela, e enfia as mãos nos bolsos quadrados do roupão. Baixo a vareta.

– Primeiro, temos de falar – íntimo.

A expressão facial anterior transforma-se num suspiro de corpo inteiro.

– Vem ver o que as lesmas andaram a fazer – digo-lhe eu. – Chega a ser impressionante se estivermos a falar da destruição das plantas dos outros.

Traz as sapatilhas calçadas, por isso, arrasta-se atrás de mim pelo pátio e atravessa o relvado e a outra secção do pátio até ao canteiro das hortaliças, a um canto. Fica parcialmente à sombra da copa do enorme carvalho que cresce no jardim da casa ao lado. Ficamos lado a lado, a olhar para as folhas dos meus espinafres, que parecem naperons de croché mal feitos; os rastos viscosos que cobrem as folhas de rúcula, mutiladas de forma menos artística que os espinafres; e o rasto que une a terra quase negra entre a rúcula, os espinafres, o agrião e as couves.

– Uau – murmura a Phoebe. – Tudo isto numa só noite?

– Um dia e uma noite – respondo.

– *Uau*. – Está impressionada, provavelmente a imaginar como seria ir ao equivalente humano de um tal festim. – Uau.

– Já sabes o que queres fazer? – pergunto-lhe eu, agora que a impressionei e que estamos em território neutro.

Vejo-a de imediato a erguer as defesas, afastando qualquer emoção positiva que possa sentir por mim.

– O que tu quiseses – resmunga.

– A decisão não é minha – replico.

A Phoebe começa a remexer a terra em redor do tomateiro carcomido com a ponta da sapatilha, abertamente perturbada pelo que acabei de dizer. Vejo-a evitar as zonas cobertas pela gosma das lesmas.

– Já sabia que não ias ligar nenhuma – diz ela, por fim. – Por isso é que não te disse primeiro.

Não vou morder o isco. Não vou deixar que me faça gritar com ela.

– Sabes o que eu queria? – digo. Estico o pé e ponho-me também a remexer na terra. É inútil, mas dá gozo. – Queria que tivesses vindo falar comigo antes de fazeres o que fizeste. Estava mesmo convencida de que podíamos falar sobre tudo, Pheeb. Admito que, provavelmente, teria começado a trepar pelas paredes por pensar que eras nova de mais para ter relações sexuais. Não fisicamente, pois estou certa de que te julgas mais do que preparada, e estou certa de que também pensaste estar mentalmente preparada; mas gostava mesmo de ter discutido o assunto contigo. Nem sequer imaginava que tivesses este tipo de coisas no teu radar.

Ela contrai os lábios e continua a remexer o solo à sua frente, mas não me interrompe, por isso, talvez esteja a ouvir-me.

– Adorava ter sabido como te sentias em relação a isto. Quem era o rapaz. Se foi bom para ti. – Paro o que estou a fazer e concentro-me na minha filha. É tão jovem. Para mim, será sempre aquela pequerrucha bochechuda e chorona que me entregaram poucos minutos depois de nascer. Será sempre a miudita que perdeu um dos sapatos pretos com laços vermelhos ao vir da escola e, até hoje, não se lembra como. Será sempre a miúda sentada ao pé de mim na cama a chorar porque, finalmente, percebeu que o pai nunca mais vai regressar. Provavelmente, vai ser sempre jovem para mim, não penso que nos

meus devaneios nostálgicos venha alguma vez a ter idade suficiente para ter relações sexuais. – Foi? Foi bom para ti?

Ela também para de remexer o solo. Permanece imóvel enquanto reflete sobre a minha pergunta. Começa a morder o interior da bochecha com uma expressão pensativa. A seguir, encolhe os ombros.

– Sim, acho que sim.

– Ele pressionou-te ou tu querias? – *Ou foi apenas “curtir”?*

– Queria sentir-me perto dele, mãe.

– E antes não te sentias?

– Mais ou menos. Só queria que ele...

– Gostasse de ti.

– *Iá*. Eu gosto dele. Gosto imenso dele e ele dá-me uma sensação esquisita no estômago, e fíco de rastos quando não estamos juntos e, às vezes, as SMS não chegam. Só queria que ele sentisse o mesmo por mim. Achas mal?

Se acho mal? É *terrível*. Anda a ter relações sexuais para fazer com que gostem dela. Não porque o corpo dela lhe diz que está preparado, não porque quer tirar prazer do ato, nem sequer porque tem curiosidade em saber qual o motivo de tanto burburinho, mas como moeda de troca. Para obter algo em troca.

– Não – procuro tranquilizá-la. – Não acho mal. Percebo perfeitamente, embora talvez não seja a melhor razão para o fazer? Quer dizer, se calhar era melhor se o tivesses feito por sentires que ele gostava tanto de ti como tu dele e, assim sendo, seria o próximo passo lógico.

Será a melhor altura para ter uma conversa destas?, pergunto-me ao mesmo tempo que profiro estas palavras. Parece-me um pouco como trancar a porta depois de a casa não só ter sido arrombada, como depois de lhe terem deitado fogo num dia tórrido e ventoso.

– Não posso dizer-te nada que te impeça de ter relações sexuais, mas acho

que seria ótimo para ti se pudesses prometer a ti própria que só o farás porque te apetece. Não porque toda a gente o faz, não porque queres que alguém goste de ti, não porque te sentes obrigada a fazê-lo quando um rapaz é simpático contigo, mas por prazer. Está bem?

– Mas... – começa ela.

– Mas? – pergunto eu.

– Nada – diz ela, e abana a cabeça. Enterra ainda mais as mãos dentro dos bolsos, de ombros descaídos, e retoma a tarefa de revolver a terra com a ponta da sapatilha. – Podes devolver-me o telemóvel?

Não pediste por favor, apetece-me fazer-lhe notar. Passei anos a ensinar-te a dizer sempre “por favor” e “obrigada”.

– Que tipo de proteção usaram vocês? – pergunto eu para ganhar tempo. Acho que, assim que lhe entregar a caixinha negra e prateada de circuitos e teclas que tenho no bolso do avental, não vou conseguir sacar-lhe nem mais uma palavra.

Ela encolhe os ombros numa atitude de descaso.

No idioma gestual da minha filha, esta resposta dá-me a volta ao estômago antes de fazer o mesmo ao coração. Viro-me para trás e olho para ela. Quando ela permanece cabisbaixa, agarro-a pelos ombros e obrigo-a a olhar para mim.

– Vocês usaram proteção, não usaram? – pergunto.

– Da primeira vez não é preciso, porque, se formos virgens, não podemos engravidar. – E afasta-me com um movimento dos ombros.

Nervosa, desenrosco a tampa do frasco das bolas de sabão. A seguir, volto a enroscá-la. Desenrosco-a mais uma vez. Prometi a mim própria que não iria deixar que isto acontecesse. Que não permitiria que a minha filha fosse igual a mim: com medo de falar com a minha mãe; assustada de mais para lhe dizer que os meus períodos menstruais tinham começado (só acabei por fazê-lo porque precisava de dinheiro para os pensos higiénicos); com tal

vergonha do meu corpo e do que estava a acontecer-lhe que fui incapaz de pedir ajuda quando mais precisava. Prometi a mim própria que estaria sempre pronta a ajudar a minha filha, e deixei que isto acontecesse. Pestanejei, fechei os olhos quando perdi o Joel, e voltei a abri-los para descobrir que perdi o período mais importante da vida da minha filha. E perdi a oportunidade de não me tornar igual à minha mãe.

– Foi ele que te disse isso? – pergunto-lhe, ainda a desenroscar e a enroscar com gestos nervosos a tampa do meu frasco de bolas de sabão.

Ela assente. Tem estampada nos olhos, na boca, na testa, no queixo uma expressão de pura teimosia ao encarar-me, *desafiando-me* a dizer-lhe que ele a induziu em erro. Embora o seu próprio corpo já o tenha provado, ainda acreditaria em tudo o que ele lhe dissesse.

– Bom, mas não é verdade. – Devia sentir algum alívio, suponho, por ter sido a primeira vez dela. Por aquela conversa sobre “curtir” ter sido só garganta.

– Mas ele disse...

– Vá lá, querida, és uma miúda inteligente. Sabes de onde vêm os bebés e como são feitos. Sabes que sempre que temos relações sexuais corremos o risco de engravidar, a menos que uma das pessoas tenha feito uma laqueação de trompas ou uma vasectomia.

– Mas...

– Pheebs, estás grávida. O teu próprio corpo está a dizer-te que não é verdade.

Ela faz uma expressão de birra, como uma criança de 6 anos a quem disseram que este ano não vai haver Natal porque o Pai Natal não existe.

Algo me ocorre enquanto enfrento a sua raiva silenciosa.

– Se acreditavas mesmo no que ele te disse, porque é que fizeste o teste tão cedo? Seria lógico esperares pelo segundo atraso.

Ela suspira.

– Porque, na altura, pensei que era melhor não facilitar e tomei a pílula do dia seguinte.

– E, quando o período se atrasou, percebeste que podia não ter funcionado?

Ela assente mais uma vez.

– Mas isso não quer dizer que não seja verdade – apressa-se a acrescentar.

– Eh, desculpa, mas quer.

– Preciso do meu telemóvel de volta.

E eu preciso do meu Joel de volta. Ele saberia o que dizer, o que fazer, como se orientar neste estranho e acidentado caminho que as nossas vidas tomaram.

– Vais dizer-lhe que estás grávida? – pergunto-lhe.

– Preciso do telemóvel – insiste ela.

As plantas que as lesmas comeram têm de ir todas para o lixo. A terra precisa de ser lavrada, arejada, e de ficar em repouso durante algum tempo antes que eu possa voltar a plantar. Podia obrigá-la a fazê-lo. Podia obrigá-la a arrancar tudo e a cavar o terreno antes de lhe devolver o telemóvel. Ou podia aceitar que neste momento, em que ainda não recuperei do choque, o melhor é aprender a escolher as minhas batalhas.

Enfio a mão enluvada no bolso da frente e tiro de lá o telemóvel.

– Amanhã tens uma consulta na médica – digo eu antes de lhe devolver a caixinha dos segredos, a ligação ao rapaz que a ajudou a meter-se nesta situação. – Às nove.

– Para quê?

– Estás grávida. Tens de ter acompanhamento médico.

– Pois bem, como queiras. Obviamente, sabes tudo sobre tudo.

Mordo o lábio até doer, como fiz ontem à língua. Ceder, escolher as minhas batalhas, não é um dos meus talentos. Gosto de sair vitoriosa. De fazer as coisas como deve ser. Continuar a ter esta conversa com ela

implicaria tentar vencer esta batalha a qualquer custo. Estendo-lhe o telemóvel. Ela arranca-mo da mão, carrancuda, e desata a correr para dentro de casa.

– Não disseste “obrigada” – grito eu enquanto ela se afasta.

Deixo-me cair de joelhos e começo a dismantelar o cenário dos últimos dias de Sodoma e Gomorra que as lesmas encenaram no meu canteiro da horta.

12 anos antes *Daquele Dia* (fevereiro de 1999) – É menina – disse o Joel com o rosto lavado em lágrimas e os olhos vermelhos de tanto os esfregar. – O nosso primeiro bebé é uma menina.

– Ela está bem? – perguntei eu entre soluços. Não ouvia o choro dela, não a tinha visto nos poucos segundos a seguir ao parto e tinha receio de, depois de nove meses a cuidar dela, ter feito asneira à última hora. De alguma coisa ter corrido mal e mais uma vez ter desiludido toda a gente.

– É perfeita – respondeu o Joel.

– Tens a certeza de que está bem? – soluzei. – Porque não chora ela?

– Nem todos os bebés choram – interveio a parteira. – Alguns ficam mesmo enregelados. – E depositou-me a irrequieta trouxa em cima do peito para lhe proporcionar algum calor humano.

Eu soluçava tanto que mal consegui mexer os braços para a amparar. Sentia-me tão dorida que já nem distinguia o que era tendão, sangue e osso do que era dor. O meu coração parecia ter inchado até ocupar toda a cavidade torácica, razão pela qual só conseguia respirar entre soluços entrecortados.

Fixei o olhar nela e percebi que tinha conseguido. Ali estava ela. Era uma coisinha enrugada, da cor do chocolate de leite; tinha o braço direito estendido para o meu rosto e a boca escancarada, deixando ver os dois arcos paralelos das gengivas. Era impossível tirar os olhos da minha filha enregelada.

– Conseguimos, Joel. Conseguimos.

– Tu conseguiste, linda – contrapôs ele, a esfregar os olhos outra vez. – ConseguiSTE e foste espantosa.

– “Phoebe” é um bom nome para ela – disse eu. Era o nome que ele tinha escolhido. Tinha-me explicado a razão, mas naquele preciso momento não conseguia lembrar-me qual era. Mas o nome assentava-lhe bem, era perfeito para ela. Phoebe.

– Tens a certeza? – perguntou ele.

– Sim, tenho a certeza absoluta. Tem mesmo cara de Phoebe.

– Pois tem. É absolutamente espantosa.

Sinto o telemóvel a vibrar dentro do bolso das calças de ganga. Descalço a grossa luva direita antes de pegar nele. Reconheço vagamente o número que aparece no ecrã, mas, como não faz parte da lista de contactos, quase ignoro a chamada. Tendo em conta a minha história recente, contudo, sei que seria loucura não atender. Seria como alguém convencer-se de que não pode engravidar da primeira vez que tem relações sexuais.

– Estou? – digo eu ao telemóvel, meio à espera de uma pausa seguida de uma mensagem gravada a dizer-me que preciso de aconselhamento financeiro.

– Sra. Mackleroy? – pergunta educadamente a pessoa do outro lado.

– Sim? – respondo, receosa, pois embora reconheça a voz não consigo situá-la.

– Daqui fala Felicia Laureau, do complexo habitacional para reformados onde a sua tia Betty Mackleroy vive.

– Ah, como está – digo eu, aliviada por não ter de fazer o jogo de fingir que conheço quem fala. Mas nisto, percebo: esta é a Felicia Laureau do sítio onde a tia do Joel está a viver. Fecho os olhos e faço finca-pé, como faria se estivesse prestes a ser apanhada num furacão.

– Gostaríamos de saber se pode passar cá amanhã. Não é nada com que deva preocupar-se, queríamos simplesmente discutir alguns assuntos consigo.

– E tem mesmo de ser amanhã? – pergunto eu enquanto procuro avaliar a gravidade da situação.

– Sim, tem de ser amanhã. – É grave.

– Então está bem. Passo aí por volta do meio-dia.

– Perfeito.

Sento-me na relva, indiferente à humidade que me ensopa pouco a pouco as calças de ganga até chegar às cuecas.

É-me indiferente porque sei, sem sombra de dúvida, que o dia de amanhã vai ser uma repetição do de ontem.

PARTE II

V

15 anos antes *Daquela Dia* (fevereiro de 1996) – Saffron, apresento-te a tia Betty – disse o Joel em tom solene.

A tia Betty estava reclinada numa *chaise-longue* de veludo vermelho na sala do seu apartamento de luxo em Ealing, com uma boquilha de cigarrilha em tons de ouro e prata entre os dedos indicador e médio da mão direita. Trazia o reluzente cabelo negro empilhado de forma elegante no topo da cabeça, preso à frente com um elaborado gancho prateado. Os seus grandes olhos, fortemente maquilhados em tons de ouro e ameixa e com o que eu suspeitava serem pestanas falsas, examinaram-me atentamente. Demorou o olhar no cabelo preto alisado que me dava pelo queixo, reparou na ausência de joias, debateu-se internamente com a saia de seda azul e a camisola de algodão cru presa com um cinto azul de pele envernizada. Reprovou abertamente os meus sapatos azuis e brancos. Assim que acabou de me inspecionar como um lavrador inspecionaria um leitão num leilão de animais, sorveu uma longa e teatral passa da cigarrilha (via-se que era só fachada porque expeliu pouquíssimo fumo ao expirar) e lançou-me um sorriso lânguido. Observava-me com os olhos de um predador a seguir o veado ferido que será a sua próxima refeição: sabendo que não terá de se esforçar muito para devorar a presa, mas que ainda resta força suficiente à criatura para tornar a caça interessante.

– *Saff-aron*. – Rasgou um sorriso de orelha a orelha. – Gosto do nome, sabes? – Possuía uma pronúncia jamaicana tão ligeira que pensei tê-la imaginado. – Está aprovada. Aliás, acho-a perfeita.

Virou o pescoço esguio e enrugado para o Joel, cada vez mais sorridente.

– Cinzeiro. – E indicou o cinzeiro de porcelana azul e branco em cima do aparador de teca com um gesto da mão. – Os teus pais vão detestá-la –

informou. – O que ainda me faz gostar mais dela.

– Tia Betty! – riu-se o Joel ao entregar-lhe o cinzeiro antes de voltar para junto de mim e me dar a mão com um gesto descontraído. – Não lhe liguês. Adora causar polémica.

– Ai se gosto – confirmou ela, com o sorriso agora a ocupar-lhe a maior parte do rosto.

– Foi a tia Betty que me comprou o meu primeiro livro de receitas e o meu primeiro avental, quando eu tinha 7 anos – afirmou o Joel. – Devo-lhe o meu amor pela culinária.

– Sim, e os pais dele acham que foi por essa razão que ele não quis tirar o curso em Cambridge – disse ela com uma gargalhada. – Ainda me odeiam por isso.

– Tia Betty!

– É verdade. Mas a mim tanto se me dá. E por isso é que não importa que a Mamã e o Papá Mackleroy te detestem, querida *Saff-arón*: eu gosto de ti. E no clã Mackleroy, o que eu digo é lei.

– Não lhe liguês – disse o Joel. Sorriu à tia com um ar indulgente mas não contradisse as palavras dela: na família dele era a tia Betty quem ditava a lei. E os pais dele iam detestar-me.

Mais um gabinete, mais uma pessoa constrangida, pouco à vontade, a remexer em papéis e a aclarar repetidamente a garganta à minha frente.

O que irá acontecer agora? Irá esta mulher dizer-me que a tia do Joel, de 66 anos, também está grávida?

Finalmente, Felicia Laureau recosta-se para trás na sua enorme poltrona preta de pele e encara-me com um sorriso tenso. O cabelo estilo Chanel é como uma cortina branca com reflexos prateados em redor do seu rosto, é baixa, anafada e de curvas generosas, mas o elegante fato cinzento-claro favorece-a.

À semelhança do diretor da escola, mostra-se reticente em falar comigo,

não apenas devido ao que tem para me dizer, mas porque não sabe como falar com alguém como eu, a mulher cujo marido foi assassinado. É de supor que num lar de idosos como este haja imensas viúvas, mulheres que sobreviveram aos maridos, mas quantas poderão ter enviuvado da mesma forma que eu? Será que alguma delas carrega a imagem de uma faca de cozinha a enterrar-se na barriga do marido e de ele a esvair-se em sangue até morrer, cerca de uma hora depois, na beira de uma estrada desconhecida? Se alguma delas fosse como eu, seria horrível estar na companhia desta mulher. Teria uma atitude conflagradora, irritante e, acima de tudo, falsa.

– Que prazer vê-la, Sra. Mackleroy – diz-me ela com jovialidade.

Deixo escapar um suspiro.

– Provavelmente não é, pois não? – volto a suspirar, um suspiro profundo, exasperado. Passei a manhã a tentar impedir o Zane de implicar com a irmã, sentada no consultório da médica enquanto a Phoebe se recusava a falar. Tive de intervir quando ela começou a entrar em pânico perante a ideia de tomar ácido fólico e começar já a fazer exames. A seguir, tive de me meter na M25, algo que evito sempre que possível, para chegar aqui. – Desculpe, mas não consigo pensar numa única razão credível para me ter chamado com tanta urgência se era para me dar boas notícias.

As feições da Sra. Laureau distorcem-se, como que fora de controlo, sobretudo em redor da boca. Percebo, com horror, que está a tentar compor uma expressão comiserada, algo que claramente não é fácil para ela.

– Tem razão, claro – replica. – Não vai ser uma conversa fácil.

– E onde está ela, já agora? – pergunto eu. Confesso que esperava encontrar a tia Betty sentada na mesma posição que a Phoebe adotara no gabinete do diretor da escola, à espera que outrem me contasse o que ela tinha feito. – Pensava encontrá-la aqui.

– Achei melhor conversarmos antes, sem a presença dela – declarou a Sra. Laureau.

– Porquê? O que fez ela?

– Tentámos fazer algumas concessões – diz ela, amável –, desde, desde o que aconteceu ao... Desde que o seu marido... Desde...

Seria de esperar que eu mergulhasse neste mar de desconforto em que ela se debate para a resgatar, dizendo *Desde que o meu marido morreu*, mas não vou fazê-lo. Vou deixar-me ficar onde estou, bem seca e aconchegada, e aguardar a destruição que ela está prestes a semear na minha vida. Pessoas como a Sra. Laureau nunca precisam de falar connosco a menos que queiram mais dinheiro ou que pretendam passar-nos a perna e, às vezes, até ambas as coisas.

7 anos antes *Daquele Dia* (março de 2004) Lentamente, o rosto da tia Betty transformou-se num intrincado retrato de horror e desdém ao digerir o que o Joel lhe tinha dito.

– Ir viver com vocês? – cuspiu ela, indignada. – Ir *viver* com *vocês*? Vocês não fumam, praticamente não bebem, nem tenho bem a certeza se farão a outra coisa, embora tenham dois filhos. Sempre me perguntei se não teria sido com ajuda da seringa do peru. Se é para ir viver com vocês, mais vale ir ao cemitério mais próximo e começar já a cavar a minha própria sepultura. – Franziu o sobrolho ao Joel e, depois, virou-se para mim. – Vocês não me querem a viver em vossa casa. Sou egoísta, rabugenta e mais desmazelada do que aquele boneco cor-de-rosa dos livros infantis. Não me desejaria nem ao meu pior inimigo.

O Joel parecia desanimado. A situação preocupava-o, pesava-lhe nos ombros. Tinha pensado que o melhor seria a tia Betty vir viver connosco depois do acidente. Poucos dias antes tinha caído no chuveiro e perdido os sentidos. Acordara com uma fratura na anca esquerda e, como sempre vivera sozinha, tivera de suportar dores horríveis enquanto se arrastava para fora da casa de banho e ao longo do corredor tapetado até ao quarto, para chegar ao telemóvel. Não podia continuar a viver sozinha. Todos nós o sabíamos e

aceitávamos esse facto. A solução do Joel fora convidá-la a ir viver connosco.

– Admite: tu não me queres a viver contigo, pois não, *Saff-aron*? – A tia Betty recorria a mim pois sabia que eu seria capaz de convencer o Joel de que não era boa ideia.

– Claro que queremos que venha viver connosco – respondi, porque era verdade. Gostávamos dela e queríamos vê-la bem. Ambos tínhamos ficado abalados e à beira das lágrimas ao imaginá-la sozinha e em sofrimento.

Ela soltou uma gargalhada amarga e abanou a cabeça.

– Vocês estão doidos, é o que é. Eu quero é ir para um daqueles lares em que podemos ter o nosso próprio apartamento, ver se consigo conhecer uns viúvos jeitosos dispostos a estourar as mesadas comigo.

– Quer mesmo ir para um lar de idosos? – perguntei-lhe.

Ela assentiu com um sorriso diabólico. Eu não sabia bem se o Joel se tinha dado conta de que, apesar do sorriso, apesar de ter rejeitado o nosso convite, ela estava morta de medo. Do desgaste dos anos, de ter tido de se arrastar nua pelo chão da casa por causa das escolhas que fizera na vida. Porém, as chamas do orgulho brilhavam-lhe nos olhos. Não se arrependia da vida que tinha levado, bastavam apenas alguns minutos na sua companhia para se perceber que tinha aproveitado ao máximo cada instante e que pretendia manter-se independente enquanto pudesse. Viver connosco seria resignar-se a uma morte lenta. Eu compreendia perfeitamente. Quando viajámos por todo o mundo, quando fomos uma das primeiras mulheres negras a ter um papel de protagonista numa peça de teatro no West End, quando fazemos questão de lembrar a toda a gente que nos ouve que somos mais atraentes do que Eartha Kitt alguma vez já foi, quando teimámos em dizer ao mundo todos os dias, durante mais de 60 anos, que faremos as coisas à nossa maneira, a última coisa que queremos é viver numa casa com quatro quartos em Brighton, na companhia do Sr. e da Sra. Tédio e dos seus dois

filhos. Viver uma vida independente com alguém por perto para a ajudar caso precisasse permitir-nos-ia a todos fingir que ela podia continuar a ser quem muito bem lhe apetecesse, fosse qual fosse a sua idade.

Ao longo de cinco fins de semana eu e o Joel revezámo-nos a empacotar o apartamento dela. Foi quase tudo para um armazém e, três meses depois, a tia Betty foi viver para a Rose Bay Manor.

– Como já lhe disse, Sra. Mackleroy, tentámos ser compreensivos, mas somos da opinião de que chegou a hora de a sua tia mudar de ares – diz-me Felicia Laureau. O Sandy Fields já é o terceiro lar em que a aceitamos. Nos outros ela “não se deu bem”.

– O que fez ela? – insisto eu enquanto me interrogo quanto iria custar fazê-los mudar de ideias em relação ao “mudar de ares”. No lar anterior, a tia Betty tinha provocado uma zaragata com outra residente por não ter gostado da forma como esta tinha olhado para ela. Esqueceu-se de mencionar que, quando dera entrada no lar, ignorara todas as regras de etiqueta no que diz respeito a relações amorosas. A pobre mulher que a atacara andava a investir de forma discreta e diligente numa relação de longo prazo com outro viúvo, aliciando-o com chávenas de chá, passeios ao fim da tarde e ouvirem juntos a Radio 4. Poucos dias depois de chegar, a tia Betty perguntou-lhe se ele não queria pagar-lhe um copo e, desde então, tinham começado a sair juntos. Tivemos de desembolsar uma quantia considerável para fazer desaparecer o problema e potenciais denúncias de agressão, embora, tecnicamente, a tia Betty estivesse apenas a defender-se.

– Talvez seja mais fácil dizer-lhe o que ela não fez – declara a Sra. Laureau sem um pinga de humor.

– Estou a ver.

– O incidente que inspirou este nosso encontro, contudo, foi ela ter sido apanhada a ter... *relações íntimas* com outro residente numa área de acesso interdito do complexo principal.

– Oh, céus... – suspiro.

– O funcionário que os apanhou mostrou-se perturbadíssimo.

– Os mais velhos também têm vida sexual, sabe? – disse eu, deixando vir ao de cima, ao que parece, a tia Betty que há em mim, e ignorando o facto de que entrar num quarto e apanhar duas pessoas em pleno ato sexual teria o poder de me traumatizar para toda a vida, fosse qual fosse a idade do casal em questão.

– Sim, mas em privado, como há de convir – replica ela, tão azeda como uma maçã Granny Smith ainda verde.

– O que vai acontecer agora?

– Sentimos... Não temos outra alternativa senão pedir à sua tia para se ir embora.

– Pedir-lhe para se ir embora? – respondo eu, cansada. – Só a ela, imagino?

– Perdão?

– O homem com quem a apanharam, também vão expulsá-lo por não o fazer em privado, ou é só à minha tia?

A Sra. Laureau franze o sobrolho, preparando-se para me pôr no meu lugar. Provavelmente, tentou o mesmo com a tia Betty e levou uma valente ensaboada. Estamos aqui há 10 minutos, tempo mais do que suficiente para uma profissional como a Sra. Laureau perceber que, diga o que me disser, é altamente improvável que eu dê uma de tia Betty.

– Se se tratasse de um “incidente” isolado poderíamos deixar passar, mas, só nos últimos três meses, a sua tia já conseguiu por três vezes atear fogo ao tapete do apartamento dela, persuadiu meia dúzia de residentes a tentar pedir boleia até à cidade para irem ao cinema e foi vista a passear de biquíni e minissaia quando sabe que há normas de vestuário. Em suma, é um milagre termos aguentado tanto tempo.

Tenho as bochechas inchadas como balões a ponto de rebentar e deixo

sair o ar lentamente num grande suspiro, o maior de sempre.

– Quando é que a quer daqui para fora? – pergunto. Um mês deve dar-me tempo suficiente para arranjar uma vaga noutro sítio; 15 dias seria muito apertado.

– Ela está a despedir-se neste preciso momento. Já pode levá-la consigo para casa.

– *Perdão?*

– Já está de malas feitas. O que não couber no carro ser-lhe-á enviado mais tarde pelo correio, por nossa conta. E já concordámos reembolsar as mensalidades deste mês e do mês anterior como um gesto de boa vontade.

– *Como?*

– Compreendo que isto deve ser uma grande surpresa para si, e acredite que queríamos informá-la antes, mas ela insistiu que era melhor assim. Disse que seria mais fácil para si depois de tudo aquilo por que tem passado ultimamente.

– E você acreditou nela?

– Porque não havia eu de acreditar? – responde ela com um olhar vitorioso.

A resposta e o olhar são a vingança dela por não a ter ajudado há pouco. Lanço um novo olhar ao gabinete: a secretária foi recém-tratada e possui um brilho invulgar; todos os apetrechos que é habitual encontrar numa secretária (o agraphador, o tapete do rato, a lata das esferográficas, o dispensador de fita-cola, o livro de endereços) parecem novos. Como se tivessem sido recentemente substituídos, como se alguém estivesse a tentar livrar-se de todo e qualquer vestígio de algo medonho, algo como uma mulher de 66 anos que é a cruz da nossa existência a ter relações sexuais em cima da nossa secretária. Foi aqui, tenho a certeza.

Espero que tenha sido você a apanhá-los em flagrante delito, penso eu de mim para comigo. Seria muito bem feito.

A sua tia já assinou toda a papelada necessária, por isso, não tem de se preocupar com nada.

– Certo. Então, é melhor dar andamento à coisa, não? – digo-lhe eu.

O pior nisto tudo, sabes, Joel? Digo-lhe eu nas sombras do nosso quarto, a olhar para onde ele devia estar. É que, por mais difícil que seja, como tenho filhos, como tenho gente que depende de mim, não posso simplesmente parar.

A tia Betty senta-se no banco de trás do carro e prende o cinto de segurança. Tiveram de rebater os bancos ao lado dela para acomodar todos os seus pertences. As coisas dela encham a mala, ocupam praticamente todo o espaço atrás e o banco do passageiro, bem como o espaço para os pés.

– Pode fazer esse ar rebelde o quanto quiser – digo-lhe eu enquanto ela se senta, muda e imperial, truculenta e impenitente, no banco de trás.

Com uma atitude típica da Phoebe ela torce o lábio superior num esgar de desprezo, olha-me de esguelha e vira-se para a janela do carro para presentear quem está do lado de fora com um sorriso radiante. A afluência nesta tarde de abril é incrível. Nunca vi tanta gente a juntar-se para se despedir de alguém que não é uma celebridade, mas aqui há cerca de 60 pessoas de várias idades e cabeleiras em todos os tons de cinzento, de pé, em cadeiras de rodas ou apoiadas em bengalas no caminho de cascalho, a acenar e a dizer adeus à tia Betty.

– Só para que fique claro – acrescento eu por cima do som dos pneus no cascalho –, queira ou não queira, vamos ter de falar.

VI

Vejo a Imogen e o Ernest a sair quando estaciono o carro à porta de casa.

Obviamente, vieram deixar o Zane a casa depois da escola, pois ele deve ter-lhes dito que a Phoebe não foi às aulas hoje. A Imogen é a serenidade e a educação em pessoa. É doméstica a tempo inteiro (a expressão é dela) e está sempre a oferecer-se para receber o Zane em sua casa, para o trazer da escola e para ele passar lá a noite. Começou a família muito jovem e, por isso, além do Ernest, que tem 10 anos, já tem um filho com 21 anos e outro com 18. Nos últimos 18 meses tem sido um tesouro para o Zane. E para mim.

Saio do carro ao mesmo tempo que eles descem as escadas até ao passeio. Encontramo-nos do lado de fora do portão de ferro e paramos para trocar algumas palavras. Mesmo sem olhar para ele, sinto os enormes olhos verdes do Ernest cravados em mim. Fica sempre a olhar para mim, mudo e desconfiado. Quando ele e o Zane estão juntos na sala ou lá em cima no quarto do Zane, ou mesmo na cozinha enquanto eu estou atarefada a fazer qualquer coisa, é capaz de falar pelos cotovelos. Mas, assim que falo com eles ou me aproximo, fecha-se em copas e transforma-se num manequim sem vida, de olhos esbugalhados.

– *É só porque tem medo de ti* – explicou-me o Zane com descaso quando lhe falei no assunto.

– *Medo, porquê?* – perguntei eu.

– *Sei lá, porque sim* – replicou o Zane como se aquilo fosse uma resposta aceitável.

– Ah, olá – cumprimenta a Imogen.

– Olá.

A tia Betty ainda está alapada dentro do carro à espera que eu lhe abra a porta. Afinal de contas, é uma princesa e os outros só existem para servi-la.

Geralmente, faço-lhe a vontade, mas hoje não. Hoje passou das marcas e o silêncio obstinado no caminho para casa não ajudou em nada o caso dela.

– Obrigada por teres trazido o Zane – digo eu à Imogen. O Ernest continua a fixar-me como uma estátua. – Nem sabes como te agradeço.

– Foi um prazer, como sempre.

A Imogen aproxima-se e baixa a voz, não sei no interesse de quem pois a rua está deserta.

– Correu tudo bem na escola, no outro dia? Perguntei agora mesmo à Phoebe, mas ela pareceu-me um pouco fechada.

Adoro a Imogen. Sei que posso confiar nela, contar com ela, mas não posso contar-lhe isto. Não preciso de mais olhares e comentários críticos. Suspeito que iria criticar-me, como toda a gente que soube até agora me criticou. Provavelmente, até o Fynn, que fez o melhor que pôde para me tranquilizar na outra noite, me condena. E têm razão. Todas as conversas que tenho com a Phoebe me lembram onde errei, onde deixei passar a oportunidade de a orientar, de lhe apontar o caminho certo. Mesmo que não me desse ouvidos, essas conversas (por mais difíceis que tivessem sido) estariam lá, como um gerador secundário algures na memória dela, prontas para entrar em ação e para a ajudar quando precisasse de indicações sobre o que fazer a seguir.

Deixei-a ficar mal – da forma mais bombástica possível – e neste momento não preciso de mais diplomas de incompetência de entidades externas.

– Sim, está tudo bem. Bem, vai ficar, temos umas arestas para limar primeiro.

– Oh, ótimo. – A sua expressão inquieta atenua-se. – Estava tão preocupada. Já passaste por tanto e tens sido tão corajosa. Não ia aguentar se te acontecesse mais alguma coisa.

Nem eu, penso eu de mim para comigo.

– Está alguém no teu carro? – pergunta ela. Viro-me para observar o meu quatro portas azul, estacionado um pouco mais adiante. A tia Betty não se dignou a sair do carro, mas baixou o vidro para poder ouvir o que estamos a dizer enquanto finge dormir. Não está a dormir, como é óbvio, mas provavelmente pensa que, se der essa impressão, falaremos mais à vontade e lhe daremos acesso a alguns dos nossos segredos.

– Sim. É a Betty, a tia do Joel. Conheceste-a no... no... no funeral. Foi a pessoa que cantou “Amazing Grace” em vez de uma das leituras.

De vestido preto e chapéu preto, a tia Betty estava no púlpito com o folheto da liturgia diante de si. Tossicou para aclarar a garganta como se se preparasse para ler e ergueu lentamente a cabeça até pousar o olhar em mim, na Phoebe e no Zane, um de cada lado, tão aconchegados a mim quanto possível.

Sorriu-nos e começou a cantar. A voz dela ressoava no espaço vazio, roçando o véu de tristeza dos presentes na igreja, apaziguando quem a ouvia, fazendo assomar lágrimas aos olhos de toda a gente. Ignorava que ela soubesse cantar assim, ou que fosse capaz de tornar uma melodia tão encantadora e, sempre que penso nisso, a minha pele arrepiava-se. Fê-lo para proporcionar ao Joel um momento especial, algo que nos lembrasse a todos o lugar especial que o sobrinho ocupava no seu coração.

– Ah, sim – diz a Imogen. – Pensei que vivia para os lados de Middlesex. Está de visita?

Não, foi expulsa do lar de idosos por papar outro reformado em cima da secretária da administradora e agora veio cá para casa até eu lhe arranjar outro sítio onde ficar.

– Eh, sim, algo do género.

– Parece ter adormecido. Queres uma mãozinha?

– Não é preciso, obrigada. Já fizeste muito por mim. Vemo-nos mais tarde.

Relutante, a Imogen passa o braço à volta do filho e começam a afastar-se. Espero até o carro arrancar e empurro o portão para entrar. Ao fazê-lo, acontece um milagre: a tia Betty abre a porta do carro e sai. Não perdeu nada da sua postura majestosa e emproada, mas é estranho vê-la fazer algo tão comezinho. Naturalmente, tem uma razão para ter aberto ela própria a porta do carro e saído sem ajuda.

– Não gosto daquela mulher – declara ela, fixando um olhar de reprovação e desprezo na direção em que o carro se afastou.

– Estou certa de que ela vai ficar devastada ao saber disso – replico eu com azedume.

– A mulher é um vampiro. Alimenta-se da aflição dos outros.

Como não comento, acrescenta: – Sou velha, ou já te esqueceste? Já cá ando há muitos, muitos anos. Perdi muita gente, gente de mais, e já vi muitos como ela. Precisam da dor dos outros para se sentirem úteis. Colam-se a quem sofre e sugam-lhes a alma.

– Nem sequer falou com ela agora, e no... no funeral não devem ter estado mais de cinco minutos a conversar, como é que pode fazer afirmações tão fortes?

– Na minha idade topamos as pessoas à distância.

– Pois, parece que sim.

– Não gosto daquela mulher – repete a tia Betty.

– Sim, já ouvi. E, se quer saber o que eu penso, é de um descaramento incrível estar para aí a cuspir todos esses disparates sobre uma das minhas amigas quando não disse uma palavra em mais de três horas. Pode chamar-me exagerada, mas julgo que um pedido de desculpas, ou mesmo uma simples explicação não teria sido pedir de mais.

O silêncio dela é a minha recompensa.

– Cheguei! – exclamo eu ao entrar em casa. A mulher atrás de mim tosse para chamar a atenção. – *Chegámos!* – corrijo.

Não estava propriamente à espera de uma receção entusiástica, mas ignorarem-me por completo é um tudo ou nada humilhante. A Phoebe está no sofá da sala, ao telemóvel; o Zane tem o comando da Xbox na mão e um jogo da *Guerra das Estrelas* no ecrã.

– Chegámos! – repito, desta vez mais alto.

– Olá, mãe – cumprimenta o Zane. Nem sequer vira a cabeça para atirar a frase por cima do ombro, permanece concentrado no ecrã.

– Não estão nem sequer um bocadinho curiosos para saber a que “nós” me refiro? – pergunto eu.

– É o tio Fynn? – responde o Zane, sem o mínimo interesse. Da Phoebe vem apenas silêncio.

– Acho que hão de concordar que sou muito mais interessante do que aquela girafa que afirma ser vosso tio – diz a tia Betty. Abre os braços e avança para o interior da sala para lhes facilitar o acesso.

– Tia Betty? – grita o Zane. Larga o comando e põe-se de pé de um salto. Atira-se para os braços dela, quase me empurrando para o lado para a abraçar. Do mundo do telemóvel a Phoebe viaja até nós, no mundo real, o rosto iluminado como se fosse Natal ao ver quem está na sala. Deixa o telemóvel de lado e levanta-se, pronta para esperar a sua vez de receber um abraço da tia. Sinto a culpa a pesar-me no peito: não íamos visitá-la desde o aniversário da Phoebe em fevereiro, há mais de três meses. O Joel costumava vê-la, pelo menos, uma vez por mês, porque ela não tinha mais ninguém, e muitas vezes levava os pequenos. Obviamente, sentiram a falta dela, e a responsabilidade de manter as visitas era minha e não o fiz. Os últimos dois dias fizeram-me perguntar a mim própria o que tenho andado a fazer com a minha vida. Sei que não paro, que estou sempre ocupada, mas é como se andasse sonâmbula, sem consciência da passagem do tempo.

A tia Betty estuda a Phoebe como fez comigo quando nos conhecemos: em busca de uma fragilidade com a qual possa acicatar a sobrinha-neta de

que tanto gosta.

– Pelo que vejo, tens andado ocupada, hã? – diz ela com um sorriso malicioso mas brincalhão.

A Phoebe, que obviamente se esqueceu da espalha-brasas que a tia-avó é, parece agigantar-se, no rosto um esgar malévolo ao virar-se abruptamente para mim: – Disseste-lhe que eu estava *grávida*? – rosnou-me. – És inacreditável!

Apanhada de surpresa, a tia Betty recua um passo e pestaneja repetidamente, perplexa. O Zane deixa de a abraçar, vira-se para trás e fica pasmado a olhar para a irmã.

Como é que alguém da geração que “curte” pode cometer um erro de principiante destes?, pergunto-me.

– A tua mãe não me disse nada – balbucia a tia Betty. Nunca a tinha visto entrar em pânico desta maneira. Geralmente, não sabe o que é mostrar remorsos pelas coisas que diz e que faz, por isso, ouvi-la falar de forma tão respeitosa é tão bizarro como vê-la abrir a porta do carro para sair. – Eu digo sempre estas coisas para levar as pessoas a confessar-me algo. Sabes bem disso.

Volta e meia olha para mim, a implorar ajuda com os seus olhos maravilhosamente maquilhados. Ignoro-a. Mesmo que eu soubesse conversar com a Phoebe sem a enfurecer, o que não sei, não ajudaria a tia Betty a descalçar esta bota. Pedir desculpa vai fazer-lhe bem.

– Desculpa, Phoebe, não fazia mesmo ideia do que se passava.

O Zane não diz nada, mas fixou os olhos na barriga da irmã. A qualquer momento vai esticar a mão e tocar-lhe no abdómen. As grávidas fascinam-no. Conhece a biologia de como os bebés são feitos, mas anda intrigado com o porquê de terem de passar tanto tempo dentro da barriga, como se sentem lá dentro e se dão por nós quando lhe espetamos um dedo. Quando passamos por grávidas estou sempre atenta para a possibilidade de ter de o impedir de

tentar tocar-lhes. Também vou ter de lhe pedir para não falar no assunto. É um fardo pesado para impor a uma criança, mas até a Phoebe decidir o que quer fazer, é melhor que ninguém saiba.

A tia Betty emudeceu. Não está acostumada a pedir desculpa, deve deixar-lhe um travo muito estranho e amargo na boca, algo que tão cedo não deverá querer voltar a experimentar.

Todos os olhos estão postos na Phoebe no silêncio que se seguiu ao pedido de desculpas da Tia Betty. Estamos todos à espera das deixas da Phoebe, curiosos por saber o que fará agora que sabe que se expôs. E o que ela fará é, aparentemente, rebentar num choro incontrollável.

VII

Depois do corre-corre, quando, por fim, consigo pôr a família toda na cama, recolho a correspondência do dia e sento-me à mesa da cozinha. Em vez da luz do teto, liguei a do forno e deixo-me ficar quieta durante um bocado, a recuperar o fôlego.

O Zane e a Phoebe já estão a dormir e a tia Betty ficou a desfazer as malas, embora a maior parte dos seus pertences ainda esteja empilhada no corredor ou ao canto da sala. Com a ajuda do Zane, consegui trazer tudo do carro, mas a certa altura tive de admitir a derrota: já não tinha forças para carregar tudo escadas acima até ao quarto dela nas águas-furtadas. E o Zane ficou de tal forma exausto que mal se queixou de ter de comer peixe ao jantar.

A Phoebe, que, a meu ver, se sentia mais envergonhada por ter chorado à nossa frente do que por se ter denunciado a si própria, refugiou-se no quarto até à hora do jantar, altura em que deixou bem claro pela expressão que trazia no rosto que não queria que se voltasse a mencionar o assunto.

A tia Betty mostrou-se pesarosa e comedida durante quase toda a noite e até se ofereceu para lavar os pratos depois do jantar, para mostrar como estava arrependida (por ter transtornado a Phoebe, não por me ter levado a deixá-la ficar cá em casa).

Foram todos para os respetivos quartos ao mesmo tempo e eu sentei-me na beira da cama do Zane e perguntei-lhe se ele era capaz de manter a gravidez da Phoebe em segredo por agora.

– Claro que sim! – respondeu ele. – Sabes como é que os bebés entram nas barrigas das mães, não sabes? Não ia dizer a ninguém que ela fez isso!

Depois, acrescentou: – Fez, não fez?

– Sim – confirmei eu.

Agora, posso finalmente sentar-me à mesa de jantar e gozar uns momentos sozinha. Passo muito tempo aqui porque era a divisão preferida do Joel. Ambos colaborámos na decoração das restantes partes da casa, mas aqui o Joel assumiu o controlo. Sabia exatamente o que queria: o forno rústico acolá, o frigorífico de aço inoxidável atrás de mim. O lava-loiça duplo, a borda arredondada das bancadas de mármore, os armários de parede para os produtos secos, as ervas aromáticas, o azeite e os óleos de cozinha. O chão de tijoleira branca. É tudo resultado da imaginação dele, a cozinha perfeita para criar as suas delícias culinárias (e os seus muitos, muitos desastres culinários, mas desses nunca falávamos).

Às vezes, finjo que consigo senti-lo aqui. Que o vejo ao pé do forno, de colher de pau na mão, a virar-se para trás constantemente para falar comigo ou para acompanhar os últimos resultados dos jogos de futebol na televisão de parede. Que consigo lembrar-me de o ver diante da bancada de garfo na mão a preparar a massa para uma fornada de queques de mirtilo sem glúten. Sinto-o a abrir o frigorífico e a espreitar lá para dentro, a tentar lembrar-se daquilo que andava à procura. Ouço-o, com o seu avental negro dos Run DMC, a cantar “*A casa do J-J-J-J-Jota!*” mesmo antes de começar a cozinhar.

A cozinha é mais do que os livros de receitas dele bem arrumados ao lado do suporte para as facas e os vasos de ervas aromáticas alinhados no peitoril da janela, ou a seleção de tachos e utensílios que ele foi acumulando. É a presença dele à mesa, diante do lava-loiça, do forno, junto da janela ou da porta das traseiras, prestes a sair. Lembro-me de como ele era em todas as divisões da casa, mas sobretudo aqui. Neste espaço que era só dele.

Passo os olhos pela correspondência. A maior parte resume-se a envelopes de janela brancos ou castanhos a exigir dinheiro, e posso ignorá-los por agora. Agora, as contas já não me provocam câibras no estômago de puro medo de não poder pagá-las, mas, ainda assim, não as abro de imediato.

Quando o Joel morreu e passei todos aqueles meses a tentar pôr em ordem os “assuntos” dele, prometi a mim própria que nunca mais deixaria as coisas ficarem tão caóticas e desorganizadas. Que estaria sempre ao corrente de tudo para que quem tivesse de pôr em ordem os meus “assuntos” não tivesse tantas dificuldades. Desleixei-me um pouco. *Mais uma vez.* Tenho de voltar a manter-me ao corrente de tudo, de pôr tudo em ordem.

Entre as contas, os folhetos publicitários e as circulares há uma carta que se destaca. É um envelope de cor creme sem selo nem carimbo, mas remetido a Saffron Mackleroy com o meu endereço completo. Observo-o de um lado e do outro, pensativa. A natureza formal do endereço completo sugere que a pessoa pretendia enviá-lo pelo correio, mas depois mudou de ideias e deslocou-se até aqui, desde sabe-se lá onde, para vir entregá-lo. Assumo que vive a alguma distância porque, de outro modo, para quê escrever-me?

A letra em tinta azul é uniforme mas não elegante, cuidadosa mas também um pouco agreste. Distribui-se em linhas direitas, perfeitamente centradas no envelope. Não a reconheço e muito poucas das pessoas que conheço me escrevem cartas. A minha mãe é uma delas, mas hoje em dia é muito raro e ela não viria de Londres só para entregar uma carta em mão. Passo o dedo por baixo da aba do envelope e abro-o.

Aquele Dia (26 de outubro de 2011) – Lamento ter de lhe dizer isto – diz ela. Cala-se e olha para o homem ao lado dela, pedindo auxílio.

– O seu marido envolveu-se num incidente – continua ele.

Incidente. “Incidente”, não “acidente”. O que aconteceu foi propositado.

– Ele está bem? Para onde o levaram? Posso vê-lo?

– Lamento – diz ela. – Lamento imenso.

Sinto os dedos dormentes, o corpo dormente, todo o meu ser fica de repente sem ar. Ouço os baques surdos de um punhado de amoras a esborrachar-se no chão, o estrondo de uma taça branca de barro ao atingir a tijoleira branca.

Derrubo a cadeira ao afastar-me abruptamente da mesa, da carta que abri e comecei a ler.

Fico parada no meio da divisão, trémula, a olhar para as duas folhas de papel A4 cuidadosamente dobradas em três que agora se encontram espalhadas sobre a mesa como uma mão aberta.

De repente, já não estou aqui. Estou outra vez lá.

Há luz na cozinha. Passa pouco das duas. Fui atender a porta da frente com uma taça de amoras na mão, mas tenho de dizer a quem é que entre depressa porque deixei a torneira no máximo. Seguem-me até à cozinha e, quando estendo a mão para a torneira, ocorre-me quem são e porque não hesitei em convidá-los a entrar.

Fecho a torneira e viro-me lentamente, a medo, para os encarar.

Consigo visualizar-me claramente e vejo-me a ouvir a notícia. Espreito a Saffron Mackleroy no momento em que descobre que lhe roubaram o marido, mesmo diante do seu olhar sempre atento.

Vejo-a assimilar as palavras, vejo-me, a mim própria, a deixar cair a taça, compreendo o que me faz recuar contra a bancada.

Sei que estou a pensar: *Não devia ter escolhido amoras*. E, daqui a um segundo, vou olhar para os agentes da polícia em silêncio à minha frente e vou perguntar-lhes: – Onde estão os meus filhos?

Estou outra vez lá, aquela carta arrancou-me do presente, catapultou-me através do tempo fazendo-me recuar 18 meses. Até *àquele dia*. Isto não tem nada a ver com aquelas poças no tempo que fazem disparar memórias da minha vida com o poder de me consolar ou de me confundir, isto arrastou-me de volta. Estou outra vez lá, encurralada, a viver tudo outra vez.

É por isso que tento não pensar *naquele dia*, que tento esquecer toda aquela época. É por isso que me mantenho neste torpor, a salvo. Se pensar no que aconteceu, terei de passar por tudo outra vez.

PARTE III

VIII

Aquele Dia (26 de outubro de 2011) – Lamento ter de lhe dizer isto – diz ela. Cala-se e olha para o homem ao lado dela, pedindo auxílio.

– O seu marido envolveu-se num incidente – continua ele.

Incidente. “Incidente”, não “acidente”. O que aconteceu foi propositado.

– Ele está bem? Para onde o levaram? Posso vê-lo?

– Lamento – diz ela. – Lamento imenso.

Sinto os dedos dormentes, o corpo dormente, todo o meu ser fica de repente sem ar. Ouço os baques surdos de um punhado de amoras a esborrachar-se no chão, o estrondo de uma taça branca de barro ao atingir a tijoleira branca.

Aquele Dia – Onde estão os meus filhos? – pergunto-lhes. Fixo-os à vez com uma expressão esgazeada, espavorida, nos olhos. Um ele e uma ela. Dois estranhos em minha casa, quando nem sequer sei onde os meus filhos estão.

Os agentes entreolham-se, baralhados, e voltam a olhar para mim.

– Onde estão os meus filhos? – volto eu a perguntar, desta vez com uma voz descontrolada, à beira do pânico. A agente diz: – Devem estar na escola, julgo eu.

– Não. – Abano a cabeça. – Não pode ser. Não pode. Eu não os deixava ir para a escola numa altura destas, não deixava. Ficavam aqui comigo. Não pode ser, é impossível.

– Eu ligo à central e peço a alguém para entrar em contacto com as escolas deles – diz o agente. – Em que escolas andam?

– Na St. Caroline, ali ao virar da esquina, e na St. Allison, em Hove.

– Volto já.

– Não, eu vou à St. Caroline, é mesmo ali na outra rua. Será mais rápido

se eu lá for.

A agente, de farda completa, veda-me o caminho, impedindo-me fisicamente de sair da cozinha, de deixar a casa. De correr rua acima até à escola do Zane a gritar o nome dele para ter a certeza de que ele está bem.

– Não, não, Sra. Mack-el-roy, é melhor deixar isso por nossa conta. Vai assustá-lo se lhe aparecer nesse estado. – Enquanto ela fala o outro agente sai, desloca-se até à porta e começa a falar pelo rádio.

– Vocês acham que também lhes aconteceu alguma coisa a eles, não acham? – digo eu, histérica, a esticar o pescoço para ouvir o que o agente está a dizer.

– Não, claro que não – replica a agente de forma pouco convincente, o que me deixa aterrada.

Aquele Dia Está tão quieto. Tão calado.

Tenho de o acordar, de lhe lembrar que não é hora para estar a dormir, e muito menos neste sítio. E porque estará ele vestido debaixo do lençol? Dorme sempre nu, detesta a ideia de ter roupa a apertá-lo enquanto dorme.

E o que julga ele que está a fazer, a dormir numa hora destas? Tem uma mulher à espera de um beijo dos seus lábios frios, filhos à espera das suas brincadeiras turbulentas. Tem um melhor amigo que volta e meia tenta convencê-lo a sair para irem beber uma cerveja, ou seis. Tem pais que não reprovam abertamente a esposa e as escolhas que ele fez na vida há... bom, há quase uma semana. Ficou de comprar à tia uma garrafa de vinho do Porto, do mais caro. Tem uma vida para viver. Isto não é hora para dormir, para descansar, para ficar parado.

– É o seu marido? – pergunta o agente ao meu lado.

Devia dizer que não, porque isto não é quem ele é: enérgico e espalhafatoso, incapaz de parar quieto um segundo. Não esta coisa. Porém, não digo que não. Ao invés, respondo com um aceno e sussurro: – Sim.

Num gesto automático estendo a mão para lhe passar os dedos pela testa,

para compor um *minidreadlock* que ameaça começar a desfazer-se, para lhe afagar o rosto. Todos aqueles gestos que repito dezenas de vezes por dia como forma de me ligar a ele, de manter o contacto físico.

– Lamento – diz o agente, apertando-me o antebraço como um torno para me impedir de lhe tocar. – Não pode fazer isso.

O meu rosto contrai-se, sem compreender. Olho para ele e depois para a jovem assistente da morgue, que desvia imediatamente os olhos tristes e recolhe os lábios para dentro da boca. Volto a olhar para o agente.

– Lamento – repete ele num tom muito mais compadecido. – É que... O corpo agora faz parte da cena de um crime. Se lhe tocar, pode destruir provas e contaminar parte da cena do crime.

Ele não é a cena de um crime, não é prova nenhuma, responde a minha garganta embargada. *É o meu marido. O pai dos meus filhos. É o meu Joel.*

5 dias depois *Daquele Dia* (outubro de 2011) – Há alguma coisa que possa dizer-nos sobre o seu marido que possa ajudar-nos a descobrir quem lhe fez isto? – pergunta-me o agente. É o mesmo que veio dar-me a notícia, o mesmo que me acompanhou à morgue do hospital. Devem ter-lhe atribuído a tarefa de agente mediador entre a polícia e a família porque, quando ele me disse que a Phoebe e o Zane estavam bem e a salvo na escola, mandei as boas maneiras às urtigas e agarrei-me a ele a agradecer-lhe, entre soluços. Acho que eles julgam que temos algum tipo de ligação, de afinidade. Por isso, está sempre por perto. Quando recebo outros agentes vem sentar-se ao meu lado, para tentar confortar-me. Às vezes, tal como agora, faz-me perguntas em nome dos outros.

“Há alguma coisa que possa dizer-nos sobre o seu marido que possa ajudar-nos a descobrir quem lhe fez isto?” A pergunta está inscrita no ar entre nós. Dou-lhe voltas e mais voltas dentro da cabeça.

Posso dizer-lhes muita coisa sobre o meu marido, mas não neste momento. Não consigo lembrar-me de uma única coisa sobre ele. Deveria?

Tenho todas estas impressões sobre ele, estas coisas dentro da cabeça que me fazem sorrir, mas como descrevê-las? A natureza afável dele? Como descrever a capacidade que alguém tem de aquecer os outros como o sol? Como descrever o seu sorriso radioso? Como hei de explicar que ele me fazia sentir perfeita? Como posso eu fazê-lo? Se não posso descrever isto, se não há palavras no universo para o fazer, então, de que vale falar sobre ele? Para além disto, nada mais importa. Tudo o resto é estúpido, não significa nada.

– Não sei quem fez isto – respondo. Já lhes disse isto antes. Passei os últimos cinco dias a dizer-lhes o mesmo, mas eles não me ouvem.

– Há alguma coisa que ele possa ter dito, alguma coisa que lhe possa ter contado? Alguém que pudesse ter alguma coisa contra ele? Reparou se andava preocupado? Até o pormenor mais insignificante, algo que lhe pareça não ter importância, pode ser a pista de que precisamos.

Não estou a usar as palavras certas. Não consigo fazer-me entender.

– Não conheço ninguém que pudesse ter feito uma coisa destas – digo eu. É isto que estou a tentar explicar. – Não conheço ninguém que pudesse ter feito o que fizeram ao meu marido. Não sei que mais lhe diga.

O outro, o agente que acompanha o mediador, tem um ar compadecido. Como se, finalmente, me tivesse ouvido, assente antes de dizer: – E se me falasse dos amigos dele? Os colegas de trabalho? Alguém que a tenha deixado de pé atrás, talvez?

Ele não percebe. Ninguém percebe.

– Não conheço ninguém capaz de cometer um ato destes. Por favor, parem de me fazer sempre a mesma pergunta. Não sei. Queria saber, queria poder ajudar. Mas não sei. Não sei. Não sei.

O primeiro agente, o que anda sempre por aqui, a beber o meu chá, sempre à minha frente quando dou meia-volta, percebe de repente.

– É só o choque – afirma ele com toda a delicadeza. – As coisas tornar-se-ão mais fáceis quando passar o primeiro impacto. Infelizmente, este é o

momento em que é mais decisivo ajudar-nos a encontrar o monstro que fez isto.

– Isto não foi obra de um monstro – replico. – Os monstros não existem. Se tivesse sido um monstro, o Joel não estaria... Os monstros não existem.

É o choque a falar, claro. Os monstros existem. São bem reais.

2 semanas depois *Daquela Dia* (novembro de 2011) – Gostaríamos que participasse num apelo televisivo para ver se conseguimos fazer com que alguém avance qualquer informação relativa à morte do seu marido – diz o meu agente mediador. Mostra-se solícito, contido, com uma atitude ligeiramente protetora na forma como se senta tão perto de mim no sofá enquanto o outro agente permanece de pé ao lado da lareira.

– Não – respondo eu, e abano a cabeça.

– Não, Sra. Mack-el-roy? – questiona ele.

– Já lhe disse, é Mack-*le*-roy – retruco eu, cansada. – E sim, recuso-me a fazê-lo. Não vou sentar-me diante de uma câmara de televisão e apelar à boa vontade de um assassino.

– Não seria esse o caso. O objetivo é tentar avivar a memória de quem possa ter visto qualquer coisa a que, na ocasião, não tenha atribuído grande significado. Além disso, pretendemos deixar claro a toda a gente que possa saber alguma coisa o sofrimento contínuo provocado pelo facto de não se saber quem fez isto. Queremos que quem tem informações sobre o que aconteceu perceba que não pode ficar em silêncio.

Provavelmente, ele tem razão. As pessoas precisam de alguém que lhes lembre que o Joel não é apenas uma fotografia que viram nos noticiários, alguém que muito provavelmente tinha tido o azar de estar no local errado à hora errada. Era uma pessoa real, um ser humano. Era meu.

– Peçam aos pais dele – sugiro eu, como concessão.

– Pensamos que realmente o melhor seria a senhora, a viúva sofredora, a fazê-lo – diz o outro.

As pessoas precisam de saber, sim, mas não quero continuar a partilhá-lo. Perdi-o fisicamente e, entre preencher papelada, cuidar das crianças, trabalhar e organizar a minha vida, sobra-me muito pouco tempo para pensar nele. *Nele*, não na morte dele, na investigação, mas nele, o homem com quem vivi. Não vou partilhar um único desses momentos preciosos com mais ninguém, nem com gente que conheço, nem com as câmaras de televisão. Com ninguém.

– Peçam aos pais dele – repito. – Conheciam-no há mais tempo do que eu. E serão mais prestativos do que eu.

Talvez não se importem de abrir mão das memórias encapsuladas nas migalhas de tempo de que dispõem para pensar nele.

17 dias depois *Daquele Dia* (novembro de 2011) – Estás um trapo – observa o Fynn enquanto me segue da porta da frente até à cozinha e se senta diante de mim à mesa.

– Obrigada. É sempre bom ouvir a opinião do espelho falante.

Realmente estou um trapo. Tenho um aspeto estranho. Adquiri o hábito de vestir um dos pulôveres ou uma das camisolas com capuz do Joel por cima das calças de ganga e da *t-shirt* do costume. Estou sempre cheia de frio, gelada até aos ossos, por isso, tenho de usar qualquer coisa dele para me agasalhar, para me confortar. Tenho o cabelo preso num rabo de cavalo e, provavelmente, vai ficar assim até que lavar o cabelo volte a parecer-me importante.

– Desculpa, não liguês ao que eu digo – diz o Fynn. – Preocupa-me que não cuides de ti.

– Eu sei, eu sei. Mas não te preocupes, está bem? – Esfrego os olhos cansados com o indicador e o polegar. – Não consigo lidar com esse tipo de comentários para além de tudo o resto.

– Quando foi a última vez que dormiste?

Não preciso de olhar para ele para saber que os seus olhos azuis-escuros

estão carregados de preocupação. Podia perguntar-lhe o mesmo e, provavelmente, obteria uma resposta à altura da minha.

– Quem é que precisa de dormir quando se está à beira da ruína financeira?

– É assim tão mau? – pergunta ele.

– Pior. Estou de mãos atadas até obter um certificado de óbito. Não posso aceder a nenhum do dinheiro da conta dele, não posso reclamar o dinheiro do seguro de vida e não posso pedir para adiar os pagamentos sem um certificado de óbito. E não posso obter um certificado de óbito porque não tenho o... – Num ápice sinto a voz presa na garganta apertada de aflição e os olhos rasos de lágrimas que tenho de reter. Não há tempo para chorar. – Não posso obter um certificado de óbito porque ele ainda é uma “prova do crime”. Nem sequer posso organizar o funeral porque não tenho o corpo, nem sei quando vão devolver-mo.

– Não te deram uma previsão?

– Uns três meses, talvez mais.

– *Três meses?* – A indignação do Fynn, legítima mas exacerbada pela dor, como pregos afiados a arranhar um emaranhado de nervos expostos, chega bem para os dois. Como quase tudo o resto, não me posso dar ao luxo de sentir essa indignação porque consome demasiada energia, esgota as reservas de ânimo de que necessito para conseguir chegar ao fim de mais um dia. Manter-me anestesiada é a única forma de sobreviver, neste momento. – Como assim? Porquê?

– Dizem-me sempre que é assim que funciona quando há uma morte por mão criminosa. – Um *homicídio*. A maior parte das vezes sou incapaz de pronunciar a palavra. É intensa de mais, irreal de mais, uma daquelas coisas que “só se veem na TV”. A minha vida não inclui o conceito de “homicídio”.

Não sinto a cara ao passar as mãos por ela, sei que o nariz continua lá, no meio, que tenho uma maçã do rosto de cada lado do nariz, os olhos mais

acima, que por cima deles está a testa, que a boca fica sob o nariz e, por baixo da boca, o queixo, mas isto são coisas que sei de memória, custa a acreditar que estou a tocar-lhes neste momento. Sinto-me dormente, desligada do mundo dos sentidos.

– De quanto precisas? – pergunta o Fynn.

– Não. Obrigada, mas não. – Tiro as mãos da cara e olho para o rosto do homem que conheceu o Joel antes de mim. – Não tens o dinheiro de que precisamos neste momento e, mesmo que tivesses, não podia aceitar. Já revisto tudo, os números, as poupanças a que posso aceder, e para aguentarmos três meses vou ter de... – Suspiro. – Vou ter de vender a cabana de praia.

– O quê? Não, deve haver outra alternativa.

– Não. Já efetuei aqueles cálculos complexos e morosos de que se ouve falar, que consistem apenas em somar tudo o que temos e depois subtrair o que devemos, ou o que vamos dever, e ver quanto nos resta. Ou, no meu caso, quanto não nos resta. Tenho de me desfazer de alguma coisa. As únicas coisas que posso vender que me permitem encaixar fundos suficientes para nos mantermos durante algum tempo são os miúdos, o carro ou a cabana de praia. E, mesmo que me deixassem vender os miúdos antes de se resolverem as questões judiciais relativas à transmissão dos bens, acho que ia sentir a falta deles, já que o Joel ajudou a fazê-los.

Isto traz aos lábios do Fynn a sombra de um sorriso. Vê-lo relaxar lembra-me que talvez um dia seja possível voltar a brincar, a sentir-me despreocupada.

– Só resta a cabana de praia – concluo.

– Por favor, deixa-me emprestar-te algum dinheiro. Aquela cabana... foi lá que vocês fizeram a festa do primeiro aniversário do Zane, a bênção dos vossos 10 anos de casados. Sempre que não podiam ir de férias no verão...

– Não estás a ajudar, Fynn – interrompo. O momento anterior, a pequena fímbria de esperança num futuro cheio de riso evaporou-se quando o Fynn

me lembrou do que está prestes a perder-se. – Não preciso que me relembres o passado.

– Desculpa – balbucia ele.

– Sei que é exigir muito de ti, mas preciso que a vendas por mim. Eu não sou capaz. Se falasses com a imobiliária e tratasses de tudo. E se, no fim, tirasses de lá as tralhas todas e as guardasses em qualquer lado por mim... Sei que é pedir muito, mas eu não...

Ele cobre as minhas mãos com as dele como que para me proteger e me dar abrigo, ancorando-nos um ao outro.

– É o mínimo que posso fazer. Andas mesmo pelas ruas da amargura, não andas?

– Nem fazes ideia. Que isto seja uma lição para ti. Se voltares a casar, abram contas separadas no nome de cada um para o caso de acontecer uma coisa destas. E certifica-te de que sabem os códigos um do outro. E não a deixes sair da tua vista nem por um segundo, para ela não te poder fazer isto, nem tu a ela.

– Vai ficar tudo bem – garante-me ele.

– Achas que as pessoas acreditam mesmo no que estão a dizer quando dizem isso? Acreditas mesmo nisso?

– Tenho de acreditar, caso contrário, que mais podemos nós fazer?

Que mais podemos nós fazer?

– Ontem vi um daqueles inspetores dos lugares de estacionamento a caminhar pelo meio da nossa rua e vi-o parar ao pé de um carro que devia ter o talão expirado. Parecia tão convencido da sua importância ao sacar do seu aparelhinho e da máquina fotográfica que tive de me impedir de correr lá para fora para lhe lembrar que é o fim do mundo e perguntar-lhe se não tinha nada melhor para fazer. Mas, claro que ele não tinha nada melhor para fazer, porque para ele não é o fim do mundo. Só para mim. Só para os miúdos. Só para os pais do Joel. Só para a tia Betty.

– E para mim.

O Fynn está incrivelmente pálido e cinzento, com as linhas do rosto apagadas pelo que aconteceu. Traz o cabelo castanho-escuro, normalmente bem aparado, revoltado e desganhado; os olhos embaciados. É a manifestação física da forma como eu me sinto.

– E para ti, sim.

– Mas vai melhorar – promete ele. – A dor não desaparece, mas torna-se mais fácil viver com ela. Deixa de ser algo que ameaça consumir-nos a qualquer momento, dia após dia. Atenua-se um pouco.

– Como é que sabes?

Ele encolhe um ombro.

– Sei imensas coisas.

– Não acredito. – Não acredito que alguma vez vá deixar de me sentir assim. Que o mundo depois *daquele dia* possa ser um lugar menos doloroso, menos atroz do que é agora.

– Se estivesse no teu lugar também não acreditaria.

– Bem – digo eu decidida, ao levantar-me da cadeira. – Deixa-me lá continuar a tentar desencantar dinheiro do nada.

Depois de muito vasculhar a gaveta ao lado do frigorífico lá consigo encontrar as três chaves dos cadeados, presas num anel de arame que eu e o Joel nunca chegámos a substituir. Sempre que saíam do seu lugar na gaveta dizíamos a nós próprios, ou um ao outro: “*Tenho de arranjar um porta-chaves como deve ser para isto.*” Entrego-as ao Fynn. Ele olha para elas, depois para mim, e nesse momento baixa as defesas e, pela primeira vez, experimento a dor dele: vejo a enormidade de perder o Joel, como o consome por dentro, o esforço constante que tem de fazer para se aguentar ao longo do dia.

– Tenta conseguir o máximo que puderes por ela, por favor. – Desvio os olhos porque olhar para o rosto atormentado dele, ver a angústia no seu

estado mais puro, o reflexo da forma como o mundo me vê, é mais do que consigo suportar neste momento. – Hum, fiz uma pesquisa *online* e a maioria está à venda por 12 mil libras, por isso, se pedires 10 pela nossa, provavelmente consegues vendê-la mais depressa e vamos poder respirar melhor por uns tempos.

– Vou dar o meu melhor.

– Obrigada, Fynn. – Quero abraçá-lo, mas não posso. Não posso tornar isto mais difícil do que já é. Durante as duas primeiras semanas dormiu quase sempre no nosso sofá. Levantava-se a altas horas da noite, enquanto eu andava às voltas na cozinha à procura de qualquer coisa que tinha perdido, e tornava a meter-me na cama. Nessas noites eu agarrava-me desesperadamente a ele como a uma âncora, um ponto fixo que me permitia manter os pés bem assentes no chão. Não posso voltar ao mesmo, caso contrário, nunca o deixarei ir embora.

Sem aviso, ele puxa-me para si e aperta-me nos braços. Enterra a cabeça na curva do meu pescoço e sinto as pestanas dele a roçar-me a pele ao fechar os olhos, enquanto me abraça ainda com mais intensidade. É a vez dele de se agarrar à âncora com todas as forças.

3 semanas depois *Daquele Dia* (novembro de 2011) Um guincho estridente e lamentoso a meio da noite gela-me o coração no peito e desperta-me do estado de semiconsciência que é o mais próximo do sono que consigo atingir. Terá sido a Phoebe, ou o Zane? Atiro os cobertores para trás e salto da cama pronta para disparar pelo corredor até aos quartos deles.

Volto a ouvir o ruído, desta vez mais alto e seguido de uns cliques, e agora que estou de pé torna-se óbvio que vem do lado de fora da casa. Aproximo-me da janela. Aos cliques, uma sucessão de cinco estalidos animais de enormes incisivos centrais a entrechocar-se, segue-se igual número de lamentos guturais. Volta a acontecer tudo, os estalidos, os guinchos lamentosos, uma e outra vez, e vão crescendo em volume e

intensidade até encherem o quarto.

Sei de que som se trata mesmo sem olhar, mas, ainda assim, afasto as lâminas da persiana do lado esquerdo da janela na sacada do quarto e espreito lá para fora. O mundo está mergulhado na escuridão e, apesar da luz do poste à direita da casa, não consigo localizá-la. Sei quem é e sei que acabou de o encontrar.

O esquilo foi a primeira coisa que eu vi esta manhã quando olhei pela janela do quarto. Estava imóvel no chão, o pelo castanho acinzentado liso e intocado pelo vento, o corpo esticado como se se preparasse para saltar de um ramo para outro. Dava a impressão de ter sido fulminado ao fazer algo que fazia um milhão de vezes por dia.

Os meus olhos pesados de sono e injetados de sangue não conseguem distinguir formas entre os troncos das árvores e os carros estacionados, mas continuo a procurá-la seguindo os seus queixumes pungentes e lúgubres.

Senti um misto de emoções – choque, medo, angústia – a implodir-me no peito ao observar o esquilo esta manhã. Morto. Estava morto. Estava morto e era um incómodo lembrete do aspeto que a morte tem no mundo físico. Fiquei a olhar para ele durante vários minutos antes de ir a correr mudar o carro de sítio para o esconder de vista. Não queria que os miúdos reparassem nele e se lembrassem do que significava “estar morto”. Quando se fala no assunto, podemos usar palavras como “foi-se”, “partiu” ou “perdemo-lo”, mas ver um cadáver superaria tudo isso, torná-lo-ia terrivelmente real. Lembrar-lhes-ia que o corpo do pai estava assim, algures, pois ainda não o tínhamos de volta. Quando cheguei ao trabalho, liguei aos serviços da câmara para virem recolhê-lo e fiquei aliviada quando já não o vi ao regressar a casa. Mas agora, ao ouvir os ruídos aflitivos do outro lado da janela, dou-me conta de que o corpo ainda está lá fora algures e que ela, a companheira, acabou de o encontrar.

Provavelmente, passou o dia inteiro à procura dele e não quer acreditar

que finalmente o encontrou ali, naquele estado. A mim, que deixei cair a taça com as amoras, que exigi saber imediatamente onde os meus filhos estavam, que não lhe pude tocar, que me levantei todas as manhãs e me deitei todas as noites, três semanas depois, ainda me custa a acreditar. Ainda me sinto assim por dentro, ainda me sinto como se estivesse de volta *àquele dia*, a receber outra vez a notícia do que tinha acontecido ao Joel. Ainda tenho vontade de gritar até arrasar o planeta.

Desisto de procurar por ela, a que partilha a minha dor, e fico parada à janela com as mãos nos olhos, os ouvidos cheios dos estalidos e dos guinchos lamentosos do esquilo, sabendo exatamente como ela se sente.

25 dias depois *Daquele Dia* (novembro de 2011) – O agente imobiliário pode efetuar uma transferência direta para a tua conta assim que assinares a papelada.

– Não podes ser tu a fazê-lo? – queixo-me eu por cima do ruído constante do tráfego à porta do edifício de escritórios onde trabalho. Situa-se mesmo nas traseiras da Queen’s Road, a avenida que liga a estação dos comboios à praia, por isso, há sempre um fluxo de carros, táxis e carrinhas a cortar por esta estrada até às lojas da zona de North Laine.

Ao passar, uma carrinha branca abafa a voz do Fynn quando este responde: – Não, não pode ser. Não sou o proprietário. Posso levar-te lá agora, se quiseres. Sei que não é lá muito conveniente, mas 10 mil libras é um bom preço e, se formos lá agora, recebes o dinheiro na tua conta ainda hoje. Amanhã, o mais tardar.

– Não posso sair agora, já faltei tanto tempo...

– Tinhas direito à tua dispensa.

– Pois, mas a tolerância acaba quando começam a achar que estamos a abusar – sussurro. Posso até estar do lado de fora, mas sei que os ouvidos têm paredes, ou serão as paredes que têm ouvidos? Ultimamente, dou por mim a baralhar as expressões idiomáticas, a esquecer-me de como se conta uma

piada, às vezes, até baralho a ordem dos dias da semana. Neste preciso momento, só sei que não quero que alguém ouça o que estou a dizer.

– Então, vai ter de ser no intervalo do almoço.

– Intervalo do almoço? Em que século vives tu?

– Queres mesmo esperar até sábado?

– Não, não quero. A que horas fecham eles?

– Às sete.

– OK, então importas-te de olhar pelos miúdos e de lhes dar o jantar enquanto eu lá vou?

– Claro, na maior. – Cala-se. Hesita em dizer-me qualquer coisa, mas logo a seguir diz: – Queres saber quem a comprou?

Hesito porque, na verdade, sinto uma certa curiosidade. Quero saber quem vai sentar-se no meu camarote, quem vai pendurar diferentes cadeiras de praia nos ganchos de latão que nós instalámos, que cor terá o chapéu de sol deles. Mas será que quero *mesmo* saber? Quando eles estarão a usar o lugar onde o Joel, a Phoebe, o Zane e eu adorávamos deixar marcas novas e radicalmente diferentes ao longo do tempo? Eu tinha andado a poupar para voltar a viajar quando reparei no letreiro na fachada e, num impulso, comprei-a. Já namorava com o Joel há um ano e, nesse momento, decidi não viajar porque tinha um homem com quem via um futuro e, em vez disso, comprei a cabana de praia. E, desde então, fizemos dela a nossa casa de férias. Foi sempre nossa, nunca apenas minha. Será que quero mesmo criar uma imagem mental destas pessoas que vão substituir-nos, ouvindo os nomes delas?

– Não. Quero assinar na linha pontilhada e seguir em frente.

– Tu é que sabes. Vemo-nos mais tarde.

Fico parada na rua à porta do edifício, com o telemóvel mudo na palma da mão, enquanto as memórias da nossa pequena cabana na praia com as suas portas amarelas me inundam como uma chuva torrencial: o Joel a tropeçar e a

deixar cair o bolo de aniversário do Zane, assistindo com um horror fascinado enquanto as gaivotas mergulhavam a pique para abocanhar grandes pedaços, quase como numa cena de *Os Pássaros*, de Hitchcock; a Phoebe a fazer o pino do lado de fora da cabana, com o Zane a agarrar uma das pernas dela e a posar para a fotografia com o gesto do polegar para cima, como se ela fosse um enorme peixe que ele tivesse pescado sozinho; eu a adormecer na espreguiçadeira enquanto lia um livro e eles a deixarem-me para ir buscar gelados e chapinhar nas ondas, regressando para me contar o que eu tinha perdido; o Joel a fazer uma moessa no telhado com a rolha da garrafa de champanhe que abriu depois da bênção do nosso décimo aniversário; a fotografia que tirei à nossa família o verão passado, com cada um a fazer uma careta cómica mesmo antes de eu carregar no botão.

Tinha de a vender, penso eu de mim para comigo. Não tive escolha. Para o bem de todos, tinha de o fazer.

6 semanas depois *Daquela Dia* (dezembro de 2011) “Hoje a polícia confirmou ter detido um homem de 32 anos no âmbito do brutal homicídio de Joel Mack-el-roy, um residente de Brighton com 40 anos. Mack-el-roy, que deixa dois filhos, foi encontrado na Montefiore Road, em Hove, a sangrar devido a uma facada e faleceu a caminho do hospital, frustrando todas as tentativas de reanimação.”

Paro no meio da cozinha a fitar a mancha no chão e a ouvir a rádio dizer-me coisas sobre a minha vida que nem eu própria sei. Não sabia que suspeitavam de alguém. Não sabia que tinham detido uma pessoa. Não sei nada de nada.

“As forças policiais continuam a apelar a quem tenha informações relacionadas com o crime. Agora, o desporto...”

Não ouço o que vem a seguir porque estou a preparar-me para o impacto. A casa estava em silêncio até ter ligado o rádio, há 10 minutos, e agora resta-me esperar pela chinfrineira, o ruído dos outros a querer saber tudo o que

acham que eu sei.

O telemóvel vence a corrida, ganha vida em cima da mesa; a seguir vem o fixo, a chamar com insistência do seu lugar ao lado da chaleira elétrica. Tapo os ouvidos para abafar o som do rádio, o toque da minha mãe no telemóvel, para silenciar a mãe do Joel a tentar ligar-me para o telefone fixo.

Tanto ruído é de mais para mim.

8 semanas depois *Daquele Dia* (dezembro de 2011) – Porque é que achas que estão a demorar tanto tempo a apanhar quem cometeu este crime horrível? – pergunta a minha mãe.

– Não sei – respondo, apática. – A polícia está a fazer o melhor que pode.

Deixou-se ficar no sofá enquanto o meu pai foi para o sótão dormir a sesta depois da ceia de Natal. As crianças esconderam-se lá em cima nos quartos.

O Natal não era para ser assim. Tínhamos planeado passá-lo sozinhos para vermos como corria, como reagiríamos em ocasiões importantes.

Apesar de lhes ter explicado isso mesmo, os meus pais (ou melhor, a minha mãe) insistiram em vir. Neste momento, temos de dividir o tempo entre outras pessoas que o conheciam, compartimentá-las em doses moderadas, ou torna-se complicado de mais para nós. Quase esperam que assumamos também a mágoa deles, que reconheçamos que também eles perderam alguém, quando, na verdade, tudo o que nós queremos é concentrar-nos em nós próprios, examinar os nossos sentimentos sem nos preocuparmos com os outros. Com os avós ainda é mais difícil, porque são família e a família vem sempre em primeiro lugar, mesmo que isso implique considerarem que a mágoa deles está acima da nossa. Os pais do Joel foram passar o Natal à Jamaica e levaram a tia Betty com eles. Não quiseram ficar cá este ano, sabendo que não veriam o filho.

– Continuo sem perceber por que razão libertaram aquele homem – diz a minha mãe. – Se pensavam que tinha sido ele, porque o libertaram assim sem

mais nem menos?

– Porque ele pode provar onde estava quando tudo aconteceu. Onde estive durante todo o dia, aliás. Só não lhes disse logo porque estava num sítio onde não devia estar.

– Mas...

– O homem estava inocente, mãe! Está bem? Não foi ele.

A minha mãe eriça-se toda e recosta-se no sofá, empina ligeiramente o queixo e franze os lábios. Melindrei-a. Ela que, em vez de ajudar a preparar a ceia de Natal, se deixou ficar sentada à espera que a servissemos. Que me disse que ainda devia andar de negro, mas não junto ao rosto porque me dá um ar apagado. Que explicou exaustivamente (sabendo que eles a ouviam) porque não devia deixar que os meus filhos fossem tão tarde para a cama, mesmo durante as férias, sabendo ela que, muitas vezes, eles têm medo de ir para a cama porque é a altura do dia em que choram e às vezes simplesmente não querem chorar. Que me disse que devia pensar em passar a aliança para a mão direita porque já não sou casada. Mas isto, levantar um pouco a voz porque, uma vez mais, ela não me está a ouvir, ofendeu-a e deixou-a melindrada. Foi o Joel quem fez com que isto fosse possível. Foi ele que fez com que fosse suportável estar com os meus pais.

– Desculpa – resmungo. Posso dizê-lo porque vai tornar os próximos dois dias da visita deles mais fáceis para todos nós. Posso dizê-lo porque ela não vai voltar a ficar cá em casa. Sem o Joel, não vou permitir que isto volte a acontecer. – Têm sido uns dias complicados. Ando um pouco cansada.

– Tens um ar cansado. E perdeste imenso peso. Não te fica nada bem.

Sorriso.

– Mas tu dizias sempre que eu... Esquece.

Dizias sempre que eu precisava de perder peso, completo eu mentalmente. Fui sempre gorda de mais para o teu gosto, comia sempre de mais, mas, se não limpasse o prato, era uma ingrata que não tinha noção da

quantidade de gente que havia no mundo sem uma migalha para comer. Pensei que ao menos isto te agradasse.

A minha mãe não repara que eu parei a meio da frase, continua a arengar como se nada fosse: – Não pareces nada bem. Precisas de comer. Tens de pôr carne nesses ossos.

– Sim – digo eu. – Provavelmente, tens razão.

Concentro-me na fotografia do Joel e das crianças que está em cima da lareira, adornada com uma coroa natalícia. É do nosso primeiro Natal a quatro. A Phoebe tem 4 anos e o Zane 9 meses. Divertimo-nos imenso todos juntos. Aquela fotografia, o instantâneo de quem nós éramos, está ali desde o nosso primeiro ano novo juntos. Concentro-me na imagem, no que fizemos naquele dia, e abstraio-me de tudo o resto à minha volta.

9 semanas depois *Daquele Dia* (dezembro de 2011) – Mãe? – chama a Phoebe numa vozinha tão sumida, tão frágil, que praticamente não a ouço no meio do caos que ferve dentro de mim.

– Sim? – respondo. Estava a olhar fixamente para a mancha roxa no chão da cozinha com a cabeça apoiada no tampo da mesa, mas, ao ouvi-la, endireito-me como se estivesse a fazer qualquer coisa completamente diferente. A Phoebe não acende a luz ao entrar na divisão.

Pestanejo várias vezes para ajustar a visão e poder olhar para ela com olhos de ver, para aclarar as ideias e encontrar a minha voz. Fiquei sentada à porta do quarto dela até ela parar de chorar e adormecer. Fiz o mesmo com o Zane. Depois, entrei para me certificar de que estavam ambos a dormir, ainda onde deviam estar. O Fynn já tinha passado cá por casa e eu tinha descido há pouco até à cozinha, porque não suportava a ideia de passar outra noite no sótão a organizar papelada e a preencher formulários.

A Phoebe aproxima-se devagar, quase a medo, como uma criança a aproximar-se do cadafalso, uma criança de 12 anos com um grande peso nos ombros. Abro os braços e ela vem ter comigo, deixa-me puxá-la para o colo e

apertá-la contra mim. Cheira a sono e a Phoebe: um misto único de amaciador com aloé vera, hidratante de manteiga de karité, pasta de dentes com aroma de menta e ar puro.

– Tenho de te contar uma coisa – diz ela, sombria. A última vez que me falou naquele tom tinha 7 anos e informou-me que um dia teria de sair de casa e ir viver para outro lado, mas disse-me para não ficar triste porque ia continuar a gostar muito de mim.

– O que foi? – pergunto-lhe. Agora vinha mesmo a calhar uma gargalhada, qualquer coisa que aligeirasse o peso que sinto no peito.

– Por favor – pede ela com um soluço. – Por favor, não te zangues comigo. Por favor.

– Claro que não – digo eu sem pensar. Aperto-a ainda mais contra mim para lhe assegurar que, seja o que for, serei compreensiva. E digo-o porque o meu coração destroçado não suporta vê-la a chorar por outro motivo qualquer, quando já temos tantos motivos para o fazer.

– Sei qualquer coisa sobre o que aconteceu ao pai – afirma ela.

Fico muda, subitamente morta de medo. O que a minha filha está prestes a dizer-me vai mudar a minha relação com ela, eu sei que vai. Vai deixar-nos outra vez de rastos e isso eu não quero. Quase me sinto tentada a pedir-lhe para não me dizer nada. Já chega de desgraças.

– Não contei à polícia porque tive muito medo.

– Fala – incito eu.

Ela abana a cabeça a soluçar de forma aflitiva, sem fôlego.

– Por favor, não te zangues comigo. Não me grites. Não me odeies.

– Está bem – respondo. – Seja o que for, Phoebe, conta-me.

E ela assim faz.

– Vais contar à polícia? – pergunta ela depois.

– Acho que tenho de o fazer – respondo. Sinto a boca seca, a cabeça a mil, tantos pensamentos e decisões a disparar em tantas direções ao mesmo

tempo que nem consigo acompanhá-los. Não consigo fixar um único pensamento durante muito tempo sem que outro venha roubar-lhe o lugar. O ar parece querer fugir-me dos pulmões e, por isso, ainda não consegui respirar como deve ser desde que a minha filha começou a falar. Sinto o coração a gelar perante o conhecimento de quem matou o meu marido. E porquê.

Tenho de contar isto à polícia, claro que tenho.

– Não, mãe, por favor.

– Mas, Phoebe...

– Por favor, mãe, não contes. Por favor, por favor, por favor. – O seu corpo de 12 anos, aninhado no meu colo, estremece com soluços aflitivos. – Por favor. Por favor. Por favor. Tenho medo. Tenho tanto medo.

– Phoebe, não podemos...

– Por favor, mãe. Desculpa, mas por favor, não contes.

– Chhh, chhhhh – digo eu a embalá-la, a tentar quietá-la. Não é justo. Nada disto é justo. – Não falemos agora do assunto. Vai correr tudo bem, eu vou fazer com que tudo se resolva.

10 semanas depois *Daquele Dia* (janeiro de 2012) – Sabe se o seu marido alguma vez recorreu a prostitutas?

Olho para o meu agente mediador durante longos segundos, hesitante, levanto-me e vou fechar a porta da sala. Os miúdos não precisam de ouvir isto. Ninguém precisa de ouvir isto, muito menos a Phoebe e o Zane.

– Não – respondo. Encosto-me à porta, pois preciso da solidez da madeira para me manter direita. Sinto frio e calor ao mesmo tempo, estou trémula. Que está ele prestes a dizer-me? Será que vai afastar o Joel de mim uma vez mais?

O agente encosta-se para trás no assento com um ar constrangido. Baixa a voz, imprimindo-lhe um tom tranquilizador.

– É que encontrámos cabelos compridos e louros na roupa dele,

transferidos à data da morte, mas não temos forma de saber a quem pertencem porque não vinham com a raiz, que contém o ADN. – O tom de voz não combina com o conteúdo do discurso: parece amável e bondoso ao mesmo tempo que lança a acusação para o ar.

– E o que é que vos leva a assumir que se trata de uma prostituta, assim sem mais nem menos? Porque não um caso amoroso, ou uma amiga ou colega de trabalho, porquê uma prostituta? Porque é que estão a fazer-me isto?

– Lamento se o que disse a perturbou, mas temos de seguir todas as linhas de investigação.

– Então, ele teve relações sexuais pouco antes de morrer, é o que está a tentar dizer-me? – pergunto. A sensação de calor e frio simultâneos passa-me do peito para os pés, e dos pés para a cabeça até regressar ao peito.

– Não.

– Descobriram que, provavelmente, tinha estado a beijar alguém?

– Não.

– Que alguém lhe fez sexo oral? – Procuro desesperadamente entender o que pode ter levado este homem a dizer-me uma coisa destas se não havia mais nada para além de cabelos louros na roupa dele.

– Não.

– Que tinha tomado um banho mesmo antes de morrer, talvez para tentar esconder alguma coisa?

– Não.

De repente, tomo consciência de todos os músculos do meu corpo, sinto-os a esticar-se e a contrair-se, cheios de adrenalina, como pilotos num circuito de Fórmula Um. Como não continuo, ele diz: – Falou num possível caso amoroso. Acha que o seu marido pode ter tido uma ligação com outra mulher?

– Não, só estava a... Você sabe o que eu quis dizer. E, seja como for,

vocês já não saberiam pelos registos telefónicos se ele ligava para algum número em especial?

– Os homens que mantêm ligações extraconjugais ou uma vida secreta que envolva drogas, prostitutas, gangues e afins recorrem frequentemente a um segundo telemóvel.

– Ai sim? Não fazia ideia.

– Não seria inteiramente insólito que não estivesse ao corrente dos movimentos do seu marido. Quisemos perguntar-lhe para o caso de...

– Não pensem que vão revistar a minha casa à procura de outro telemóvel – declaro.

– Sra. Mack-el-roy...

– Como lhe disse, seria de supor que tivessem encontrado outros indícios: prostitutas que o tivessem reconhecido, contas bancárias secretas, talvez até passadores de droga que... Deixe-me adivinhar, vocês já falaram com todas essas pessoas e ninguém tinha sequer a vaga ideia de o ter visto, não foi assim?

O agente mediador não diz nada, porque não quer ter de voltar a admitir que a resposta é não. Porque, por qualquer razão, agora sou eu quem está à frente do interrogatório. Observamo-nos mutuamente, um em cada extremo da sala: eu, no papel de investigadora, ele, no de potencial criminoso.

Nos segundos que passam em silêncio, percebo com uma certeza que ainda não tinha tido desde que esta provação começou que não lhes posso contar o que a Phoebe me confidenciou. Agora dou-lhe razão por recear que não compreendessem. *Claro* que iriam distorcer a verdade, manchar o nome do Joel. Não de forma intencional, como é óbvio, mas simplesmente para “cobrir todos os ângulos”, sem se darem conta do mal que fariam às pessoas que o amavam. E seria péssimo para a Phoebe, falarem-lhe nestes termos. Começarem a fazer-lhe perguntas dando a entender que o Joel não era quem parecia ser. Não posso protegê-la se começam a fazer-lhe insinuações deste

gênero.

– Peço-lhes que não voltem a vir cá a casa – digo eu, calma e controlada apesar da adrenalina que me agita o peito. – Não posso continuar a responder às vossas perguntas, porque vocês não estão a levar isto a sério.

– Estamos a levar o caso muito a sério – protesta ele.

– Está bem, então deixe-me colocar o assunto nestes termos: o meu marido não consumia drogas, experimentou uma vez na adolescência e detestou. Não recorria a prostitutas, nem frequentava clubes de *strip*, independentemente do que os amigos faziam, porque sabia pensar por si próprio e detestava esses lugares. Ocasionalmente, bebia de mais, mas não mais do que outra pessoa qualquer. Não jogava. Não dormia com outras mulheres. Não fazia parte de nenhum gangue. Só apanhou uma única multa de estacionamento em toda a vida dele. Tinha as contas em dia, pagava os impostos, visitava os pais e a tia idosa, pelo menos, uma vez por mês. Por vezes, transmitia aos outros a impressão errada porque era tão genuíno e tão afável que nem se dava conta de que pensavam que ele estava no engate. É tudo o que posso dizer-lhe. Não venham mais cá a casa. Se me aparecerem cá, não vos deixo entrar nem falo convosco.

Afasto-me para o lado e abro a porta da sala.

– Faça o favor de sair.

– Sra. Mack-el-roy, eu sou o seu agente mediador, estou aqui para a ajudar. Lamento que isto a tenha deixado tão transtornada, mas só queremos chegar à verdade.

– É Mack-le-roy. E faça-me um favor e vá embora. Vá embora e deixe-nos em paz.

IX

A carta continua em cima da mesa da cozinha, plácida e mortífera.

Inspiro até não poder mais e o meu corpo move-se. Já não estou presa no passado, estou no presente e consigo mexer-me.

Dou um passo atrás. Outro. E mais outro. Recuo até dar por mim no outro extremo da divisão, com a solidez de uma parede atrás de mim. Posso encostar-me a ela, sentir a frescura do reboco pintado, um lembrete muito bem-vindo de que regressei ao presente. Deixo-me escorregar até ao chão sem tirar os olhos da carta.

Se voltar a tocar-lhe, se continuar a ler aquelas palavras, vou acabar lá outra vez. Terei de voltar a reviver aqueles momentos, voltar a sentir como era ser *ela*.

Neste momento, sou a mulher cujo marido foi assassinado, a mulher que todos pensam estar a “superar a dor” e a “seguir em frente”. Se ler a carta, porém, se lhe tocar sequer, voltarei a ser ela, a mulher presa no ato de deixar cair uma taça de amoras enquanto lhe dizem vezes e vezes sem conta que a vida dela chegou ao fim.

Terça-feira, 16 de abril

(Entregue na quarta-feira, dia 17)

Cara Saffron,

Não sei bem como começar esta carta, porque desconfio que provavelmente sabe quem eu sou, embora nunca nos tenhamos conhecido. Também sinto que a conheço. Conheci o Joel, o seu marido. Era meu amigo. É por isso que o que vou dizer a seguir pode chocá-la e espero que esteja sentada ao ler isto.

Quero que saiba que não o matei.

Não foi nada do que dizem.

Um homicídio implica premeditação, mas eu não planeei nada. Aconteceu. Foi tudo tão rápido e tão chocante para mim como foi para ele. O Joel era meu amigo e não pude deixar de sentir a dor que ele sentiu.

Estou a dizer-lhe isto agora, 18 meses depois, porque é algo que me persegue constantemente. Penso no que aconteceu todos os dias e quero partilhá-lo com a única pessoa que talvez possa compreender-me. Além disso, penso que a Saffron merece saber como tudo realmente se passou, nada como o que descreveram nos noticiários nem como a polícia provavelmente lhe contou. Não foi um ato malicioso e cruel, nada disso. Eu não queria que ele sofresse e ninguém pode sentir-se tão traumatizado como eu me senti quando tive de o abandonar na beira da estrada. Não o deixei lá simplesmente para me livrar dele, como disseram nos noticiários e nos jornais. Não tive alternativa senão deixá-lo lá. Até ele entendeu que tinha de ser assim. Não creio que, se tivesse sobrevivido, me odiasse pelo que aconteceu.

É triste pensar que, provavelmente, já terá recebido outras cartas como esta, de pessoas que alegam tê-lo assassinado a dizer-lhe estas coisas terríveis. Como pode a Saffron saber se esta carta não passa de outra intrujice, ou se é autêntica? Posso assegurar-lhe que isto é do mais genuíno que há.

Ninguém mencionou este facto nos jornais ou nos noticiários, nem mesmo durante o depoimento do médico legista, mas o Joel morreu com o telemóvel perto dele. Não com ele, mas fora de alcance. Mas tinha uma mensagem para si que não chegou a ser enviada e que dizia: “Amo-vos muito”.

Julgo que ele estava a tentar enviar-lha mas não conseguiu fazê-lo antes de morrer. Espero que tenha noção de que isto é uma comunicação genuína de alguém que esteve no local.

Escrevo-lhe esta carta na esperança de que possa trazer-lhe algum consolo. Espero que saiba que não foi como as aparências levam a crer. Não foi um assassinio premeditado com malícia, apenas um mal-entendido entre amigos com consequências lamentáveis.

Éramos bons amigos, gostávamos muito um do outro. Lamento que tudo tenha terminado de forma tão trágica.

Por favor, cuide bem dos vossos filhos maravilhosos. A vida é curta e preciosa, e sempre que possível devemos aproveitar ao máximo todos os momentos que temos com as pessoas que amamos.

Atentamente,

A

PARTE IV

X

Hoje, *O* professor Bromsgrove está sentado.

Levanta-se quando entramos e aperta-me a mão com firmeza, formal, quase como se nunca nos tivéssemos encontrado antes. Quando afasto a mão admito para mim própria que esta é outra daquelas situações em que não sei como ser, como agir.

“Sê tu própria,” dizia-me o Joel quando me via constrangida com alguma coisa.

Isso é fácil quando sabemos quem somos, respondia eu mentalmente.

“És uma pessoa extraordinária,” acrescentava ele, porque às vezes, só às vezes, conseguia ler-me o pensamento. Era capaz de olhar para mim e saber precisamente o que dizer para me fazer acreditar em mim própria.

Sê tu própria.

Quem sou eu neste momento? Ah, sim, uma viúva com uma filha adolescente grávida. Uma daquelas mães despistadas que toda a gente condena.

Após a troca de cumprimentos, sentamo-nos nos nossos lugares. Desta vez, a Phoebe fica mais perto de mim, não por escolha própria, como é óbvio. Esta manhã não disse uma palavra. Resmungou-me quando lhe perguntei ao pequeno-almoço se não ia comer nada; grunhiu ao irmão quando este lhe perguntou se ia voltar às aulas esta semana; encolheu os ombros à tia Betty quando esta quis saber se ela usava sempre aqueles carrapitos quando ia para a escola. A única comunicação verbal que houve ocorreu entre ela e o telemóvel. Sabe perfeitamente que não deve usar o telemóvel à mesa, e sentime tentada a tirar-lho, mas decidi não o fazer. Preciso da colaboração dela. Se queremos arranjar uma forma de resolver este assunto, não posso aliená-la.

Sobretudo desde que recebi a malfadada carta. Só li parte, mas o que li diz-me que, neste momento, não posso alienar a Phoebe. Tal como eu, ela corre perigo.

– Muito gosto em vê-la, Sra. Mackleroy – diz o diretor da escola, afugentando as folhas A4 de papel creme e trazendo-me de volta ao presente e ao seu gabinete moderno e cheio de luz. Deito um olhar às letras negras gravadas na placa de bronze em cima da secretária, algo em que não tinha reparado no outro dia. Ou talvez tenha, porque o nome, Newton, não me é, de todo, estranho. Simplesmente não lhe prestei atenção, ocupada de mais a receber um dos maiores choques da minha vida, imagino.

O Sr. Newton estará a mentir se pretende convencer-se a si próprio, a mim, ou qualquer outra pessoa de que não é completamente desastroso estar a ter esta conversa com uma mãe. Estou certa de que já teve esta conversa antes, mas isso não a torna mais fácil. Já tive muitas, muitas vezes a conversa sobre a morte do meu marido, quem o terá matado, sobre o porquê de a polícia nunca ter descoberto o assassino, mas nunca se tornou mais fácil. Estudo o rosto enrugado do homem em plena crise de meia-idade que tenho à minha frente e pergunto-me se, tal como eu, não considerará estas conversas cada vez mais difíceis.

– E tu, Phoebe, como tens passado? – É meigo e bondoso ao falar com ela, o que só reforça os modos secos e ásperos com que se dirige a mim. E porque não havia ele de me tratar assim quando eu sou a mulher de quem a filha tinha tanto medo que não foi capaz de lhe dizer que estava grávida, e que não preveniu esta situação logo à partida? É a mim que eles culpam, era inevitável que assim fosse. E, provavelmente, têm estado a imaginar a que horrores submeti a Phoebe desde a última vez que aqui estive.

O meu instinto é dizer-lhe que nunca faria mal à minha filha. Explicar-lhe que, embora não saiba por que motivo não pôde ser ela própria a contar-me que estava grávida, não foi por medo de que eu lhe fizesse mal. Nunca lhe fiz

mal, nem mesmo quando se comportou de forma deplorável no passado.

– Bem, obrigada – diz a Phoebe, provando ser capaz de falar educadamente com outras pessoas.

– Ótimo, ótimo – responde o Sr. Newton, lançando ao professor Bromsgrove um olhar não muito subtil. *Ótimo, ótimo, a mãe não lhe bateu*, deve estar ele a pensar para o colega. *Pelo menos, não se veem nódoas negras*. – Bom, pode dizer-me que decisões tomou no que concerne à... à situação da Phoebe? – pergunta ele, novamente concentrado em mim e já sem sombra de benevolência.

Viro a cabeça para a minha filha.

– Já tomaste alguma decisão, Phoebe? – pergunto-lhe.

Todos os olhos se fixam nela e, em resposta, ela baixa a cabeça em silêncio e põe-se a fitar os próprios pés.

– Como é compreensível, a Phoebe não se tem mostrado muito disposta a discutir o assunto comigo desde que fiquei a saber – confesso. – Acho que ainda está em choque, a pesar as opções. Fomos a uma consulta médica na quarta-feira e, provavelmente, vamos ter outra na semana que vem. Com certeza, nessa altura, já estaremos em melhor posição para decidir como proceder a seguir.

O professor Bromsgrove e o Sr. Newton olham para mim como se me tivesse crescido mais uma ou duas cabeças. Claramente, fiz qualquer coisa que não devia ter feito. Se calhar, devia ter tomado as rédeas da situação, decidido unilateralmente o que fazer a seguir, ou talvez tenha sido dura de mais com ela ao obrigá-la a ir à consulta da médica, ou se calhar (vá-se lá saber), nada do que eu faça vai satisfazer estes dois. Talvez, tratando-se de mim, encontrar-me nesta situação signifique que estou sempre errada. Quando ouvia a expressão “Uma mãe nunca tem razão” costumava sorrir, apreendendo vagamente o sentimento por trás dela. Nunca me dei conta, então, de que iria senti-lo na carne; que outras pessoas, parafraseando, diriam:

“A Saffron Mackleroy nunca tem razão”.

Ouve-se bater à porta ao mesmo tempo que o Sr. Newton solta um dos seus “*Aham!*” para aclarar a garganta e, por uns momentos, perguntamo-nos se terá sido ele a produzir aquele ruído. A seguir, torna a ouvir-se: *Toc-toc-toc!*

O Sr. Newton olha para a porta de sobrolho carregado, espantado com a interrupção.

– Sim? – chama ele.

A Sra. Taylor, a secretária dele, abre a porta e espreita para o interior, bloqueando propositadamente a abertura com a sua figura esguia. Tem a atitude de alguém que tenta ocultar algo que está lá fora de quem se encontra no gabinete.

– Eh... Professor Bromsgrove, posso dar-lhe uma palavrinha cá fora? – diz ela, nervosa. Não para de se mexer, a esconder qualquer coisa da nossa vista, ou melhor, a impedir alguém de ver para dentro do gabinete. Perplexo, *O* professor Bromsgrove replica: – Não é nada boa altura, Sra. Taylor, estamos a meio de uma re...

– Pai! – chama a voz de um rapaz por trás da secretária quando ouve *O* professor Bromsgrove a falar. – Preciso de falar contigo.

O professor Bromsgrove levanta-se, a pingar de vergonha como um homem que acabou de correr uma maratona de quatro horas num dia quente de verão pinga de suor.

– Curtis? – questiona ele.

O Sr. Newton atira-se para trás na cadeira, a irritação e o desdém patentes no rosto ainda há pouco tão murcho. *Estou rodeado de amadores*, pensa ele com um olhar de reprovação nada subtil na minha direção.

Resignada, mas claramente descontente, a Sra. Taylor afasta-se para o lado para conceder ao rapaz entrada no santuário do diretor, e eis que vemos entrar um jovem alto e impecável no seu uniforme escolar, com o cabelo bem

aparado, pele cor de avelã e olhos grandes, cheios de curiosidade. Tirando o tom de pele mais claro e a ausência dos óculos de hastes douradas, é praticamente uma réplica em miniatura d'O professor Bromsgrove, até no andar e na expressão determinada com que varre o gabinete para ver o que se passa.

Agora que conseguiu entrar, o rapaz, o Curtis, ignora os adultos e dirige-se ao que o trouxe ali: a Phoebe. Entreolham-se e o horror toma conta do rosto e dos olhos dela, da sua postura. Abana a cabeça com veemência.

– Vou fazê-lo – afirma ele. – Não quero saber.

– Não – responde a Phoebe. – Não, para.

Quem os ouvisse julgaria que estavam sozinhos a ter esta íntima e enigmática conversa.

– *Sim* – declara ele. Está a mudar de voz, mas ainda não possui o tom e os cambiantes da maturidade que vêm com a experiência do mundo. É alto, mas não possui o porte de um homem adulto. É bonito, mas de uma forma juvenil que se irá desenvolver com o tempo.

Observo-o com a minha filha, acompanho a conversa verbal e a não verbal. A linguagem corporal deles revela uma certa proximidade, o tipo de familiaridade que nos permite tocar o outro sem lhe tocar fisicamente.

– *Não! Acaba lá com isso!* – insiste a Phoebe.

Ele está de joelhos agora, agachado à beira dela, a olhá-la nos olhos na tentativa de lhe comunicar qualquer coisa.

– Perdão, jovem Bromsgrove, não quer explicar-me o que faz aqui?

– Sim, Curtis, o que é que pensas que estás a fazer? – diz O professor Bromsgrove.

Olho para os dois homens.

– Será que ainda não perceberam? – pergunto, porque ninguém pode ser assim tão despistado. Os dois rostos masculinos, ainda há poucos minutos tão carregados de reprovação e desprezo, rodam na minha direção, baralhados.

– Pois bem – digo eu, perplexa com a atitude deles. – Este jovem, o Curtis, é o responsável pela “situação” da Phoebe, como o Sr. lhe chamou.

Se eu não soubesse como é horrível estar numa situação destas, se não conhecesse o choque, o medo e a sensação de náusea, poderia sentir uma ponta de *Schadenfreude*, um certo prazer ante o infortúnio de outros, a correr-me nas veias quando vejo a cara d’O professor Bromsgrove ao ouvir aquilo. Contudo, não retiro qualquer prazer deste momento. Ninguém precisa de descobrir que, por mais que se tenha esforçado, fracassou com os filhos.

– É verdade? – pergunta ele, não sei se à Phoebe, se ao filho, mas a minha filha baixa a cabeça com lágrimas nos olhos. O jovem Bromsgrove levanta-se para encarar o pai, adotando a postura de um pugilista prestes a enfrentar o seu maior rival.

– Sim, pai, é verdade – responde ele.

E, por uns instantes, sinto ganas de me levantar e esmurrar o estúpido do rapaz até o deixar inconsciente.

XI

Já fora dos portões da escola, encosto-me ao carro e tento centrar-me.

Quando digo “centrar-me”, refiro-me a tirar uns momentos para deixar de tremer, para impedir a minha mente de voltar às palavras daquela carta que me forçam a reviver uma e outra vez os acontecimentos de há 18 meses.

A Phoebe foi à aula, pois insistiu em ficar na escola. O Curtis, um ano à frente dela, também está nas aulas. Depois da revelação, o gabinete explodiu num pandemónio surdo: o Sr. Newton escorraçou o professor Bromsgrove para o meu lado da secretária com olhares severos, para que fosse para junto do filho. (Obviamente foi destituído do artigo que o destacava e despromovido de quebra-corações, de “o tipo fixe em quem os adolescentes confiam”, para o estatuto de pai incompetente, igual a todos os outros.) A Phoebe esteve um bocado a chorar baixinho, mas o suficiente para o Curtis cair novamente de joelhos e lhe passar um braço desajeitado em redor dos ombros, encostando a cabeça à dela enquanto lhe sussurrava que ia ficar tudo bem. O professor Bromsgrove, diminuído sem o seu *O* maiúsculo, deixou-se ficar junto deles, confundido e sem saber o que fazer. Observei-os a todos como me observei a mim própria ontem à noite a reviver as semanas e os meses depois de ter perdido o Joel: presente, mas sem um papel ativo nos acontecimentos. Às vezes, tenho a sensação de que ninguém daria pela minha falta se, de um momento para o outro, desaparecesse da face da Terra.

Exceto o Kevin. Esse sim, notaria a minha ausência. Já estou a imaginá-lo, sentado no seu cubículo com paredes de vidro a olhar para o relógio que instalou à direita da minha secretária, a contar a passagem dos segundos em que não estou lá.

Queria trazer a Phoebe para casa comigo, enroscar-me com ela para conversarmos sobre o tal Curtis e voltar a perguntar-lhe o que sente por ele,

voltar a perguntar-lhe se já faz alguma ideia do que pretende fazer, mas ela não quis. O que ela quer é voltar ao normal, ficar na escola, longe de mim.

– Sra. Mackleroy! – chama o professor Bromsgrove dos portões da escola. Paro ao abrir a porta do carro e espero que ele se aproxime.

– Tinha esperança de ainda a apanhar – diz ele. Está um pouco ofegante, porque deve ter vindo a correr de onde quer que estava no labirinto que é a escola. Como é compreensível, nem ele nem o Sr. Newton se ofereceram para me acompanhar até à saída. Deixaram-me levar a Phoebe mais ou menos na direção da sala de aula e, provavelmente, desejaram que desaparecesse da face da Terra. – Se estivesse no seu lugar, acho que também não ia conseguir pegar simplesmente no carro e ir embora.

Lança-me um sorriso que faria desfalecer dezenas de outras mães. Não se pode negar que é atraente. Não lhe digo nada porque é a primeira vez que se digna a tratar-me com sorrisos e modos agradáveis desde que tudo isto começou.

Desconcertado pela minha ausência de reação, o professor Bromsgrove tenta novamente:

– Gostaria de sair para beber qualquer coisa e falarmos sobre esta situação?

– Nem por isso, não.

Ele pestaneja, surpreendido. Obviamente, não era a resposta que esperava de uma mãe tão incompetente como eu. Se calhar, devia sentir-me grata por ele querer falar comigo de todo e desesperada por desabafar com ele. O professor Bromsgrove varre o espanto para trás de uma expressão grave.

– Pois bem, então deixe-me pôr as coisas nestes termos: gostaria de falar consigo sobre o facto de não só os nossos filhos terem tido relações sexuais, como potencialmente terem concebido o nosso neto, e sobre as implicações que isso poderá ter para ambas as famílias. Gostaria de o fazer fora do ambiente escolar. Quer ter a amabilidade de se encontrar comigo amanhã às

oito e meia no The Cuthbert, que fica perto da sua casa, creio eu?

– Está bem, então – digo eu. A Phoebe fala com ele, fala com o filho dele, pode ser que me ajude falar também com ele, tentar descobrir o que ela pensa. – Já que pediu com tanto jeitinho.

– Às oito e meia, então.

Assinto com um aceno de cabeça, entro no carro e arranco sem me despedir. O professor Bromsgrove não disfarça o espanto enquanto me afasto. Provavelmente porque a aparência dele lhe permite tratar quase toda a gente como bem lhe apetece. E, se decide agradar a determinada pessoa, ou desprezá-la, provavelmente esta resigna-se, permite-lhe ditar os termos da interação porque... bem, porque ele é atraente e seguro de si. Mas eu não sou como quase toda a gente.

Enquanto navego as ruas de Hove em direção a Brighton, vou remoendo dois pormenores que me chamaram a atenção, como uma lagarta a mordiscar duas folhas sem conseguir decidir-se com qual das duas ficar: as palavras iniciais da carta e a forma desajeitada como o Curtis passou o braço em redor dos ombros da Phoebe – quase como se mal lhe tivesse tocado antes.

XII

Rezo para que o Kevin esteja numa reunião ao sair do elevador no trabalho.

Entro de fininho no escritório e, ao dirigir-me à minha secretária, arrisco um olhar na direção do gabinete com paredes de vidro que ele ocupa do lado oposto do piso. Não está lá. Agradeço aos céus esta pequena bênção. As respostas dele às minhas chamadas a informar que não vou trabalhar ou que vou chegar mais tarde têm sido decididamente gélidas. Cheguei a ser o braço direito dele, a Diretora Assistente de Operações, na nossa empresa de estratégias de negócio, a pessoa a quem ele confiava o seu trabalho quando não podia estar presente. E agora pensa em mim como alguém a quem pode dizer...

– Que surpresa tão agradável, Saffron. Não tinha a certeza se virias hoje ou não.

Continuo a ação de pousar o portátil e a mala em cima da secretária, fecho os olhos e conto até 10, desejando estar noutro sítio qualquer.

4 meses depois *Daquele Dia* (fevereiro de 2012) – Saffron, quisemos reunir-nos hoje para fazer o ponto da situação e saber como vai o trabalho – disse o Gideon, o Diretor Executivo e Presidente da Houlsdon Business Solutions.

Podia até andar letárgica e abstraída depois de ter perdido o Joel, mas percebi logo o que estava a acontecer: ao fim do dia, quando estava prestes a desligar o computador para ir a correr buscar o Zane e a Phoebe a casa da Imogen, “convidam-me”, via e-mail, a comparecer no gabinete do Diretor (tudo muito oficial) para uma “conversa informal”. Além do Gideon, só lá estavam o Kevin, o meu chefe, e a Sra. Piller, a Diretora dos Recursos Humanos. Quando cheguei ao gabinete apainelado, sentaram-me na cadeira

mais acanhada da divisão. A funcionária dos Recursos Humanos posicionou-se na sua ampla poltrona ao lado da porta, portanto não estava “oficialmente” presente. O Kevin, que normalmente se sentaria ao meu lado, estava do outro lado da secretária à direita do Gideon. Um olhar rápido à expressão condoída de cada um disse-me que se preparavam para me pôr no olho da rua. E que, além disso, iam fazê-lo de modo a levar-me a concordar que era o *único* caminho possível, o que implicava receber uma indemnização insignificante e sentir-me demasiadamente humilhada para pensar sequer em processar a empresa por demissão sem justa causa.

– Não será mais importante a vossa opinião sobre o meu trabalho? – repliquei. Não estava com disposição para jogos. Se queriam despedir-me, teriam de o fazer da forma tradicional: não iam conseguir manipular-me, convencer-me a “pedir demissão”.

Prestativa, baixei a cabeça para lhes permitir decidir visualmente quem faria o que tinha de ser feito. Era óbvio que o embuste tinha caído por terra: pensavam apanhar-me ainda tão oprimida pelo luto que, de bom grado, me deixaria cair sobre a lâmina da minha própria espada de vergonha por ter deixado de superar os objetivos da empresa.

– Sabemos como os últimos meses têm sido *difíceis* para si – disse o Gideon, escolhendo cuidadosamente as palavras e o tom apropriado. – Tem sido um ato de grande coragem continuar a vir trabalhar todos os dias em circunstâncias tão... *difíceis*... Achamos simplesmente, depois de rever o seu trabalho nos últimos tempos, que...

O discurso complacente interrompeu-se quando o olhei diretamente nos olhos. É fácil despedir uma pessoa que não está a olhar para nós, é fácil discorrer sobre as suas limitações e as suas falhas quando está cabisbaixa, mas apenas um filho da mãe sem escrúpulos deixa de hesitar se uma viúva o olha nos olhos quando ele está prestes a lançá-la, juntamente com os seus filhos, no fogo da ruína financeira. O Gideon não era um filho da mãe sem

escrúpulos, era simplesmente um homem de negócios que queria continuar a obter de mim os mesmos resultados dos últimos sete anos, que eu continuasse a trabalhar o dobro das horas definidas no contrato pelo mesmo salário para que ele pudesse continuar a atingir os lucros projetados e manter os acionistas satisfeitos.

– Isto não é fácil para mim, a Saffron sempre foi uma funcionária exemplar, mas... – *Mas nós não somos uma obra de caridade. Mas não podemos obter lucros se não continuar a dar à empresa todas aquelas horas extraordinárias. Mas não podemos continuar a subscrever a sua incapacidade de superar a perda.*

– Estou disposta a aceitar uma despromoção – disse eu no intervalo entre as palavras dele. Não ia ajudá-los a pôr-me no olho da rua, mas precisava de um emprego. Nunca conseguiria arranjar outro quando a maior parte das vezes mal conseguia antecipar o fim das frases no momento em que me saíam da boca. E que diria eu quando um potencial empregador me perguntasse por que motivo deixara o emprego anterior? *“O meu marido foi assassinado e, como deixei de poder dar à empresa a quantidade ridícula de horas extraordinárias que fazia todos os dias, puseram-me no olho da rua.”* Qualquer outro emprego exigiria as mesmas horas, também não iriam querer “andar comigo às costas”. E que poderia eu dizer quando me perguntassem quem tinha matado o Joel e porquê? *“A questão é que eu sei quem foi, e julgo saber porquê, mas não posso contar à polícia. A única coisa que lhe posso dizer é que ele ficou a esvair-se em sangue sozinho na beira de uma estrada em Hove e que eu deixei cair uma taça de amoras quando soube.”*

– Estou disposta a aceitar uma despromoção – repito eu no vácuo de som no gabinete. – Certamente, já tem alguém em mente para ocupar o meu lugar.

Nesse preciso momento o Kevin corou profundamente, confirmando que tinha andado a trabalhar incansavelmente para me entalar.

– Podia ajudar na transição e estaria por perto caso fosse necessário

explicar o funcionamento da empresa. Além disso, duvido que encontre alguém tão experiente como eu disposto a descer um ou dois degraus na empresa por um salário mais baixo. – Silêncio geral. – Sem hipótese de promoção – acrescentei, para deixar bem claro que não ficaria na esperança de recuperar o meu antigo posto, porque Deus me livre de pedir algum tempo para voltar à força máxima. Deus me livre de, ao fim de sete anos a trabalhar para a empresa, depois de ter angariado e retido mais de 20 por cento das novas contas, as mais importantes, esperar que me dessem uma colher de chá.

– Tem a certeza? – perguntou o Gideon.

– Tenho de dar de comer aos meus filhos – respondi.

Fitou-me do outro lado da secretária. Sei que me entendia. Tinha uma esposa, filhos, entendia que eu faria qualquer coisa para manter o meu emprego quando era a única pessoa com quem eles podiam contar. Tanto entendia que evitou olhar diretamente para mim durante o resto da reunião enquanto “negociávamos” os termos da minha degradação. Perdão, da minha despromoção.

– Kevin.

Os funcionários na mesma fila de secretárias que eu mantêm-se de cabeça baixa, pegam no telefone ou concentram-se intensamente no ecrã do computador. Longe vai o tempo em que éramos amigos. Outrora, fui chefe deles, aquela a quem recorriam para quase tudo, porque nunca teriam coragem de se aproximar do Kevin, mas agora não passo de uma reles subalterna como eles. E também sou aquela mulher estranha cujo marido foi assassinado e a funcionária com quem o Kevin passa o tempo todo a implicar. Sentem-se gratos por isso porque, se não fosse eu, seriam eles. De certo modo, continuo a ser o tampão entre eles e o Kevin, como acontecia quando era o braço direito dele.

Consigo forçar qualquer coisa parecida com um sorriso contrito, humilde, quando finalmente encaro o meu chefe. A minha vida está a desabar sobre si

própria, mas consegui completar todo o trabalho que tinha para esta semana, preparar os relatórios de três projetos em curso e duas campanhas de angariação para encorajar empresas a recorrer aos nossos serviços para organizar as suas estratégias de marketing e vendas, apesar de todos os problemas que tenho tido. Contudo, como não tenho estado sentada à secretária enquanto faço estas coisas, o Kevin sente-se no direito de me tratar desta maneira.

– Lamento os últimos dias, Kevin – digo eu. – Esta semana tive vários problemas de família, mas as coisas já regressaram ao normal. Estou de volta à secretária. – Puxo a cadeira para me sentar. – Pronta para o trabalho.

– Espero que isto não se torne um hábito – observa ele. – Todos temos famílias, Saffron, mas a maior parte de nós não deixa que isso interfira com o nosso trabalho.

Claro que não, se temos uma parceira em casa que faz tudo enquanto nos pavoneamos pelo escritório armados em estrelas. Só depois da morte do Joel e de o Kevin me ter passado a perna devido à minha quebra de produtividade é que comecei a vê-lo com olhos de ver, que percebi quem ele realmente era: um fuinha arrogante que podia trabalhar quantas horas quisesse porque tinha em casa quem tratasse das tarefas que ele nunca se rebaixaria a fazer.

Eu e o Joel dividíamos sempre o trabalho doméstico, planeávamos cuidadosamente a nossa rotina diária de modo a que houvesse sempre um de nós para fazer o jantar, supervisionar os trabalhos de casa, meter os miúdos na cama, cuidar de um filho doente, ouvir os desabafos deles. Agora que sou só eu, por mais que corra, fico sempre aquém: tive de aceitar uma despromoção, mal tenho tempo para conversar com o meu filho e a minha filha está grávida.

3 anos antes *Daquele Dia* (abril de 2008) – A madame acompanha-me numa taça de champanhe à beira-mar?

Ao regressar da casa de banho fui dar com o meu marido recostado em

cima da minha secretária com duas taças de champanhe e uma dispendiosa garrafa de *Veuve Clicquot Reserva* ao lado.

– Como é que conseguiste passar pela segurança? – quis eu saber.

– Sou o Joel Mackleroy, tens mesmo de me perguntar isso?

– Ah, sim, o descaramento de um babuíno e o encanto de um cisne.

– E então, que me dizes?

– Onde estão os miúdos?

– Com o Fynn, para podermos ir festejar o nosso aniversário na praia.

Senti uma onda de pânico a invadir-me e franzi o sobrolho. Andava tão embrenhada no trabalho ultimamente. Será que me tinha esquecido de algum dia importante?

– Aniversário, que aniversário? – perguntei.

– Que aniversário? – zombou ele. – Nem acredito que te esqueceste. O aniversário da nossa primeira...

– Joel Mackleroy, bons olhos o vejam – interrompeu o Kevin. Aproximou-se de nós de mão estendida. O Joel desceu da secretária e apertou-lhe a mão. – O que faz por cá?

– Vim tirar a minha mulher daqui.

O Kevin continuou a segurar a mão do Joel na dele, porque era o que fazia sempre com homens mais altos e mais atraentes do que ele. Era a maneira dele de tentar transferir essas qualidades para si próprio.

– Não o censuro por querer afastá-la do escritório. Estou sempre a dizer-lhe que não devia trabalhar tanto.

– Não estás nada, Kevin – retruquei eu com uma gargalhada.

– Bom, talvez não, mas é o que penso. – Tornou a virar-se para o Joel, indicando o champanhe e as taças com um gesto de cabeça. – Alguma ocasião especial?

– Um aniversário.

– Ah, julguei que o aniversário do vosso casamento era em setembro,

não?

– É outro aniversário – disse o Joel, e ergueu uma sobrancelha ao meu chefe. Em resposta a cara de fuinha do Kevin transformou-se numa bola lívida de embaraço.

– Ah, eh, certo. Então deixo-vos.

– És tão mau – sussurrei eu ao Joel quando ficámos sozinhos.

– Às vezes, é a única forma de lidar com pessoas como ele.

No presente, volto a encarar o Kevin.

– Sim, eu sei que os outros não deixam que a família interfira com o trabalho – digo eu no tipo de tom que o Joel usaria. Não quero que a conversa degenera, não quero sentir-me tentada a mandar o Kevin àquela parte quando preciso tanto de manter o meu emprego. – Lamento imenso aquilo de ontem e de terça-feira. Recebeste o que te enviei?

– Sim – responde ele com azedume.

– Viste alguma coisa errada? – pergunto eu.

– Não. Simplesmente teria sido mais fácil ter-te cá para revermos tudo.

Não lhe respondo. Em vez disso, sento-me e ligo o computador, decido arejar as ideias concentrando-me no trabalho. Aperto os lábios enquanto espero que o computador inicie. Apetece-me dizer imensa coisa ao Kevin.

Desde segunda-feira, dia em que fui violentamente arrancada da concha de letargia em que vivi nos últimos 18 meses, desde que percebi que a forma como tenho levado a minha existência não funciona, comecei a renovar o meu contacto com o mundo. A letargia está a desvanecer-se de forma rápida e dolorosa. A pessoa que eu sou está a voltar. E essa pessoa é alguém que, normalmente, não hesitaria em pôr uma pessoa como o Kevin no seu devido lugar. Sinto ganas de lhe dizer que, depois da forma como costumava apajear o Joel, não reconhecer o que aconteceu (nem mesmo com um “lamento muito” de circunstância) faz dele um ser desprezível. Não ter em conta todo o meu trabalho duro, mas, em vez disso, tramar-me quando ainda não tinha

recuperado do choque da perda, faz dele um traste. Continuar a tecer comentários destes, 18 meses depois, faz dele um filho da mãe. Tenho tudo isto a queimar-me a ponta da língua e ele está mesmo a pedi-las.

– Conto com os ficheiros Ibbitson e Howell em cima da minha secretária hoje antes de saíres – diz ele.

Respondo-lhe com um aceno, de costas voltadas para ele, incapaz de falar. Se abrir a boca não poderei travar a torrente de azedume que sinto em relação a ele. Finalmente, ele afasta-se e os meus ombros querem relaxar, soltar-se um pouco para eu poder descontraí-me ligeiramente na cadeira. Mas não sou capaz. Não quando o Kevin me trouxe inadvertidamente à memória uma das linhas da carta: *Quero que saiba que não o matei.*

XIII

5 anos antes *Daquele Dia* (maio de 2006)

- Achas que ias aguentar-te se me acontecesse qualquer coisa terrível?
- Tinha de ser, toda a gente tem de se aguentar, mas ia ficar muito, muito triste.
- Eu também.
- Mas não podia andar sempre a chorar pelos cantos.
- *O quê?* Com que então já decidiste com quem é que vais refazer a tua vida, é isso?
- Hã? Eu disse que não ia passar a vida a chorar pelos cantos, não que ia refazer a minha vida com outra pessoa.
- Por que motivo não havias tu de seguir em frente, se não tencionas andar a chorar pelos cantos? Eu sabia que não ias precisar de muito tempo para encontrar outra pessoa. Não podes substituir-me assim sem mais nem menos, sabes? Sou insubstituível.
- Eu não vou substituir-te. Quem poderia tomar o teu lugar? Tens uma loucura muito especial. Quer dizer, és insubstituível, como tu próprio disseste.
- Estás *proibida* de me substituir. Quero que sintas a minha falta para sempre. Mesmo que conheças outra pessoa, tem de ser anos e anos e anos mais tarde. E mesmo nessa altura, não podes gostar mais dele do que gostaste de mim. Está bem?
- Eh...
- *Estamos combinados?*
- Sim, estamos combinados.
- Não estou a ser injusto, podes voltar a apaixonar-te, lembra-te só que...
- Não posso gostar mais dele do que de ti.

– Isso. E eu, pela minha parte, vou tentar fazer o mesmo.

– Ah, meu grande... Anda cá! Mereces um belo ataque de cócegas por isso. Anda cá, anda.

Quinta-feira, 18 de abril
(Entregue na sexta-feira, dia 19)

Cara Saffron,

Espero que não leve a mal eu voltar a escrever-lhe. Como lhe disse, sinto que a conheço. Foi estranhamente libertador escrever tudo aquilo sabendo que a Saffron, como uma madre confessor, ia ler e compreender.

Ainda não consegui abrir-me com ninguém desde que aquilo aconteceu. Digo às pessoas que tenho andado tão em baixo porque perdi uma pessoa que me era muito querida e as reações variam radicalmente. Mas, na verdade, nem sei que reações prefiro.

É mais fácil ou mais difícil, visto que foi tão público para si? Na altura, eu só conseguia dizer que o conhecia e comentar como era chocante. Não podia confessar que o conhecia bem porque, nesse caso, teria de admitir que, apesar de sermos chegados, vivia fora do país e, por isso, não tinha ido ao funeral.

A Saffron parece bem, o que já é algum consolo. Julguei que a sua vida iria atingir um impasse e que não seria capaz de funcionar. Mas vejo que as coisas estão a correr bem.

O que eu queria perguntar-lhe há pouco quando mencionei as reações das pessoas era: como foi para si? Quem é que, no seu entender, reagiu pior: as pessoas que fingem que não aconteceu nada, as pessoas que não a deixam esquecer e que esperam que deixe de viver, ou aquelas que esperam que atire tudo para trás das costas porque já passou muito tempo e a vida continua? É um campo minado, não é? Viver com as reações dos outros à nossa dor.

Mas, como eu digo, as coisas parecem estar a correr-lhe bem. De certa forma estou contente, porque assim não tenho de sentir tanta culpa pela forma como tudo acabou.

Num aparte, espero que não cometa a tolice de mostrar esta carta e a outra à polícia. Só causaria sarilhos e consumição. Contudo, não creio que o faça.

Se a Saffron fosse desse género, a Phoebe já teria revelado à polícia como as coisas se passaram, não? Espero não estar a ser impertinente. Tenho a certeza de que a sua filha lhe diz tudo e já lhe terá contado a verdade.

Caso contrário, seja branda com ela, por favor. É apenas uma criança.

Agradeço mais uma vez a atenção que me dispensou.

Atentamente,

A

XIV

Nunca tinha vindo a este *gastropub*. Fica numa rua mais abaixo, a pouca distância da nossa casa, na direção do mar. Assim que entro, ligeiramente atarantada por ter vindo praticamente a correr, sou inesperadamente assaltada pelos aromas da comida. Parece uma ofensiva ao meu nariz e às minhas papilas gustativas, porque não tive tempo para comer. Depois de preparar o jantar para os miúdos e para a tia Betty, de limpar a cozinha e de me certificar de que o Zane estava bem quando se foi deitar, tive de me despachar para não chegar atrasada ao encontro com o professor Bromsgrove.

– Vão falar de quê? – perguntou-me a Phoebe quando lhe disse onde ia. Provavelmente, não tinha consciência disso, mas estava a torcer as mãos uma na outra e a saltitar ansiosamente de um pé para o outro.

– Não sei. O professor Bromsgrove deve querer discutir a situação do ponto de vista dos pais, suponho eu.

– Certo.

– Mas não vamos tomar decisões nenhuma, isso é contigo e com o Curtis, se o quiseres envolvido nisto.

– Certo – disse ela, e saiu sem mais perguntas.

O professor Bromsgrove chega poucos segundos depois de mim e tenho de olhar duas vezes quando o vejo a atravessar o limiar da porta: parece uma pessoa diferente. Trocou as calças de bombazina e o blazer habituais por umas calças de ganga escura de boa qualidade, camisa branca sem colarinho e um casaco preto de cabedal muito elegante. E também não trouxe os óculos.

– Não me diga: usa óculos sem graduação – comento eu, em lugar de o cumprimentar quando nos encontramos ao balcão.

– Não, estou a usar lentes de contacto.

– Porquê?

– Porque os óculos na escola me dão um ar mais autoritário, ao que parece. Os miúdos esperam que um professor se vista de determinada maneira e parecem reagir melhor aos óculos.

– Estou a ver – respondo.

– Quer comer alguma coisa? – pergunta ele. – Escolhi este sítio porque dizem que a comida é boa.

O torvelinho de aromas de caril, batatas fritas e *risotto*, que à partida não deviam combinar, está a deixar-me maluca: estou a salivar como se tivesse uma torneira aberta no fundo da garganta e sinto o estômago a protestar baixinho, a queixar-se como um adolescente a quem negaram todas as formas de acesso ao mundo exterior.

– Não, obrigada. Jantei há pouco, com os miúdos.

– Ah, pois. Importa-se que eu coma?

– Esteja à vontade.

Ele pede um bife mal passado e batatas fritas com uma cerveja e eu peço uma taça de vinho branco à empregada alta de cabelo acobreado. Sem pensar, abro a carteira e pago tudo enquanto ele ainda está a acenar com o cartão.

– Oh – solta ele. – A intenção não era essa.

– Não pense mais nisso – digo eu.

Enquanto a empregada processa o pagamento na caixa, ficamos à espera ao balcão num silêncio estranho, o silêncio de um casal que volta a encontrar-se uma semana depois de um breve encontro sexual que começou meia hora depois de se conhecerem: sabem “certas coisas” um sobre o outro porque tiveram relações sexuais, mas a parte difícil é arranjam tema de conversa. Os nossos filhos já trataram da parte do sexo por nós, agora cabe-nos falar sobre o assunto.

– É o seu marido? – pergunta o professor Bromsgrove.

Deixei a carteira aberta enquanto espero pelo troco, por isso, não é que ele esteja propriamente a bisbilhotar, mas a minha primeira reação é fechá-la

imediatamente para esconder de vista o retrato do que, outrora, foi a minha família. Esqueço-me de que ali tenho a fotografia em que apareço com o Joel, a Phoebe e o Zane. Não costumo olhar para ela, e muito menos mostrá-la a outras pessoas. No início, pouco depois da... da morte dele, havia fotografias do Joel por toda a parte: nos jornais, na TV, em páginas A4 coladas em montras de lojas... até que deixei de olhar para elas. Não queria vê-las, ter de me lembrar. Com o passar do tempo, começaram a rarear, deixaram de ser publicadas nos jornais, de aparecer regularmente para me sequestrar quando ligava a televisão, os pósteres nas montras começaram a ficar encarquilhados nas pontas, o adesivo a secar, até que os retiraram. E as coisas voltaram ao normal, passei a vislumbrá-lo só onde devia estar: nas nossas fotografias emolduradas, nos meus álbuns de fotografias, no telemóvel, na carteira.

Aperto os dedos em redor da taça de vinho branco que colocaram à minha frente, embora o Joel me tenha ensinado que só se deve pegar numa taça de vinho pelo pé, porque a mão aquece o líquido. Tomo um pequeno gole enquanto evito o olhar do homem ao meu lado.

– Estava mesmo para lhe perguntar como se sente depois do que aconteceu – diz ele –, mas depois dei-me conta de que, provavelmente, não deseja falar disso e de que eu, possivelmente, não ia entender.

– Tem razão, provavelmente não ia entender – replico eu depois de saborear demoradamente o vinho. É um *Gavi*, ligeiramente ácido com um toque de limão. Só o sei porque duas amigas do meu primeiro emprego, a Angela e a Lisa, me transmitiram o gosto pelo *Gavi* quando se uniram numa missão para me tornarem mais sofisticada.

O estabelecimento é pequeno, intimista, com manchas de cores vibrantes dispersas pelas paredes cor de marfim. Há uma bicicleta preta das antigas pendurada na parede por cima da arcada que conduz às traseiras do pub; suspenso do teto, há um pequeno avião de madeira. Ao correr do balcão há cadeiras altas de várias cores. Ainda não tem muito movimento para uma

sexta-feira à noite e há lugares vagos na acolhedora saleta das traseiras e na zona das mesas já preparadas para receber os clientes.

– Sentamo-nos? – pergunta ele, indicando a zona das mesas.

– Com certeza, porque não? – respondo eu, e desloco-me na direção oposta até uma mesa baixa com duas poltronas de cabedal. Estou esfomeada de mais para me sentar a uma mesa rodeada de gente a comer, mas não posso comer porque isso seria comprometer-me a passar mais tempo do que o necessário com o diretor de turma da minha filha.

– Desculpe, não devia ter perguntado sobre o seu marido. – Possui um tom de voz cativante e persuasivo, a combinar com o aspeto físico.

– E que me diz a isto de os nossos bebés fazerem bebés? – pergunto eu, forçando um tom animado para mudar de conversa. Não quero falar sobre o Joel, não com este homem.

– Sim, um assunto mais fácil – comenta ele com um sorriso. – Eu sabia que eles eram amigos, mas não pensei que fossem assim tão amigos.

– Eu nem sequer sabia que eles eram amigos. Esta coisa toda serviu para me lembrar que não conheço a minha filha de todo.

Pensava que sim, pensava que ela confiava em mim, que sabia que podia contar-me tudo, mas aparentemente não.

– E eu pensei que conhecia o meu filho e, afinal, não conheço. Ignorava que ele... Tive “a conversa” com ele várias vezes. Não apenas sobre a biologia, mas também sobre a parte do respeito, da consideração e da afeição mútua. Sentava-me regularmente com ele, embora fosse terrivelmente embaraçoso para ambos, e julguei mesmo que ele já se tinha capacitado da necessidade de usar sempre preservativo. Tanto para proteger a saúde como para prevenir uma gravidez. – Deixa escapar um grande suspiro cansado. – Bem, suponho que nenhum contraceutivo é 100% eficaz.

Brinco com a ideia de lhe contar ou não, de desfazer as ilusões que ele tem sobre o filho e a eficácia das conversas que tiveram. Lembro-me de que,

ainda há dois anos, andava plenamente convencida de que a conversa que tinha tido com a Phoebe sobre termos de assumir a responsabilidade pelos nosso atos tinha funcionado. Tudo terminou com ela a implorar-me para não contar à polícia o que sabíamos sobre o assassinio do Joel, seis meses mais tarde.

Quererei eu abrir os olhos deste homem? Explicar-lhe que pode falar o quanto quiser, mas, se eles não nos ouvem, não nos ouvem? Se quero? Não. Se tenho de o fazer? Sim.

– De acordo com o seu filho, uma mulher não pode engravidar da primeira vez – digo eu. Não posso deixar de parecer um pouco despeitada, movida em parte pela forma como ele e o Sr. Newton me trataram ontem e há quatro dias.

O rosto atraente e cinzelado do professor Bromsgrove passa por várias etapas de choque e descrença que se vão concentrando nos seus olhos castanhos-escuros.

– Ele não diria uma coisa dessas. Ele sabe que não é verdade. Foi por isso que...? Não, não acredito que ele dissesse uma coisa dessas.

– Não precisamos de acreditar numa coisa para a dizermos se isso nos permite conseguir o que queremos. Tenho mesmo de explicar isto a um homem da sua idade?

– Não acredito que o meu filho fosse capaz de fazer uma coisa dessas.

– Se você o diz... – atiro-lhe eu, arrastando a frase carregada de sarcasmo.

– Vou apertar o pescoço àquele trinca-espigas.

– Quer dizer que ainda não o fez?

– Ai, nem sei... Tem ideia do que a Phoebe pretende fazer?

– Ia fazer-lhe a mesma pergunta, visto que ela parece falar consigo e com toda a gente do planeta Terra menos comigo.

Sobressalto-me ao sentir a mão dele sobre a minha. É uma mão grande,

que cobre completamente a minha, e fico pasmada a olhar para ela. Tem os nós dos dedos escuros e uma pele maravilhosa, de um delicado tom castanho avelã. A mão por baixo dela é bem diferente: permanentemente manchada e coberta de cicatrizes, algo que costumo manter escondido. Pergunto-me se sentirá as saliências na pele contra a palma da mão, se sente curiosidade em saber como as obtive. A maior parte das pessoas nem repara, mas isso é porque quase ninguém me toca.

– O que tem a sua mulher a dizer sobre tudo isto? – pergunto eu, afastando a mão.

– A minha mulher... – diz ele baixinho, quase com amargura. O seu olhar turva-se ao proferir estas palavras. Tão subitamente como se perde naquele devaneio, volta a recompor-se. – A Phoebe e o Curtis dão-se tão bem porque ambos sabem o que é perder um dos pais.

– Oh, lamento muito – digo eu, incluindo no meu pedido de desculpa o sarcasmo de há pouco. De repente, sinto-me incomodada porque me tinha esquecido de como é desculparem imediatamente o nosso mau comportamento por estarmos de luto. Quão condescendente é deixarmo-nos ser os alvos dessa compreensão imerecida. – Não me tinha dado conta.

– Já foi há quatro anos. Não foi inesperado, mas foi duro para o Curtis. Quando a Phoebe regressou às aulas depois de ter perdido o pai, pedi ao Curtis para mantê-la debaixo de olho e conversar com ela porque já tinha passado pelo mesmo e estava numa fase mais avançada do luto. Desde então, têm sido bons amigos, embora ele esteja um ano acima dela. Vejo-os juntos nos intervalos e julgo que se viam um ao outro como almas gémeas. Sobretudo depois de começarem a correr boatos sobre ela, ele assumiu o papel de protetor.

Já sabia dos boatos, a escola mantinha-me informada e já tinha tentado discutir o assunto com a Phoebe. De acordo com a minha filha, estava tudo bem. Estava sempre tudo bem. Isso não me impedia de tentar conversar com

ela, de tentar ajudá-la, mas de acordo com ela, as coisas nunca deixaram de estar bem.

– Os boatos continuam? – pergunto eu, com medo da resposta.

– Sobre isso já não. Mas seria ingênuo pensar que não vão falar quando descobrirem o que se passa. Descobre-se sempre.

– É isso que eu detesto em toda esta história. Tal como da última vez, não podemos esconder-nos, não podemos fingir que não aconteceu nada, porque toda a gente sabe. Não sei se ela tem estofo emocional para lidar com uma situação destas. – *Eu* sei que não tenho. – Já para não falar do Zane. É outro problema na vida dele com o qual não deveria ter de lidar. Às vezes, pergunto-me se não é tudo obra de alguém que quer dar-me cabo da vida.

– Às vezes é o que parece, realmente.

– Não o afetou, a morte da sua mulher?

– Não percebo o que quer dizer.

– Há pouco disse-me que foi muito duro para o Curtis, mas a mim não me pareceu muito afetado.

Ele fita-me, perplexo, e sem os óculos o adejar das pestanas dele torna-se bastante pronunciado.

– Claro que me afetou.

– Mas?

Os nossos olhos encontram-se. Ele está a ponderar quanto pode revelar. Eu, a perguntar-me por que razão lhe perguntei aquilo quando nunca admitiria, sequer, que me fizessem a mesma pergunta. Se os papéis estivessem trocados, já lhe tinha virado as costas.

– E que me diz a isto de os nossos bebés fazerem bebés? – atira ele no mesmo tom forçado que usei há pouco. O olhar dele desloca-se até ao balcão, o meu até à saleta do lado de lá da arcada nas traseiras do pub.

Vejo um par de olhos a observar-me avidamente. Estou longe de mais para lhes distinguir a cor, mas sei bem de que cor são. Vi-os muitas vezes ao

longo dos anos, estive tantas vezes com o homem a quem pertencem que seria perfeitamente capaz de o descrever sem olhar para ele.

É o Fynn. Não para de olhar para mim. Viu-me num bar com um homem atraente. Viu o referido homem a tocar-me na mão. É claro que pensa que vim a um encontro amoroso.

Quero sorrir-lhe, talvez acenar-lhe, mas não faço nada, limito-me a fitá-lo até ele desviar o olhar para a pessoa sentada do lado oposto da mesa e sei, pela postura rígida, pela expressão concentrada na pessoa que o acompanha, que não voltará a olhar para mim enquanto eu aqui estiver sentada.

– Desculpe, não posso ficar mais tempo – digo eu ao professor Bromsgrove enquanto recolho a mala pousada ao nosso lado na mesa e o casaco das costas da cadeira. – Tenho de ir embora.

Alarmado, de olhos esbugalhados, o professor diz: – Mas nós ainda não...

– Peço imensa desculpa, mas não posso ficar mais tempo.

Sinto-me paralisada. Quero correr e não posso. Sinto o olhar do Fynn a queimar-me as costas, a acusar-me de enganar o Joel, de ser uma viúva falsa. A condenar-me por estar num *pub* em vez de ter ficado em casa a chorar pelo meu marido.

A pior parte é que, ao dirigir-me a casa meio a andar, meio a correr, sei que não é verdade. O Fynn não ia pensar uma coisa dessas de mim. Provavelmente, ficou apenas surpreendido por me ver num bar com outra pessoa quando não lhe pedi para ficar com os miúdos, baralhado por não lhe ter sorrido nem o ter convidado a juntar-se a nós.

A náusea que me revolve o estômago é por *eu* pensar isso de mim própria. Porque, acima da náusea, a crescer-me no peito como uma flor a desabrochar, está a certeza incontestável de que me sinto atraída pelo professor Bromsgrove.

XV

11 anos antes *Daquele Dia* (março de 2000)

– Prometes que não te ris de mim? – começou ele.

– Claro que não. Quando é que eu alguma vez me ri de ti, tirando o teres o ADN Klingon estampado na testa?

Como de costume, ele riu-se e levou os dedos à testa.

– Eu não tenho a testa grande – proclamou ele depois de verificar que tinha uma testa normal.

– Eu sei que não tens. Desculpa, continua. O que é que querias dizer-me?

– Há anos e anos que quero escrever um livro de receitas.

– Consigo perfeitamente imaginar-te a fazê-lo. Acho que devias.

– Não me digas, a sério?

– Sim. E que tipo de receitas?

– Bom, esta é a parte em que és capaz de te rir: pode parecer estúpido e fantasioso, mas queria escrever um livro sobre a comida de que eu gosto. Cada receita vai ter, pelo menos, um ingrediente que eu adoro ou que tem um significado especial para mim. O que achas?

– Acho uma ideia brilhante. Eu ia adorar tirar receitas de um livro sobre as comidas que alguém adora e que têm um significado especial para essa pessoa. Todos os seus sabores preferidos.

– E não ficavas aborrecida?

– Não. Porquê?

O meu marido pegou-me na mão e puxou-me do meu lugar ao seu lado no sofá para o colo dele. Era mãe de uma criança de 4 anos e acabara de engravidar outra vez, o que significava que tinha muito em que pensar e muitas emoções para pôr em ordem em termos de aceitar a forma como o meu corpo e a minha vida iriam voltar a mudar. Quando pensava diretamente

no assunto, no entanto, começava a entrar em pânico, a sentir o coração a palpitar e o ar a faltar-me. O Joel entendia isto, às vezes melhor do que eu.

– Sabes bem porquê.

– Não, não fico aborrecida. É uma coisa de que tu gostas, por isso, é impossível ficar aborrecida. Eu até gosto de cozinhar. E não tenho tido problemas. É só que, às vezes, as coisas são mais difíceis. Mas, normalmente, não tenho problemas.

Abracei-o e a seguir afastei-me um pouco para observar o rosto dele.

– E essa tua ideia é brilhante. – E beijei-o. – Porque tu és brilhante. – Outro beijo. – E tudo o que tu fazes é brilhante.

E cobri-o de beijos.

– Não penses que vou pagar-te para me ajudares – disse ele.

Afastei-me.

– Ótimo! Sendo assim, estás por tua conta, meu menino – ralhei eu, e fiz uma careta infantil que o fez explodir e encher a sala de riso. Fechei os olhos e o som da felicidade, de um futuro promissor, dissipou algum do pânico dentro de mim.

XVI

Dlim dlão!

O som da campainha ecoa pela casa deserta. Como de costume, brinco por uns segundos com a ideia de não atender, não convidar o que quer que esteja do outro lado da porta a entrar. Muitas vezes, pergunto-me o que teria sucedido *naquele dia* se não tivesse atendido a porta, se eles não tivessem podido dar-me a notícia. Continuaría a ser verdade? Ainda o teria? Ou ter-me-iam perseguido por toda a cidade, até aos confins do mundo, para virar a minha vida do avesso?

O homem à porta não podia ser menos bem-vindo por muito que tentasse. A noite passada, como castigo por aquilo que admiti a mim própria, li o resto da carta. Embora me tenha arrastado de volta àquela época como na outra noite, desta vez já contava com isso e preparei-me o melhor que pude. Não sendo tão súbito, tão brutal e tão inesperado como na outra noite, não precipitou o mesmo trauma mental, emocional e físico das outras vezes, mas, ainda assim, deixou-me bastante abalada. E a carta que encontrei em cima do tapete da entrada ontem à noite, quando cheguei a casa, ficou por ler. Guardei-a junto com a primeira, porque nem eu mereço um castigo tão grande.

Embora tenham perdido alguma da potência de quando as li pela primeira vez, as palavras da carta original apertaram-se em redor das minhas memórias daquela época como um laço vermelho, o invólucro chamativo de algo que eu preferia manter guardado num canto inexplorado da minha mente e nunca trazer à luz. É por isso que não quero este homem aqui. Ele fez-me confrontar algo que não quero admitir.

– Olá – diz ele.

– Olá – respondo eu. Quero mostrar-me fria e distante, mas é algo que

está fora do meu alcance, como um objeto numa prateleira alta que, sem querer, empurrei muito para trás e ao qual já não chego, nem em bicos de pés.

– O meu nome é Lewis Bromsgrove e sou o diretor de turma da sua filha na St. Allison. Por coincidência, sou também o pai do rapaz que a engravidou. Gostaria de falar consigo, se fosse possível.

– Sim, é possível.

Lewis. O nome dele é Lewis. Acho que ainda não sabia. Ou se calhar até já sabia, se calhar ouvi-o por acaso no parque infantil e na altura não lhe dei a devida importância porque ele não me era nada. Ou talvez ele mo tenha dito durante o ano que passou e o nome me tenha simplesmente escapado como tantas outras coisas.

– Não sei bem o que aconteceu no pub – diz-me o Lewis gentilmente quando entramos na cozinha. – Mas achei melhor vir a sua casa para termos uma conversa sensata sobre a situação.

Reparo que se afastou para o extremo oposto da cozinha ao passo que eu fiquei perto da porta, junto do armário onde guardo o meu caderno de receitas, a remexer em objetos ao acaso. Pego no caderno e, a seguir, volto a pousá-lo. Abro-o em cima da bancada de mármore, vincando-o para o manter espalmado, e viro algumas páginas sem ler uma única palavra. Volto a pegá-lo e aproximo-o do rosto. Talvez assim já consiga ler.

Por fim, atiro para o lado o caderno de capa dura decorado com ilustrações de borboletas de cristal, um presente que a Phoebe e o Zane me compraram o ano passado pelo Dia da Mãe, e fico alguns instantes a fitar o vazio. *Talvez faça pimentos recheados para o jantar, decido. Tenho o feta, os pimentos, tenho manjerição e piripíri. É isso mesmo que vou fazer para o jantar. Talvez com sardinhas grelhadas. Não, o Zane ia detestar. Com piza caseira e salada. Sim, isso mesmo. Pimentos recheados, piza, salada.*

– A Saffron está a ouvir-me? – pergunta o Lewis, interrompendo os meus pensamentos. – Se é que posso tratá-la assim.

Sinto o coração palpitante, errático e agitado. Parece querer saltar-me do peito. Também me sinto um pouco ofegante, provavelmente, por causa do ritmo cardíaco bizarro, *staccato*.

– Pode, pode – digo eu. Tento concentrar-me noutra coisa qualquer, mas em vão. Se me concentrar noutra coisa que não ele, talvez consiga controlar esta sensação de náusea e talvez não tenha de o pôr na rua.

– Ouviu o resto do que eu disse?

– Sim – respondo.

Ele preenche o vazio entre nós com uma inspiração profunda. De frustração.

– Fiz alguma coisa que não devia? – pergunta ele, por fim.

Sim, é óbvio que sim. Como é que pode não ter noção do que fez?

– Não.

– Se tem a certeza... Bem, voltando ao assunto, falei com o Curtis e ele começou por negar ter dito aquilo à Phoebe. Quando lhe perguntei se, ainda por cima, estava a chamar-lhe mentirosa, admitiu. Ainda me custa a crer que tenha sido tão estúpido.

– Estúpido – repito, em eco.

– Se não se importar – diz o Lewis – gostava que o Curtis acompanhasse a Phoebe na próxima consulta.

– Porquê?

– Ele precisa de sentir na pele como é. Não pode ser ele a carregar o bebé na barriga nem a dar à luz, mas quero que saiba como é ter de organizar toda uma vida em função das consultas, dos exames e tudo o mais, como ela.

Paro de remexer nas coisas da cozinha e concentro-me pela primeira vez no homem que tenho à minha frente. E volta a acontecer: a súbita e indesejada consciência da masculinidade dele. Talvez seja a expressão determinada dos lábios, possivelmente o porte ereto, ou a forma como os seus olhos quase negros, em evidência agora que não traz óculos, se fixam em

mim. É um belo exemplar do sexo masculino, está aqui, e é a fonte do torvelinho de sensações agradavelmente perturbadoras que reverbera por todo o meu corpo a partir do centro do meu peito.

– E se ela não quiser levar a gravidez até ao fim?

– Calculo que, mesmo para isso, vá precisar de pelo menos mais uma consulta, e eu gostava que ele fosse. E que a acompanhasse no dia. Tanto quanto possível, quero expô-lo a tudo aquilo por que a Phoebe terá de passar. Precisa de saber como é, quanto mais não seja, para não voltar a fazer o mesmo.

– Está mesmo a falar a sério, não está?

– Estou. Já vi isto acontecer muitas vezes e sempre pensei que os rapazes se safam com demasiada facilidade neste tipo de situações. Torna-se um “problema” da rapariga e, muitas vezes, os rapazes são protegidos da realidade dos factos. Por isso é que tentei meter-lhe na cabeça que devia tomar sempre precauções.... Claramente os meus sermões caíram em saco roto. Talvez ter de passar por todo este processo tenha outro efeito.

– Pois, talvez.

– Onde está a Phoebe? E o seu outro filho, o Zane?

– Levaram a tia-avó às lojas. Já foi há um bocado e, se a conhecesse, iria entender porque é que estou tão nervosa neste momento. Receio que, a qualquer momento, me apareça alguém à porta a queixar-se dela. Dos *três*.

Acabei de lhe dizer que estamos sozinhos em casa. Sinto uma onda de calor a invadir-me, uma onda de embaraço e de um desejo inesperado e irracional. Desesperada por algo com que me ocupar, outro ponto de interesse, baixo os olhos para as mãos, para algo que me liberte das sensações inebriantes provocadas pela proximidade do Lewis. Olhar para as mãos ajuda-me sempre a manter os pés bem assentes na terra: tenho as unhas aparadas e limpas, modestos crescentes acima das pontas dos dedos; a pele que cobre um delta de veias salientes é macia graças ao hidratante que uso

regularmente, mas tenho os nós dos dedos ásperos e marcados por épocas passadas em que não cuidava deles como deve ser, em que não pensava duas vezes nas minhas mãos e em como evidenciariam a minha falta de cuidado e atenção para comigo mesma.

– Como está a Phoebe a aguentar-se? – pergunta-me o Lewis noutra tentativa de romper o silêncio, de atravessar a barreira que eu erigi. – Já fez algum avanço no processo de tomada de decisões?

Exercito as articulações das mãos e prometo a mim própria cuidar melhor delas, antes de virar as costas ao Lewis e voltar a concentrar-me no caderno que reúne os segredos da minha vida culinária. Os segredos da vida que levo atualmente, melhor dizendo. Até à passada segunda-feira, até à deslocação à escola que alterou tudo, a minha vida girava à volta da cozinha: os ingredientes, a preparação, novas criações culinárias. Devolvo a minha atenção ao Lewis.

– Quando eu disse, a noite passada, que ela não falava comigo, achou que eu estava a exagerar ou a mentir?

O olhar de esguelha e a tosse atrapalhada são a única resposta de que preciso.

– Pois não estava. Ela recusa-se a falar comigo. A minha filha sofreu uma dura provação recentemente e isso significa que tenho de ter muito cuidado com ela em tudo o que digo e tudo o que faço, porque não quero traumatizá-la ainda mais. Assim sendo, ela não fala comigo e eu não tento forçá-la.

– E você? Como é que se está a aguentar depois do trauma?

– Não sei – admito. – Mas em relação a isto, pelo menos sei quem é o pai.

Como tem acontecido várias vezes por dia desde quinta-feira, vem-me à memória a forma como o Curtis tocou na Phoebe: cauteloso, quase reverente, ao passar-lhe o braço em redor dos ombros; como se não estivesse habituado, como se sonhasse fazê-lo, mas não tivesse tido muitas oportunidades para isso. Há aqui qualquer coisa que me soa a falso. Tem andado a incomodar-me

desde que os vi juntos. Disseram as palavras certas, mas a atitude deles um com o outro faz-me questionar se o Curtis será mesmo o pai. Além disso, alguém que convence uma rapariga de que não pode engravidar da primeira vez não lhe teria a devoção e o respeito que o Curtis parece ter pela Phoebe, nem se acusaria com tanta facilidade. Os rapazes que mentem e manipulam são do tipo cobardes que se escondem a qualquer custo. Há tantos motivos que me levam a pensar que o Curtis não é o pai, mas porque mentiriam ambos?

– Se alguma vez precisar de alguém com quem desabafar... – diz o Lewis.

– Obrigada, mas caso ainda não tenha percebido, a Phoebe teve de herdar de alguém esta tendência de se fechar em copas, e o pai era o homem mais extrovertido à face da Terra.

O olhar do professor Bromsgrove desloca-se até à fotografia do Joel, da Phoebe e do Zane reclinados no banco da cabana de praia, presa na porta do frigorífico por um íman em forma de gaivota. Outra fotografia que não vejo há séculos, embora olhe diretamente para ela várias vezes ao dia, todos os dias, quando abro e fecho o frigorífico.

O Joel que eu conheço vive no meu coração, trago-o sempre no pensamento. Está à minha volta e bem dentro de mim. Não preciso de olhar para as fotografias para me lembrar de como ele era, não preciso de fechar os olhos para o trazer à minha presença. Está sempre comigo. O cunho dele, as marcas que deixou na minha vida, são indeléveis.

– Deixei-a triste – observa o professor Bromsgrove. – Não era essa a minha intenção.

– Eu estou sempre triste – respondo. – Simplesmente, às vezes sou melhor a escondê-lo.

– Como eu a compreendo.

O ar à nossa volta parece adensar-se, saturado de... daquilo que

partilhámos antes de eu fugir do pub, ontem à noite: *potencial*. O prenúncio de algo iminente. Algo que pode acontecer a qualquer momento.

Corte o topo dos pimentos. Retire-lhes o miolo, removendo todas as sementes. Numa taça misture o queijo feta, o manjerição, piripíri e azeite. Ah, azeite.

– Não tenho azeite – digo eu em voz alta.

– Isso é código para alguma coisa?

– Ia fazer pimentos recheados com queijo *feta* para o jantar, mas não tenho azeite. Esqueci-me de comprar no outro dia. Gastei o resto que tinha no *pesto* e tencionava comprar mais, mas depois chamaram-me à escola e, bom, depois disso passou-me.

– Cozinha muito, então?

– Não. Quer dizer, sim. Mas ainda é tudo muito novo para mim. A alta cozinha era a especialidade do Joel, estou apenas a seguir os passos dele. Antes de... Ele tinha começado a escrever um livro de receitas. Só por brincadeira, não era para publicar nem nada do género. E eu quero terminá-lo. Tinha planeado mandá-lo imprimir por profissionais para lho oferecer quando terminasse, mas ele nunca chegou a... Quero terminá-lo por ele. Por ele e por mim. Por isso, tenho andado a experimentar sabores e ideias, a apalpar o terreno, por assim dizer. Esta nova receita com queijo *feta* é uma das minhas preferidas... Que dizia eu sobre gostar pouco de falar?

– Acho fantástico – comenta ele, sorridente. O sorriso, que lhe altera as feições, apanha-me de surpresa e obriga-me a desviar os olhos. – A ideia de terminar o livro e a conversa. Sobretudo a conversa.

– Olha que falinhas-mansas...

– Já tem um nome para o livro?

– Tínhamos pensado num título juntos: *Os aromas do...* – A palavra entala-se na minha garganta, de puro embaraço. O Lewis Bromsgrove espera pacientemente que eu termine a frase. A palavra *amor* não devia ser

pronunciada diante de um homem como ele. É imoral, indecente.

– *Os aromas do...*? – incita ele.

– Ah, nada. Nem sei porque falei no assunto. E não é que tenha muito tempo livre neste momento, com a minha tia, ou melhor, a tia do Joel, a viver cá em casa, os miúdos e o trabalho. Ná, isto não vai dar em nada.

Há imenso tempo que não falava tanto sobre o Joel. Estou a usar o meu marido, neste momento, para construir uma barricada à minha volta, uma barreira entre mim e este homem que ontem à noite não me saía do pensamento entre fragmentos memorizados da carta.

O som da campainha enche-me de alívio. Dirijo-me apressadamente à porta e abro-a de rompante na esperança de que seja alguém a tentar vender-me alguma coisa para não ter de ficar sozinha com este homem.

O Fynn.

Não podia ser uma daquelas testemunhas de Jeová, alguém a oferecer-se para me lavar o carro ou o carteiro com uma entrega, todos eles pessoas que eu teria arrastado para dentro de casa para uma conversa. Tinha logo de ser o melhor amigo do Joel. Que me viu ontem à noite com o homem que tenho na cozinha.

– Viva – diz ele sorridente, como de costume.

– Olá – respondo eu. O meu ritmo cardíaco está errático, atroa-me os ouvidos.

– Posso entrar? – pergunta ele.

– Ah, claro, entra, entra. Estava na cozinha.

Embora ele me tenha enviado uma SMS quase todos os dias a perguntar como vai a Phoebe e se estou bem, ainda não lhe disse que já descobri quem é o pai.

Acostumado a entrar no que é praticamente a sua segunda casa, o Fynn descalça as Converse pretas de cabedal e pendura o casaco cinzento com capuz.

– De maneiras que, não sei bem o que faça quanto ao jantar e perguntei-me o que estarias a fazer – diz ele com um sorriso atravessado.

– Queres jantar cá hoje? – ofereço.

– *A sério?* – interroga ele com um trejeito teatral. – É tão amável da tua parte. Espero não vir incomodar.

– Tens o descaramento de um babuíno – digo-lhe eu. Esta jovialidade só vai durar até ao fim do corredor, até atravessarmos a porta da cozinha.

– Sim, já sei, e o encanto de um... Agora que falas nisso, qual será o animal mais encantador de todos? – pergunta ele ao passar do soalho cor de mel do corredor para a tijoleira branca da cozinha. Não avança muito na divisão, nem sequer chega à mancha no chão, antes de parar ao ver quem lá está.

– A serpente? – sugere o Lewis Bromsgrove, entrando na conversa. – Ou será encantada, em vez de encantadora?

– As serpentes são répteis – declara o Fynn, defrontando o Lewis com o tipo de correção desdenhosa que o Zane faria.

– Isso é verdade.

– Fynn, apresento-te o Lewis Bromsgrove, o pai do rapaz responsável por, bem, pelo que se passa com a Phoebe. Lewis, este é o Fynn McStone. Era o amigo mais próximo do meu marido desde os 18 anos e, obviamente, passou a ser também meu amigo.

Trocam um aperto de mão firme e breve, hostil, como se preferissem dar um murro um ao outro. O Fynn sempre foi muito protetor, mas nos últimos 18 meses tem tentado agir como um autêntico escudo defletor contra tudo o que possa correr mal, tudo o que invariavelmente acaba por correr mal. Se não fossem ele e a Imogen, eu ter-me-ia deixado ir completamente abaixo, incapaz de funcionar, atordoada com o choque. Quando precisei dele, o Fynn fez o que precisava de ser feito.

O problema do Lewis é que se interessou por mim. É arrogante da minha

parte pensar assim, mas não se trata simplesmente de gostar de mim por pensar que sou bonita ou uma pessoa fantástica, nem de amor à primeira vista. Julga-me frágil, vê-me como uma florzinha delicada, parcialmente esmagada pela perda do marido, que precisa de cuidado e atenção para conseguir reanimar as suas pétalas. Imagina-se a si próprio no papel de reanimador, a pessoa que vai ajudar-me a ultrapassar tudo isto. O aparecimento do Fynn e a familiaridade que há entre nós deixaram-no de pé atrás: não estou sozinha, isolada, tenho o apoio de outro adulto... e, por sinal, um homem muito atraente.

– Vou andando – declara ele, endireitando-se e afastando-se da bancada. Têm a mesma altura e isso parece perturbá-los, pois esperavam ser fisicamente superiores um ao outro. – Depois ligo-lhe por causa das consultas.

– Sim, sim, ligue-me – digo eu, ansiosa para que isto acabe.

– Foi um prazer conhecê-lo, Fynn.

– Sim, igualmente.

À porta, o Lewis demora-se, relutante em sair.

– Fique bem.

– Você também – respondo.

Ele examina indisfarçadamente o meu rosto com aqueles olhos castanhos-escuros quase hipnóticos.

– Quando a conheci, assumi que era uma desmiolada, apesar de saber o que tinha acontecido ao seu marido – diz ele. – Estava convencidíssimo de que era um homem muito mais esclarecido e, afinal, aconteceu-me a mesma coisa que a si. Isto é que foi um acordar para a realidade, não?

Assinto. É a minha deixa para o consolar, para lhe confessar que fui uma mãe negligente, mas que ele fez o melhor que podia pelo filho e que termos acabado na mesma situação não passou de um infeliz acaso. É a minha deixa para acrescentar que devíamos unir forças para resolver o problema.

Infelizmente para o ego do Lewis, isso não vai acontecer.

– Até à vista, então – diz ele, desapontado por eu não ter pegado na mão que me estendia, não me ter comprometido com ele por via das circunstâncias em que nos encontramos.

– Até à vista. – Sorrio e fecho a porta, afastando-o e excluindo-o.

– O que foi aquilo? – pergunta o Fynn assim que volto a entrar na cozinha.

– Aquilo, o quê? – pergunto eu.

– Tu e *aquele fulano*. – Cospe as palavras que se referem ao Lewis Bromsgrove como se fossem um escarro esverdeado cheio de germes. – Ontem à noite vi-o a pegar-te na mão e hoje... O que é que se passa aqui, Saff?

– O que se passa é que Phoebe está grávida. Recusa-se a falar comigo. Por qualquer razão, confia nele e confia no filho dele, o rapaz que a engravidou. Estou a tentar descobrir tudo o que posso, recorrendo a todos os meios possíveis. É isso que se passa.

Já terei decidido o que fazer para o jantar? Cenouras? Talvez faça qualquer coisa com cenouras. Tenho dois sacos delas no frigorífico. Se calhar junto-lhes abóbora-menina, gengibre e maçã, e faço uma sopa. O Joel gostava de sopa. Adorava esta sopa.

– E ontem à noite ele não estava a pegar-me na mão, tocou-me por qualquer motivo e, como deves ter visto, eu afastei a mão.

Terei gengibre? Desloco-me na direção do frigorífico e, sem ver as fotografias que tenho mesmo diante dos olhos, abro a porta e puxo para fora a gaveta transparente dos vegetais. Como fui às compras na segunda-feira, dia em que só me apercebi que o azeite estava a acabar enquanto preparava o *pesto*, a gaveta está cheia de vegetais de cores várias, alguns em embalagens de plástico, outros em sacos de papel, outros *au naturel*, e abri-la completamente requer algum esforço.

– Há, obviamente, tensão entre vocês os dois, para além de toda esta situação com a Phoebe – persiste ele.

– Se tu o dizes. Mas não posso deixar de me perguntar se vais comportar-te assim em relação a qualquer homem com quem eu fale por não ser o Joel.

– Mas tu não estavas só a falar com ele.

Aipo... tomates... cenouras... pepino... rúcula... mais cenouras... três pacotes de pimentos... limões... ah, gengibre. Afinal tenho gengibre, mas nada de abóbora-menina. *Quando é que eu gastei a abóbora-menina?* Estou a ignorar o Fynn. Às vezes, é a única maneira. Quando começa a subir pelas paredes por causa de qualquer coisa, prefiro ignorá-lo, deixá-lo rezingar até lhe passar a fúria.

Retiro alguns pedaços de frango da gaveta da carne e uma cabeça de alho da gaveta de baixo. *Não, não sei o que fazer com isto.* Devolvo-os aos respetivos lugares no frigorífico. *Hei de pensar em qualquer coisa.* Volto a tirá-los. Faço isto várias vezes e, quando fecho a porta do frigorífico, sem o frango e sem o alho, o Fynn está mesmo por trás dela, tão perto que me provoca um susto.

No último ano deixou crescer o cabelo, que lhe cai ao redor do rosto como uma cortina de caracóis negros em desalinho. Concentro-me no rosto dele. Tem um nariz direito, maçãs do rosto bem definidas, olhos meigos e uma boca bonita. Sei o que aquela boca vai dizer e desejo, acima de tudo, que não o faça. Quem me dera que ele esquecesse o assunto.

– Alguma vez vamos falar sobre o que aconteceu entre nós? – pergunta ele.

Sabia que este dia ia chegar. Era inevitável. Mas, às vezes, consigo convencer-me de que nada aconteceu e por isso nunca vai ser preciso ter esta conversa. Às vezes, parece-me simplesmente ridículo pensar que alguma vez pudéssemos ter feito tal coisa. Às vezes, lembro-me de tudo e penso que vou morrer de vergonha.

– Não quero falar sobre isso – digo-lhe eu.

Os olhos azuis-marinheiros do Fynn permanecem fixos nos meus.

– Mas vamos ter de falar, não vamos?

Pois vamos, penso eu, e aceno lentamente com a cabeça.

Às vezes, desejo poder voltar atrás e apagar todos os erros que cometi desde *aquele dia*. E este seria o primeiro.

XVII

6 meses depois *Daquele Dia* (abril de 2012) – Já não sei o que fazer – disse eu ao Fynn. – Estes últimos meses tenho andado tão ocupada a contar os tostões para pagar as contas, com o funeral, com o inquérito policial e a certificar-me de que a Phoebe e o Zane estão tão bem quanto possível, que ainda nem tinha tido tempo de parar para pensar. Agora que parei, sinto este vazio cá por dentro e estou sempre à espera que volte a preencher-se. De me virar na cama, vê-lo e perceber que tudo não passou de um equívoco terrível. Nem me importava de passar por tudo isto se, no fim, me dissessem que foi tudo um equívoco. Percebes o que quero dizer?

Na escuridão do meu quarto, o Fynn olhou para mim do seu lugar no pequeno sofá castanho de pele junto à janela de sacada e acenou afirmativamente.

– Eu sei que disse que as coisas se tornam mais fáceis e é verdade. Não sei bem quando, mas... Ah, nem sei o que dizer – admitiu. – Falo, ouço as palavras a saírem-me da boca... No funeral, por exemplo, sabia que estava a falar com outras pessoas e que elas não estavam a virar-me as costas nem a tentar bater-me, por isso, o que eu estava a dizer não devia ser tão terrível assim, mas agora não me lembro do que disse. Eram só palavras ao acaso para preencher o vazio. Tal como o que estava a dizer agora mesmo, não passavam de palavras para preencher o espaço vazio onde costumava estar uma pessoa. Mas não é possível. E nada do que eu diga pode mitigar o teu sofrimento.

– Tu também estás a sofrer.

– Não faças isso, por favor – pediu ele. – Por favor, não menosprezes o que estás a sentir para pensar em mim ou noutra pessoa qualquer. Infelizmente, há sofrimento que chegue para todos. Não tentes consolar outra

pessoa às tuas custas.

– Mas tu não és “outra pessoa qualquer”.

Através das persianas de madeira, espreitámos o mundo lá fora. O Joel gostava de ter as persianas abertas, eu preferia fechá-las. Quando ele não estava ou quando eu vinha primeiro para a cama, fechava-as. Desde *aquele dia*, porém, passei a deixá-las abertas. Da mesma forma que continuei a dormir do meu lado da cama, a deixar a tampa da pasta de dentes mal fechada (algo que me irritava sumamente quando ele o fazia) e a colocar os comandos da TV no chão do outro lado da cama. Não se tratava de um esforço concertado para fazer o mesmo que ele, era mais uma necessidade de manter, tanto quanto possível, as coisas como estavam. Antes não tinha uma vida má, por isso, não havia necessidade de mudar nada.

Não havia luzes nas casas de tijolo burro do outro lado da rua, mas a luz alaranjada do poste iluminava-as do lado de fora. A poluição luminosa apagava algumas das estrelas no céu acima das casas, esbatendo os pontos de luz e concedendo ao céu noturno um brilho acinzentado, em lugar de um negro profundo e infinito.

Às vezes, eu e o Joel ficávamos assim ajoelhados, a conversar e a olhar lá para fora. Também conversávamos na cama, mas, por vezes, mesmo depois do sexo, ajoelharmo-nos no escuro a espreitar o mundo lá fora dava-nos a sensação de termos viajado numa máquina do tempo até uma infância partilhada onde nos esgueirávamos para fora da cama para apreciar a noite.

Como estava tudo calmo lá fora, voltei a olhar para o Fynn. Parecia a encarnação da forma como eu me sentia: exausto, como se o lento gotejar da angústia estivesse a desgastá-lo a pouco e pouco. Os últimos meses tinham-lhe cavado fundas trincheiras cinzentas debaixo dos olhos, tinham-lhe sulcado a testa e tinham-no feito perder imenso peso, dando-lhe um ar frágil.

– Pareces exausto – declarei.

– É sempre bom ouvir a opinião do espelho falante – replicou ele com um

sorriso a aflorar os seus lábios.

– Au! Essa foi merecida.

– Pois foi. Mas tens razão: eu estou cansado, tu estás cansada, o melhor a fazer é ir embora. Ou posso ficar a dormir lá em baixo no sofá, se quiseres.

Era o que ele costumava fazer nos primeiros dias. Quando eu ainda andava às voltas pela cozinha sem saber o que fazer, o que pensar, como me sentir. Acordava de meia em meia hora e descia até à cozinha, desesperadamente à procura de qualquer coisa que nunca conseguia encontrar. Acho que era do Joel que eu andava à procura e sabia que não iria encontrá-lo, mas aquela sensação incómoda não me deixava em paz. O Fynn deixava-me deambular durante alguns minutos e depois vinha da sala, pegava-me na mão e tornava a levar-me para a cama improvisada no sofá do quarto. Era lá que dormia porque tinha um medo terrível de perder o cheiro dele nos lençóis, no travesseiro, no edredão. Se não dormisse na cama poderia deitar-me lá quando quisesse e seria acolhida pelo cheiro do Joel, transportada para junto dele. Nessa altura, não estava preparada para aceitar a morte do meu marido, mas ainda estava menos preparada para destruir algo de precioso que ele deixara para trás.

– Não, não, esses dias acabaram. Mas é boa ideia dormirmos qualquer coisa.

– Dorme bem – sussurrou ele antes de abrir a porta, para não acordar a Phoebe e o Zane.

Ia para lhe responder, para lhe murmurar também boa noite, mas a minha voz deixou de funcionar. Sumiu-se, embargada por uma tristeza repentina e esmagadora. Não consegui dizer nem mais uma palavra. Consequia respirar, mesmo à justa, mas não conseguia falar. O Fynn voltou-se para mim, preocupado. Afastou a mão do puxador... e eu desejei desesperadamente que ele ficasse.

– Estás bem? – perguntou ele, ainda a sussurrar.

Incapaz de me exprimir verbalmente, encontrei outra forma de comunicar aquilo em que pensava. Não se tratava de um pensamento coerente, algo que tinha formulado e ponderado de antemão, mas sim de uma ânsia. Ergui-me em bicos de pés e juntei os meus lábios aos dele por uns momentos. O Fynn afastou imediatamente a cabeça com um gesto abrupto.

Como barro nas mãos experientes de um oleiro, a ideia ia tomando forma a olhos vistos, ganhando corpo e nitidez, mas era-me impossível dar-lhe voz; tinha as palavras presas na garganta, incapazes de encontrar o seu caminho através da minha boca para o mundo. Mas podia falar sem palavras. Podia dizer-lhe que queria – que precisava – que ele ficasse sem dizer nada.

Voltei a fazê-lo: beijei-o, à espera da reação dele. O Fynn recuou novamente, mas desta vez sem gestos abruptos, simplesmente afastando a cabeça. As linhas do rosto dele, parcialmente ocultas nas sombras do quarto, mostravam uma luta interna, provavelmente perplexidade. Eu também estava perplexa. Perplexa, insegura e assustada.

Morta de medo.

Morta de medo da reação dele depois que a perplexidade passasse. Dir-me-ia, aos gritos, que tinha perdido a cabeça? Sinceramente, esperava que sim, porque era a verdade. Repudiar-me-ia e ir-se-ia embora o mais rápido possível, deixando bem claro que nunca mais voltaria a por os pés nesta casa? Também queria muito que reagisse assim. Ou faria o que eu precisava que ele fizesse? Fecharia a porta à chave, estender-me-ia um braço trémulo e, hesitante, passar-me-ia a mão pela nuca, enterrando-a nos caracóis negros, e puxar-me-ia para si, baixando a cabeça e devolvendo-me o beijo?

Como eu tinha chorado.

Chorava e chorava quando estava sozinha, quando não tinha mais nada para ocupar o meu tempo, a cabeça, chorava sem parar para tentar libertar-me. E, no entanto, nada tinha mudado. Continuava acorrentada a este precipício de dor, bem acima do mundo em que costumava viver, sem forma

de descer, sem saída. Estava acorrentada como o Prometeu das lendas da Grécia antiga, condenado a experimentar todos os dias o mesmo horror de assistir enquanto uma ave lhe comia o fígado. Estava destinada a experimentar todos os dias o mesmo horror de sentir o coração a ser-me arrancado quando, ao acordar de manhã, me lembrava de que o Joel tinha morrido. Chorava e chorava até não poder mais para me libertar da dor, mas continuava acorrentada a ela. Talvez houvesse outra solução.

Também tremia quando estendi as mãos para lhe desapertar as calças. Tentei soltar os botões das calças de ganga das suas casas, mas sentia os dedos toscos, desajeitados. Sem interromper o beijo, o Fynn afastou as minhas mãos para abrir a braguilha. Pegou na aba da minha *t-shirt* e separámo-nos para ele a passar por cima da minha cabeça. Puxei a *t-shirt* dele para cima o mais que pude até que ele acabou de a despir. A *t-shirt* agitou-lhe os caracóis castanhos-escuros, displicentes. Quando voltámos a tocar-nos reagi audivelmente ao choque. Pele contra pele. O meu corpo, normalmente gelado e semimorto, sentiu-se subitamente revitalizado, desejado, *amado* ao experimentar o toque de outra pele na minha.

Caímos na cama aos tropeções. Os meus dedos, desajeitados como pás, tentavam urgentemente passar-lhe as calças pelas ancas. Queria mais contacto físico, lembrar-me de como era voltar a sentir-me viva outra vez. Não que tivesse deixado de viver durante todo aquele tempo, mas voltar a ter sensações físicas fazia com que me *sentisse* viva.

O Fynn ajudou-me a puxar para baixo as calças de ginástica e as cuecas pretas e, depois, levantou-se da cama para acabar de despir as calças e os boxers enquanto eu me desfazia do resto da roupa.

Voltei a sentir no meu o calor vibrante do seu corpo, da pele dele, pleno de memórias do que significava estar vivo, e apertei-o contra mim à medida que os beijos dele se intensificavam. Enterrei-lhe as unhas nas costas, no traseiro, incitando-o, encorajando-o a penetrar-me, a mostrar-me outra vez,

de forma diferente, como era estar vivo.

Encontrámos um ritmo comum, cada investida uma deliciosa combinação de dor e prazer indescritível, cada arqueio das minhas costas um misto incrível de êxtase e agonia profunda. Corri-lhe os dedos pelas costas, gemendo contra os lábios dele, encorajando-o a mover-se mais depressa, com mais ardor, aproximando-nos do orgasmo, da doce sensação de abandono e liberdade.

Ansiava pelo vazio, queria purgar-me de toda a angústia que guardava dentro de mim. Queria voltar a sentir o meu corpo, voltar a controlá-lo, a controlar qualquer coisa neste mundo de anarquia no qual mergulhara. O meu corpo e aquilo que lhe acontecia era a única coisa sobre a qual eu tinha qualquer tipo de autoridade e fazer isto significava que estava no comando, que o que acontecesse dependia de mim. O Fynn acelerou ainda mais o ritmo até que eu me imobilizei ao alcançar o auge daquele crescendo e, a seguir, estremeci, abandonando-me às ondas de puro prazer que se propagaram pelo meu corpo. O Fynn continuou a mover-se furiosamente até que interrompeu o nosso beijo e enterrou a cabeça no meu pescoço, atingindo o orgasmo com uma série de gemidos abafados e investidas curtas.

Nenhum de nós se mexeu durante vários segundos. O quarto parecia estranhamente irreal após o ato.

Ao fim de algum tempo o Fynn ergueu-se acima de mim apoiado nas mãos. Os seus olhos azuis-escuros fitaram os meus e eu devolvi-lhe o olhar. Como uma imagem a surgir em papel de fotografia submergido em revelador, o arrependimento começou a tomar conta do rosto dele: ténue a princípio, uma mera sugestão, depois ganhando corpo numa progressão lenta, até se tornar concreto e palpável. Estávamos ambos igualmente ofegantes, a expressão física da nossa perplexidade.

O Fynn esperou que eu falasse. Eu esperei que ele falasse. Um de nós tinha de dizer alguma coisa. Depois de algum tempo em silêncio, ele ergueu-

se completamente acima de mim e deixou-se cair de costas na cama, entalando-se sem querer entre mim e o painel aos pés da ornamentada cama de madeira. Tal como a minha, a respiração dele foi lentamente abrandando enquanto fixávamos o teto. O silêncio prolongou-se, pois nenhum de nós se atrevia a atribuir um nome ao que tínhamos feito ao abordar o assunto. Virei-me para ele, mas não procurei olhá-lo nos olhos. Era seguro ali, do meu lado da cama perto da porta, e estávamos bem ao fundo da cama, que geralmente estava atulhado de roupa que não tinha pendurado nos cabides, ou que ainda não tinha atirado para o cesto da roupa, muito longe de onde eu e o Joel tínhamos partilhado a mesma intimidade e de onde dormíamos lado a lado. Por isso, não havia perigo de contaminar os vestígios dele com o que acabara de fazer.

Aninhei-me no corpo do Fynn, gozando mais uma vez a sensação da pele dele na minha. Essa tinha sido a melhor parte, o calor que por uns momentos me devolvera à vida. Passei-lhe o braço pelo peito, pousei a cabeça no ombro dele e fechei os olhos. Deixei-me ir. Não estava a fingir que ele era o Joel, nem agora, nem durante o sexo. Estava simplesmente a viver o momento.

E estava a fazer algo por que tinha começado a ansiar: a ter relações sexuais. Envergonhava-me ter de o admitir, mas, no meio de todo aquele caos, sentia falta de sexo. Tinham passado muito poucas semanas, apenas alguns dias, milésimos de segundo em comparação com o número de horas que teria de passar sem o Joel, mas já sentia falta disto. O Joel sempre fora um parceiro entusiástico, e, sem querer, tinha começado a ver isso como um dado adquirido. Ter uma boa vida sexual com o homem que amava tornara-se tão normal para mim como beber um copo de vinho: sempre à distância de um gesto.

Agora que tinha resolvido muitos dos problemas mais prementes, restava-me enfrentar o abismo de uma nova existência sem ele e percebi que este imediatismo físico, vital, era algo que me fazia falta. Precisava de sexo. No

entanto, não podia dizer isto a ninguém porque não iriam entender. Pensariam que era monstruoso da minha parte estar, sequer, a considerar a questão depois de ter perdido o amor da minha vida. *Eu própria* pensava que era monstruoso da minha parte desejar tal coisa depois de ter perdido o amor da minha vida, mas o meu corpo pedia-me sexo, tinha absoluta necessidade disto. Ansiava pelo contacto físico, pela proximidade, cobiçava o alívio do orgasmo.

Os braços do Fynn rodearam-me, hesitantes, como se tivessem receio de me tocar, mas pouco a pouco foram ganhando confiança até me envolverem num abraço protetor. Nos braços do Fynn, com o bater constante do seu coração contra o meu corpo, desprendi-me desta realidade e deixei-me adormecer.

Horas mais tarde, ao acordar, dei com o Fynn do outro lado do quarto a vestir a *t-shirt* cinzenta. Outrora firme e musculado, estava agora magro, fisicamente diminuído pela morte do melhor amigo. Ao acabar de apertar as calças de ganga, levantou a cabeça, viu que eu estava acordada e lançou-me um meio sorriso atrapalhado, cheio de vergonha e remorsos. Caminhou descalço até à porta, com os dedos dos pés a enterrarem-se no pelo comprido do tapete. Nessa altura pensei dizer qualquer coisa, talvez um “adeus” ou um “desculpa”, ou mesmo um “obrigada”. Qualquer coisa. Mas não me ocorreu nada, não havia nada a dizer que pudesse ter algum significado.

Antes de fechar a porta atrás de si ergueu a mão num aceno breve. *Não volte*, pensei eu enquanto ele atravessava o corredor e descia as escadas pé ante pé até à porta da entrada. *Isto não pode voltar a acontecer*.

Já no presente, decido-me pela sopa de cenoura, gengibre e maçã. Posso meter uns pedaços de frango esfiapado com ervas aromáticas no forno e, enquanto assa, aproveito para ir comprar pão fresco. E azeite, claro. Mas vou ter de refogar a cebola com as especiarias em manteiga.

Descasquei as cenouras em silêncio, embora tenha o Fynn mesmo ao pé

de mim. Agora estou a cortá-las às rodelas no mesmo ambiente livre de ruído, com ele tão perto que consigo sentir-lhe o calor do corpo.

O Joel dedicou muitas horas a ensinar-me a cortar cenouras às rodelas como um profissional. Deve-se manter a ponta da faca em contacto com a tábua de cortar e ir deslizando a cenoura enquanto a faca se move para cima e para baixo. “Quase como se estivesse a passar o James Bond por uma guilhotina,” disse-me ele uma vez. “Para cima e para baixo, sempre para cima e para baixo.”

6 meses depois *Daquele Dia* (abril de 2012) Na noite seguinte, à uma da madrugada, o Fynn enviou-me uma SMS que dizia simplesmente: •

Abri-lhe a porta e esgueirámo-nos rapidamente para o quarto sem fazer barulho. Os miúdos sabiam que o Fynn podia aparecer a qualquer hora, sabiam que ficávamos a conversar no meu quarto até tarde, estavam habituados a dar com ele a dormir no sofá da sala, mas isto era diferente. Para isto parecia necessário encontrarmo-nos às escondidas.

Não podia ser na cama. Desta vez, no chão. Sem conversa. Com a porta trancada, roupas atiradas ao acaso, bocas famintas, movimentos fluidos e naturais, o poderoso e libertador orgasmo no final. E, depois, a calma que me trazia o sono. Aninhada nos braços dele, banidos por uns momentos o horror, a tristeza e a dor. Ele saiu sem uma palavra às cinco. Enquanto se ia embora, eu soube que aquilo não podia voltar a acontecer.

Na décima quinta noite, depois de nos termos encontrado todas as noites desde aquela primeira, as coisas mudaram. O Fynn ignorou os meus apelos para que se despachasse e, em vez disso, depois de uma longa e profunda troca de beijos, susteve-se acima de mim durante uns segundos, capturando o meu olhar com o dele. Percebi de imediato o que pretendia fazer e senti uma descarga de medo a percorrer-me a espinha.

Ele baixou a cabeça e depositou-me um terno beijo na curva do pescoço. Devagar, de forma quase reverente, traçou um trilho de beijos até ao meu

umbigo, eletrizando-me com cada toque dos seus lábios na minha pele. A seguir, refez o caminho até chegar ao peito. Lançou-me um olhar antes de se apoderar do mamilo esquerdo, sugando-o e lambendo-o até o deixar dolorosa e deliciosamente ereto.

Em vez de o fazer parar, como mandava o bom senso, contorci-me debaixo dele, encorajei-o, enquanto ele passava ao mamilo direito, estimulando-o até ficar tão sensível e intumescido como o primeiro. Enquanto lutava para recuperar o fôlego, gozando as sensações que julgava nunca mais vir a sentir, o Fynn traçou outro trilho de beijos pelo meu corpo até se posicionar entre as minhas pernas. Voltei a sobressaltar-me quando ele me agarrou pelas ancas. Imobilizou-me e começou imediatamente a explorar-me com a língua. Cada toque inundava-me com o que parecia ser um miniorgasmo, cada movimento alagava-me numa agonia pungente, até que comecei a sentir a rápida aproximação da torrente de prazer que viria com o orgasmo final. Mas nisto, ele afastou-se, travando o clímax, e penetrou-me. Afagou-me o rosto ao mesmo tempo, acariciando-me com o polegar ao ritmo das investidas lentas e precisas, prendendo o meu olhar com o dele.

Estava a criar intimidade. Já nos conhecíamos intimamente, mas isto, sim, era intimidade: proximidade e desejo, a manifestação emocional dos nossos atos. E eu não queria. Não queria intimidade emocional, nem que ele se apaixonasse por mim, que era onde aquele caminho nos levaria. Eu não podia apaixonar-me por ele. Já estava apaixonada. Tinha perdido o homem que amava, sim, mas isso não me impedia de continuar a amá-lo, de ter a mais profunda convicção de que tudo não passava de um grande equívoco e de que voltaria a tê-lo comigo. O meu corpo e a minha mente buscavam o alívio e o prazer, mas não o amor. Com tantas memórias do Joel, não sentia falta desse tipo de amor.

Continuámos a mover-nos como um só, em perfeita consonância, olhos nos olhos até estremecermos num orgasmo simultâneo, alimentando

mutuamente o êxtase em suaves ondas de euforia.

Depois, foi ainda mais meigo: deu-me um beijo no topo da cabeça, roçou o rosto no meu e adormeceu a acariciar-me o ombro. Assim que a respiração dele abrandou, comunicando-me que já pairava na Terra dos Sonhos, abri os olhos e, atenta ao sono dele, fiquei a fitar a escuridão. Tinha de dizer alguma coisa. Antes de o deixar ir embora, tinha de lhe dizer que não podíamos voltar a fazer aquilo. Não com aquela intimidade.

Antes de ir embora, ele afagou-me o rosto com tanto afeto que não tive coragem de abrir a boca.

Volta, pensei, urgindo mentalmente. Quero fazê-lo outra vez.

O Fynn encosta-se à bancada, mesmo ao meu lado, de braços cruzados sobre o peito largo. Segue todos os meus movimentos enquanto espera que dê início a uma conversa que jamais quero ter. E, mesmo que quisesse, por onde começaria? Frustrada com ele, furiosa comigo mesma, atiro a cenoura que tirei do escorredor para cima da tábua de cortar. O som do impacto ressoa pela divisão. O Fynn não reage, nem sequer pestaneja. Está disposto a esperar o tempo que for preciso.

7 meses depois *Daquele Dia* (maio de 2012) – É o tio Fynn – disse a Phoebe ao regressar à mesa depois de ter ido atender a porta. Após três dias a ignorar as suas SMS noturnas, não tinha ouvido falar dele durante duas semanas. Tinha sentido a falta do meu amigo. Precisava de o ter na minha vida. Sentia-me desorientada sem ele, mas sabia que, se não recuasse um pouco, seria pior para nós.

Por coincidência, durante aquele hiato tinha-me vindo o período, um oportuno lembrete do meu comportamento irrefletido, do risco que tínhamos corrido, outro potencial problema a juntar à lista, por não nos termos precavido. O Joel tinha feito uma vasectomia seis meses depois de o Zane nascer, por isso, há anos que não usava qualquer tipo de contraceção. Ao longo do dia, durante aquelas duas semanas com o Fynn, recusava-me a

pensar no que fazia à noite, era um mundo à parte da minha rotina diária. E à noite, quando estava com ele, só pensava no milagre que era voltar a ter a capacidade de sentir, na libertação do orgasmo e no alívio de conseguir dormir depois disso. Tinha sido uma grande irresponsabilidade e a mancha vermelha no papel higiênico trouxera-me de volta à realidade. “*Safaste-te de boa, hã?*”, como diria o Joel.

– Nem me passou pela cabeça que seria hora do jantar – disse o Fynn. Dei-me conta de que já não ouvia a voz dele há um mês. Tinha um som tão agradável: grave, firme e tão meigo.

– E normalmente não é – replicou a Phoebe, regressando ao seu lugar na mesa. – Normalmente, a esta hora já jantámos e estamos a fazer os trabalhos de casa. – Era uma indireta, estava a criticar-me por não ter conseguido organizar tudo a tempo para ela, nessa noite.

– Hoje o jantar está um pouco atrasado – expliquei, sem olhar para ele. – Não sei muito bem porquê, mas está. É arroz *jollof* com frango à minha moda. Há que chegue para todos se quiseres.

– Tens a certeza? – perguntou ele, ainda à porta – Claro que sim.

– E então? – disse o Zane, e puxou a cadeira ao lado para o tio se sentar. – Como vai isso, meu? Já não te vejo há bué.

O Fynn sentou-se na cadeira que lhe fora oferecida e eu enchi o prato, que inicialmente tinha separado para mim, de arroz de tomate com pedaços de galinha, ervilhas, feijão-verde, cenouras e milho e coloquei-o à frente dele. Em vez de me sentar a comer, comecei a limpar a cozinha pois, por qualquer motivo, tinha perdido o apetite.

Mais tarde, já de saída, o Fynn chamou: – Obrigado pelo jantar, Saff. Tchau.

Tinha subido com o Zane para o ajudar enquanto este se preparava para ir para a cama e, obviamente, ficara até ele adormecer. Ao regressar à cozinha, agitou o cabelo da Phoebe enquanto esta via televisão e ela afastou a cabeça

com o gesto cúmplice do costume, mas esperou até estar à porta para se despedir de mim.

Pousei o pano que estava a usar para secar os pratos e corri para a porta. Apanhei-o mesmo antes de sair.

– Foi bom ver-te – disse como se oferecesse um ramo de oliveira para ver se, depois do momento de loucura que nos tinha arrastado para uma enxurrada perigosa, estávamos bem outra vez, de novo em terra firme. Se a nossa amizade podia voltar a ser o mesmo porto seguro.

A expressão dele suavizou-se: franziu os olhos num sorriso genuíno e acenou. Já quase me tinha esquecido do calor que um dos sorrisos fáceis do Fynn podia irradiar.

– A ti também. Vemo-nos depois, sim?

– Sim.

Definitivamente a loucura tinha passado, porque eu encontrara outra forma de lidar com a dor e a angústia sem arrastar comigo e sem ter de magoar uma das pessoas que mais amava no mundo.

– Não quero falar disso, Fynn – admito. – Podemos mudar de assunto? Para ser sincera, há muita coisa a acontecer neste momento e já tenho problemas que cheguem.

– A sério? Mas olha que parecias muito interessada naquele teu novo amigo.

– Já te disse que não é nada disso.

– Não acredito em ti.

– Estás a chamar-me mentirosa?

– Estou a dizer-te que não podes negar o óbvio.

Largo a faca e a cenoura e encaro-o.

– Olha – começo eu –, aquilo que aconteceu entre nós...

– Eu compreendo – interrompe ele –, sei bem que aquilo que aconteceu foi apenas...

– Sexo – digo eu ao mesmo tempo que ele diz: – ... a dor a falar.

O Fynn recua, boquiaberto.

– *Sexo?* – repete ele.

Anuo com um gesto de cabeça.

Não posso contar-lhe tudo, que não foi “apenas sexo”, porque não estou capaz de ter esta conversa neste momento. Há muitos assuntos sobre os quais não quero falar e a maior parte deles tem a gentileza de permanecer na caixa em que os tranquei. Quando escapam e tentam vir à luz, sigo o ritual que me permite voltar a guardá-los para poder funcionar. O Fynn não está a permitir que isso aconteça.

– Estás a querer dizer-me que podia ter sido com qualquer um? – pergunta ele, perplexo.

– Eu não disse isso.

– Mas era isso que querias dizer.

– Não, nada disso. Não sei como falar sobre isto contigo. Fui estúpida, agi por impulso... tu não, tu não és estúpido, a situação é que foi estúpida. *Eu* fui estúpida. Acho que queria, quer dizer, sei que queria se... Sabia que podia confiar em ti. Confio em ti. Deste-me segurança para... – Tudo o que digo soa mal. Não posso explicar-lhe nada sem lhe contar o resto. Sem lhe contar *tudo*.

O Fynn recua vários passos até chocar com a mesa da cozinha.

– Pensei que era uma dor partilhada. Ambos tínhamos perdido alguém que amávamos muito e pensei que o que estávamos a fazer era partilhar a dor. Mas, afinal, para ti foi apenas sexo? – Esfrega ansiosamente a zona da testa acima da sobrancelha direita. – Diz-me a verdade, Saff, sentes alguma coisa para além de amizade por mim?

– Falas como se a amizade não fosse importante. Sabes bem que um bom amigo é muito mais difícil de arranjar do que um amante.

– Responde à pergunta, se fazes favor.

– Não é a melhor altura para falar disto, Fynn. Há tanta coisa a acontecer ao mesmo tempo, não podemos ter uma conversa destas e esperar que daí resulte algo de bom.

– Sendo assim, a resposta é não.

– Não foi isso que eu disse. Não ponhas palavras, nem intenções na minha boca.

Ele fita um ponto na distância por cima do meu ombro.

– Nem sei o que me terá passado pela cabeça. Afinal de contas nunca fomos... sou mesmo um palerma, não sou?

– Não digas essas coisas. E não é verdade.

– É melhor ir embora.

– Então e o jantar? Os miúdos?

Como se os tivesse conjurado com as minhas palavras, a porta da frente abre-se de rompante e o corredor enche-se com as vozes do Zane, da Phoebe e da tia Betty a tagarelarem sobre o caos que semearam por toda a cidade.

– Quem é que nós conhecemos que usa sapatos destes? – exclama o Zane.

– Não faço ideia – responde a irmã no mesmo tom brincalhão.

– Cá para mim é um certo piloto de carros de corrida falhado – troça o Zane.

O Fynn lança-me um olhar desesperado enquanto tenta manter a compostura, mascarar a dor e o choque, para poder comportar-se de forma normal com eles.

– Ah, pois é – acrescenta a Phoebe. – Tens razão, teve de desistir porque não tinha pedalada.

– Ei! – exclama o Fynn. Espeta a cabeça para fora da cozinha e sei que estampou um sorriso no rosto. – Tenho muita pedalada, se queres saber, os outros é que não tinham pedalada para mim.

Uma pausa e depois: – Cruzes, credo! Tia Betty? Eu bem tinha sentido um influxo repentino de beleza na região, já devia ter desconfiado porquê.

– Meu querido Fynn – diz a tia Betty toda babada. – Há quanto tempo. Bons olhos te vejam.

– O quê, desde há duas semanas? – responde ele com uma gargalhada.

Duas semanas?

– A tia Betty agora vive connosco – explica alegremente o Zane.

– Ai, sim?

– Sim. Expulsaram-na do lar por ter feito uma *maldade* – diz a Phoebe. – Já lhe oferecemos todo o dinheiro das nossas mesadas, mas não quer dizer-nos o que foi.

– Uau, deve ter sido mesmo grave – concorda o Fynn. – Normalmente, não é preciso muito para a fazer confessar os seus crimes. Mas ainda bem que passei por cá, não foi, menina Elizabeth Mackleroy? Quando é que ia avisar-me de que tinha mudado de casa? Ia deixar-me fazer aquele caminho todo até ao lar para nada.

Se eu achava que já não podia sentir-me pior, estava redondamente enganada: a vergonha e o sentimento de culpa regressam em força, desta vez sob a forma de uma parede de emoção que desaba sobre mim, ameaçando soterrar-me. O Fynn tem ido, conscienciosamente e sem alarde, visitar a tia Betty em lugar do Joel.

O Fynn deixa-se ficar à entrada da cozinha porque, de onde estão, eles não podem ver o esforço que faz para parecer normal. Odeio-me. Odeio-me por ter começado esta loucura.

– OK – exclamo. – Está mais do que na hora de saírem do corredor e irem lavar as mãos.

Os outros três resmungam ao mesmo tempo que descalçam os sapatos, penduram os casacos e se põem à vontade. Enquanto isso, aproveito para puxar o Fynn para dentro da cozinha.

– Fica para jantar, por favor – peço-lhe baixinho. – Podemos falar depois, como deve ser, quando estiverem todos na cama.

Ele recusa-se a olhar para mim. Os olhos dele vagueiam pela cozinha, mas evitam olhar diretamente para mim.

– Não – diz ele com determinação. – Preciso de ir embora. Tenho muito em que pensar.

– Por favor, Fynn. Não podemos deixar as coisas como estão, és o meu amigo mais chegado.

Ao ouvir isto, ele vira para mim um par de olhos carregados de angústia.

– E tu és a minha. É por isso que sei que vais entender quando te disser que tenho mesmo de ir embora agora. Não consigo ficar aqui. Arranjas uma desculpa qualquer por mim?

Assinto.

– Claro. Mas voltamos a falar em breve, está bem?

Ele faz que sim com a cabeça, mas não diz uma palavra. Não gosto quando o Fynn não fala. Não augura nada de bom.

– Porque é que o tio Fynn não ficou para jantar? – pergunta o Zane quando me sento na beira da cama dele para conversarmos um pouco antes de dormir.

– Tinha-se esquecido de qualquer coisa que precisava de fazer – respondo.

– Achas que sente tanta falta do papá como nós? – pergunta o Zane.

A pergunta apanha-me de surpresa. O Zane raramente falava do pai em termos de as pessoas sentirem a falta dele. Geralmente, era só para me perguntar o que achava que o pai diria ou o que iria pensar sobre qualquer coisa, se iria achar graça a qualquer coisa. E mesmo essas perguntas eram poucas e muito esporádicas, como se, ao fazê-las, estivesse a admitir a si próprio e a mim que tinha começado a esquecê-lo. Que cada dia que passava nos afastava mais e mais do pai e nos aproximava de um futuro em que ele deixaria de conseguir prever ou mesmo adivinhar com alguma certeza o que o pai faria numa determinada situação.

Tento ajudar a manter viva a presença do Joel fazendo o que ele faria, reagindo o mais possível da mesma forma calma e ponderada, mas às vezes falho. Quase sempre, para dizer a verdade. Mas esta pergunta é nova, inesperada.

– Claro que sim. O tio Fynn já conhecia o teu pai há muito tempo, ainda antes de mim. Claro que tem saudades dele.

– Achas que o pai tem saudades de nós? E do tio Fynn? E da tia Betty? E do Vô e da Vó, e do outro avô e da outra avó?

O Joel.

Para o Joel era fácil, até necessário, rodear-se de gente. Tinha uma capacidade tremenda para estar com as pessoas, para falar com elas, aceitá-las como eram, por mais diferentes que fossem dele ou das pessoas que lhe eram mais próximas. É por isso que espero que não esteja só, onde quer que esteja. Espero que esteja rodeado de pessoas, ainda que não sejam as que mais ama.

– Sim, acho que sim.

– Eu também acho – diz o Zane. – Foi isso que o tio Fynn disse quando lhe perguntei. Disse que o pai adorava estar rodeado de gente mas, mesmo que tivesse imensos amigos no Céu, ou onde quer que estivesse, não ia deixar de sentir saudades de nós.

Aí está o tipo de resposta que o Joel daria, claro. Não sei o que diria o Lewis numa situação destas, mas sei o que o Joel diria. O que o Fynn disse.

Penso no Fynn enquanto espero que o meu filho adormeça e sinto o coração pesado com os ecos de tudo o que quero dizer-lhe.

PARTE V

Sexta-feira, 19 de abril
(Entregue no sábado, dia 20)

Saffron,

Cá vai uma pergunta legítima: como é que consegue continuar a funcionar? Sei que já falei sobre o assunto, mas interessava-me realmente saber como é capaz de seguir em frente com a sua vida. Eu cá não consigo.

Quando o perdi, a minha vida acabou, nada voltou a ser como dantes. Para si, no entanto, parece estar tudo na mesma. Continua a ir para o trabalho todos os dias, continua a abraçar e a beijar os seus filhos, dorme com as persianas abertas como se não tivesse nada a esconder. Essa *t-shirt* azul do Mundial de Futebol de 2006 com que dorme era dele? Vejo-a sempre que passa diante da janela do quarto com o cabelo empilhado no topo da cabeça, a escovar os dentes. Vê? São estas pequenas coisas: conseguir arranjar o cabelo antes de ir para a cama, escovar os dentes. Durante imenso tempo foi-me praticamente impossível fazer essas coisas, e mesmo agora continua a ser uma luta.

É só que, tenho a sensação de que a Saffron está apenas a representar um papel, percebe o que quero dizer? Não estou a tentar transtorná-la, porque, na verdade, encarna o papel de viúva sofredora na perfeição, com o cabelo nesse estado, sem maquilhagem, o andar pela casa com a roupa do seu marido. Mas é tudo fogo de vista.

Não minto quando digo que não estou a tentar transtorná-la, mas pensei que seria do seu interesse saber que imagem passa ao mundo exterior. E a imagem que passa é a de que é só fachada e de que não está realmente a sofrer.

Quer dizer, ainda teve o descaramento de ir a um pub na sexta à noite. E hoje recebeu a visita de dois cavalheiros enquanto estava sozinha em casa. Não é assim que uma viúva se comporta.

Eu não me comporto dessa forma e também não me parece que a Saffron

deva fazê-lo. Se realmente o amasse do fundo do coração, como eu, não teria comportamentos destes.

Não era minha intenção entrar em inconfidências, nem levantar a ponta do véu sobre os verdadeiros fundamentos da nossa amizade, por isso, é melhor ficar por aqui.

Mas pense no que lhe disse, sim? Pense na imagem que está a transmitir ao mundo. E, se chegar à conclusão de que se está nas tintas para o que os outros pensam, talvez esteja na hora de pôr a mão na consciência e questionar-se até que ponto gostava realmente dele. Quanto a mim... Eu teria feito tudo para ficar com ele. Tudo.

A

XVIII

13 meses antes *Daquele Dia* (setembro de 2010) – E a sério que não te incomoda estares ali com o teu aventalinho de folhos a fazer *macarons*? – perguntei-lhe.

– Claro que não, porque é que havia de me incomodar? – Embora estivesse mesmo diante do espelho de corpo inteiro da casa de banho, o Joel baixou os olhos para as Levi's escuras e para a *t-shirt* cinzenta que lhe realçava os braços esguios e tonificados. – O que queres dizer com isso, Ffrony? Achas que parece mal os homens fazerem *macarons*?

Tinha enfiado a cabeça dentro da casa de banho para conversar com o meu marido enquanto este se preparava para a primeira aula do Prato (Per)Feito, o curso de culinária que lhe oferecera pelo Natal. Tratava-se de um pacote de aulas com a duração de um ano que o ajudaria a conhecer muitas cozinhas diferentes e as técnicas de cada uma. Estava tão entusiasmado que até tinha vindo mais cedo do trabalho para se preparar.

Quando se afastou do espelho, pude observá-lo melhor. Há muito que estava vestido e pronto para sair, mas tinha-se demorado na casa de banho a arranjar o cabelo, que é como quem diz, a hidratar e a torcer cuidadosamente uma a uma as pontas dos *minidreads* que lhe cobriam a cabeça. Era um homem amoroso, mas, quando se tratava do cabelo, a vaidade dele não conhecia limites.

– Não, não, nada disso – respondi. – Não parece nada mal *os homens* fazerem *macarons*. Só tu – acrescentei eu com uma gargalhada trocista. – Já te estou a ver com essas mãos bolachudas a moldar todas aquelas miniaturazinhas delicadas...

– Anda cá – disse ele, esticando o braço para me agarrar. Fui mais rápida, escapuli-me e fugi para o quarto, ao fundo do corredor.

Lá em baixo na sala, a Phoebe já devia estar a revirar os olhos e a fazer ruídos de reprovação, ao passo que o Zane nem sequer levantaria os olhos do livro que estava a ler.

– Eu disse, anda cá – murmurou o Joel, aparecendo por trás de mim enquanto eu me desfazia em guinchos e risadinhas à entrada do quarto. Passou-me os braços à volta da cintura e puxou-me para dentro enquanto fechava a porta com um pontapé. – Dizias...?

– Dizia... não sei o quê sobre *macarons*.

– *Macarons*, sim – repetiu ele com um grande sorriso. Deu-me um beijo, a princípio terno, um leve toque dos seus lábios divinos nos meus, que se foi alongando e aprofundando quando as nossas línguas se encontraram.

– *Macarons* – disse eu ao afastar-me. – Gosto dessa palavra.

– Eu também.

– Acho que vai dar uma bela palavra-chave.

– Agora precisamos de palavras-chave, é? – perguntou ele, disfarçando um sorriso.

Passei-lhe as mãos pelo peito, cruzando-as atrás do pescoço dele.

– Não. Sim. Talvez. Imagina só, da próxima vez que estivermos na casa dos teus pais, posso dizer “Estes *macarons* são de comer e chorar por mais, Sra. Mackleroy. Foi a senhora que os fez?” Não vais conseguir conter-te.

– A minha mãe nunca fez *macarons* na vida. Agora que penso nisso, acho que foi coisa que nunca comemos lá em casa.

– Detalhes, detalhes...

– E eu não quero pensar em sexo quando estiver com os meus pais.

– Sim, nesse ponto dou-te razão.

– Não te incomoda que eu faça isto, pois não, fofa? – perguntou ele, subitamente sério e preocupado.

– Claro que não – respondi, num tom jovial. – Se não tivesse tanta certeza, não te tinha comprado as lições.

– Mas não é constrangedor para ti ou qualquer coisa do género? – insistiu ele, tentando chegar à verdade por trás da minha atitude despreocupada.

Claro que era constrangedor. Às vezes, não havia forma de escapar ao constrangimento. Mas eu sabia que ia ser bom para o Joel, que ele ia adorar o curso e que seria mais um passo no sentido de escrever o livro de receitas com que tanto sonhava. As gavetas da cozinha, a cornija da lareira no nosso quarto, as várias superfícies da casa estavam repletas das folhas de papel em que ele rabiscava ideias para as receitas. Algumas continham apenas esboços do aspeto da comida já empratada. Ideias não lhe faltavam, mas este curso iria ajudá-lo a organizar-se e a definir objetivos.

– Será constrangedor o matulão do meu marido com a sua voz grossa, o cabelo *bem arranjado* e um emprego de topo, passar a noite de aventalinho de folhos a aprender a fazer miniaturas de pastelaria fina? Claro que não!

– E quem disse que vou fazer *macarons*? Só para que saibas, são extremamente difíceis de fazer. Levam anos a aperfeiçoar.

– Então, o que é que vais fazer?

– Não mudes de assunto, Ffrony – ralhou ele.

– Desculpa – disse eu, devidamente compungida. – Não me incomoda mesmo nada que vás ao curso. Vai ser divertido. Ofereci-te as lições porque sei como adoras cozinhar. E o que te faz feliz, faz-me feliz também a mim, se é que posso dizê-lo sem parecer muito piegas. Sabes bem que estou muito melhor. Está tudo bem, não te preocupes.

– Espero bem que sim. Porque, se tiveres qualquer tipo de dúvida, não vou – assegurou ele.

– Ai vais, vais, meu menino, que aquelas lições custaram uma fortuna!

– Pronto, está bem.

– Mas nada de te apaixonares por uma daquelas deusas domésticas que costumam frequentar esses cursos, OK? Por mais atraentes, magras, ou inteligentes que sejam, lembra-te de que tens uma mulher em casa que te ama

muito. Uma mulher que é capaz de cometer uma loucura se te apanha com outra.

O Joel mergulhou os dedos nos meus caracóis, prendendo-me a nuca ao debruçar-se para me beijar.

– Então, achas que ainda dá tempo de fazermos uns *macarons* antes de ir embora? – disse ele com um ar travesso.

– Vai mas é ver se eu estou na cozinha – respondi. – Não vês que os teus filhos estão lá em baixo?

O riso dele ecoou pela divisão. Fechei os olhos por uns segundos e deixei-me transportar pela alegria do momento. Não percebi, como é evidente, que foi então que tudo começou a correr mal. Estava feliz de mais, relaxada de mais. E perder o Joel foi o meu castigo.

XIX

Vejo o número “1” a piscar no ecrã LCD do atendedor de chamadas do telefone.

Detesto receber mensagens pelo fixo. Nunca é nada de bom e não tenho forma de me preparar para a voz nem para as notícias que vou ouvir. Ao menos com o telemóvel posso fazer uma seleção prévia, sei quem é o portador da desgraça. Depois da morte do Joel, essa grande entidade sem rosto que é “a imprensa” descobriu o número do telefone cá de casa, embora não viesse na lista telefónica, e não paravam de me ligar. A casa estava sempre em silêncio tirando o toque do telefone. Ficávamos sentados, imóveis, sem conseguir falar, e nisto o telefone tocava e eu nunca sabia se havia de atender para o caso de ser um conhecido do Joel que acabara de saber da notícia, alguém que ainda não sabia e precisava de ser informado, ou se seria apenas alguém a tentar obter a história do verdadeiro Joel Mack-el-roy. Acabei por desligar a ficha do aparelho e só voltei a ligá-lo seis meses depois, quando já tinha alterado o número.

Não obstante, ainda tenho um pequeno ataque de ansiedade quando vejo que há mensagens no atendedor de chamadas, por não saber de quem são. Carrego no botão triangular e rendo-me ao capricho de quem quer que tenha decidido que precisava de falar comigo.

– Olá, Saffron, Phoebe e Zane. – Sinto uma reviravolta no estômago e o coração a gelar-me no peito. Acontece sempre que ouço esta voz. – Espero que estejam todos bem – continua ela. – Gostávamos de falar convosco e talvez combinar uma visita para um futuro não muito distante. Já não vos vemos há uma eternidade. Por favor, queiram devolver esta chamada assim que vos for possível. Adeus.

Apago imediatamente a mensagem com a secreta satisfação de saber que

posso eliminar a voz dela e, por conseguinte, a sua presença indesejável na minha casa, com a maior das facilidades. Não posso odiá-la pois é a mãe do Joel, mas isso não quer dizer que tenha de gostar dela.

15 anos antes *Daquele Dia* (agosto de 1996) – É um grande prazer conhecer-vos – disse eu ao Sr. e à Sra. Mackleroy enquanto nos sentávamos a uma mesa redonda num restaurante chique no centro de Londres.

O Joel tinha insistido em *não* irmos a casa deles neste primeiro encontro, explicando que eram extremamente ciosos da propriedade e raramente encorajavam visitas, sobretudo se não conheciam muito bem as pessoas em questão, mas a verdade era óbvia: um restaurante limitava o tempo que podíamos passar juntos. Pela forma como organizara o encontro, o Joel estava a dizer-me que a tia Betty, que eu conhecera sete meses antes, após cinco meses de namoro, tinha razão: os pais dele iam detestar-me.

Concentrei-me em não andar às voltas com o guardanapo de algodão que tinha no regaço, em não estender a mão para endireitar os talheres e certificar-me de que o prato estava à mesma distância das facas e dos garfos de cada lado do marcador. Não me tinha escapado o quase impercetível erguer de sobancelhas sincronizado dos pais dele quando, ao chegarem 10 minutos antes da hora marcada ao Brown's, um restaurante em Covent Garden onde já estivera em jantares de negócios, viram que já lá estávamos. Era como se estivessem à espera de que chegássemos atrasados ou mesmo em cima da hora para terem logo à partida um motivo para não gostar de mim.

Os restaurantes e partilhar uma refeição com gente que não conhecia já me deixavam nervosa que bastasse, mas partilhar uma refeição com pessoas que queria impressionar causava-me uma apreensão acrescida que não podia explicar ao Joel sem complicar desnecessariamente as coisas. Ele não iria entender que na minha cabeça havia um catálogo de coisas que podiam correr mal em repetição constante: sujar-me com comida, entornar uma taça de

vinho (não que fosse beber, longe de mim dar-lhes a impressão de ser uma bebedolas), atrapalhar-me a dizer uma palavra que normalmente não teria dificuldade em pronunciar, colidir com um empregado de mesa, comer de mais e fazê-los pensar que era uma comilona ou não comer quase nada e fazê-los pensar que era anorética.

Eu já estava em desvantagem: durante as duas semanas anteriores tinha feito dieta para caber no vestido azul-marinho com um cinto floral que comprara para a ocasião, sem sucesso. Ainda custava a apertar, ficava muito apertado na zona do peito e tão justo nas ancas que tinha de o puxar para baixo de cada vez que me sentava. Em vez disso, tive de me contentar com uma saia cor-de-rosa, um casaco de malha vermelho e o cinto castanho que criava a ilusão de que ainda tinha cintura. O Joel tinha-me dito que eu estava fabulosa, mas eu não tinha a certeza de que isso bastasse para merecer a aprovação dos meus potenciais sogros, sobretudo com um começo tão acidentado e quando nos preparávamos para travar conhecimento no que para mim era a verdadeira definição de Inferno.

– O Joel não para de falar de si – disse a elegante e sofisticada Sra. Mackleroy. Alisara o cabelo e utilizara rolos para moldar grandes caracóis em redor do rosto em forma de maçã. Possuía um tom de pele incrivelmente claro e olhos de gato. Não trazia qualquer maquilhagem à exceção do batom cor de ameixa e o fato azul-marinho, que eu suspeitava ser Chanel, assentava-lhe como se tivesse sido confeccionado à medida dela. Estava irrepreensível e fora brilhante a evitar a gentileza de responder que era igualmente um prazer conhecer-me, ao mesmo tempo que deixava bem claro sem uma única palavra que praticamente tudo o que o filho dissera sobre mim eram patéticos sem importância que não deixariam de corresponder à realidade.

– Isso é porque ela é perfeita – disse o Joel, enlaçando a mão na minha para me lembrar de que eu era importante. – Para mim, não há melhor tema de conversa.

– A propósito de temas, sabia que o Joel podia ter estudado em Cambridge? – comentou o Sr. Mackleroy. Vinha com um ar soturno, o cabelo negro salpicado de madeixas grisalhas, a pele cor de mogno enrugada, mas não excessivamente para um homem da sua idade. Tinha um olhar carregado, sombrio, que parecia mover-se permanentemente em busca de algo para dissecar, pondo a nu as suas imperfeições. Também ele trazia um fato de marca, mas não pude identificar qual.

– Sabia, sim – respondi eu com um grande sorriso e apertei a mão do Joel, sem saber qual de nós precisava mais de apoio naquele momento. Para eles continuava a ser um assunto melindroso que o Joel, apesar de todas as oportunidades que lhe tinham sido oferecidas, tivesse optado por interromper os estudos durante um ano para gozar a vida à beira-mar e depois decidido estudar *design* de produto na Universidade de Brighton. Os pais tinham imaginado uma vida académica para o filho, ele não. – Não é maravilhoso?

– Que universidade frequentou? – quis saber o Sr. Mackleroy.

– Pai – interrompeu o Joel –, não há necessidade de falar nisso agora. Ainda nem sequer olhámos para a ementa.

– Devo concluir, pela forma como o meu filho se lançou em sua defesa, que não frequentou o ensino superior?

Desejava desesperadamente estar à altura das expectativas deles, queria que gostassem de mim porque amava tanto o filho deles que, às vezes, até me custava respirar. Já tínhamos falado em casar, em tentar ter um bebé: era absolutamente necessário que eles gostassem de mim para não nos criarem obstáculos. Não queria dar-lhes motivos para me criticarem e, se despachasse o assunto, talvez tivéssemos uma hipótese. Olhei para o Joel e ele sorriu-me, dando-me ânimo, dizendo-me que a minha resposta era irrelevante porque ele iria continuar a amar-me contra tudo e contra todos. Mas não era irrelevante, longe disso. Eu não frequentara Oxford nem Cambridge, nunca estaria à altura das expectativas deles e nunca seria digna do Joel. Não era fácil aceitá-

lo, mas era algo que tinha de ser feito.

Encarei os meus juízes, as pessoas que detinham o poder de me separar do homem que eu amava.

– Não, não frequentei – respondi, desviando o olhar.

Pelo canto do olho, vi o desânimo a tomar conta das feições do Joel, senti-o na forma como deixou de me apertar a mão. A resposta, porém, teve o efeito desejado: os meus potenciais futuros sogros relaxaram ao ver confirmados todos os estereótipos e os pensamentos negativos que tinham tido sobre mim. Eu era o seu pior pesadelo mas, pelo menos, com o conhecimento que agora tinham sobre mim, sabiam como falar comigo, cientes de que, se alguma vez comesse a dar-me ares de superioridade, poderiam pôr-me no meu lugar dizendo-me que nunca iria entender porque não tinha andado na universidade.

– Por favor, não voltes a fazer aquilo – disse-me, tristonho, o Joel, algum tempo mais tarde. – Não me importa o que os outros pensam, nem mesmo eles.

Em vivo contraste com os pais, que se tinham mostrado simpáticos e conversadores, ele mantivera-se calado durante todo o jantar, tal como eu, e continuara pouco falador durante a viagem de comboio até casa, embora estivéssemos de mãos dadas. Só falou no assunto quando estávamos enroscados na cama de casal do quarto dele.

– Mas, Joel – protestei –, viste bem como ficaram contentes. Foi mais fácil fingir...

– Tu não estavas a fingir – interrompeu ele, taciturno. – Mentiste-lhes. Não gosto de mentiras, Ffrony.

– Eu também não, mas Joel, se lhes tivesse dito a verdade, que andei numa das cinco melhores universidades do país, teriam passado o resto do nosso tempo juntos a tentar arranjar uma forma de me humilhar. O jantar teria sido um desastre. Foi mais fácil assim.

– Não quero saber – replicou ele. – Não volte a fazê-lo.

A minha mentira deixara os pais dele bem-dispostos e descontraídos, quase afáveis. Com o tempo o Joel acabaria por entender que tinha sido a melhor solução. Por vezes, uma mentira é a única forma de evitar um desastre.

– Não volto a fazer – disse-lhe eu. – Prometo.

Se realmente o amasse do fundo do coração, como eu, não teria comportamentos destes. A mensagem implícita nestas palavras da terceira carta dissolve-se como uma tintura venenosa nas águas estagnadas do que a Sra. Mackleroy costumava dizer sobre mim, às vezes, até na minha presença.

Fixo o atendedor de chamadas. Quem me dera que houvesse forma de recuperar a gravação para poder voltar a apagá-la.

Domingo, 21 de abril

(Entregue hoje)

Saffron,

Porque fechou as persianas do quarto? Devia deixá-las abertas. Não ligue ao que eu digo.

Desculpe. Todos os dias fico tão revoltada com a ausência dele, e há uns dias piores do que outros, que é quando começo a disparatar. Lamento ter descarregado em si.

Deixaram-na vê-lo, não deixaram? No hospital, depois? Pôde tocar-lhe e abraçá-lo pela última vez, o que deve ter sido um grande consolo. Foi a Saffron que organizou o funeral, que escolheu o talhão onde o enterraram e a lápide, e que escreveu as palavras que lá estão gravadas. Eu amava-o tanto, pelo menos tanto como você, e não pude fazer nada disso.

Entende por que digo as coisas que digo, às vezes? Sinto-me excluída de tanta coisa.

Continue a viver a sua vida como muito bem entender, peço-lhe, está tudo bem.

A

XX

– Suponho que podemos chamar a isto a nossa primeira reunião de família do ano.

– É a primeira reunião de família *de sempre* – comenta a Phoebe, para meter a sua colherada. Nos últimos dias, resolveu aligeirar um pouco a atitude de desprezo por mim. Não sei bem se foi por eu não ter mencionado a gravidez desde que saí com o professor Bromsgrove ou se não gosta de falar comigo daquela forma na presença da tia Betty, mas, seja como for, estou grata por isso.

– Pois muito bem, como a Phoebe teve a gentileza de fazer notar, esta é a nossa primeira reunião familiar. É preciso que todos tenhamos consciência de que as novas circunstâncias significam que temos de mostrar mais consideração uns pelos outros e respeitar algumas regras básicas.

– Regras essas estabelecidas por ti, não é assim? – intervém, “diligente”, a tia Betty. Hoje traz a sua cabeleira rosa-choque, que tem o poder de eclipsar até a maquilhagem mais carregada e tudo o que ela possa trazer vestido.

– Eu diria que há uma clara possibilidade de que assim seja.

– Isso é um sim ou um não? – pergunta o Zane.

Tem um ar fresco e descansado, as bochechas macias e brilhantes e os olhos de mogno líquido que herdou do pai límpidos e luminosos. Adora ter a tia Betty cá em casa e é a primeira vez, desde há muito tempo, que parece não estar constantemente a debater-se com a dor e o sentimento de perda.

– É um sim, embora o porquê de me sentir culpada ao dizer isto me ultrapasse por completo. Não é que haja propriamente mais nenhum adulto nesta casa.

– Então e a tia Betty? – pergunta a Phoebe. Surpreende-me que não tenha tentado estabelecer-se a si própria no papel de adulta.

Observo a tia Betty reclinada no sofá com o suporte de um e-cigarro na mão, a Phoebe aos pés dela e o Zane sentado no chão à sua frente, encostado ao sofá castanho de pele.

– A tua mãe tem razão, meu doce, eu não sou adulta – declara ela.

– Como eu estava a dizer, gostaria de estabelecer algumas regras básicas para todos. – Atrás de mim, em cima da lareira, há um retrato do Joel a espreitar por cima do meu ombro. Quem me dera poder entrar na fotografia para lhe perguntar o que devo dizer e como dizê-lo. Ou cair numa daquelas agradáveis poças no tempo e lembrar-me da conversa em que combinámos como iríamos fazer isto. – Cada um tem de limpar aquilo que sujou. Sei que, normalmente, já o fazemos, mas tem havido algum desleixo e eu não tenho tempo para limpar e arrumar por todos.

Os três parecem concordar e acenam afirmativamente.

– A seguir, vou instaurar a proibição do uso de telemóveis e outros aparelhos eletrónicos à mesa das refeições.

Instala-se o caos. Espero que os protestos dos meus filhos esmoreçam antes de continuar: – A regra costumava ser essa, mas, por qualquer motivo, acabou por ser abandonada. Há que saborear a comida, concentrarmo-nos no que estamos a comer e saber apreciar a companhia uns dos outros às refeições. São as únicas alturas do dia em que estamos todos juntos, por isso, não te quero perdida no teu Mundo Virtual, Phoebe, nem a ti, Zane, na Terra dos Jogos.

– Ninguém lhe chama Mundo Virtual – resmunga a Phoebe.

– Seja como for, quero que apreciem a companhia um do outro, da tia Betty e da vossa mãe às refeições, entendido?

Acenam com a cabeça, a contragosto.

– Regra final: é proibido fumar dentro de casa.

A tia Betty, que tem estado a aprovar as minhas regras de forma presumida e complacente enquanto sorve o seu e-cigarro, imobiliza-se a meio

de uma passa. O Zane encolhe os lábios para dentro da boca para abafar o riso que tem patente no rosto e a Phoebe murmura: – Apanhaaaaaaaaaaadaaa – com um sorriso seráfico.

– Eu não fumo dentro de casa – protesta a tia Betty, passado o choque da humilhação. Agita o suporte de ébano e metal cromado na minha direção. – Isto não é fumar, é aquilo a que se chama vaporizar. Não há fumo, só vapores. Posso usar aromas diferentes se quiseres.

– Não, obrigada – digo eu. – Porque nesta casa não se fuma, e isso inclui vaporizar, ou o que quer que lhe queira chamar.

– Mas porquê? – lamuria-se a tia Betty.

– Não quero cigarros cá em casa. Nem charutos, cigarrilhas, ou cachimbos, antes que tente recorrer a esses expedientes para contornar as regras. Não quero que os meus filhos pensem que tolero o tabaco, porque não tolero, entendido? Se quiser fumar ou vapor... vaporizar, ou seja lá o que for, vai ter de levantar o traseiro do sofá e ir até ao jardim dar um passeio.

– Isso é uma grande injustiça, sabes? – resmunga ela.

– Pois é.

– E para ti, quais são as regras? – pergunta a Phoebe.

– Sim, Mami – diz o Zane, servindo-se de uma alcunha minha que não utiliza há, pelo menos, dois anos. – O que é que tu vais deixar de poder fazer?

Inspiro fundo, enchendo bem os pulmões, e expiro durante tanto tempo que tenho a certeza de que o ar que liberto alcança a parede do outro lado da divisão. É a única forma de os manter a salvo. Não vão gostar do que vou dizer-lhes, mas é absolutamente necessário. A mulher que matou o Joel anda colada a mim como uma sombra e é impossível prever o que fará a seguir. Sentime intimamente violada quando puxei os cordões para fechar as persianas do quarto, pois deixá-las abertas era outra forma de me manter ligada ao Joel, mas ela está à espreita. Não lhe basta escrever-me cartas, também tem de me vigiar. Aproximar-se a ponto de notar que continuo a usar

as roupas do meu marido para dormir.

Não posso deixar os meus filhos andar por aí até saber o que a Phoebe pretende fazer em relação à gravidez. Uma vez resolvida essa questão, posso conversar com ela, explicar-lhe que temos de ir à polícia contar o que sabemos e aceitar as consequências de não lhes termos dito antes. Até lá, não posso deixá-los expostos, à mercê das maquinações daquela mulher. É esta a verdadeira razão de ser da reunião. O resto podia dizer-lhes à medida que os problemas fossem surgindo, mas, para isto, preciso da total atenção da minha família. Tenho de os fazer compreender a importância de nos mantermos unidos e fazer o que eu digo.

– As novas regras também vão ter um impacto negativo sobre mim – digo eu. – Como não poder vir logo para casa depois do trabalho, por ter de ir buscar a Phoebe às sessões de estudo do clube da biblioteca da escola e o Zane aos clubes dele ou a casa da Imogen.

– Não preciso de ficar na biblioteca da escola depois das aulas – protesta a Phoebe. – Já tenho idade para vir sozinha para casa.

– Eu sei que tens, mas, mesmo assim, vais começar a ir às sessões de estudo. Até já te inscrevi e tudo.

– Mas... – começa ela.

– Sim? – replico. Não tem argumentos, como é óbvio. Não quando há um enorme elefante sentado no meio da sala com a palavra “GRÁVIDA” tatuada em letras gigantes no dorso, de que nenhum de nós se esqueceu nem por um momento.

– Nada! – rosna ela. Pega no telemóvel que tinha em cima do braço do sofá e começa a teclar furiosamente.

– Apanhaaaaaaaaaaadaaa – murmura a tia Betty. Prepara-se para levar o cigarro à boca mas detém-se ao ver a minha sobrancelha esquerda erguida num olhar de advertência.

– És mesmo uma desmancha-prazeres, sabias? – critica ela.

– Com muito orgulho – replico eu, debatendo-me com a dor súbita que me abafa o peito.

Cá em casa sempre fui o único adulto a dizer não quando as circunstâncias assim o exigiam. O Joel também me chamava desmancha-prazeres quando eu batia o pé em relação a ele ou aos miúdos (geralmente, quando ele comprava uma geringonça perfeitamente desnecessária para a cozinha – afinal de contas, quem é que *precisa* de um cortador de feijão-verde?).

Sem trocar uma palavra ou um olhar, embora ambos tenham sido catapultados para uma época anterior *àquele dia*, a Phoebe e o Zane fixam a foto por cima do meu ombro. É óbvio que também sentem o apelo das memórias da família que éramos.

Segunda-feira, 22 de abril
(Entregue na terça-feira, dia 23)

Saffron,

Sente-se bem?

Parecia tão triste a caminho do trabalho, hoje de manhã. Ou andará um pouco tensa? Vi-a olhar para todos os lados antes de entrar para o carro com as crianças. Estaria a tentar ver se me via? Não vale a pena tentar, sou invisível.

Por favor, não deixe que a minha presença a incomode. Veja-me como um anjo da guarda, ou algo do género: sempre por perto, embora não possa ver-me.

Não se preocupe, está bem? Vai correr tudo bem. Vá por mim.

A

XXI

O telemóvel soa e “●” é a mensagem que aparece sob o nome do Fynn. É uma da madrugada de terça-feira. Ainda estou bem acordada, mas será que quero isto? Passou um ano, as coisas mudaram entretanto. E depois daquela conversa na cozinha, no sábado, e de ele ter ignorado as minhas mensagens a perguntar como estava, não pensei que quisesse ver-me, e muito menos que estivesse disposto a...

Olho fixamente para o telemóvel. Quero muito vê-lo, conversar com ele, resolver as coisas entre nós, mas se o Fynn julga que... Certamente, não acredita que podemos voltar ao mesmo depois de todo este tempo.

Atiro para trás os cobertores e salto da cama. Visto a enorme camisola de torcidos com decote em V do Joel e tiro o turbante de seda que uso para dormir. Mais uma vez, sinto o coração a palpitar num ritmo louco que me comprime os pulmões. Regulo a respiração para tentar acalmar-me enquanto desço as escadas sem ruído e me dirijo à porta da frente, de telemóvel na mão.

O Fynn sorri-me quando lhe abro a porta, aliviado, ao que parece, por eu não o ter ignorado, mas não faz menção de entrar.

– Olá – diz ele, simplesmente.

– Olá – respondo, perplexa e desconfiada.

– Eu sei que já é tarde, mas vinha pedir-te para vires dar um passeio comigo. Não temos de ir muito longe, sei que os miúdos estão a dormir, mas gostava mesmo de falar contigo fora de casa, pode ser?

A minha resposta é um silêncio hesitante. *Bem, pelo menos, não quer dormir comigo, é o primeiro pensamento que me ocorre, logo seguido de: Se calhar mais valia, porque quando dormíamos juntos não falávamos e quando falávamos dávamos cabo de tudo.*

Tenho receio de sair de casa, não vá aquela mulher andar por aí. Mas não deve andar, não a uma hora destas. Afinal, também precisa de dormir, não?

– Se acontecer alguma coisa, tenho a certeza de que a tia Betty dá conta do recado até regressarmos – argumenta ele. – Não vamos muito longe, prometo.

Enfio a mão no bolso do casaco pendurado num gancho ao lado da porta e retiro de lá as chaves de casa antes de calçar as sapatilhas. Enfio-as à pressa e agito os pés até encaixarem e conseguir puxar as orelhas de trás para fora.

Está fresco, não há nuvens no céu noturno, e a poluição luminosa não parece tão potente esta noite, pois consigo divisar a auréola de estrelas que rodeia o planeta. Provavelmente, devia ter vestido o casaco. Arrefeci um pouco, mas não quero voltar a casa e prolongar ainda mais isto.

Já no passeio, do lado de fora do portão, o Fynn estende-me a mão e eu, quase a medo, enfio a minha mão na dele. Ele volta a sorrir de alívio e começamos a descer a rua. As nossas mãos encaixam bem, complementam-se, tal como os nossos corpos encaixavam. Ele passa-me o polegar pelas costas da mão num gesto meigo, de afeto. Era essa também a linguagem dos nossos corpos: a da meiguice, do afeto.

Vivo numa rua estreita em que se torna complicado circular quando há carros estacionados de ambos os lados e que parece ainda mais acanhada vista assim de perto, à noite. Vejo uma raposa a sair disparada de uma casa do outro lado da rua e a desaparecer pela estreita passagem que percorre a lateral da casa a seguir à nossa. Tenho de contar ao Zane, vai ficar entusiasmadíssimo: julgávamos que já não havia raposas nesta zona, porque em todas as noites que ficámos acordados à espera delas nunca observámos nenhuma. Calculámos que tinham seguido para outras paragens, retomado as suas vidas, como seria de esperar, mas afinal não. Ou talvez o tenham feito, talvez tenham tentado ir embora e descoberto que o sítio onde foram parar não era o mais adequado para elas, e tenham sido obrigadas a voltar a correr

para o sítio de onde vieram.

– Tive uma irmã – diz o Fynn quando já estamos a seis casas da minha.

– “Tiveste”? Queres dizer, como eu *tive* um marido?

– Sim, nesse sentido.

– Oh, lamento. Nunca soube disso. O Joel nunca me falou dela.

– O Joel não te falou dela porque não sabia. Morreu antes de eu o conhecer. Na família não se fala do assunto, é doloroso de mais.

– Tenho muita pena.

– Obrigado, já foi há muito tempo.

Então era esta a origem da tristeza do Fynn, a mágoa que ele carregava como um fardo pesado. É por isso que ele sabe que a dor não desaparece, que apenas se torna mais fácil viver com ela, agregá-la ao resto para podermos erguer a cabeça e seguir em frente.

– Nunca falo sobre a minha irmã – diz ele –, mas penso nela todos os dias. Quando o Joel...

– Como... Estás a querer dizer-me que também a mataram?

– Às vezes, é a sensação que dá. Tinha 19 anos e morreu devido a uma insuficiência cardíaca. Pelo menos, é o que diz o atestado de óbito e é o que nós dizemos se por acaso falamos sobre o assunto. O que *nunca* acontece, na nossa família. Na realidade, é tabu porque a Nell morreu de anorexia.

– Não estou a perceber.

– Era anorética desde os 13, acho eu... Não tenho bem a certeza porque era um pouco mais novo do que ela. Mas o coração não aguentou as dietas sistemáticas, o exercício físico constante e tudo o mais que ela fazia no pico da doença.

Aperto-lhe a mão, amparando-o como ele me amparava quando adormecíamos enlaçados um no outro.

– Que horror.

– Eu sei. Nunca consegui superar a morte dela. Culpo-me porque via o

que estava a acontecer, mas nunca disse nada. Deixei-a literalmente definhar, desfazer-se em nada.

– O que podias tu ter feito? Tinhas, o quê...?

– Quinze.

– Quinze anos. Como podias tu ajudá-la?

– Podia ter-lhe dito que não estava sozinha. Que entendia, embora não fosse verdade. Teria sido preferível a seguir o exemplo dos meus pais e ignorar o problema. Às vezes, pergunto-me se tudo aquilo não seria apenas uma forma de gritar pela nossa atenção, de fazer com que reparássemos nela.

– Às vezes é difícil confrontar o que está mesmo à nossa frente. Tal como eu com a Phoebe e aquilo que suspeito ser uma necessidade desesperada de ser amada, que resultou numa gravidez aos 14 anos.

Sinto uma vaga de pânico a invadir-me, deixando-me zozna, ao ser assaltada pela memória. A minha filha tem 14 anos e está grávida.

– Vá, acalma-te, está tudo bem – diz o Fynn, puxando-me para si ao apertar as nossas mãos unidas contra o peito. Muda de ideias e abraça-me com tanta força que sinto o bater do coração dele contra o meu peito.

– Se eu passo metade da noite acordado a pensar no melhor a fazer, tu nem deves dormir com tantas preocupações.

– Nem por isso, não.

E ele não sabe a metade das minhas preocupações.

– Vai correr tudo bem, Saff. Hás-de conseguir dar a volta a isto. Confio em ti.

Já não nos tocávamos nem nos abraçávamos assim desde antes do que aconteceu entre nós. Conseguimos arrepiar caminho, agir como se nada tivesse acontecido, mas as coisas entre nós nunca mais voltaram a ser como dantes, fisicamente. Por acordo tácito, formou-se entre mim e ele uma barreira invisível que nenhum de nós se atrevia a derrubar. Agora que foi derrubada o meu corpo relaxa contra o dele, deixa-se embalar pela

familiaridade do abraço do Fynn.

Ele afasta-se e agarra-me pelos ombros por um instante mais longo do que o necessário antes de voltar a dar-me a mão para prosseguirmos caminho. Quando retomamos o ritmo anterior, com os nossos passos como o bater de um coração na quietude da noite, ele diz de chofre: – Saff, apaixonei-me por ti.

Sobressalto-me, o meu passo vacila, mas o Fynn continua a caminhar e, como estamos de mãos dadas, sou forçada a acompanhá-lo.

– Não quero que digas nada – apressa-se ele a acrescentar. – Sei muito bem que não sou correspondido e que tenho de aprender a lidar com isso, mas não posso fazê-lo e estar contigo ao mesmo tempo. Sobretudo se tenho de te ver com aquele tipo, o tal Lewis.

– Mas eu não...

– Não negues, está bem? Quer queiras admiti-lo, quer não, há qualquer coisa entre vocês os dois e eu não quero ficar de lado a assistir. Não quando estou tão... Nem sequer me dei conta do que sentia até te ver com ele. Nesse momento foi como se estivesse a ser arrastado por uma torrente de sentimentos que até então desconhecia. E agora apercebo-me de que, até este momento, ainda tinha esperança de que pudéssemos, sei lá, vir a ser um casal, juntar os trapos, talvez até ter um bebé, embora já estejamos um bocado entradotes. Já nem sei o que digo... Estou chocado comigo próprio.

– Fynn...

– Não, não fales, não vale a pena. Não foi por isso que insisti em falar contigo hoje à noite. Queria pedir-te desculpa porque não tenho sido um bom amigo para ti.

Os meus pés detêm-se. Estaco, recuso-me a avançar, obrigando-o também a parar.

– Que disparate é esse? Tens sido o melhor amigo que alguém pode desejar.

– Não, não tenho, e lamento não podermos continuar a ver-nos para te compensar.

– Fynn, és o meu amigo mais querido. Não teria sobrevivido aos últimos 18 meses se não fosses tu.

– Não. Um bom amigo – um amigo a sério – já te teria confrontado em relação ao teu distúrbio alimentar.

Tento soltar a mão, mas ele não deixa. Agarra-me com firmeza e olha-me nos olhos pela primeira vez desde que lhe abri a porta.

– Como assim? – pergunto quando se torna claro que não posso fugir-lhe.

– Não me parece que seja apenas anorexia, desconfio que é mais bulimia. Ou mesmo uma combinação dos dois, mas não interessa. Não tenho sido franco contigo em relação a isso. Há muito que suspeito, mas só quando me disseste que o que aconteceu entre nós foi apenas sexo é que percebi o que realmente se passava. Era a tua forma de lidar com a dor, não era? Costumavas usar a comida e, depois, passaste a usar o sexo. Por isso é que acabaste com tudo quando eu comecei a envolver-me emocionalmente, em vez de manter a relação a um nível puramente físico.

Finalmente consigo libertar-me, criar alguma distância entre mim e todos aqueles absurdos. Deixo-me ficar para trás, com os olhos a dardejar de raiva.

– Diz-me que estou enganado – incita ele.

– Estás enganado. Estás redondamente enganado. Olha bem para mim. – Estendo os braços para os lados. Tenho um corpo forte e atarracado, deformado e, decididamente, flácido mesmo sem a camisola. – Não achas que se sofresse de um distúrbio alimentar seria magra?

– Mas tu *és* magra.

– Sou lá magra! Já me viste nua, sabes bem que não sou magra.

– *Tu és magra*. E não comes nada.

– Como, sim senhor. Estou constantemente a comer.

– É mentira, Saff. Cozinhas, mas nunca comes nada. Quando vou jantar lá

a casa dá-me sempre o teu prato, ou dizes que comes qualquer coisa mais tarde. Quando comes, se é que o fazes, é sempre sozinha. E duvido muito que não vomites a seguir.

– Peço desculpa se fiquei sem apetite desde que perdi o meu marido.

– Olha para as tuas mãos, Saff. São lindas, se não tivermos em conta as cicatrizes nos nós dos dedos de...

As minhas mãos. A única parte do meu corpo que me deixa ficar mal. Por isso é que ele me pegou na mão, por isso é que me acariciou os nós dos dedos: não como um gesto de afeto, mas para me examinar, para ver se havia indícios do que julga que faço. Cruzo os braços e escondo-as nas covas dos cotovelos.

– Para, peço-te. Sabes bem que isso não faz sentido nenhum.

O Fynn cala-se e fica a observar-me durante longos instantes.

– Fiz tudo mal. Não devia ter entrado a matar, desculpa. O que eu devia ter dito é que sou teu amigo. Gosto muito de ti. Não percebo aquilo por que estás a passar, mas quero ajudar-te, quero perceber e quero que saibas que podes contar comigo. Devia ter dito que vai correr tudo bem. Que vais ficar boa se procurares ajuda e se fores sincera contigo própria e com os outros, se conseguires encontrar alguém com quem possas falar à vontade. Devia ter dito que há montes de sítios onde podes...

– Lamento imenso o que aconteceu à tua irmã – interrompo. – Sei o que isso pode fazer a uma pessoa, sei que comesas a ver a mesma coisa por todo o lado, em toda a gente, mas eu não tenho nenhum distúrbio alimentar.

– Há montes de sítios onde podes receber ajuda – continua ele como se eu não tivesse dito nada. – O que eu devia ter dito era: tens de procurar ajuda. Consulta o teu médico, faz uma pesquisa *online*, telefona para uma linha de apoio. Fala com alguém, Saff. Ninguém pode dar esse primeiro passo por ti, mas podem orientar-te nos passos seguintes. O que eu devia ter dito era, por favor, *por favor*, pede ajuda antes que... Os teus filhos não precisam de

perder também a mãe, percebes?

Não acredito no que o Fynn acabou de fazer. Não acredito que se esquivou da conversa no outro dia para vir agora com estas... estas *barbaridades*.

Ele olha para mim, desafia-me a dizer-lhe outra vez que está enganado.

Quando consigo recuperar do choque e da descrença o suficiente para falar, digo: – Pois bem, como não sinto por ti o mesmo que tu sentes por mim, como não precisei de estar apaixonada para ir para a cama contigo, e fazê-lo contigo não foi obviamente uma experiência transformadora, é assim que tu te vingas, não é? – Enquanto falo ele cruza lentamente os braços e inclina ligeiramente a cabeça para o lado, mas não diz nada. – Como acabei com tudo, e obviamente não estou morta por voltar a fazê-lo, e como nunca me ocorreu pensar sequer em ter outro filho, muito menos contigo, fazes-me uma coisa destas? É desta forma que pretendes pôr-me no meu lugar? Insinuando que sou uma mãe negligente, que tenho um problema grave, que mais tarde ou mais cedo hei-de acabar com a minha própria vida e abandonar os meus filhos já tão traumatizados? Nem quero acreditar nos meus ouvidos. Nunca pensei que fosses capaz de descer tão baixo. Foi apenas sexo, Fynn. Tens casos passageiros a toda a hora. Não vejo porque é que havia de ser diferente comigo. Porque é que tinhas de fazer disto algo que não é? Para acabarmos assim?

O Fynn estampou no rosto uma expressão neutra, indiferente, imperturbável, mas sei que se sente magoado, que as minhas palavras o feriram por dentro. Bem feito. Ele também me magoou, dizendo-me tudo aquilo, acusando-me de... também me magoou. E foi ele que começou.

As palavras que utilizámos para nos atacarmos mutuamente pairam entre nós como um véu coberto de espinhos e durante longos minutos parece que nenhum de nós tem coragem suficiente para tentar vencer esse obstáculo, varrê-lo para longe.

– Então, ainda bem que não vamos voltar a ver-nos, não achas? – diz ele por fim, baixando os braços com um suspiro. – Antes de ir, tenho de fazer uma última coisa.

Retira do bolso da camisola de capuz cinzenta um conjunto de três pequenas chaves presas num frágil anel de arame que alguém deve ter passado anos a prometer substituir por um porta-chaves como deve ser. Tenta disfarçar o quanto treme quando estende o braço e deposita os pequenos fragmentos de metal na palma da minha mão.

– São tuas.

– O que é isto? – pergunto eu, embora seja mais do que óbvio.

– As chaves da cabana de praia. Fui eu que a comprei. Não podia deixar-te vendê-la, não quando tinha tanto significado para ti, para o Joel e para os miúdos. Só estava à espera do momento certo para tas devolver, mas, entretanto, meteu-se o Natal, o funeral, o aniversário do Joel, fez um ano que ele morreu... O momento certo nunca chegou, porque só serviria para reavivar o sofrimento numa altura em que vocês pareciam estar finalmente a recuperar alguma tranquilidade. Mas, como vou deixar de estar por perto, chegou o momento. Devolvo-te a tua cabana. Vais ter de mandar alterar os registos na Câmara Municipal e na Capitania do Porto, mas já lhes comuniquei que és a nova proprietária, por isso, é tua outra vez.

– Fynn...

– Não digas nada, Saff. Não há mais nada a dizer. Vou embora. Vou... olha, já fui.

– Não vás assim, por favor. Por favor. – Inspiro fundo para travar as lágrimas, para controlar a cadência errática do meu coração. – Por favor. – O ar recusa-se a encher-me os pulmões, a abrandar o ritmo desgarrado no meu peito. – Desculpa. Des... Desculpa. – Começo a hiperventilar. Preciso de me acalmar, mas não há tempo para isso. Se paro para tentar recompor-me, ele vai-se embora. – Não... não podemos deixar as coisas como estão...

– Cuida de ti – diz o Fynn por cima das minhas palavras.

Em desespero, toco-lhe no ombro para o prender aqui, para não o perder de vista até podermos conversar melhor. Ele repele-me com um gesto brusco como se o meu toque lhe tivesse queimado a pele.

– Cuida de ti – murmura ele com lágrimas na voz.

Segue caminho rua acima, cabisbaixo. Por isso é que quis dar um passeio a meio da noite, para poder virar costas e desaparecer sem portas nem paredes a detê-lo.

– Por favor, Fynn... – chamo eu, ofegante. – Desculpa... Por favor. Desculpa... Por favor. Por favor. *Por favor.*

Naquele dia, implorei em silêncio durante todo o caminho para o hospital. Implorei na morgue gelada, junto de um cadáver com o rosto coberto por um lençol. Implorei quando regressei a casa e, apertando as mãos dos meus filhos, proferi as palavras que nunca imaginara ter de vir a encontrar. Implorei à medida que as palavras calavam bem fundo nas suas mentes e eles se desintegravam apesar dos meus esforços para os manter inteiros, para os apertar contra mim e protegê-los.

Há 18 meses que imploro todos os dias.

É isto que eu imploro sempre: *Por favor, por favor, que nada disto esteja a acontecer. Por favor, por favor, que não seja verdade.*

PARTE VI

XXII

6 meses antes *Daquele Dia* (abril de 2011) – Ffrony, vou ter de desistir do Prato (Per)Feito.

– Como? Mas porquê? – perguntei-lhe. Sentei-me de joelhos na cama e dei com o meu marido às voltas pelo quarto, tenso, agitado, com uma expressão inquieta no olhar. Sentou-se na cama, mas levantou-se logo de um salto, incapaz de estar quieto. Marchou até ao sofá de pele da sacada, sentou-se mesmo na beirinha e voltou a levantar-se. Chegou-se à cama e lá recomeçou o frenesi.

Geralmente, depois de uma aula de culinária fervilhava de entusiasmo, punha-se aos saltos em cima da cama e brindava-me com uma descrição hiperdetalhada (e muitas vezes enfadonha) da aula, explicando passo a passo as técnicas que tinha aprendido, as combinações de sabores que experimentara, as pessoas com quem travara conhecimento. Tirando isso, raramente o via neste desassossego, pois, por regra, era uma pessoa lúcida e racional na forma como abordava os problemas. Podia contar pelos dedos de uma mão as vezes que o vira tão enervado.

– É humilhante de mais – disse ele, por fim. Parou de se mexer, encarou-me e estremeceu, visivelmente constrangido. – Há lá uma mulher, a Audra. Lembras-te de te ter falado dela? A que andou a tentar convencer-me a trabalhar com ela num livro de receitas?

De facto, lembrava-me de o Joel ter mencionado uma Audra e, a julgar pela forma como falara, a mulher parecia interessada nele. Ele nem desconfiava, como é óbvio. Era bom de mais. Ingénua. Eu nunca pediria a um homem que mal conhecesse, um potencial adversário, para trabalhar comigo numa ideia para um livro de receitas se não andasse interessada nele. Tratava-se de um livro de receitas fáceis e rápidas, nada de terrivelmente

inovador, mas o Joel tinha-se mostrado entusiasmado e eu não dissera nada sobre as minhas suspeitas.

– Sim. – Assenti. Sentei-me para trás na cama e aguardei o inevitável.

Ele arrepiou-se uma vez mais, mortificado, e recomeçou a andar para cá e para lá no quarto.

– Hoje a aula terminou um pouco mais cedo e ela sugeriu que fôssemos beber um copo para falar sobre o livro de receitas, discutir o que já tinha feito e o que eu achava do material, até agora. E... – Calou-se, tenso, dominado por uma nova onda de vergonha. – Ela tentou beijar-me.

– Oh! – Mentalmente, claro, gritei *Eu sabia que ela andava de olho em ti!*, ao mesmo tempo que pensava numa forma de obter a morada da tal Audra para lhe dizer que se afastasse do meu marido.

– Fiz questão de deixar logo bem claro que não estava interessado. Que, mesmo que não fosse casado, não estaria interessado. Enviei uma SMS ao professor a dizer-lhe que não podia continuar a trabalhar com ela. Mas a caminho de casa pensei melhor e cheguei à conclusão de que seria mais fácil para todos se simplesmente desistisse do curso. A Audra vai sentir-se tão constrangida. Um ambiente de tensão nunca é bom quando somos apenas 10.

– Ai, *ela* vai sentir-se constrangida? Então e tu? O atrevimento da fulana! Ela não viu a tua aliança?

– Claro que viu. E não é que eu não lhe tenha falado de ti e dos miúdos e não lhe tenha mostrado as fotografias.

Sentou-se na cama e agarrou-me as mãos.

– Juro-te, Ffrony – disse ele –, não correspondi ao beijo nem nada. Pirei-me logo... depois de nos ter feito passar uma grande vergonha, a mim e a ela.

– Porquê? O que é que lhe disseste?

– Não me lembro exatamente de como foi, estava em pânico. Mas disse-lhe que não era desses. Que era casado e tinha família. Que não pensava nela naqueles termos, simpatizava com ela mas, casado ou não, nunca a veria

daquela forma.

– Não parece assim tão mau. Pelo menos, foste sincero.

– Essa não foi a parte problemática. Estávamos sentados numa mesinha discreta e eu saltei da cadeira para impor alguma distância entre nós. Dei por mim a gritar-lhe todas estas coisas a uns dois metros dela, num bar apinhado de gente. Estavam todos a ouvir e a olhar para nós. Ela saiu disparada do bar e eu acabei por fazer o mesmo.

– Oh!

– Que trapalhada. Entrei em pânico, não tive hipótese de pensar na forma mais correta de agir. Nunca estive numa situação daquelas.

– Ai isso é que já estiveste.

– Não assim. Às vezes ouves comentários e podes até trocar uns piropos, mas há limites. Ponho sempre um travão a tudo antes de chegar a isto. Neste caso não pude fazer nada porque nunca me passou pela cabeça que ela pudesse estar interessada. E, mesmo que estivesse, quem é que tenta beijar um homem casado?

– Mais gente do que imaginas.

– Olha, eu cá não! – Nitidamente a ideia repugnava-o. – Estas coisas não me acontecem a mim.

– Acontecem a toda a hora, tu é que não vês.

– Não faço nada do género desde Lisboa. Juro-te, Ffrony.

– Eu sei. E conheço-te. Sei, por exemplo, que vais sentir-te muito mal por teres magoado uma colega, por isso, o melhor é ligares-lhe já. Pede desculpa por teres dito tudo aquilo em pleno bar e depois repete o que disseste, mas agora só para os ouvidos dela.

– Achas que devia ligar-lhe? *Estarás boa da cabeça?* Ainda vai achar que estou interessado nela ou qualquer coisa do género.

– Ah, pois, és capaz de ter razão. Então, olha, diz-lhe que a tua mulher te disse para lhe ligares a pedir desculpa. Que tudo não passou de um grande

mal-entendido e que não queres que isso prejudique as aulas.

– Achas mesmo?

– Acho. Não podes desistir do curso, adoras aquelas aulas. Custaram-me uma fortuna e permitem-me ter três horas de paz todas as quartas-feiras à noite. Não penses que vou abrir mão disso sem dar luta.

– Talvez tenhas razão. Mas, pelo sim, pelo não, vou pesquisando outros cursos, talvez haja algo igualmente abrangente. E aí já posso pedir transferência.

– Boa ideia. Vá, liga-lhe. Não é bom deixar arrastar estas coisas.

XXIII

– Mãe, mãe – chama a Phoebe, aflita. Acordo com ela a abanar-me, agarrada ao meu ombro como se estivesse à beira de um precipício sem fundo.

– Já estou acordada, já estou acordada – digo eu, e abro os olhos ao mesmo tempo que me endireito na cama. – Já acordei.

Por regra, não durmo tão profundamente, por isso, desorienta-me um pouco ser acordada aos abanões em vez de acordar de forma espontânea. À luz que vem do corredor através da porta aberta, vejo-a ajoelhada à beira da cama e apercebo-me de imediato da expressão de medo no rosto dela.

– O que foi? – Pestanejo com força, repetidamente, para espantar o sono e manter-me bem alerta.

– Há alguém a tentar entrar cá em casa – sussurra ela.

Fico paralisada.

– O quê?

– Consigo ouvi-los lá em baixo, do meu quarto. Estão a tentar entrar pela porta das traseiras.

Olho automaticamente para o lado da cama do Joel. *O que faria o meu marido?*

Quando nos mudámos para esta casa vivíamos no medo de que acontecesse uma coisa destas: nunca tínhamos tido tanto espaço, tantas portas, janelas e pontos de entrada da nossa exclusiva responsabilidade. Todas as noites fazíamos a ronda para verificar que estava tudo trancado e dormíamos com um ouvido à escuta, não fosse alguém tentar entrar. *O Joel* fazia a ronda para verificar que estava tudo trancado. O que nos incomodava não era a ideia de sermos assaltados, mas de estragarem objetos de valor sentimental, e de estranhos a andar pela casa, a contaminá-la com a sua

presença indesejada.

Com o passar do tempo deixámos de nos preocupar tanto, fomos tendo outras coisas em que pensar. Nunca houve um plano formal para uma eventualidade destas e não sei o que fazer.

Será que devíamos alertar os intrusos para o facto de estarmos acordadas, acender umas luzes, fazer barulho para, com alguma sorte, os afugentarmos? Ou será melhor escondermo-nos e chamar a polícia? Pensando bem, talvez seja preferível ver primeiro se a minha filha não se enganou antes de precipitar outro drama.

– Mostra-me – digo-lhe.

Com a Phoebe no meu encalço, atravessamos rápida e silenciosamente o corredor atapetado, passando a casa de banho, o quarto do Zane e as escadas que dão para as águas-furtadas, até chegarmos ao quarto dela nas traseiras da casa, por cima da cozinha.

Desloco-me até à janela e, quase de imediato, ouço o arranhar na porta das traseiras de alguém que pausa regularmente para experimentar o puxador. A distância que separa a porta das traseiras do quarto da Phoebe não abafa o labor industrioso com que o intruso lá em baixo está a tentar entrar em nossa casa. Obviamente não é um profissional, caso contrário já teria entrado, imagino eu. Também não se trata de um novato nestas andanças, pois, se assim fosse, teria tentado arrombar a porta. O ruído (inclino a cabeça para o lado para tentar discerni-lo melhor) assemelha-se ao som de alguém a experimentar diferentes chaves na fechadura. Uma após outra, insere-as na ranhura e, depois, faz aquela pausa ao fim de cada tentativa, embora o mecanismo não tenha desbloqueado, para rodar o puxador. Quem é, espera entrar. É apenas uma questão de tempo.

Não vale de nada olhar lá para fora para tentar localizar, *identificar* de quem se trata, porque do sítio onde me encontro não é possível ver a porta das traseiras, oculta pelo telheiro da extensão da cozinha.

Vejo o telemóvel da Phoebe ao lado da cama, ligado à corrente por um longo cabo preto enquanto carrega. Com todo o cuidado, desligo-o do carregador e, pé ante pé, saio do quarto às arrecuas, quase tropeçando por cima dela, parada no limiar da entrada com a mesma máscara de terror no rosto.

– OK, Phoebe, quero que venhas comigo acordar o teu irmão – sussurro.
– E depois, quero que subam até ao quarto da tia Betty e se tranquem lá dentro. – Entrego-lhe o telemóvel. – Quando estiverem todos em segurança, ligas para o número das emergências, entendido?

A minha filha arregala os olhos para o dobro do tamanho, enormes globos brancos com minúsculas pupilas de mogno liquefeito ao centro, e recusa-se a apertar os dedos em redor do telemóvel. Tem receio de falar com a polícia não vá escorregar-lhe a língua e confessar espontaneamente o que sabe sobre a morte do Joel, aquilo que me pediu para não contar a ninguém.

– Sei que tens medo da polícia – sussurro-lhe –, mas numa situação destas são as únicas pessoas que podem ajudar-nos, OK? – Enfio-lhe o telemóvel na mão. Ela aceita-o, relutante, e faz um aceno de cabeça.

– Quando falares com eles não te esqueças de dizer que há um intruso a tentar arrombar a porta e que há duas crianças e uma idosa na casa. Talvez isso os faça vir mais depressa.

O Zane sempre teve um sono pesado. Já aconteceu aspirar o quarto enquanto ele dormia uma sesta em cima da cama sem lhe causar a menor perturbação. Levamos imenso tempo a despertá-lo e, para que não grite connosco, tenho de lhe tapar a boca com a mão e fazer-lhe sinal para não falar.

– Vai lá para cima com a Phoebe para o quarto da tia Betty – sussurro-lhe. – Tenta não fazer barulho, ela depois explica-te o que se passa.

– Espera, onde vais? – pergunta a Phoebe baixinho.

– Vou lá abaixo ligar as luzes. Pode ser que chegue para os espantar.

– Não podes... – protestam os dois quase em uníssono.

– Não se preocupem, eu fico bem. Sobretudo quando tiveres ligado à polícia, Phoebe.

Parecem relutantes em deixar-me sozinha, por isso, fico ao pé das escadas atapetadas que dão para o sótão a vê-los subir. Com o telemóvel a servir de lanterna, contornam a esquina ao chegar ao patamar lá em cima. Vejo a luz azulada do ecrã do telemóvel a iluminar o patamar e ouço-os a abrir a porta do quarto da tia Betty. Quando se fecha atrás deles e ouço a chave a rodar na fechadura, regresso ao meu quarto. Antes de pegar no telemóvel, enfio a camisola do Joel.

As tábuas do soalho e das escadas que rangem são fáceis de evitar. Já o faço há, pelo menos, nove anos, inconscientemente delineando um mapa mental para evitar acordar os miúdos e o Joel quando tenho de ir lá abaixo a meio da noite. Ao fundo das escadas sou acometida por uma raiva inesperada. Se antes estava assustada, agora estou furiosa: mais uma provação nas nossas vidas, como se já não bastasse a morte do Joel, os problemas lá no trabalho e a minha situação na empresa, a gravidez da Phoebe e as cartas. Porquê nós? *Porquê?*

Sinto ganas de pegar no guarda-chuva pendurado no bengaleiro ao fundo das escadas e irromper cozinha adentro a gritar a plenos pulmões, investindo contra a porta das traseiras. Adorava pregar um susto de morte a quem quer que seja que está a tentar entrar em nossa casa. Quero infundir-lhes, por um segundo que seja, o mesmo terror que nos fizeram sentir a nós.

“Os teus filhos não precisam de perder também a mãe”, disse-me o Fynn. São essas palavras que me impedem de o fazer neste momento. Adorava, mas não posso. Não sei quem são, o que pretendem, nem se vêm armados. Ignoro o que me espera e não quero deixar os meus filhos órfãos.

O que sei é que o intruso pensa possuir uma chave da casa e que não veio por engano, mas sim deliberadamente. As traseiras da casa dão para outros

jardins, o único acesso a partir da rua é a estreita passagem do outro lado da casa a seguir à nossa, que só vai até ao jardim das traseiras dos vizinhos. A casa está sempre às escuras, porque os vizinhos viajam muito, o que faria dela um alvo muito mais fácil se o intruso andasse simplesmente a assaltar propriedades. Ao contrário da nossa, a casa para a qual pensam ter uma chave.

Sinto o coração a martelar-me no peito de forma errática e volátil, muito diferente da noite em que discuti com o Fynn e nada como quando estive com o Lewis na cozinha. É uma palpitação violenta, agressiva, intensa, diferente de tudo o que senti até agora.

Respira fundo, penso eu enquanto espero no corredor, a poucos passos da sala, de olhos fixos na porta da cozinha, fechada. *Respira fundo*. O Joel queixava-se sempre de eu não fechar as portas quando ia deitar-me.

– Podia salvar as nossas vidas em caso de incêndio – dizia ele –, porque ajuda a conter as chamas numa determinada divisão.

Desde *aquele dia*, nunca mais me esqueci de o fazer.

Respira fundo. Recuo até ao bengaleiro e aperto nos dedos o frio cabo de imitação de madeira do enorme guarda-chuva que ofereceram ao Joel quando ele trabalhou no *design* de uma série de produtos para uma grande empresa de Brighton. Com toda a cautela, faço-o deslizar para fora do suporte de latão e aproximo-me da porta branca, apainelada, da cozinha. *Respira fundo, respira fundo*.

Nisto, ouço-o à distância: aquilo por que tenho estado à espera, o som agudo e insistente das sirenes da polícia a aproximar-se. Definitivamente, vêm na nossa direção. Escancaro a porta da cozinha e ligo o interruptor, ficando com a visão momentaneamente ofuscada pelo fulgor da luz refletida nas superfícies polidas e na tijoleira branca. A silhueta do outro lado da porta de trás é de baixa estatura, esguia, um pouco distorcida pelo vidro martelado. A pessoa imobiliza-se por uns momentos antes de recuperar o sangue-frio,

largar o que tem nas mãos e desaparecer por entre as sombras do jardim.

Fico imóvel como uma estátua. Conheço a identidade do nosso intruso.

A noite em redor da casa é agora um circo de sirenes, faróis de luz azul intermitente e portas de carros a abrir e a fechar. Ouço bater à porta por cima do ruído dos rádios com vozes a gritar instruções.

Não consigo mexer-me. Fico parada junto da mancha da cozinha, a olhar para o sítio onde vi a Audra, a mulher que assassinou o meu marido, a tentar invadir a nossa casa.

XXIV

– Lamento que nos tenhamos voltado a encontrar nestas circunstâncias, Sra. Mackleroy – diz o agente, aquele de antes.

– Quase valeu a pena só para o ouvir dizer o meu nome como deve ser logo à primeira – replico.

Os outros, ainda de pijama, tolhidos de terror, estão todos na sala encolhidos no sofá, com a tia Betty entre os miúdos agarrados a ela, um de cada lado. Devia ser eu, eu é que queria estar a abraçá-los neste momento, mas tenho de prestar declarações e não quero fazê-lo ao pé dos miúdos para não avivar ainda mais o terror, dar forma aos seus pesadelos.

O agente força um sorriso enquanto deita um olho aos colegas que entram e saem da cozinha deixando atrás de si rastos de lama trazida do relvado, dos canteiros de flores, da horta, aparentemente em busca de provas. O mundo lá fora começa a clarear. O dia nasce indiferente ao infortúnio de pessoas como nós. Esta manhã ninguém vai a lado nenhum, o que significa que vou ter de tirar outro dia de folga.

– Pode dizer-nos alguma coisa? – pergunta o agente. É inspetor, agora, um homem alterado. Talvez, como parte das novas funções, tenha participado em algum curso de sensibilização, ou talvez tenha sido repreendido por mais umas quantas vítimas de crimes, ou, se calhar, amadureceu, simplesmente. Seja como for, vejo-lhe uma postura diferente, genuinamente empática, em lugar da antiga atitude agressiva e ameaçadora sob a capa de uma voz controlada.

Digo-lhe o que sei e ele confirma as minhas suspeitas – que a pessoa estava a experimentar chaves –, mostrando-me um saco de provas com um conjunto de mais de 50 chaves de vários tipos reunidas num aro metálico do tamanho de um pires.

– Acha que quem fez isto costuma andar por aí com um molho gigante de chaves a tentar entrar nas casas das pessoas, de forma aleatória? – pergunto-lhe.

– Para ser sincero, nunca tal ouvi – admite o agente. – O que acontece muito é alguém ter a chave de uma casa mas não se lembrar de qual é, e levá-las a todas com a intenção de as experimentar uma a uma até acertar.

Embora esteja apenas a ser sincero, a resposta dele provoca-me um arrepio gelado na espinha. Não troquei as fechaduras depois da morte do Joel. As chaves dele acabaram por me ser devolvidas juntamente com a carteira, o telemóvel e as roupas que trazia *naquele dia*, e nunca me ocorreu sequer trocar as fechaduras, nem verificar se as chaves estavam todas lá. Recebi um molho de chaves que eram apenas isso, chaves, sem nada de invulgar ou digno de nota para além de terem pertencido ao meu marido.

– Faz alguma ideia de quem pode ter sido? Trocaram as fechaduras quando se mudaram para cá, por exemplo?

– Sim, foi das primeiras coisas que fizemos. – Hesito. – Não as troquei depois de...

– Ah, claro, é natural. Eu próprio não julgaria necessário fazê-lo, tendo recuperado as chaves. E o mais certo seria nem notar se faltasse alguma.

– Vou ter de trocar todas as fechaduras – lamento-me eu.

– Aproveite para instalar também trancas nas janelas, em ambos os pisos.

– Acha que é necessário? – *Está a dizer-me que realmente corremos perigo mesmo sem saber das cartas e do segredo da Phoebe sobre aquele dia?*

– É o mínimo em termos de segurança, penso eu – responde ele com gentileza.

– Isto nunca mais tem fim, pois não? – digo eu para mim própria, mas em voz alta. Por isso, o agente julga que estou a falar com ele.

– Sra. Mackleroy, lamento muito não termos apanhado a pessoa que

matou o seu marido. Penso muitas vezes no caso e abro o ficheiro para ver se não nos terá escapado alguma coisa. Foi por isso que vim cá hoje quando ouvi o seu nome e a morada.

É uma pessoa diferente. Sinto que agora já posso confiar nele. Provavelmente, podia mostrar-lhe as cartas, contar-lhe sobre a Phoebe, explicar porque não pude prestar estas declarações no devido momento. Provavelmente, ele iria entender. Mas depois penso na Phoebe.

A minha filha alta e esguia que adora usar carrapitos e passa o tempo todo ao telemóvel ou a fazer os trabalhos de casa. Neste momento vive num medo constante, sem tréguas. Sei-o porque senti o mesmo quando engravidei pela primeira vez, e eu andava a tentar ter um filho com o homem com o qual queria casar-me. Está demasiado instável para enfrentar um interrogatório policial. Por mais gentis e pacientes que fossem, fechar-se-ia em copas e ensimesmar-se-ia como fez depois *daquele dia*. Se já estivesse capaz de tomar decisões, se não agisse constantemente como se me odiasse, se eu soubesse que podia contar com o apoio do Fynn, contava tudo a este agente, dava-lhe a informação necessária para a apanharem e obrigarem a explicar o que aconteceu, o que a levou a fazê-lo, se ele pediu para ver os filhos antes de morrer.

É este o dilema constante em que vivo. Por um lado, teria as respostas a todas estas perguntas, veria a pessoa que assassinou o Joel na prisão; por outro lado, tenho de ter em conta o bem-estar da minha filha.

– Se se lembrar de mais alguma coisa, ou se lhe ocorrer outro pormenor qualquer, pode sempre ligar para a esquadra e pedir para falar comigo.

– Obrigada – digo eu.

– Estamos só a acabar, depois deixamo-vos em paz.

– Certo. Obrigada.

Levanto-me e vou juntar-me à minha família na sala.

XXV

– Deixa-me adivinhar, o Abominável Homem das Neves apareceu-te no frigorífico esta manhã e tens de esperar que venham reparar a porta do congelador? – escarnece o Kevin.

– Não, Kevin, alguém tentou entrar em nossa casa ontem à noite e a polícia só foi embora há uma hora. Não dormimos nada.

Ele suspira. *Tão* preocupado.

– Esta semana vim trabalhar todos os dias, o dia todo, Saffron, e sabes porquê? – pergunta ele.

Porque tens uma mulher que faz tudo por ti, até passar-te a roupa, e cá para mim também te limpa o cu, para não teres de te preocupar com absolutamente mais nada.

– Não, Kevin, não sei.

– Porque levo o meu trabalho muito a sério, Saffron, é por isso. A tua assiduidade nesta última quinzena tem-me levado a questionar o teu empenho.

– Ai, sim? – replico.

– Hoje temos a avaliação de fim de ano da Mallory & Chilton. Ficaste de nos fazer, a mim e ao Edgar, o ponto da situação para a reunião e agora dizes-me que não podes por causa de *mais um* drama na tua vida. É de admirar que eu ponha em questão o teu empenho?

– Tecnicamente, Kevin, eu nem devia ter nada a ver com esta reunião – digo eu num tom plácido, cordial, como o Joel faria. – Não faço parte do pessoal de topo e nem devia ter visto metade dos ficheiros que me passaram pelas mãos. E isso pode trazer-te muitos problemas. Já para não falar de ter sido eu a preparar todos os relatórios quando, dadas as minhas funções, nem sequer assinei o acordo de confidencialidade obrigatório antes de aceitarmos

este projeto. Não tenho culpa de que o Edgar ainda não seja capaz de fazer o trabalho dele. E não tenho culpa de que alguém tenha aterrorizado a minha família ao tentar entrar em nossa casa ontem à noite.

Ele reflete sobre o que acabei de lhe dar, subtilmente, a entender: que, se continua a abusar, denuncio-o por violar a política da empresa ao atribuir contas de clientes importantes a um funcionário júnior. E diz, por fim:

– Onde estão os ficheiros?

– Em cima da tua secretária, como te disse ontem à noite antes de sair. Tens as apresentações todas em papel e os slides guardados na *pen drive* que está na tua secretária. Também já reservei as bebidas para a sala de conferências. Está tudo tratado. Por isso, boa sorte. Espero que corra bem.

– Espero bem que venhas amanhã – diz ele, e desliga.

Sapo odioso, cara de fuinha, penso eu ao sair da sala para o corredor. Os outros estão todos lá em cima a dormir e a minha lista de tarefas a cumprir antes de contemplar, sequer, a possibilidade de me sentar é: esperar pelo serralheiro que o agente recomendou, ligar para o escritório e ligar para as escolas dos miúdos.

Ao chegar ao corredor paro de repente. Em cima do tapete de fibra de coco atrás da porta, está um longo envelope retangular de cor creme endereçado a:

Saffron Mackleroy

Quarta-feira, 24 de abril

(Entregue hoje)

Não volte a chamar a polícia, por favor.

Não volte a chamar a polícia e eu não volto a entrar em sua casa. Combinado?

Espero que não tenha cometido a tolice de lhes falar de mim ou mostrar-lhes as cartas. Imagino que, se o tivesse feito, já teriam vindo atrás de mim, embora eu não esteja onde julgariam encontrar-me.

Não volte a chamar a polícia. Era totalmente desnecessário. É como eu já expliquei, às vezes, custa-me não ter nada dele, não ter tido oportunidade de participar nos preparativos do funeral. Só queria estar num sítio onde ele costumava estar, onde passava tanto tempo. Contou-me que praticamente era só ele quem cozinhava aí em casa. Isso quer dizer que era praticamente só a Saffron que comia? (Desculpe, é apenas uma pequena piada que nós tínhamos.) Não se incomode com isto que vou dizer-lhe, mas às vezes não sou capaz de o imaginar com uma mulher como você. Não parece fazer o género dele.

Ouça, eu só queria estar na cozinha dele por uns segundos. Tocar, quem sabe, em alguns dos utensílios que ele utilizava. Não ia subir ao primeiro andar e ficar a observá-la enquanto dormia. Não ia fazer-lhe nada.

A sério, não volte a chamar a polícia. Se eles vierem atrás de mim, não vão encontrar-me, mas eu vou saber e não descansarei enquanto não a fizer pagar antes de desaparecer para sempre.

Não pretendo ameaçá-la, longe disso. O que é certo é que a Saffron não pode estar em todo o lado ao mesmo tempo. Será a Saffron, a Phoebe, o Zane ou a sua amorosa mãe a pagar? Ela passa o dia inteiro em casa, não é? Seria lamentável se lhe acontecesse algum mal.

Não volte a chamar a polícia e ambas ficaremos satisfeitas, nenhuma de nós terá nada a recear.

A

XXVI

Chegam ao mesmo tempo, mas de direções opostas, provavelmente pela mesma razão: para saber porque é que os meus filhos não foram hoje à escola.

A Imogen, ainda percebo, na escola não lhe explicariam a ausência do Zane, mas o Lewis Bromsgrove deve saber. Se calhar foi por isso que veio: ficou preocupado ao ouvir o que se passou nos termos mais lacónicos (que houve uma tentativa de arrombamento e passámos a noite em claro) e veio ver se ainda estávamos todos inteiros.

Os outros dormiram até depois das três e meia da tarde e acordaram de mau humor, esfomeados e abatidos. Preparei-lhes uma piza e deixei-os comer na sala com a televisão desligada enquanto discutiam o que ver. (O que contrariou o propósito de comerem na sala, mas ninguém tinha coragem de entrar na cozinha.) Agora estão todos nos respetivos quartos a preparar-se para a noite, não vá acontecer o mesmo. Queria poder dizer-lhes que não vai voltar a acontecer, que não vou chamar a polícia, pois não posso correr esse risco com nenhum deles. É errado, eu sei, confiar na palavra de uma assassina, mas neste momento não tenho outro remédio.

Vejo a Imogen e o Lewis executar o ritual de “O senhor primeiro”, “Não, primeiro a senhora” ao portão, até o Lewis dizer qualquer coisa que a faz baixar a cabeça e soltar uma risadinha como costuma fazer quando namorisca com alguém. Vi-os porque estive aqui o dia todo a olhar pela janela e a tentar perceber de que sítio é que a Audra nos vigia, como pode saber tanto sobre nós. Não me restam dúvidas de que viu o serralheiro e o homem que veio instalar o sistema de segurança das portas e deve ter percebido, pelo tempo que aqui estiveram a trabalhar, que mandei trocar as fechaduras (no mínimo) e pedi para instalarem outros mecanismos de segurança. Adorava ter um

sistema de videovigilância, alarmes antirroubo, barras em todas as portas e janelas, mas isso só serviria para assustar a minha família. Em lugar de fazer com que se sentissem seguros, iria salientar o facto de que somos vulneráveis, de que eu acredito que vai voltar a acontecer.

A Imogen bamboleia-se escadas acima para tentar impressionar o Lewis com o oscilar de um corpo que mantém elegante à força de ingerir apenas um número predeterminado de calorias por dia e de muito exercício físico, exceto quando decide experimentar a dieta da moda e convencer toda a gente de que é a resposta a todos os nossos problemas. (Nunca participo nessas conversas porque, como diria Shakespeare, a loucura vem desse lado.) O Lewis, justiça lhe seja feita, não fica a olhá-la como ela esperava, vira costas e deixa-se ficar no primeiro degrau até que ouço bater à porta. Mesmo que não a tivesse visto, saberia que era ela pelo bater, dá sempre aquela pancadinha a mais.

– Olá. – Recebo-a com um sorriso, procuro não deixar que perceba que algo não está bem antes de atravessar a soleira da porta.

– Olá, Saffy! – trauteia ela. – Como o Zane não foi hoje à escola pensei passar por cá para ver se estava tudo bem e olha quem encontrei: o professor Bromsgrove, o professor da Phoebe!

Faço-os entrar e levo-os até à sala; ainda não estou preparada para partilhar a cozinha. Passei praticamente o dia todo a evitá-la, a menos que fosse absolutamente necessário lá entrar.

– Foi muito gentil da vossa parte passar por cá – digo. – Quer dizer, já era tempo de terem inventado um aparelhómetro qualquer que vos permitisse entrar em contacto comigo sem terem de sair de casa. Espero bem que o mandrião do Alexander Graham Bell se despache, começa a fazer-nos falta uma coisa assim.

O meu sarcasmo era dispensável, mas irrita-me não ter ocorrido a nenhum dos dois que talvez fosse preferível ligar-me.

– Ah, claro, que cabeça a minha, aparecer assim sem avisar – diz o Lewis.

– Desculpe, soube do que aconteceu e quis vir ver se estavam todos bem. Que estupidez da minha parte não ter ligado antes.

– Porquê? O que aconteceu? – pergunta a Imogen, melindrada por ser a última a saber das novidades.

– Estamos todos bem, não se preocupem. Estamos todos bem. Alguém tentou entrar-nos em casa ontem à noite – explico. – Está tudo bem. A polícia apareceu entretanto e afugentou os intrusos. Estamos todos bem.

Repito-o porque sei que ela vai dizer: – OH, MEU DEUS! Que horror! Sempre me afligiu não teres um homem em casa e os meus receios concretizaram-se. – Toda ela treme, quem a visse julgaria que tinha sido a casa dela a ser invadida, que tinha sido ela a passar o dia inteiro de vigia enquanto lhe trocavam as fechaduras e “reforçavam” a segurança, quando, afinal, é apenas uma prima-dona de primeira apanha.

– Estamos bem, Imogen – repito. – Estamos todos bem. Cansados, mas ilesos.

Desculpe, gesticula o Lewis por trás dela.

– Imagino – diz a Imogen. – Oh, querida, deves estar tão assustada.

– Nem por isso. Estou é cansada.

– É o choque a falar – diz ela ao Lewis.

E eis que surge a perceção de que ele é homem, é jovem e não traz aliança. Vejo-o primeiro nos olhos dela e, a seguir, no sorriso que lhe desponta no rosto. Sabe exatamente o que fazer a seguir. Precisamente aquilo de que preciso.

– Vinha perguntar-te se não querias vir jantar lá a casa esta sexta-feira à noite, Saffy – declara a Imogen. Vira-se lentamente para o Lewis, com intentos predatórios. – Porque não vem também, professor Bromsgrove? Vai ser ótimo passar algum tempo com a Saffy sem os miúdos e posso fazer-lhe umas perguntas sobre as secundárias em Brighton e Hove. Se não se importar, é claro.

- Eu ainda não disse se podia – comentei eu, de passagem.
- Claro que podes! – diz ela com um gesto indiferente. – Que outro compromisso terias tu numa sexta-feira à noite?
- O de ficar em casa com os meus filhos traumatizados?
- Não vens tarde. Além disso, acho que iria fazer muito bem à Phoebe mostrares-lhe que a achas capaz de tomar conta do irmão mais novo, sobretudo depois do que se passou na escola, no outro dia? – A última parte é dirigida ao Lewis, para ver se este lhe diz o que precisa de saber. Em resposta, recebe apenas uma expressão neutra. – Que me diz, professor Bromsgrove, aceita?
- Se a Sra. Mackleroy puder ir, tenho a certeza de que também consigo arranjar um tempinho.
- Maravilha! Às oito e meia em minha casa, então. A Saffy sabe onde fica.
- Eu ainda não disse que podia – lembro-lhe enquanto ela põe ao ombro a malinha em pele cor-de-rosa.
- Claro que podes.
- É perita em ignorar-me. *Perita*. Bastam dois passos para alcançar o Lewis e, um segundo depois, já enfiou o braço no dele, apanhando-o completamente de surpresa. Os olhos alarmados dele procuram os meus. *Devia ter ligado*, apetece-me dizer-lhe.
- Importava-se de me acompanhar até ao meu carro, professor Bromsgrove? Sinto-me um pouco assustada agora que sei o que aconteceu à Saffy.
- Eh, sim, com certeza. Fico contente por estarem todos bem, Sra. Mackleroy – diz ele.
- Chame-lhe Saffy, como toda a gente – diz a Imogen.
- Quase ninguém me chama assim*, penso dizer-lhes, mas para quê dar-me ao trabalho?

O que ela pretende com esta manobra de o fazer acompanhá-la até ao carro é deixar-me sem saída. Como não posso persuadi-lo agora a deixar-me cancelar o jantar amanhã à noite, terei de lhe ligar mais tarde. O que para ela seria perfeito, pois dar-nos-ia um pretexto para conversarmos ao telefone pela noite dentro. E, seja como for, quando lhe ligar ela já lhe terá impingido a conversa do costume. Parece que estou a ouvi-la: *A Saffy praticamente não sai de casa, acho que um jantar a quatro (o Ray, o meu marido, também vai lá estar, naturalmente) lhe vai fazer muito bem, não acha? Depois de tudo o que a coitada tem passado e deste último trauma, não acha que ela está a precisar de se divertir um pouco?* E sabe que o Lewis, ao ter aparecido aqui esta tarde, não é sacana ao ponto de discordar dela. Quando conseguir apanhar o Lewis ao telefone já ela o terá convencido de que deixar-me cancelar o jantar de sexta-feira faria dele uma pessoa tão abominável como a que matou o meu marido.

Vejo-os sair, passar o portão e caminhar na direção de onde vi a Imogen chegar.

Bonito. Vou jantar com o Lewis Bromsgrove. A minha filha vai adorar quando souber.

PARTE VII

Quarta-feira, 24 de abril

(Entregue na quinta-feira, dia 25)

Saffron,

Ainda bem que não contou nada à polícia. Já devia ter calculado que não o faria, já que da última vez a Phoebe não contou à polícia o que sabia. Porém, tinha de me certificar. Não podia correr o risco de que decidisse denunciar-me desta vez.

Não me agrada ter de fazer ultimatoss, mas a Saffron não me deu outra escolha.

Vamos deitar tudo isto para trás das costas, está bem? Tentar seguir em frente. Você vive no seu mundo, eu vou continuar a viver no meu. Adorava que pudéssemos ser amigas. Afinal de contas temos tanto em comum. O Joel foi o único homem que verdadeiramente amámos. Somos iguais, eu e você. Por isso é que eu gostava que fôssemos amigas. Podemos partilhar a nossa perda e as nossas histórias sobre ele.

Não quero magoá-la. Sim, fomos amantes, mas acho que, bem lá no fundo, a Saffron já sabia, não? Por isso é que lhe disse para me ligar a dizer tudo aquilo, não foi? Percebeu como eu era importante para ele e quis tentar acabar com tudo antes que a situação se tornasse incontrolável.

Não resultou, mas compreendo o que a levou a tentar.

Eu faria o mesmo. Seria capaz de matar quem se intrometesse entre mim e o homem que amo.

Em sentido figurado, claro, mas a Saffron percebeu, certo?

A

XXVII

Mãe do Joel a ligar...

... aparece no ecrã do telemóvel ao entrar a casa.

Deve estar desesperada, nunca me liga para o telemóvel. Prefere ligar para o fixo na esperança de que seja um dos miúdos a atender e poder evitar-me por completo.

Aquele Dia

Ao fim de algumas falsas partidas, tinha conseguido que o Zane e a Phoebe adormecessem do meu lado da cama depois de terem chorado agarrados aos travesseiros como se o outro não estivesse presente. Saí do quarto pé ante pé e fechei a porta atrás de mim. Precisava urgentemente de ir lá para fora, sentir o ar na pele, lembrar-me de que ainda respirava. Tinha a sensação de que deixara de respirar, de estar à parte dos acontecimentos à minha volta, sem qualquer influência sobre eles. Precisava de provas sensoriais de que continuava a ser um organismo funcional.

Desci as escadas e encontrei o Fynn sentado no segundo degrau, com a cabeça apoiada nas mãos e os ombros a tremer violentamente. Ele ouviu-me nos degraus atrás dele, pôs-se de pé e voltou-se para mim. Tinha o rosto inchado, um roteiro de lágrimas e de dor, o corpo trémulo. Atravessei a distância entre nós e apertei-o nos braços, um degrau acima dele.

Passara as horas desde que chegara ocupado com várias tarefas, a falar com as pessoas, a atender o telefone, a enviar mensagens, a fazer o que eu não podia. Agora chegara a vez dele.

Quase me esmagou ao aceitar o meu gesto de consolo, a vibração dos soluços dele a sacudir-nos a ambos. Não podia falar, mas ele percebeu que estava ali para o apoiar. Dei-lhe um beijo no cimo da cabeça enquanto lhe esfregava as costas.

Nesse momento ela sobressaltou-se, deixou escapar um ruído abafado, mas eu ouvi-o e olhei para ela. Estava parada à entrada da sala ainda com o casaco vestido, por isso, calculei que não tivessem chegado há muito tempo. O Fynn devia ter-lhes aberto a porta, deixando-os por sua conta, pois, se era verdade que os pais do Joel reprovavam intensamente a nora, a ele, *detestavam-no*.

Sabia o que ela pensava estar a acontecer, uma conclusão óbvia para uma mulher que me considerava lixo e que acreditava que o melhor amigo do filho tinha arruinado a vida dele.

A mãe do Joel tinha o marido para a abraçar e para a consolar, o Fynn só me tinha a mim e o mais importante naquele momento era estar ao lado dele quando mais precisava de mim.

O dia seguinte

A minha sogra estava ao pé de mim na cozinha. Com tanto espaço, fazia questão de estar mesmo ao pé de mim enquanto eu enchia duas chávenas de água a ferver para fazer café para ela e para o marido. Trazia na mão o jarro do leite.

– Não gostei do que vi ontem à noite – disse ela baixinho como se alguém pudesse ouvir-nos acima do silêncio opressivo que amortalhava a casa. Como se, depois de tudo o que acontecera nas últimas 24 horas, aquilo pudesse ter alguma importância.

Para ela, para *elas*, as aparências eram tudo. Tinham vindo não porque desejassem estar connosco, não para abraçar os netos, nem para estar perto dele, mas porque era o que a sociedade esperava. Tinham de ser vistos aqui. E, provavelmente, era também culpa do choque; uma incapacidade de assimilar o que tinha acontecido que os levava a concentrar-se nas minhas falhas.

– Estou ciente disso – afirmei. – E sinto muito, Elizabeth.

Era a primeira vez que usava o nome dela. Quando tinha de me dirigir a

ela, tratava-a por Sra. Mackleroy com todo o respeito que ela exigia, na tentativa de obter a aprovação que tanto desejava. Agora, isso deixara de ter importância. Agora éramos iguais, não precisávamos de continuar a representar os papéis que o ente querido que tínhamos em comum inadvertidamente nos atribuíra, pois o Joel estava morto. Passadas poucas horas, tínhamo-nos redefinido. Isso significava que podia chamar-lhe Elizabeth.

– Sinto muito que tenha perdido o seu filho. Acho que não seria capaz de respirar se me acontecesse o mesmo. – Repus a chaleira elétrica no suporte e coloquei as chávenas de café diante dela. – Aqui tem o café, já pode misturar o leite. Até à próxima.

Surpreendi-a. Pensava encontrar a mesma Saffron de sempre, que eu continuaria a fazer das tripas coração no esforço de tentar merecer a aprovação dela até ao fim dos tempos. Que podiam lembrar-me silenciosamente de que esperavam que o Joel conhecesse a mulher que mudaria a vida dele, que se encarregaria de o levar a tirar o máximo partido do seu potencial para vir a ser alguém na vida.

Apeteceu-me dizer-lhe *Essa Saffron já não vive aqui*, mas não o fiz porque, a seu tempo, acabariam por descobri-lo.

Mãe do Joel a ligar...

... insiste o telemóvel. Rejeito a chamada. Sou paranoica de mais para não ouvir a mensagem, porém, não vá ter acontecido alguma coisa.

– Olá, Saffron, sou eu. Gostávamos de ir aí fazer-vos uma visita, se fosse possível. Ligue-me quando for mais conveniente para si.

Bem pode esperar, então, penso eu. Mas sei que mais tarde ou mais cedo terei de o fazer. É inevitável.

Sexta-feira, 26 de abril

(Entregue hoje)

Saffron,

Tem saudades dele? Não se sente, por vezes, naqueles intervalos entre uma inspiração e outra, sem forças para continuar, de tanta falta que ele lhe faz?

Nos últimos dias tenho pensado muito nisto e, se quer que lhe diga, não me parece que sinta a falta dele.

Na segunda-feira à noite vi-a na rua com aquele outro tipo. A sair de casa às escondidas, de mãos dadas, a abraçar-se, a discutir. Tudo muito apaixonado, tudo muito indecoroso. Irrita-me que se arrogue o estatuto de viúva dele e se comporte dessa maneira, enquanto a mim não me resta nada. NADA.

Tem saudades do Joel? Faça a si própria essa pergunta. Sente realmente a falta dele como deveria sentir uma mulher que o ama? Ou sente-o apenas porque o mundo lhe diz que tem de ser assim?

Acho que sei a resposta.

Há países em que apedrejam mulheres como você até à morte, sabia?

A

XXVIII

Estou prestes a engolir uma grande fatia de Tarte de Ressentimento, cuidadosamente elaborada com um recheio de grandes pedaços dos últimos 18 meses e condimentada com uma complexa combinação de temperos: azedume pelo facto de o Lewis existir, irritação contra a Phoebe por tê-lo introduzido na minha vida, animosidade para com a Imogen por tentar forçar uma aproximação e uma pitada de rancor contra a tia Betty por ser tecnicamente outro adulto com quem posso deixar os meus filhos. A cobertura cremosa é a vergonha em relação ao Fynn. Salpicado por cima, como uma mistura de ervas aromáticas, está o ressentimento contra o Joel por me ter deixado nesta situação em primeiro lugar: isto não fazia parte do acordo. “Até que a morte nos separe” parece uma promessa francamente estúpida à luz do que aconteceu. Podia ter ficado com ele até ao fim dos tempos, mas, em vez disso, concordei que a morte podia meter-se entre nós a qualquer momento, e agora resta-me lidar com as consequências dessa cláusula em particular.

Tem um aspeto ótimo, a tarte, uma delicada composição com tantos elementos únicos, e estou prestes a comê-la praticamente de uma só vez. E, a julgar pela conversa que tive com a Phoebe há pouco, também ela parece ter uma tarte para devorar, embora a dela possua apenas um ingrediente: a aversão que sente pela mãe.

– Detesto, DETESTO que vás sair com o professor Bromsgrove – disseme ela há pouco enquanto eu introduzia tomate picado no refogado de cebola, alho e cenoura previamente amolecidos para fazer um molho vermelho para as almôndegas.

– Porquê? – quis eu saber.

– O facto de não veres o que há de errado diz tudo.

– Eu não vou “sair” com ele, Phoebe. Ele não vai “sair” comigo. Fomos ambos convidados para um jantar na casa da Imogen e tu sabes bem como ela é, não descansou enquanto não lhe dissemos que sim.

A resposta dela foi uma careta, admitindo que a Imogen era de facto prepotente.

– Lá porque uma pessoa quer uma coisa, não quer dizer que devas dar-lha – declarou a adolescente grávida que teve relações sexuais sem contraceção porque o namorado assim quis.

Parei de misturar o vinagre de arroz no molho de tomate, para a observar mais atentamente. Não dava para ver que estava grávida só de se olhar para ela. Suponho que ainda é cedo de mais para surgirem sintomas como o enjoo matinal. Quando fiquei grávida da Phoebe ainda levei algum tempo até ter enjoos matinais, mas com o Zane parecem ter começado assim que o esperma fertilizou o óvulo.

– Qual é realmente o teu problema, Phoebe? Afinal de contas, eu e o professor Bromsgrove já estamos ligados por ti e pelo filho dele. Não é como se eu tivesse marchado até à escola e dito “Ei, Bromsgrove, eu e tu sexta-feira à noite na casa da minha amiga”, pois não? Se tens uma boa razão para não querer que isto aconteça, adorava ouvi-la.

Ficou calada durante alguns minutos e eu esperei pacientemente. Enquanto isso, humedeceu os lábios e examinou-me como se estivesse a ponderar os prós e os contras de qualquer coisa.

– Ele é meu professor – cuspiu ela, por fim. – Tu és minha mãe. Parece mal.

– Certo.

Voltei ao molho com a cabeça a latejar de humilhação e desapontamento. Pela expressão dela durante aquele silêncio julguei que, finalmente, ia abrir-se comigo, dizer-me qualquer coisa, mas não. Afinal, tinha sido só imaginação minha.

– Não é decente, sabes? – insistiu, sem a mínima noção de como aqueles poucos minutos me tinham magoado.

– Se tu o dizes. Não vou discutir contigo.

– Mas, mesmo assim, vais sair com ele, não vais?

– Não vou “sair com ele” no sentido a que te referes.

– Pois sim – resmungou ela, e voltou a enfiar-se no quarto.

O Lewis parece pouco à vontade quando vem buscar-me a casa. Traz um fato moderno, cinzento-escuro, e uma camisa branca com os dois primeiros botões perlados desapertados de modo informal. Assumo que seja uma questão de informalidade, mas pode bem ter passado uma eternidade dentro do carro a apertar e a desapertar os botões do colarinho, tentando decidir o estilo mais apropriado e que não me desse a impressão errada. A ideia faz-me sorrir. Eu, obviamente, não passei pelo mesmo ritual. Ao fim de um dia de reuniões, comentários maldosos do Kevin, a chamada da mãe do Joel, a carta mais recente e ter de preparar o jantar, limitei-me a refrescar os sovacos e vestir uma camisola branca.

– Olá – diz-me ele à porta, nervoso e agitado como um homem prestes a encontrar-se com uma mulher. Nós não vamos sair juntos! Serei eu a única pessoa a perceber isto?

“Se anda como um pato e grasna como um pato, que mais havia de ser, fofa?”, diria o Joel.

– Vamos? – digo eu, irritada, e saio, colocando-me ao lado dele. Grito “Até logo!” por cima do ombro e reforço o facto de que não vamos entrar fechando-lhe a porta quase no nariz.

– Oh, não vamos entrar? – pergunta ele.

– Não, acho que o melhor é irmos andando.

Em vez de começar a andar fica parado, uma figura impressionante no seu fato elegante, a olhar alternadamente para mim e para a porta de madeira escura envernizada.

– Esqueci-me de alguma coisa? – pergunto.

– Eu, eh... esperava ver a Phoebe – declara ele.

O gélido sopro de uma suspeita eriça-me os pelos da nuca, arrepia-me a pele dos braços e faz-me chegar a mostarda ao nariz.

– Porquê? – pergunto.

– Não é óbvio? – responde ele.

Abano a cabeça, avaliando a probabilidade de ser ele o homem que fez isto à minha filha, pois o Curtis não me deixou muito convencida. Pareceu-me respeitoso, honesto de mais. O Lewis devolve-me o olhar, avaliando-me como uma séria candidata ao galardão de A Pior Mãe do Mundo (para não variar).

– É uma aluna minha e está *grávida*. – Sussurra a última palavra, possivelmente para que os vizinhos não ouçam, ou para não enfurecer A Pior Mãe do Mundo (eu) com tais palavras. – Como não vai à escola há três dias, gostava de ver se está bem.

Ah, claro. *Claro, idiota*. Que diabo se passa comigo? A Saffron de outrora, o eu antes de conceitos como “homicídio” e “contacto sexual com menores” se tornarem parte da minha vida diária, não colocaria tal hipótese.

– Lembra-se de lhe ter dito que a minha filha não falava comigo? – questiono eu.

O Lewis faz um aceno de cabeça.

– Bem, hoje começou a falar comigo. Para me dizer que não lhe agrada que eu saia consigo, nem mesmo nestas circunstâncias, como duas pessoas que foram convidadas para um jantar no mesmo sítio e à mesma hora por uma amiga que não aceita um não como resposta. Não será bem acolhido se atravessar aquela porta. – *Arrisca-se até a ficar com uma ideia de como é estar no meu lugar às vezes*.

– Entendo – diz ele. – Bem... não posso dizer que me sinto surpreendido. A Phoebe deve andar assoberbada com tantas emoções contraditórias. O facto

de a mãe e o professor irem ao mesmo sítio à mesma hora sem ser para falar sobre ela deve parecer-lhe uma enormidade.

– Neste momento, tudo lhe parece uma enormidade – replico eu.

– Sim, imagino que sim.

– Vamos no meu carro – ofereço.

– Tem a certeza? – replica ele, descendo os degraus de cimento e atravessando o jardim até ao portão atrás de mim. – É que, se for você a conduzir, isso quer dizer que posso beber e, se beber, corro o risco de começar a acalentar a ridícula ilusão de que saímos juntos ou qualquer coisa igualmente medonha. – Erguendo uma sobrancelha como quem diz “mensagem recebida”, passa à minha frente e dirige-se ao carro dele.

“Se anda como um pato e grasna como um pato, que mais havia de ser, fofa?”

“Um ornitorrinco.”

Tecnicamente, a casa da Imogen fica suficientemente perto para se ir a pé, mas a ideia era ir de carro para não passarmos muito tempo a sós. Chegávamos, jantávamos e ia cada um para sua casa. Sem tempo para descontraír, conversar e “conhecerno-nos melhor”, como seria de esperar num encontro.

A chata, a infatigável, a bem-intencionada da Imogen tem, obviamente, outros planos. Já está tudo pensado, com certeza: abrir a porta radiosa num vestido de cetim azul, sem esquecer o penteado e a maquilhagem perfeitos; convidar-nos a entrar e conduzir-nos à sala onde o Ray (que foi previamente avisado de que terá de dormir no sofá caso deixe escapar algum comentário inconveniente) estará à nossa espera, antes de servir os aperitivos e dar início à galhofa. A atmosfera manter-se-á descontraída durante as bebidas e o jantar, onde a Imogen dirigirá a conversa como um maestro para trazer ao de cima o melhor do Lewis e realçar os meus pontos fortes. Depois da risota do jantar, haverá vinho do Porto nos sofás da sala, seguido de café, antes de eu e

o Lewis, perdidos de riso, trocando olhares cada vez mais demorados e sugestivos, partilharmos um táxi até casa (uma das casas, isto é).

O primeiro senão no mecanismo bem afinado do plano dela é, como é evidente, ver-me com as chaves do carro na mão, o que significa que não pode atulhar-nos de álcool como gostaria. O segundo é a saia preta do trabalho e a camisola de mangas compridas por baixo de uma das camisolas de capuz pretas e vermelhas do Joel. O terceiro senão é a ausência de maquilhagem no meu rosto. *A Saffy não quer brincar*, conclui ela, e sorrimos. *Não vai para a cama com este homem, por muito que eu me esforce.*

– Viva! – exclama ela com um sorriso de orelha a orelha. – Bem-vindos ao nosso humilde recanto.

Conhecendo-a como conheço, ao pensamento anterior seguiu-se: *A Saffy não sabe o que é bom para ela. Precisa de um homem. E ei-lo aqui, mesmo à mão de semear. Diabos me levem se não consigo juntá-los.*

– Tem uma casa fabulosa – observa o Lewis. – Muito obrigado pelo convite.

Tem toda a aparência de alguém que foi educado com esmero, que saberia incutir boas maneiras a um filho. É por isso, em parte, que não acredito que tenha sido o Curtis: algo no Lewis me diz que realmente ensinou ao filho a importância da contraceção e de saber respeitar as mulheres.

– Que bom ver-te – digo eu, aceitando o abraço dela e depositando-lhe um beijo em cada face.

O cheiro da comida que vem da cozinha lembra-me que tenho andado tão tensa e ressabiada por me ver forçada a passar tempo com alguém por quem não quero sentir-me atraída, tão preocupada com o que a Phoebe fará a seguir, tão perturbada com o tom cada vez mais ameaçador das cartas, que me esqueci de que terei de comer na presença de outras pessoas.

Aos 10 anos – *Acaba o que tens no prato, Saffron.*

– *Estou cheia.*

– *Como podes estar cheia? Não comeste tudo.*
– *Comi, sim.*
– *Não sejas respondona. Acaba o que tens no prato.*
– *Mas...*
– *Estás um pau de virar tripas porque não comes nada. Acaba o que tens no prato.*

– *Mas sinto-me tão cheia...*
– *Ai, as crianças. Não fazem ideia do que custa pôr comida na mesa. Se fizesses, não ficavas aí sentada a reclamar que estás cheia e a desperdiçar comida da boa. É pecado deitar comida ao lixo.*

O Fynn não sabe o que diz. Não sou bulímica. Não sou anorética. Não sou uma combinação de ambas as coisas. Sei que não tenho uma relação muito saudável com a comida, mas estou longe de ser caso único.

Sim, se tenho de comparecer a um evento importante penso logo que tenho de perder algum peso para causar boa impressão. É certo que evito comer durante alguns dias antes de uma refeição em público para não engordar depois disso. Admito que, quando subo à balança de manhã, se o peso é o mesmo que o do dia anterior, sinto-me desiludida, se é menor, aliviada. Não feliz, mas aliviada. Se é maior... Se é maior, só vem confirmar o que sei sobre mim própria, o que sempre soube.

Aos 12

– *Enquanto eu estiver fora, tenta comer mais fruta e menos pão.*
– *Está bem.*
– *Precisas de perder peso.*
– *Está bem.*
– *E o teu cabelo está uma desgraça. Pareces uma pedinte.*
– *Oh!*
– *Não és como a tua irmã, não és bonita. És esperta, mas isso não quer dizer que andes por aí com ar de pedinte. Precisas de perder peso e de*

cuidar melhor do cabelo. Não é difícil.

– Está bem.

– E, se comeres mais fruta, a tua pele também fica com melhor aspeto. Essas borbulhas desaparecem todas.

– Está bem.

– Não vais estudar a vida toda. Um dia, quando te tornares doutora, vais poder casar-te e ter filhos. Mas isso não quer dizer que, até lá, devas andar nesses preparos. A aparência é importante quando se quer entrar numa boa universidade. Ninguém te vai aceitar se pareceres uma pedinte.

– Oh! Está bem.

– Lembra-te, Saffron: quando eu voltar, daqui a três semanas, quero ver-te mais magra. Menos pão e mais fruta.

– Está bem.

– Linda menina.

Sei que pesar-me todas as manhãs é habilitar-me a um dia de desilusões, incertezas e fracassos; que a minha vida é ditada pela balança. Contudo, não consigo parar. Bem, conseguir, até consigo. Às vezes paro. Posso passar dias sem subir à balança, sem precisar de saber, mas depois fico curiosa, sinto necessidade de confirmar que estou bem. Que não me desleixei, que o meu peso não disparou nem começou insidiosamente a aumentar sem que eu desse por isso.

Aos 14

– Olha bem para ela, quem é que quer chegar perto daquilo?

– É minha amiga. Tens de ser simpática com ela.

– O quê, como ela é simpática para todas aquelas tartes recheadas?

– A Saffron não tem culpa. É só gordurinha de bebé. O ano passado andou esquelética durante uns meses, mas depois voltou a engordar. A minha mãe diz que é gordurinha de bebé. Um dia vai voltar a ser supermagra e linda de morrer, vais ver.

- Aquilo não é gordurinha de bebé, é um infantário inteiro.
- Que maldade...
- Só é maldade se não for verdade. O meu irmão mais velho disse que, com um nome daqueles, era de esperar que fosse toda jeitosa e exótica, não assim.
- Não há nada de errado com ela.
- Não é justo. Não tens outras amigas giras, normais? Os meus amigos não lhe tocavam nem com uma vara de três metros e, por causa disso, não podemos sair com eles.
- Se queres sair comigo é melhor começares a ser mais simpática com ela.
- Já, está bem. Não te passes. Pelo menos, tem um grande par de melões. É pena o resto.
- O que é que eu acabei de dizer?
- Está bem, está bem. Vou ser uma simpatia.
- Ótimo, porque ela é muito fixe.
- Sim, está bem.
- Mas quem me dera que não tivesse voltado a engordar. Às vezes até fico envergonhada quando está a experimentar um tamanho 14 e o botão não fecha. Começa logo a desatinar e apetece-me dizer-lhe que não tenho culpa que ela esteja outra vez tão gorda, não é... Não te rias. Não tem piada nenhuma.
- Chhhhhhh, acho que a vi ali adiante.
- O quê? Onde? Não. Não pode ser a Saffron. Ela nunca sai sozinha. Onde?
- Ali. Oh... quem era, desapareceu. Ia jurar que era ela.
- Ai, espero que não. Seja como for, o filme está quase a começar. Mas não lhe digas que eu te disse aquelas coisas. A Saffron é muito fixe. Não tem culpa de ser um pouco cheia de mais.

Não é que eu tenha um problema grave. Não é que eu tenha um problema, ponto. Passam-se dias e dias sem grandes incidentes. Vou petiscando umas saladas, uns sumos, bebo montes de água. Até cozinho para os miúdos sem problema nenhum, mas depois, quando dou por mim sozinha, olho em volta e vejo que só me resta o que vive dentro de mim. Só consigo sentir o que guardo no meu âmago e é então que começa a vir tudo ao de cima, que o monstro se revela, e a dor torna-se insuportável. Cresce e expande-se, estendendo os seus tentáculos, e sei que em pouco tempo terá tomado conta de mim. Deixo de poder funcionar, porque o que trago cá dentro (as vozes, a memória de todas as minhas falhas) me engole por completo.

Aos 16

– *Credo, és uma rapariga avantajada, não és? Não sei se tenho uniformes para o teu tamanho. Se calhar, vou ter de encomendar mais uns quantos. Que tamanho vestes normalmente?*

– *Do 14 ao 16 em cima e do 12 ao 14 em baixo.*

– *Não sei a que lojas vais, mas eu diria que é mais do 18 ao 20, minha linda. Vou ver o que posso arranjar.*

– *Este serve.*

– *Incrível! É o peito, sabes? Faz-te parecer mais gorda. Nunca pensei que o 16 te servisse. Isso só mostra que as aparências enganam, não é?*

Ao mesmo tempo que sou engolida pelas vozes que me dizem que não presto para nada, aquele pacote de batatas fritas começa a parecer a solução para os meus problemas, a única forma de lidar com a dor que sinto cá dentro, a única hipótese de silenciar a agonia no mais fundo do meu ser, onde vivem todas as coisas más, onde as vozes distantes falam mais alto. E depois não há como voltar atrás. Uma vez devorado o pacote inteiro quase sem dar por isso, uma vez mitigado um pouco do mal-estar porque uma das vozes foi silenciada, vou querer mais. Mais paz, adormecer a dor. Vou ansiar por mais, comer tudo o que me aparece à frente, tudo a que consigo deitar as mãos.

Diante da porta aberta do frigorífico, na despensa, enquanto procuro tudo o que seja delicioso, apetecível, ou apenas vagamente comestível. Devoro tudo até banir o ruído, o tormento, as palavras.

Aos 19

– *Eu quero ser suficientemente boa. Não percebo porque é que não sou.*

– *Mas és.*

– *Esforcei-me tanto, consegui médias tão boas a todas as disciplinas e entrei numa universidade em que tantos outros não conseguiram entrar. E, mesmo assim, continuo a não ser boa o suficiente. Não sirvo. Não sou bonita que chegue. Não encaixo.*

– *Encaixas, pois. O pessoal gosta imenso de ti.*

– *Não gosta nada. Anda tudo em grupos nos corredores e muitas vezes nem se lembram de me perguntar se quero ir com eles ao bar ou a uma discoteca. Nenhum dos meus colegas parece querer conviver comigo fora das aulas. Não passo de um rosto anónimo a que ninguém liga, porque não sou atraente, não sou bonita, nem especial. Ninguém quer ser visto com a gorda das borbulhas e do cabelo horrível que pouco fala. Vou ser sempre a gorda, a totó, não vou?*

– *Nada disso é verdade, Saffron. És simpática, és especial, há montes de gente que te acha bonita. Olha bem para ti ao espelho, mas olha mesmo, e verás como és bonita, como tudo o que tens de bom transparece.*

– *Farta de olhar estou eu e não vejo nada disso. Não suporto ver-me neste estado. E não vou continuar a dar-te ouvidos, nunca me dizes a verdade. Só vês o que queres ver. Não vês a verdadeira Saffron. Tenho de ser melhor. Tenho de ser mais bonita e melhor do que isto.*

– *Não vai mudar nada.*

– *Vai, sim. As pessoas vão gostar de mim, vão reparar em mim, vão querer fazer amizade comigo. Vou ser melhor do que isto. Vou ser perfeita e tudo vai melhorar. A minha vida vai melhorar.*

– *Não é assim tão simples, Saffron, acredita.*

– *Quando tive pneumonia o ano passado e perdi todo aquele peso, toda a gente reparou em mim. Não paravam de falar comigo e de comentar o facto de ter perdido tanto peso. Ficaram todos impressionados. Quando comecei a engordar, voltei a ser invisível.*

– *Isso aconteceu porque deixaste de aparecer e as pessoas sentiram a tua falta.*

– *Se sentissem a minha falta tinham-me convidado para nos encontrarmos durante as férias, iam querer estar comigo. Ninguém quer.*

– *Dá-lhes uma oportunidade.*

– *Já te disse: não vou continuar a dar-te ouvidos. Podes dizer o que quiseses, mas vou ignorar-te, porque sei que quando voltar a ser magra, tudo vai melhorar. Vais ver.*

Depois vem o terror. O medo do que acabei de fazer, da forma descontrolada, irracional e mecânica como devassei a minha cozinha bem organizada e me atulhei quase até rebentar de comida gordurenta, altamente calórica. E os horrores destes momentos de desvario tomam o lugar do silêncio interior. Agigantam-se, alastram como uma chaga purulenta, e sei que não posso contê-los. Não posso viver com tudo aquilo dentro de mim, tenho de fugir, livrar-me deles o mais rápido possível. Depois disso é o alívio, o vazio, quando já não há nada dentro de mim que possa magoar-me, oprimir-me, nada que me possa fazer sentir tão desprezível como sei que sou.

Aos 25

– *O que estiveste tu ainda agora a fazer na casa de banho, Ffrony?*

– *O que é que achas?*

– *Eu sei o que estiveste a fazer.*

– *Então, para quê perguntar?*

– *Quero que me prometas que não voltas a fazê-lo.*

– *Queres que te prometa que não volto a fazer xixi? Sinto muito, mas é*

um imperativo biológico.

– Quero que me prometas que não voltas a induzir o vômito.

– Não sei do que falas.

– Eu ouvi-te. E ouvi-te das outras vezes. Agora tudo começa a fazer sentido. Não conseguia perceber porque é que, no início, nunca aceitavas convites para sair que envolvessem comida. Porque é que, quando te convido para vires jantar cá a casa, acabas sempre por me seduzir em vez de me deixares cozinhar para ti. Porque é que desapareces sempre no fim das refeições quando consigo convencer-te a ir a um restaurante. Quero que me prometas.

– Mas eu não...

– Não me mintas. Detesto gente mentirosa. Por favor, promete-me que não voltas a induzir o vômito e que vais parar de te matar à fome. Olha, arranjam-te toda a ajuda de que precisares. Custe o que custar. Tenho algum dinheiro de parte, não quero olhar a despesas, pago o que for preciso para te ajudar. Mas, por favor, não voltes a fazer isso a ti própria. Promete-me que não voltas a fazer o mesmo.

– Oh, Joel, não posso prometer-te uma coisa dessas sem te mentir. Não é assim tão simples. Quem me dera que fosse, mas não é assim tão simples. Mas vou tentar, está bem? Vou dar o meu melhor e nunca mais vais ter de te preocupar comigo.

Não o fiz durante anos e anos. E, mesmo agora, não estou sempre a fazê-lo. Só às vezes. Isso não quer dizer que o Fynn tenha razão. É um escape, não um estilo de vida. Não significa que possam impor-me rótulos, como ele fez. Como todos os outros fariam, se soubessem a verdade. Eu não sou assim. Às vezes, preciso de alívio, é tudo.

Aos 26

– Tenho muito medo, bebé. Não sei se consigo fazer isto. Quero-te muito e tenho medo de ceder ao desespero. Mas também sei que era incapaz de te

fazer mal. Por isso, vou comer sempre que tiver de comer, arrecadar as calorias, porque sei que preciso de te alimentar. Hei de conseguir. Por ti, por mim. Continuo com medo, mas vou conseguir. E tu, concentra-te em ficar grande e em nascer. Eu sou capaz. Nós somos capazes. Combinado? Somos uma equipa.

Desde *aquele dia* tenho precisado um pouco mais desse alívio, desse controlo sobre quem sou e sobre o universo que é o meu corpo. Tive-o por algum tempo com o Fynn mas começou a tornar-se complicado de mais, por isso, parei. E voltei ao que já conhecia. Mas isso não quer dizer nada. E não faz de mim aquilo que o Fynn disse.

– Estás muito calada esta noite, Saffy – comenta o Ray, o segundo marido da Imogen. Olho por cima da taça de vinho e os nossos olhares colidem.

Ele tem razão, mal disse uma palavra desde que fomos conduzidos à enorme e irrepreensível sala para os aperitivos. Começo a ficar preocupada. Não é tão mau num restaurante, onde podemos debicar um pouco de tudo, onde podemos achar defeitos à comida, onde ninguém repara se não “enchemos as botas”, como o Joel costumava dizer quando o conheci. E, se for um daqueles restaurantes onde a comida é excelente, onde elaboram os pratos na perfeição e a louça e os talheres estão sempre impecáveis, e se nos tivermos portado bem dias antes, temos sempre as casas de banho. Podemos tratar do assunto sem que as pessoas com quem estamos precisem de saber.

Em casa dos outros é má educação não comer, dá muito nas vistas permanecer na casa de banho por longos períodos de tempo. Não é fácil controlarmo-nos, purgarmo-nos das gorduras indesejadas, dos hidratos de carbono, dos aditivos e das calorias da refeição. Em casa dos outros estamos completa e assustadoramente fora de controlo.

– Desculpa – digo eu. – Ando um pouco preocupada.

Ao meu lado, o Lewis eriça-se, não muito, só o suficiente para eu notar. Pensa que é por causa dele, que ainda estou a remoer o facto de ter saído com

ele.

– Oh, que pena – exclama o Ray. – Podemos ajudar em alguma coisa? – Tem o braço apoiado nas costas do sofá e, de vez em quando, estica a mão para acariciar o ombro da Imogen.

Sinto um nó na garganta, um pequeno pontapé no meio do peito. Ainda me lembro de como era ter uma relação assim com alguém. Tocarmo-nos só porque sim. Desvio os olhos, procuro refúgio na minha taça de rosé.

– Não, não podem, a menos que conheçam alguém disposto a acolher uma sexagenária que aproveitará todas as oportunidades para tentar fugir e que constitui uma ameaça para todos os homens acima dos... ia dizer 55, mas, para ser sincera, nenhum homem acima dos 45 está a salvo dela.

– Estás a dizer que a tia do Jo... quer dizer, a tua tia está a viver com vocês? – questiona a Imogen com uma nota de reprovação na voz. Está sempre a dizer-me para não tomar decisões precipitadas, para me lembrar de que ainda estou de luto e que isso influencia as escolhas que faço. Ainda não a tinha posto ao corrente da situação, analisado a questão de todos os ângulos com ela, e não está nada contente.

– Sim, a tia Betty mudou-se lá para casa. Não é tão mau como parece, ela é muito divertida e os peq... – Soa-me mal chamar isto à Phoebe. Será sempre a minha pequenina, mas quando penso nela a poucos quilómetros de distância a tentar tomar decisões de adulto com um cérebro de criança, soa-me mal chamar-lhe “pequena”. – A Phoebe e o Zane adoram tê-la por perto. A tia mimosa imenso. Também gosta de mim, à maneira dela. Eu é que me preocupo.

– Não é uma decisão para se tomar de ânimo leve – diz a Imogen com brandura, mais paternalista do que propriamente preocupada. Pela primeira vez desde *aquele dia*, é como uma garra afiada a arranhar a ardósia da minha irritação.

– O que é o jantar? – intercede o Lewis. Sendo viúvo, deve saber bem

como é, já lhe terão dito que devia ter cuidado, como devia sentir-se, quando devia deixar o luto e seguir em frente. Provavelmente, está farto de ser tratado com condescendência. – Tem um cheiro magnífico.

– Ah, sim! Quase me esquecia! – A Imogen levanta-se de um salto. – Vão indo para a outra sala, o jantar será servido sem demora.

Utilizou manteiga: consigo cheirá-la, vê-la a começar a solidificar novamente, como uma segunda pele a cobrir as cenourinhas e as batatas novas assadas. Até azeite teria sido mais aceitável. É mau em termos de teor de gordura e calorias, mas, pelo menos, não é rico em gorduras saturadas. Utilizou massa quebrada com manteiga para a cobertura da empada de galinha, mas é massa de supermercado, por isso, não há forma de saber o que contém. Algumas marcas contêm mais gordura do que outras e há marcas que adicionam conservantes quando não é massa pré-congelada. Provavelmente, também utilizou natas no bechamel. A galinha não deve ser orgânica porque a Imogen só é fanática por produtos orgânicos no que toca aos filhos.

– Que delícia – comenta o Lewis. Embora não o conheça tão bem como isso, sei que está a mentir. Pode ter bom aspeto e um cheiro apetitoso, mas garanto que não sabe bem, pois a Imogen, apesar de todos os seus atributos, não tem amor nem respeito pela comida. Mistura as coisas ao acaso na panela, dispõe-nas de forma artística em pratos requintados e torce para que tudo corra pelo melhor. Foi ela própria quem mo disse. Normalmente, compra tudo feito e depois é só aquecer e servir. Deve estar mesmo a esforçar-se para nos juntar, a mim e ao Lewis, se tentou cozinhar esta noite.

Lança um sorriso rasgado ao Lewis.

– Obrigada.

– Admiro quem ainda consegue ensinar os adolescentes nos dias que correm, Lewis – diz o Ray. Fazem um casal bonito, ele e a Imogen. O Ray é apenas ligeiramente mais alto do que ela e magro, porque gosta de se manter em forma com três visitas semanais ao ginásio. Possui uma pele impecável,

traços fortes e dentes perfeitos (também pudera, sendo ele próprio dentista). Infelizmente, e é por isso que evito tanto quanto possível passar muito tempo em casa deles, é muito dado a diatribes. Da mesma forma que a maior parte das pessoas nos pergunta se temos visto alguma coisa interessante na televisão para preencher o vazio, ele começa a arengar contra os indesejáveis da sociedade e só se cala quando a assistência se vai embora ou quando concordam com ele.

O Lewis desconhece este facto. Como julga inócuo o comentário do Ray sobre os adolescentes, responde: – Há muita gente que pensa e diz o mesmo, mas não é assim tão mau. Aliás, uma das maiores recompensas do tipo de trabalho que eu faço é criar afinidade com um aluno e saber que está no bom caminho para se tornar alguém na vida. Não acontece com todos, e verdade seja dita, alguns dão-nos água pela barba, mas é como em todas as outras ocupações: há o bom e o mau.

– Fala com tanta paixão pelo que faz – diz a Imogen toda babada. – Teria dado tudo para ter um professor como o senhor quando andava na escola.

– Provavelmente teve – replica ele –, mas a triste verdade é que, se não era uma aluna problemática, esses professores não precisavam de se concentrar tanto em si. Temos tendência para reparar nas ovelhas negras e tentar corrigi-las.

Começo a cortar a minha empada de galinha e o recheio branco jorra para o prato, espalhando-se em camadas cada vez mais finas à medida que se aproxima das batatas, dando-me voltas ao estômago. Não seguiu a receita, não vejo ervas aromáticas nem pimenta preta, mas sal deve ter às toneladas. Com gestos lentos e precisos passo a ponta do garfo através do molho, movendo-o na direção de um cubo de galinha. Espeto o garfo na galinha depois de encontrar alguma resistência e sei que está rija e cozinhada de mais, pois a Imogen cortou pedaços demasiadamente pequenos e deixou cozinhar a carne mais tempo do que o necessário. Tenho de comer isto, vai ficar

ofendida se eu não o fizer.

A Imogen observa-me. Se calhar, falou com o Fynn – já lhe tem ligado quando está preocupada comigo. Talvez ele lhe tenha contado o que pensa. Mas não, não creio que o fizesse. É um amigo bom de mais. Reprimindo o reflexo do vômito com o respeito e a afeição que sinto por ela, levanto o garfo e levo à boca a galinha a nadar em bechamel. Os enjoativos coágulos de gordura cobrem-me a língua, o excesso de sal é um assalto às minhas papilas gustativas. Sal em excesso, quase nada de ervas aromáticas, o tipo errado de natas. Odeio-me por saber estas coisas. Odeio-me por não ser capaz de apreciar simplesmente a comida em ocasiões destas; por procurar de imediato um problema qualquer como pretexto para não ter de comer, para não ser vista a encher a pança à frente de outras pessoas.

Por favor não voltes a fazê-lo. Promete-me que não voltas a fazer o mesmo, diz o Joel na minha cabeça. *Olha, arranjamos-te toda a ajuda de que precisares. Custe o que custar... Mas, por favor, não voltes a fazer isso a ti própria.*

Um bom amigo – um amigo a sério – já te teria confrontado em relação ao teu distúrbio alimentar, diz o Fynn.

Descontraidamente para o mundo exterior, mas determinada a provar a mim própria, ao Joel e ao Fynn que não tenho nenhum problema real, discernível, mas apenas uma pequena mania, continuo a enfiar garfadas de empada de galinha na boca, incluindo desta vez a crosta oleosa e farinhenta. Corto as cenouras revestidas de gordura a meio e mastigo, mastigo, mastigo. Obrigo-me a mastigar, ignorando o sal que me inunda a boca, a bílis que me revolve o estômago, e engulo. As batatas novas seguem o mesmo caminho: mastigo, mastigo, mastigo, e engulo. Eu sou capaz. Eu sou capaz. Não tenho problema nenhum com a comida, não preciso que me confrontem, não necessito de ajuda. Não sofro de nenhum distúrbio alimentar.

– Vê? É aí que está o meu problema – continua o Ray enquanto como,

ingerindo os alimentos como uma pessoa normal. – Eu pago os meus impostos, levo os meus filhos à escola como manda a lei e não recebo um serviço de primeira. Mas um pirralho qualquer, desses que vivem nos bairros sociais, cuja mãe engravidou em adolescente para poder candidatar-se a uma casa da câmara, sem pai e que não seria capaz de reconhecer a palavra *trabalho* se esta lhe mordesse, recebe toda a atenção. Que raio de justiça é essa?

– Vamos mudar de assunto – sugiro eu, e pouso os talheres. Fixo o prato, sentindo o horror do que acabo de fazer a permear o meu corpo de dentro para fora a partir do estômago. *Tenho de anular isto que fiz.* Olho para o Ray, repimpado no seu poleiro de sapiência e virtuosa indignação. – Não gosto de te ouvir descrever outros seres humanos nesses termos, Ray. Desculpa, mas não dá. Não sabes nada sobre a vida dessas pessoas. Podes pensar que sabes, mas até viveres, anos e anos a fio, em condições diferentes, não fazes ideia. Há algumas pessoas assim e há muitas outras pessoas que não são assim. Não gosto que descrevas as pessoas de forma tão maldosa. Por isso, por favor, vamos mudar de assunto para não nos desentendermos por causa disto.

– Sim, concordo – diz o Lewis, obviamente aliviado por eu ter dito alguma coisa antes de ele se ver obrigado a fazê-lo. – Mudemos de assunto.

– Sim, *Ray*, mudemos de assunto – acrescenta a Imogen entre dentes. Vai haver sarilho mais logo.

Olho para o prato. Eu é que estou metida num grande sarilho, agora. Atiro o guardanapo para cima da refeição meio comida e levanto-me.

– Se me dão licença – digo –, vou só à casa de banho.

Aos 29

– *Pensei que te tinhas deixado disto, Ffrony. Disseste que não precisavas de ajuda e prometeste-me que ias parar.*

– *Não prometi, disse que ia tentar.*

– *Porque é que não podes simplesmente comer e parar com isto?*

– Não sei.

– Isto está a dar cabo de mim, Ffrony. Não conseguir ajudar-te, não conseguir fazer com que pares com isto está a dar cabo de mim. Não te faço feliz? Será que sou eu que estou a impedir-te de ser suficientemente feliz para parar? Separarmo-nos vai acabar comigo, mas podemos fazê-lo se te ajudar a pôr um fim a isto.

– Não, não, não. Não é isso que eu quero. Não quero que nos separemos. Nunca. Sou tão feliz contigo e com a Phoebe... Não sei porque não consigo parar. Não consigo.

– Se é porque queres ser magra, acredita, já és magra que chegue. És perfeita. Não gosto de ti pelo tamanho que vestes. Não me importa o tamanho, nem quanto pesas.

– Eu sei. Mas importa aos outros.

– Não, não importa. E depois, se importar? Que interessa o que os outros pensam?

– Nada. Mas, se perder um pouco mais de peso, ninguém vai poder criticar a minha aparência. Não vão pensar que sou uma vaca gorda. Não vão poder pôr defeitos em nada. Só preciso de perder um bocadinho mais.

– Não precisas de perder mais peso. Nunca precisaste de perder peso.

– Não me conhecestes quando era mais nova. Por isso é que nunca te mostrei as fotografias. Era uma autêntica bola de banha.

– E mesmo que fosses, qual é o problema de ser gordo?

– Qual é o problema de ser gordo? Estás doido? Olham para ti com desprezo, acham que és preguiçoso, lambareiro e repelente. Nada te serve e toda a gente comenta as probabilidades estatísticas de morreres novo por seres tão lambareiro e preguiçoso.

– Os magros também morrem. Toda a gente morre, independentemente do peso. E já tenho lido sobre o que tu fazes e os danos permanentes que causa: dentes deteriorados, ductos salivares inchados, osteoporose, arritmia

card...

– *É tudo muito mais fácil e melhor quando somos magros. A vida torna-se mais fácil e as pessoas tratam-te melhor. Se és gordo, não vales nada.*

– *E sentes-te melhor agora que perdeste tanto peso?*

– *Não.*

Consigo manter um passo normal, tenho de me conter para não correr escadas acima. Subo os degraus um a um como se não houvesse dentro de mim um vulcão prestes a entrar em erupção. Atravesso o corredor em direção à casa de banho e vejo sair de lá o Damien, o filho mais velho da Imogen (do primeiro casamento), deixando atrás de si o ruído do autoclismo. É alto, atlético sem ter os ombros demasiado largos, e usa o cabelo comprido e solto para (imagino eu) poder passar muito tempo a afastá-lo do rosto ou a esconder-se atrás dele.

Detém-se, falha-lhe o passo quando me vê a caminhar na direção dele. Fica branco como um lençol sem saber se há de sorrir, fazer uma careta constrangida ou continuar como está: absolutamente aterrorizado. Vejo muitas pessoas assim, assustadas por não saberem o que dizer. Na dúvida sobre o que me fará chorar ou gritar com elas, vão dançando em redor das palavras, deixando transparecer claramente o desconforto de não entenderem uma pessoa atormentada por uma perda recente.

Contudo, já nos vimos muitas vezes desde *aquele dia*. Veio ao funeral, às vezes vem deixar o Zane com a Imogen. No verão passado licenciou-se e voltou para casa, mais ou menos na mesma altura em que a Phoebe começou a passar horas agarrada ao telemóvel, agora que penso nisso.

– Olá – cumprimento eu.

– Eh... Olá... Sra. Mackleroy – diz ele.

Devo estar a extrapolar. Talvez ele tenha sido sempre assim. Talvez, tal como os outros, se sinta sempre constrangido na minha presença. Como é que eu podia ter reparado se só há poucos meses comecei a prestar atenção

às coisas?

– Como vai a caça ao emprego? – pergunto.

– Eh... – Passa por mim, rumo ao quarto. – Vai bem.

– Ainda não arranjaste nada, então?

– Eh... não.

– Então, deves estar imenso tempo por casa durante o dia – comento. –

Não te aborreces?

– Eh... Não. Eh... às vezes saio.

– Com quem?

– Eh... com amigos.

– E namorada?

Empalidece ainda mais.

– Eh... mais ou menos.

– Como assi...

– Eh... tenho de ir, desculpe. Até à próxima. – Afasta-se rapidamente na direção da escada para o sótão, sem me dar tempo de continuar a fazê-lo falar.

Se é ele, Deus lhe perdoe.

Fecho a porta da casa de banho e preparo-me calmamente para fazer o que me trouxe aqui. Não posso demorar muito, não quero levantar suspeitas sobre mim e sobre aquilo que faço.

XXIX

– Não a acompanho à porta – diz o Lewis quando paramos diante da minha casa. Deixou o motor a trabalhar. – Não vá o diabo tecê-las, certo?

Apetece-me beijá-lo. Gostava imenso de o beijar e ver o que acontece a seguir. Sinto uma paz incrível neste momento, uma serenidade tal que era capaz de dar esse passo. Não posso, claro, porque estive a vomitar. Bochechei com água, mas tenho a certeza de que alguém que se aproximasse de mais seria assaltado pelo fedor pútrido do meu verdadeiro eu.

– Não é nada pessoal – digo-lhe. – Acredite que não é. Por acaso... por acaso até simpatizo muito consigo.

As linhas do rosto dele, tensas do esforço de manter uma expressão neutra e controlada, relaxam, e permite-se um pequeno sorriso.

– Não é essa a impressão que dá.

– O Lewis é viúvo e, com certeza, sabe como é difícil quando conhecemos alguém e surge todo um mundo de possibilidades, mas, para considerar sequer essas possibilidades, temos de abdicar de uma pequena parte da pessoa que perdemos. A ideia de abdicar de parte do Joel, por mais pequena que seja... É impensável para mim. Como se chamava a sua esposa?

– Hallie – responde ele, sombrio e reservado.

– Já me tinha dito, mas quando é que ela...?

– Há quatro anos.

– Esteve doente antes de morrer?

Ele confirma com um aceno de cabeça, contemplativo.

– Sim.

– Já saiu com outras pessoas, em encontros e assim?

– Já.

– E quando é que passou a ser aceitável sair com outras mulheres e

deixou de se sentir extremamente culpado ante a mera ideia de se sentir atraído por outras pessoas?

– Eu digo-lhe quando chegar a altura.

– Bem, se é assim para si, então, deve perceber como me sinto, não?

Os olhos quase negros do Lewis observam-me atentamente até pousarem nos meus lábios.

– Posso beijá-la? – pergunta.

Sinto uma onda de embaraço a inundar-me.

– Eu ia adorar mas, hum, o jantar não me caiu lá muito bem e quando fui à casa de banho, a modos que... Digamos que beijar-me não ia ser uma experiência agradável.

– Está bem, então – diz ele, com um sorriso a brincar-lhe nos lábios. Não acredita em mim.

– É verdade. – Omiti apenas a parte de ter vomitado por ter sido obrigada a comer para provar que não tenho nenhum distúrbio alimentar.

– Estou a ver – responde o Lewis, agora com os olhos risonhos e um sorriso enorme. Pelo menos, acha divertido, e não maldoso da minha parte, que eu possa estar a inventar o ter vomitado como desculpa para não o beijar.

– Além disso – digo eu depois de olhar de relance para a casa –, ou muito me engano ou a Phoebe está no meu quarto, sentada à janela a ver se somos apenas duas pessoas que foram jantar ao mesmo sítio à mesma hora ou se saímos juntos. A última coisa de que eu e a minha filha precisamos é de outro motivo para andarmos à turra e à massa.

E ela anda por aí algures, à espreita. A tomar nota de tudo para pôr numa carta.

Revelando um admirável autodomínio, o professor Bromsgrove não olha em redor.

– Pois, há sempre isso. Fica para a próxima?

– Fica para a próxima – concordo. Digo-o mas não significa nada. Não é

um contrato vinculativo. – Talvez.

Ele volta a sorrir, divertido.

Ainda bem que um de nós acha piada.

XXX

A minha intenção de começar cedo este sábado de manhã, de aproveitar para despachar as compras da semana antes de os outros acordarem, caiu por terra.

Do sítio onde me encontro no passeio, com os sacos reutilizáveis debaixo do braço e a mala a tiracolo, fixo a lateral do meu carro. Os quatro pneus foram esvaziados e as respetivas tampinhas de borracha das válvulas de ar foram cuidadosamente deixadas ao lado de cada um. Ignoro se o enorme golpe no centro de cada pneu foi infligido antes ou depois de os esvaziarem. Os rasgos são compridos e largos, marcas óbvias de facadas em que se torceu e depois se arrastou para baixo a lâmina. Seria necessário um facalhão de caça para furar a borracha grossa.

Por baixo do limpa-para-brisas esquerdo, o mais próximo do passeio, colocado de forma a ser a primeira coisa que vemos a seguir aos pneus furados, está um retângulo de papel dobrado. Para isto, nada de envelope, a ira dela era imensa, premente de mais para se incomodar com essas formalidades.

PUTA

Julguei que ninguém, nem mesmo a Phoebe, pudesse odiar-me mais do que eu própria me odeio por querer conviver com o Lewis Bromsgrove, mas estava enganada. Esta pessoa odeia-me ainda mais. Acaba de me mostrar, com estas quatro reconstituições do que a faca de cozinha fez ao abdómen do Joel, a raiva que sente por mim.

Haverá algo de errado comigo? Será que devia reagir de forma diferente a isto? Será que já devia estar ao telefone com a polícia, a pedir-lhes ajuda, em

vez de voltar a dobrar o papel e metê-lo na mala enquanto tento calcular quanto me vai custar substituir todos os pneus ainda hoje, porque preciso do carro?

Estou num limbo entre o medo e a raiva, vacilo entre estas duas emoções sem saber qual delas poderá ajudar-me a ultrapassar isto sem que mais ninguém se magoe.

De volta a casa, olho para o relógio (7:49) antes de me dirigir à cozinha, onde tenho o portátil, a fim de procurar uma oficina que me conserte o carro hoje. Já estou a contar com as perguntas, já estou a contar pôr o meu ar mais inocente e fingir que tenciono chamar a polícia. O telefone toca no silêncio de uma casa onde ainda estão praticamente todos a dormir e corro para atender, esquecendo-me de que pode ser a mãe do Joel.

– Beijaste-o? – A Imogen. Sinto um aperto no coração.

– Bom dia, Imogen – digo eu.

O fulgor do sorriso dela consegue cegar-me até deste lado da linha.

– E então, beijaste-o? – responde ela, incapaz de conter o entusiasmo. – O tipo é um pão, fizeste-nos um favor a todas e deste-lhe com força?

– Não.

– Oh – diz ela. – Mas eu julguei ter sentido uma atmosfera entre vocês!...

– Provavelmente sentiste – admito com relutância. Vagueio até à sala.

– Oh, meu Deus, mas isso é fantástico! – guincha ela. Ouço-a pousar a caneca de chá (com leite e dois cubos de açúcar) na mesa para poder bater palmas. – Quer dizer, claro que não é fácil pensar nestas coisas depois de tudo pelo que tu passaste, mas isto é estupendo. A sério! E não é nada cedo de mais, por isso, nem te atrevas a pensar uma coisa dessas! Já estou a imaginar-vos juntos!

– Não é assim tão simples. – Acho que vou ter de lhe dizer. Preciso de saber se ela tem alguma suspeita sobre o Damien e a Phoebe. Se tiver, a reação dela à notícia da gravidez vai indicar-me se estou certa em pensar que

pode ser o Damien. Não devia partilhar um segredo que não é meu, mas preciso de alguém com quem falar que não seja um homem com quem já dormi, um homem por quem me sinto atraída, ou uma idosa que me esconde qualquer coisa embora esteja a viver na minha casa.

Por outro lado, se o Damien for o pai... Isso pode complicar tudo. Se a Phoebe não lhe contou a verdade (e não me parece que o tenha feito), posso estar a colocá-la na mira de pressões e exigências pouco razoáveis.

– Oh! Porque não?

– Não posso dizer-te – respondo-lhe. Esfrego os olhos. – Adorava poder, mas não me cabe a mim fazê-lo e não posso falar sobre o assunto. Tenho a cabeça num oitão.

O meu pobre carro azul parece tão desalentado, assim visto da janela da sala. Tão ferido e magoado. Porque terá ela feito aquilo? Em que estaria a pensar? Estaria a pensar de todo? Será mais fácil usar uma faca como a solução para os nossos problemas se já o fizemos antes e não fomos castigados por isso? Continua a não ser nada fácil para mim acordar todas as manhãs e saber que terei de enfrentar outro dia sem o Joel, mas, se calhar, é porque é algo que me foi imposto. Se viver sem o Joel tivesse sido uma decisão da minha parte, talvez não me custasse fazê-lo dia após dia após dia. Se calhar passa-se o mesmo com ela. Talvez a partir do segundo pneu se tenha tornado tão fácil como respirar.

– Oh, minha querida – arrulha a Imogen ao telefone, a voz suave como um bálsamo. – Talvez seja bom tu e o Lewis estarem a aproximar-se. A Phoebe pode até espernear um bocado, mas não podes viver a tua vida sujeita aos caprichos de uma adolescente com as hormonas descontroladas. E também vai ser ótimo para o Zane. Precisa de uma figura paterna. Tem o Fynn, eu sei, mas não é a mesma coisa. Quando estiveres num relacionamento com alguém tudo será melhor.

Viro as costas à janela e concentro-me inteiramente na conversa.

– Melhor? – interrogo.

– Tens feito um trabalho fantástico com os miúdos desde... mas acho mesmo que tens de seguir em frente com a tua vida e fazer parte de um casal vai ajudá-los a sentirem-se mais seguros.

– Nem acredito no que estou a ouvir – digo eu. – Estarás basicamente a querer dizer-me que fazer parte de uma família monoparental é mais desestabilizador para os meus filhos do que, digamos, o pai ter sido assassinado?

– Não leves a mal, por favor. É só que as crianças precisam de dois pais, de uma mãe *e* de um pai. Não tens culpa de ser uma mãe sozinha. Vê só aquilo da semana passada, teres sido chamada à escola por causa da Phoebe. Era uma miúda tão doce, incapaz de fazer mal a uma mosca, e agora deu-lhe para arranjar problemas na escola. A forma como me falou no outro dia quando estava apenas a perguntar-lhe como... – Interrompe-se, e quase ouço o som do queixo dela a cair. – Oh, meu Deus, não está grávida, pois não? É por isso que o Lewis se tem interessado tanto por ela? – O meu coração deixa de bater. – Ou serão drogas? Álcool?

– É bom saber-te tão preocupada com o bem-estar da minha família, Imogen. – Afinal de contas, talvez a tia Betty tenha alguma razão.

– Não, querida, não me leves a mal. É só que... Se tu e o Lewis se entenderem, um homem com um bom emprego e que obviamente exerce uma influência positiva sobre miúdos problemáticos vai ser maravilhoso para todos vocês.

– Como vai o Damien? – pergunto eu para mudar de assunto, para dar seguimento à ideia que me ocorreu ontem à noite pouco antes de me terem vandalizado os pneus do carro.

– O Damien? Ótimo.

– Já conseguiu arranjar emprego ou ainda passa o dia a estorvar-te?

– A vida lá fora está tão difícil para os licenciados – diz ela. – Entreguei

algumas candidaturas por ele e tenho a certeza de que há de arranjar alguma coisa não tarda nada.

– Imagino que passe muito tempo com a namorada quando não está a candidatar-se a ofertas de emprego? Vi-o no andar de cima ontem à noite e ele ficou todo encavacado quando mencionei o assunto. Tão engraçado, abençoado seja. Como se tivesse voltado a ser adolescente.

– Já conheces aquele rapaz, sempre com um exército de raparigas atrás dele. Lembro-me de que em tempos a Phoebe teve uma paixoneta por ele.

– Sim, acho que sim – digo eu. Precisava que ela confirmasse que era como eu me lembrava. Que pode bem ser ele o envolvido nesta questão, e não o Curtis.

– Devíamos reunir-nos todos em breve, podes convidar o Lewis.

– Não é nada má ideia – respondo. *Seria muito bom passar algum tempo com o Damien, mesmo muito bom.*

Ao desligar a chamada as preocupações mais prementes cerram fileiras à minha volta. Se ao menos soubesse o que a Phoebe pretende fazer, podia tentar convencê-la a falar com a polícia. Até ela se decidir, não posso colocar-lhe mais este peso em cima dos ombros. Tenho de aguentar a perseguição, as críticas da Imogen, a dor que causei ao Fynn, a sensação de estar a trair o Joel ao pensar no Lewis.

Até a Phoebe se orientar nada mais pode acontecer. Estou num beco sem saída, fora de controlo na minha própria vida, dependente de outrem.

XXXI

– Que hei de eu fazer, tia Betty? – pergunta a Phoebe.

Obviamente, não sabem que estou aqui. Porque havia eu de estar metida aqui dentro? Porque havia alguém de estar na pequena casa de banho de serviço ao lado da cozinha, a menos que tivesse acabado de se empanturrar com tudo o que encontrou pela frente, às mãos-cheias, a ponto de rebentar, a engolir à força as emoções, a banir os pensamentos desagradáveis com cada dentada, e depois se tivesse purgado até ficar com a garganta em ferida, de lágrimas nos olhos e a tremer com a dor no peito causada pelas contrações do vômito? Porque havia alguém de estar prostrado no chão, incapaz de se mexer com a exaustão, o horror e o nojo do que acabou de fazer? A tremer porque o coração ameaça ceder a qualquer momento.

Tão silenciosamente como pude, desloquei o meu corpo ainda trémulo até ficar encostada à porta branca.

– Ninguém pode decidir isso por ti, pequena – responde a tia Betty. Pergunto-me o que farão a pé a esta hora. Pensei que era a única que não conseguia dormir. – És apenas uma criança, mas nesta situação tens de tomar decisões de gente grande.

– A minha mãe diz-me sempre o que fazer, pensei que também me dissesse o que fazer agora.

– Em relação a isto, não pode. A vida é tua e o corpo é teu, a tua mãe não pode fazer essas escolhas por ti.

– Mas eu não sei que escolha será a melhor.

– Não é fácil decidir – diz a tia Betty. – Basicamente tens três opções, sim?

– Sim.

– Ficar com o bebé, dá-lo para adoção, ou fazer um aborto.

– Sim.

– Qual é que te parece melhor para ti, assim de repente, quando eu coloco a questão nestes termos?

A Phoebe não diz nada por uns momentos.

– Não sei. Sempre que penso sobre uma, há outra que me parece melhor.

– Tens 14 anos. Na tua idade, nenhuma opção é melhor do que as outras. Qualquer uma terá pesadas implicações para ti. A única coisa a fazer neste tipo de situações é escolher aquela com a qual será mais fácil viver.

– Não sei qual é e não sei o que fazer – replica a Phoebe. O meu instinto é correr para junto dela, apertá-la nos braços e dizer-lhe que vai correr tudo bem, que decidiremos juntas o melhor a fazer.

– Deixa-me contar-te um segredo que todos os adultos sabem, meu doce: nós também não sabemos o que fazer, as mais das vezes. Andamos sempre às aranhas. Fingimos que sabemos até alguma coisa resultar.

– O meu pai sabia sempre o que fazer – afirma a Phoebe.

– Se acreditas mesmo nisso és a maior tonta que já conheci – observa a tia Betty num tom sarcástico. Imagino-a a abanar a cabeça. – Com que então o teu pai sabia sempre o que fazer. Deixa-me rir! Nunca em toda a minha vida ouvi tamanho disparate. Ninguém sabe sempre o que fazer. Ninguém. – Continuo a imaginá-la a abanar a cabeça. – Com exceção da minha pessoa, claro. Eu sei sempre o que fazer. Sempre.

Ouçõ madeira a arranhar a tijoleira.

– Então, vais ajudar-me a subir para o quarto? – pergunta a tia Betty.

A Phoebe arrasta também a cadeira para trás ao levantar-se. Quantas vezes terei de lhes pedir para não fazerem aquilo? “Bué”, diria uma Phoebe um pouco mais jovem em resposta à minha pergunta. “Bué, bué, bué vezes.”

– Não sabes a sorte que tens, pequena – diz a tia Betty à medida que se aproximam da porta. – Conheço raparigas que foram expulsas de casa pelos pais assim que souberam que elas estavam grávidas. Conhecendo a tua mãe,

aposto que nem sequer levantou a voz. És uma sortuda.

– Mas ela não...

As vozes desaparecem no interior da casa, deixo de poder ouvir o que dizem, de poder descobrir o que fiz ou deixei de fazer para a minha filha me odiar tanto.

Algun tempo depois endireito-me, os tremores diminuem enquanto me levanto e são substituídos por uma tontura quando o sangue me foge da cabeça.

No andar de cima, ignoro os autocolantes multicoloridos, onde se lê “Zona Interdita”, espalhados pela porta do quarto do Zane e abro-a de mansinho. Pé ante pé, atravesso o quarto até à cama. O meu pequenino, que me disse no dia do funeral que sabia que agora era o homem da casa, está estendido na cama, com os braços esticados para os lados, a aba da camisola do pijama azul arrepanhada até meio do tronco e a colcha de verão tombada sobre a alcatifa como água a cair numa cascata.

É tal e qual o pai. Tem as maçãs do rosto e as longas pestanas dele, a mesma forma nos lábios carnudos. É bom vê-lo dormir assim descontraído, livre. Depois de o Joel... *Depois*, começou a dormir todo encolhido como um bichinho-de-conta, refugiando-se desesperadamente do mundo lá fora enquanto dormia; receoso de que os perigos do mundo voltassem a entrar na vida dele. Ainda bem que, depois da tentativa de invasão e do episódio dos pneus furados, consegue dormir assim livre.

Precisava de vê-lo. Observo-o e interrogo-me de que forma irei desiludi-lo também a ele.

PARTE VIII

XXXII

O que me apetecia mesmo agora era ir dar um passeio à praia.

Adorava desligar o computador, arrastar a cadeira para trás, pegar no casaco, na mala, no portátil, na pilha de papéis e sair; acenar aos seguranças, descer a rua, virar a esquina, atravessar a multidão e descer, descer, descer, sempre com o líquido horizonte azul à vista, até chegar ao meu destino. Atravessaria a rua até às escadas do passadiço e, no último degrau, pararia para descalçar os sapatos. E depois... arrepiar-me-ia toda com a sensação de frescura macia nas solas dos pés; sentiria os músculos a contrair ligeiramente devido ao choque térmico e, depois, voltaria a relaxar de prazer. Caminharia até à beira da água, cada passo uma repetição da rotina contração/relaxamento com as diferentes texturas e temperaturas dos seixos, até alcançar a zona escura, húmida e arenosa para esperar que o mar viesse até mim e reclamasse para si os meus pés e os meus tornozelos. É esse o propósito de viver ao pé do mar: podermos passar por lá a qualquer hora para o deixarmos brincar com os nossos pés, tornozelos, canelas e coxas, traseiro e cintura, peito e pescoço, toda a cabeça.

Como muitas outras coisas desde *aquela dia*, passear na praia deixou de ser uma opção para mim.

6 meses depois *Daquela Dia* (abril de 2012) As solas dos meus pés, uma camada de pele áspera, negligenciada, começaram a enterrar-se na parte húmida e arenosa da praia enquanto pequenas ondas orladas de espuma acorriam de tempos a tempos para me banhar os pés em poças frias. Se me deixasse ficar ali por muito mais tempo, as proporções alterar-se-iam, o mar continuaria a subir e a descer o areal, demorando-se um pouco mais de cada vez até preencher gradualmente esta zona da praia; cobrindo-a e revelando-a, cobrindo-a e revelando-a até me submergir por completo.

Se me deixasse ficar ali por muito mais tempo, podia desaparecer tal como o Joel. Mais uma vez interroguei-me, como sempre fazia nestas visitas à praia, qual seria a forma mais dolorosa de morrer: a dele ou esta. Dei um passo, depois outro, e outro, até fazer desaparecer os pés, os tornozelos, as canelas. Trazia comigo a pasta do portátil, não só com o computador mas também com um relatório que tinha de escrever, vários documentos para ler, outras coisas para editar. A pasta mal fechava com o volume de trabalho que levava para casa naquela noite. Trazia a mala a tiracolo, também a abarrotar, pesada com os artefactos essenciais à vida do dia a dia. Tinha deixado os sapatos nos seixos atrás de mim. *Só deixou para trás os sapatos*, diriam. *Tudo o resto levou com ela*.

Não queria ter de esperar que as águas me reclamassem, tomassem o lugar do ar à minha volta; queria ser proativa, caminhar em frente, avançar mar adentro até começar a flutuar. Não flutuaria, é claro, porque vinha carregada, vergada pelo peso da minha nova e complicada vida. Também não tencionava nadar e, mesmo que largasse as coisas que trazia, não me valeria de muito agitar os braços e lutar pela vida, pois mal sabia nadar. E nem sequer tentaria. Deixaria o mar fazer o que lhe aprouvesse.

Os meus pés continuaram a avançar. Sem hesitações, prontos a desaparecer no mar.

Nesse momento, vi surgir à minha frente o rosto afilado da Phoebe, uma pequena oval inocente. O rosto do Zane, mais pequeno, mais redondo, igualmente inocente, apareceu ao lado do da irmã. O rosto do Joel materializou-se também diante dos meus olhos.

Pois sim. Como se eu lhes pudesse fazer uma coisa destas.

Arranja outra coisa, pensei para mim num incaracterístico momento de benevolência. Estava tão habituada a ser censurada, castigada, oprimida pelos meus próprios pensamentos, a ouvi-los lembrar-me de que não valia nada, que fui tomada de surpresa pela bondade daquele pensamento. Era quase

como se estivesse a falar com outra pessoa. *Não voltes a vir à praia, não voltes a fazer isto. Arranja outra coisa para fazer. Não voltes a fazer isto a ti própria.*

A voz interior, esta versão quase terna de quem eu era para mim própria, tinha razão. É óbvio que nunca seria capaz de deixar os meus filhos, mas aquela ânsia encerrava um poder destrutivo, estava a arrancar-me a alma pedaço a pedaço, a erodi-la como o mar erode as arestas das pedras e, a breve trecho, acabaria por perder a vontade de viver, teria vontade de morrer mas não o suficiente para me tornar suicida. Queria estar com o Joel mas não o suficiente para agir nesse sentido. Se não arranjasse uma alternativa, tornar-me-ia alguém a fazer a contagem decrescente dos dias até me ser permitido deixar de existir, a desperdiçar a dádiva da vida. Isso não é forma de se estar neste mundo.

Quando dei um passo atrás senti um pé a escorregar um pouco na areia saturada e ergui os braços para proteger o portátil da água do mar caso caísse, mas consegui recuperar o equilíbrio. Cuidadosamente, girei sobre os calcanhares, saboreando o prazer de os sentir a enterrar-se na areia, sentindo fragmentos de conchas a cravar-se nos meus pés, e comecei a subir o areal. Tinha de encontrar outra forma de conviver com a dor, outra forma de me ligar ao mundo.

Dois dias mais tarde, beijei o Fynn.

Às vezes, gostava de poder ir ter com o Joel, mesmo que fosse por pouco tempo, e não ter de lidar com tudo isto. Foi o não poder ir à praia que me forçou a tentar encontrá-lo de outras formas. Terminar o livro de receitas do Joel pareceu-me, então, a única maneira de me sentir ligada a ele, de encontrar a combinação perfeita de sabores que me lembraria de como ele era, de como era estar com ele. Ainda não pude pensar numa alternativa, experimentar algo novo, desde que fui chamada à escola há 16 dias. A minha busca foi interrompida pelas realidades da vida quotidiana, pelo facto de

andar a ser perseguida pela assassina dele.

A Imogen está parada à porta do edifício, a olhar para a fachada como se se preparasse para entrar. Ou, se calhar, está à espera de alguém. Quando a vejo ajustar a alça da mala que traz ao ombro com um gesto determinado percebo que tem estado à minha espera.

– Desculpa – diz ela sem me dar tempo para decidir o que fazer com a cara, ou se lhe hei de dizer “olá” ou “viva” ou “Estavas à minha espera?”

– Às vezes, tenho a língua muito solta e opiniões a mais – continua ela. – Desculpa, não devia ter dito aqueles disparates todos. Abro a boca sem pensar e não admira que não me contes tudo.

Com um certo dramatismo, a meu ver, os olhos verde avelã da Imogen enchem-se de lágrimas.

– Acho que fazes um trabalho fantástico com aquelas crianças e não sei como pude insinuar o contrário. És uma mãe fantástica e sei que vais ser uma avó fantástica.

– Perdão? – replico.

Teatral, mais uma vez, olha em volta, aproxima-se de mim e baixa a voz.

– O Damien contou-me aquilo de a Phoebe estar... – continua num sussurro praticamente inaudível – ... *grávida*.

– O Damien contou-te? O *Damien*? Logo *ele*?

– Por favor, não te zangues – pede ela, um preâmbulo à resposta. Os miúdos fazem o mesmo quando sabem que vou ouvir algo que não pode deixar de desencadear uma reação atómica. – Como já foram muito amigos, pedi-lhe para ligar à Phoebe, depois de sábado. Disse-lhe que seria amável da parte dele procurar saber como ela está e que, se, por acaso, durante a conversa lhe perguntasse o que pensa da possibilidade de a mãe sair com o professor, seria ótimo. Desculpa, sei que não devia ter metido o nariz, mas queria tanto que conhecesses alguém interessante. Vejo-te tão sozinha às vezes e o Lewis parece tão perfeito.

– E durante a tal conversa a Phoebe comentou, assim sem mais nem menos, que estava grávida?

Consegui contar a notícia a alguém que pouco mais é do que um estranho, quando a própria mãe teve de ir à escola e ouvi-la da boca de outra pessoa para ficar a saber, quando reventou em lágrimas ao pensar que eu tinha contado à tia Betty, quando tenho andado com tanto medo do trauma que poderia causar-lhe se soubesse que contei ao Fynn, quando mal me dirige uma palavra? Já para não falar de ter transmitido ao Damien e à Imogen a impressão de que decidi levar a gravidez até ao fim.

– Porque faria ela uma coisa dessas?

– São chegados.

Ou então é ele o pai.

– Aquela conversa que tivemos no outro dia, agora percebo tudo muito melhor. Sinto-me horrível. Não devia ter dito aquelas coisas, nem sequer acredito nelas. Suponho que queria que visses que grande parte da tua solidão podia desaparecer se desses uma hipótese ao Lewis. Não devia ter posto em questão a tua competência enquanto mãe. Teria arrancado a cabeça a quem me fizesse a mesma coisa.

– Obrigada por pedires desculpa, Imogen, mas agora tenho de ir dar uma palavrinha à minha filha.

Sem esperar pela resposta, sigo rua acima na direção do parque de estacionamento.

Tenho sido *tão* estúpida. Procurei dar-lhe espaço, dar-lhe tempo para pensar no que quer, em vez de lhe impor a minha vontade ou obrigá-la a ter uma conversa séria e definitiva comigo. E durante todo este tempo ela tem andado a engendrar esquemas por trás das minhas costas, como de costume. Não tem respeito nenhum por mim. Pensa que tenho tanto medo de perder o amor dela (inconscientemente, deve ter a noção de que não quero que se sinta em relação a mim como eu me sentia em relação à minha mãe) que vou

deixá-la, quase literalmente, matar e sair impune.

XXXIII

– Telemóvel! – digo eu à Phoebe ao entrar em casa.

Nem me dou ao trabalho de despir primeiro o casaco. Atiro o portátil e a mala para cima do sofá e planto-me diante da minha filha de mão estendida.

O Zane deixa de olhar para o ecrã da televisão e vira-se para mim. Aterrado, imagino, com a fúria na minha voz. Nunca falo assim. Nunca mostrei tamanha raiva, nem mesmo antes de ter começado a tentar ser mais como o Joel para o manter vivo para eles, reagindo como ele reagiria.

A tia Betty, resplandecente na sua peruca cor de vinho e batom a condizer, baixa o e-cigarro e fita-me de olhos arregalados. A Phoebe levanta os olhos do aparelho que tem na mão e observa-me, tentando decidir como reagir à minha ordem.

– TELEMÓVEL! – berro-lhe.

Obediente, coloca-o na minha mão sem sequer tentar o truque de sacar a bateria.

– Já lá para cima. Tu e eu precisamos de ter uma conversa.

Os seus olhos esbugalhados, de madeira líquida, voam primeiro para o Zane e depois para a tia Betty, perguntando-se se algum deles virá em seu socorro. É inútil, claro. O Zane está a ver um filme violento e a tia Betty tem um e-cigarro na mão: já têm problemas que cheguem.

– NÃO ME OUVISTE? – grito-lhe, e ela salta da cadeira e sobe as escadas duas a duas. Volto-me lentamente para os outros dois estroinas da casa.

– Tu. – Aponto para o Zane. – Durante duas semanas, acabou-se a televisão. Já te disse que não te quero a ver nada para maiores de 12, mas já que não consegues obedecer, ficas duas semanas sem ver televisão. E isso inclui os jogos na consola.

Rodo sem sair do lugar.

– E quanto a si... – marcho na direção da tia Betty. – Já disse o que tinha a dizer sobre o assunto. Não quero cigarros nesta casa.

Faço menção de lhe tirar o cigarro, mas ela recusa-se a cedê-lo, debate-se, agarra-se ao suporte preto e cromado como a um bote salva-vidas. As suas mãos sexagenárias, embora ossudas e enrugadas como pergaminho escurecido pelo tempo, revelam uma força surpreendente e não desistem com facilidade. Por fim, lá consigo arrancar-lho. Ela faz-me olhinhos de gato das botas, incapaz de acreditar no que acabo de fazer.

– Não podes esperar que vá lá fora sempre que preciso de qualquer coisa que me espreite. Está frio. Achas mesmo razoável que uma mulher da minha idade vá lá para fora, para o frio?

– Quer mesmo poder fumar dentro de casa? – pergunto.

– Sim, pequena, sim.

– Então, não devia ter-lhes dado motivos para a expulsarem do único sítio onde podia fazer tudo o que queria, sempre que lhe apetecia, pois não?

Ela encosta-se para trás no sofá e olha-me de alto a baixo como se as minhas palavras a tivessem magoado. Magoado, duvido muito. Surpreendido, sem dúvida.

– Zane – digo eu, normalizando o meu tom de voz.

– Sim, mãe? – responde ele, já de pé.

– Vai preparar-te, se fazes favor. Tu e a tia Betty vão comprar batatas fritas para o jantar.

– Está bem – diz ele, e apressa-se a deixar a sala.

– Tem algum problema com isso? – pergunto eu à tia Betty.

– Não, não – diz ela muito depressa. – Eu pago o jantar – acrescenta.

– Desconfio que, de uma forma ou de outra, hei de ser sempre eu a pagar, mas agradeço na mesma.

A Phoebe julga que esconder-se debaixo dos cobertores vai salvá-la. Que

vou ver que tentou alienar o mundo exterior encolhendo-se debaixo da paisagem marinha do edredão e respeitar o gesto; deixá-la em paz.

Ignorou-me quando bati à porta, como já esperava, e entrei à mesma. Da janela, em cinco cordões individuais, pende o restante das borboletas de missangas de vidro que fez para a cozinha. Refletem a luz quando rodopiam, salpicando as paredes de cor e dando a sensação de que todo o quarto dança. Não venho aqui muitas vezes. Fiz questão de respeitar a privacidade dela, confiei que não tivesse no quarto pratos e copos com bolor e sujidade incrustada, que separasse a roupa suja, que mantivesse as coisas relativamente asseadas para seu próprio bem e não por eu querer que o faça. É verdade que me sento muitas vezes do lado de fora do quarto até ela adormecer, a sussurrar “gosto muito de ti” à porta, na esperança de que esta transfira a minha mensagem para o interior até à mente dela enquanto dorme.

Eu cá nunca tive privacidade, nunca tive direito a ter segredos, nada do que eu fazia escapava ao escrutínio dos outros, e nunca quis que a Phoebe sofresse o mesmo. Queria mais abertura, uma cumplicidade entre nós que nunca tive com a minha mãe.

– Podes acabar com o teatro – digo eu à Phoebe ao mesmo tempo que me sento na cadeira da secretária e a faço rodar na direção da cama. – Não tens como te esconder disto, Phoebe. Por isso, agradecia que te sentasses e falasses comigo.

No caminho para casa fui sentindo o sangue a levantar fervura em fogo lento até transbordar quando irrompi sala adentro. Não parava de ver o rosto do Joel, tão calmo e sereno, mas também marcado pela agonia dos seus últimos momentos; não parava de reviver o momento em que perdi a sensação nos dedos e aquela taça de amoras me caiu das mãos; não parava de me lembrar dos jornalistas à minha espera à porta da perícia médico-legal, no primeiro dia do inquérito policial, e de ter pedido ao condutor do táxi para seguir em frente porque aquilo era de mais para mim (sabia que o Fynn e os

pais do Joel estavam à minha espera, mas não fui capaz de os enfrentar). Não parava de pensar em como fui idiota ao dar-lhe tanto espaço enquanto o tempo urgia e a ameaça da minha perseguidora, a assassina do Joel, se intensificava. Há dois dias que não sei nada dela. Assusta-me, inquieta-me sabê-la por aí e não poder recorrer à polícia por querer poupar a Phoebe. E durante todo este tempo ela tem andado a tomar decisões sem se dar ao trabalho de me dizer.

– *Phoebe* – ameaço. Lentamente, as mãos dela espreitam por detrás do edredão e puxam-no para baixo, deixando entrever a luminosidade da pele jovem, as maçãs do rosto perfeitas, a versão miniatural do meu nariz arrebitado, a expressão nos lábios castanhos-escuros, as linhas perfeitamente retas do cabelo dela reunidas em dois carrapitos.

– Contaste ao Damien que estavas grávida, foi? – perguntei.

Apreensiva, a Phoebe arregala os olhos, a princípio fixos no teto coberto de estrelas fluorescentes, numa atitude de desafio.

– É ele o pai? – pergunto.

– Não! – exclama ela, indignada. – Sabes bem que é o Curtis. – *Mentira*. Mas não lho digo na cara.

– A quem mais contaste?

– A ninguém. – *Mentira*.

– Então, porque lhe contaste, a ele?

– Ele perguntou porque já tinhas contado à Imogen. – *Mentira*.

– Não contei nada à Imogen. Vontade não me faltou, porque Deus sabe que bem preciso de desabafar com alguém quando ando com a cabeça feita num oito, mas não contei.

– Mas contaste ao Tio Fynn. – *Contra-ataque*.

– Pois contei. Estava em estado de choque e contei-lhe.

– Vês? – diz ela.

– *Vês* o quê? Que a minha filha se recusa a falar comigo? Que quando o

faz, só sabe mentir? Que mais uma vez estou cheia de medo por não saber o que vai acontecer a seguir? Sim, sim, vejo tudo isso.

Ela contrai os lábios e semicerra os olhos como se estivesse a tentar ler qualquer coisa que alguém escreveu sobre ela lá em cima no teto.

– Porque é que contaste ao Damien que estavas grávida?

– Porque... quis saber qual era a sensação de voltar a dizê-lo em voz alta. Às vezes, parece que não está a acontecer e eu queria saber como soava. – *A verdade. Finalmente, uma verdade.*

– E já decidiste o que queres fazer? Porque, pelo que o Damien contou à mãe, parecia que tinhas decidido levar a gravidez até ao fim.

– Eu nunca disse isso! Conteí-lhe que estava grávida e ele disse “Uau, aposto que a tua mãe ficou passada dos carretos”, e foi só. – *Outra verdade.*

– O que posso eu fazer para ajudar? – pergunto-lhe. – Há alguma coisa que eu possa fazer para te ajudar a tomar uma decisão?

– Não! – rosna-me ela. *Desprezo. Como parei de gritar com ela, como deixei de ser assustadora e inacessível, voltámos ao desprezo.*

– Como queiras, então – digo eu. Magoa-me profundamente que a minha filha pense em mim desta forma, que já não me respeite o suficiente para querer falar comigo. Que consiga estar sentada na cozinha a desabafar com a tia-avó, mas não comigo. Recuso-me a chorar aqui diante dela por causa disto. – Bem, se quiseres falar comigo já sabes onde estou.

Ela responde com um gesto desdenhoso.

– Mas, Phoebe, muito em breve vamos ter de regressar ao médico. Sei que é assustador, mas tens de decidir se é para começar a tomar o ácido fólico e, nesse caso, temos de pedir um exame precoce para ver se está tudo bem, ou se vamos ter de marcar outro tipo de consulta. Seja qual for a tua decisão, lembra-te que vou apoiá-la a 100%.

A Phoebe desvia os olhos para o lado esquerdo do teto, na tentativa de se abstrair do ruído irritante que é a mãe.

– Tens aqui o teu telemóvel – digo eu ao levantar-me, e deixo-o em cima da secretária. – Ah, e a propósito, vou agora lá abaixo ligar ao professor Bromsgrove para lhe dizer que amanhã vais voltar às aulas. Tu e o Zane vão voltar às aulas a partir de amanhã.

– Mas... – começa ela.

– Vais à escola amanhã e vou recomeçar a levar-te a tempo do clube do pequeno-almoço e a apanhar-te depois do clube da biblioteca.

– Mas...

– Sim?

– Nada. Como queiras.

O Lewis não diz nada durante um bocado quando o informo de que a Phoebe voltará às aulas amanhã de manhã. Depois diz: – Se a Saffron acha que é o melhor...

– O que eu acho melhor é que ela não fique parada sem fazer nada – replico.

– A Phoebe já decidiu o que...

– Não que me tenha dito. Mas diz que não falou sobre o assunto com mais ninguém. E o Curtis, falou?

– Que eu saiba, não.

– Não tenho ilusões de que se possa manter a gravidez em segredo por muito mais tempo, sobretudo se a Phoebe começar a mostrar sintomas, mas acho que o melhor para ela é manter-se a par dos estudos o mais possível. – Já pareço uma mãe competente. Firme e decidida, em vez de assustada e confundida.

– Concordo – diz ele. – Hum, dê-me um segundo. – Sinto movimento e apercebo-me de que o Lewis está em andamento, provavelmente, a mudar de sítio para ter alguma privacidade.

Vou até à pequena prateleira do corredor e entalo o telemóvel entre o queixo e o ombro para poder passar os olhos pela correspondência mais

recente. Há outro envelope de cor creme sem selo nem carimbo entre as faturas, os folhetos e as circulares. Mais uma comunicação da mulher que me deu cabo da vida.

– Estou de volta, desculpe – diz o Lewis, sobressaltando-me. Não me tinha dado conta de que estava tão concentrada no envelope caro que tenho nas mãos. Pego no telemóvel e levo-o ao ouvido com uma mão, mantenho a carta na outra.

– Então diga – respondo.

– Hum... Posso vê-la? – pergunta ele. – Só a si?

A minha resposta é deixar sair lentamente o ar que tenho nos pulmões.

– Não faço isto com muita frequência, Saffron. Não nos conhecemos na melhor das circunstâncias, mas ainda assim gostava de a ver.

Devia dizer-lhe que não. Em vez disso, pergunto: – Como faleceu a sua esposa?

Se um homem me dissesse isto depois de eu o ter convidado a sair, desligava-lhe logo a chamada na cara. É uma intrusão francamente desnecessária. Só lho pergunto para o fazer pensar como a pergunta dele me fez pensar a mim, para o levar a perceber que não é tão simples como dizer sim ou não.

O Lewis fica em silêncio durante vários minutos que custam a passar, enquanto espero por uma resposta ou que o Zane e a tia Betty regressem da loja com o nosso jantar de peixe e batatas fritas.

– É melhor desligar – digo. Ele não quer responder e não tem obrigação nenhuma de o fazer.

– Não, não, não desligue. Morreu de cirrose do fígado. Relacionada com o consumo de álcool. Muito penoso para todos os envolvidos.

– Lamento ouvir isso.

– É a culpa que a impede de aceitar?

– Talvez.

– Digo, culpa pela forma como ele morreu? Sente-se responsável?

Seria óbvio assumir que me sinto culpada pela possibilidade de sair com outro homem depois do Joel, mas menos óbvio que também me sinto culpada pela forma como ele morreu. E de facto sinto. É o tipo de culpa que alimenta constantemente o mal-estar que me revolve o estômago; a mistura de sucos gástricos e desespero que nunca dá tréguas, por mais vezes que force o vômito. Não o confesso a ninguém porque vão dizer-me que a culpa não é minha, que não devo culpar-me, que o responsável é quem o matou, não eu. Dir-me-iam tudo isto sem fazer ideia do que estão a falar.

– E você, sente-se responsável? – replico.

– Sim. Queria muito que ela tivesse gostado de mim o suficiente para deixar de beber antes que as coisas chegassem a esse ponto. Gostava de ter conseguido fazê-la ver o que estava a fazer ao Curtis quando continuou a beber mesmo depois de ter adoecido. Gostava de ter tido a coragem de pegar no Curtis e sair de casa para não o expor à tragédia dos últimos dias da mãe. Sinto-me culpado, sim, e de que maneira.

– Está bem. Sim, podemos encontrar-nos em breve.

– Esta noite, é muito cedo?

– Sim – digo, e rio-me –, é cedo de mais.

– Bem, mas não deixemos passar muito tempo, está bem?

– Combinado. Adeus, Lewis.

– Até à próxima.

Deslizo o dedo por baixo da aba do envelope, preparando-me para o que a carta vai dizer. As missivas dela não me assustam, são preferíveis a tentar invadir a casa ou custar-me quase duas mil libras em pneus novos e mão de obra, e a ter de dar explicações sem sentido à minha família.

O envelope contém apenas uma fotografia.

Aquele Dia Sinto os dedos dormentes, o corpo dormente, todo o meu ser fica de repente sem ar. Ouço os baques surdos de um punhado de amoras a

esborrachar-se no chão, o estrondo de uma taça branca de barro ao atingir a tijoleira branca.

A fotografia jaz no soalho cor de ácer da entrada. Foi tirada com um telemóvel, por isso, não tem grande qualidade: a imagem está ligeiramente desfocada, de contornos indistintos, mas nítida o suficiente para me mostrar o que preciso de ver.

A Phoebe e o Joel, parados a conversar no parque de estacionamento exterior ao fundo do centro comercial Churchill Square no dia em que ele morreu.

XXXIV

Aquele Dia

– Até já, fofa, é melhor ir andando. Se deixar o carro na oficina bem cedo devo conseguir ir buscá-lo ainda hoje.

– OK – disse eu do quarto. – Tens a certeza de que não queres dizer-me que presente extra especial é esse que vais comprar-me?

– Tenho.

Ouvi a porta da frente a bater e, ainda de roupão, atirei-me para cima da cama. Para variar, tinha sido o Joel a levar os miúdos à escola e podia levar todo o tempo que quisesse a vestir-me. Pela primeira vez em séculos, estávamos ambos de folga, pelo que podia fazer o que bem me apetecesse. E o que me apetecia era não fazer nada.

Segundos depois, a porta voltou a abrir e a fechar e ouvi o Joel a subir os degraus dois a dois sem se dar ao trabalho de descalçar os sapatos.

– De que te esqueceste tu, desta vez? – perguntei eu, a abafar uma gargalhada.

– Do meu beijo de despedida. – Encostou-me os lábios frios ao pescoço, provocando-me um familiar arrepio de prazer. – Até já, fofa.

– Até já.

A Phoebe e o Joel estão muito juntos, apenas visíveis da cintura para cima. Ele agita as mãos espalmadas no ar enquanto fala com ela. Provavelmente a repreendê-la, a lembrar-lhe de que tinha prometido não voltar a fazer o mesmo depois da última vez, mas incapaz de esconder o ar de completa adoração que reservava para os filhos.

Davam com ele em doido, mas era-lhe impossível fingir-se zangado com eles. Bem se esforçava, mas acabava sempre a querer aligeirar a situação, aplacar os ânimos, convencido de que não tinha sido de propósito. Era

péssimo a impor disciplina, por isso, tinha de ser eu a tratar do assunto.

A Phoebe traz o uniforme cinzento da escola e uns elásticos que lhe pus de manhã, porque naquela época ainda era eu que lhe arranjava o cabelo: sentava-se no chão entre as minhas pernas enquanto eu transformava aqueles lindíssimos caracóis em fitas de cabelo, tranças ou rolos. Na fotografia, está a fazer uns olhinhos lamentosos ao pai, sabendo que não ficará zangado com ela por muito tempo, que tratará de resolver a situação na escola, que escreverá uma nota a dizer que se esqueceu de que tinha de a levar a uma consulta; sabendo que ele me contará e me impedirá de gritar com ela.

Ajoelho-me e pego na fotografia. O Joel. Era este o aspeto dele naquele último dia. Tinha ficado de voltar para junto de mim. Ia tratar de uns assuntos, deixar o carro na oficina, queria comprar-me um presente. Tinha ficado de voltar para casa para nos aconchegarmos na sala a ver qualquer coisa na televisão enquanto conversávamos. Ou, quem sabe, para soprarmos bolinhas de sabão no jardim longe do olhar reprovador dos nossos filhos. Tinha ficado de voltar para mim.

– *Até já, fofa.*

– *Até já.*

Vi-o mais tarde, sim: estendido, inerte, afastado de mim para sempre. Mas ele não pôde ver-me. Nunca mais me veria.

Esta assassina tem uma fotografia do Joel *daquele dia*.

As cartas, a tentativa de invasão, os pneus... tudo o resto se torna insignificante em comparação com isto. Tem uma parte dele que eu nunca terei e está a tentar usá-la para me atormentar.

Se a visse neste momento, provavelmente, era capaz de a matar.

XXXV

Ando à procura da embalagem com os mirtilos mais perfeitos.

Ontem à noite, passei muito tempo na cama a rever os meus apontamentos e a apontar ideias para receitas, ingredientes que posso tentar associar para descobrir a combinação perfeita.

Os gatafunhos que fiz (frenéticos e alucinados, com muitas, muitas palavras riscadas e sublinhadas, imensos esboços feitos à pressa) foram a forma que arranjei de me abstrair da fotografia. Tinha de me impedir de olhar para ela. Escondera-a a pouco mais de meio metro de distância, mas continuava com a sensação de que ainda a tinha na mão. Continuava a ver a expressão, congelada no tempo, no rosto do meu marido nas suas últimas horas. Continuava sob o efeito do sorriso apaziguador da Phoebe, um sorriso que não lhe vejo desde *Aquele Dia*. Quanto mais nítida a imagem ameaçava tornar-se na minha cabeça, mais rápida e furiosamente eu escrevia.

O resultado foi algo com mirtilos. Ainda não está bem na época deles, por isso, os que se encontram agora à venda são quase de certeza importados, o que significa que são ou firmes e ácidos, ou molengões, sumarentos e doces. Seja como for, os ingredientes certos podem mascarar o sabor ou realçá-lo. Esse “algo mais” será alperces maduros.

Estava convencida, ao adormecer, ansiosa porque tinha conseguido resistir à tentação de silenciar o tumulto interior da forma habitual, que acertara em cheio com esta combinação de aromas. Seria este o prato que me lembraria o sabor que a vida tinha antes de perder o Joel.

Depois de deixar a Phoebe na escola, com instruções firmes de que, se pretende manter o telemóvel, o computador e o privilégio de viver em nossa casa sem ser trancada a sete chaves, tem de esperar que vá buscá-la esta noite, fiz umas compras. Primeiro, fui aos boiões herméticos, pequenos frascos

bojudos, cada um com o seu aro de borracha cor de laranja e tampa com dobradiça e fecho de arame, que terei de esterilizar com a ajuda do forno ou na máquina de lavar loiça. A seguir, tive de andar às voltas até encontrar vagens de baunilha de comércio justo e, depois, fui ao açúcar. Vou fazer doce de mirtilo e alperce sem pectina, por isso, tive de escolher entre usar mel ou açúcar e o açúcar venceu. Também passei pela manteiga a caminho da secção da fruta e dos legumes (praticamente à entrada do supermercado, provavelmente a zona por onde devia ter começado), em busca dos mirtilos. Já tenho limões e os alperces, que possuem uma pele macia e coberta de penugem mas não o suficiente para me irritarem como os pêssegos. Vi mirtilos numa das prateleiras, mas não eram orgânicos. Os que eu quero para o meu doce *têm* de ser orgânicos.

– Bem me parecia que eras tu! – exclama a Imogen por trás de mim. – Estava farta de olhar e de pensar que parecias tu! Mas não podia ser porque a esta hora já estás no escritório! Mas és! És mesmo tu!

A Imogen fala com muitos pontos de exclamação. Em frases curtas, gritadas. É extremamente irritante. Ou será porque, desde o anúncio da gravidez da Phoebe, deixei de ser aquela mulher apática que deixou cair as amoras e recomecei a sentir? Soltaram a tecla que eliminava o som e voltei a viver. E viver é doloroso. Desde a fotografia, ontem à noite, que me obrigou a fazer um esforço colossal para ser normal diante dos miúdos, o mundo começou a parecer um sítio barulhento e cheio de pessoas espalhafatosas como a mulher atrás de mim.

– Imogen! Olá! – digo eu quando me volto para ela. Estou a fazer o mesmo, a autoinfligir-me estes estilhaços de dor nos ouvidos, esta agonia que me arranha a pele.

– Então! Que fazes aqui durante o dia?

– Trabalho a partir de casa, aparentemente! – respondo no mesmo falsete masoquista, e levanto o cesto das compras.

Sinceramente, o Kevin pode ir àquela parte. Estive quase para lho dizer, mas, ao invés, disse-lhe que seria muito mais produtiva em casa e que, se ele queria aquele relatório urgente (que o diretor assistente de operações devia ter feito, mas não fez porque está para além das capacidades dele), seria mais prudente trabalhar nele fora do escritório.

– Ou melhor, cozinho a partir de casa! Preciso de fazer qualquer coisa que me deixe *zen* antes de me lançar ao trabalho!

A Imogen acena com um ar sábio.

– Como eu te compreendo! Imagino que os níveis hormonais em tua casa andem muito elevados!

Terei tido sempre este excesso de Imogen na minha vida? pergunto-me, distraidamente. Primeiro estive em minha casa, depois foi o jantar, depois ligou-me, apareceu lá no escritório, e agora isto. Estive em contacto com ela pelo menos cinco vezes nos últimos sete dias. Nos últimos 18 meses não tem sido um problema, tem-me ajudado imenso, mas a que preço? Desde sábado tenho vindo a perguntar-me se realmente gosto assim tanto dela.

– Nem acredito que vais ser avó! – diz ela de repente, imprimindo entusiasmo a cada palavra.

Qual “assim tanto”, qual quê. Será que gosto de ti de todo? Não é nada pessoal contra a Imogen. Neste momento dou por mim a questionar tudo.

– Só tenho de ir buscar mais umas coisitas – declara ela ante o meu silêncio desencorajador. – Queres acompanhar-me? E depois podemos ir tomar um café, ou assim.

– Não posso, tenho mesmo de trabalhar.

– OK, desmancha-prazeres. Então, dá só uma volta comigo. Não conto demorar-me.

– Está bem – assinto eu.

Maçãs Leite Ovos Pão integral Pepinos Manteiga Salsichas A letra da Imogen é completamente diferente da da pessoa que escreve as cartas. A dela

é toda cheia de arrebiques, os *és* parecem estar a tentar dormir uma sesta, os *éles* esticam-se até às letras acima, as barrigas dos *bês* possuem uma voluta adicional.

– Acho que vais dar uma avó estupenda! – diz ela, testando novamente as águas. – Vais ser jovem o suficiente para usufruir do teu neto! Que sorte!

Gostava que ela parasse de agir como se houvesse apenas uma possibilidade. Fê-lo ontem à porta do edifício onde eu trabalho e agora duas vezes em menos de 10 minutos. Está na altura de acabar com isto.

– A Phoebe ainda não decidiu o que vai fazer – declaro, simplesmente. A minha voz é agora mais meiga para os meus ouvidos, o falso entusiasmo foi substituído por um tom monocórdico.

A Imogen, a minha amiga dos portões da escola, mais simpática do que as outras mães desde o primeiro momento, para no meio da secção do talho, diante das cuvetes de frango, e observa-me demoradamente. Tem as sobrancelhas perfeitas unidas como os lados de uma camisola de malha, a boca franzida como um fecho de correr, mas abre-a para perguntar: – Como assim? – e volta a franzi-la de imediato.

– A... A minha filha tem 14 anos e ainda nada está decidido.

Ela insiste:

– O que é que há para decidir?

Quando não respondo, a Imogen volta ao ataque: – Vais mesmo obrigá-la a fazer uma coisa *dessas*?

Não gosto de ti, decido. Embora me tenhas estendido a mão e me tenhas apoiado quando o mundo desmoronou à minha volta, não gosto de ti. Não sei bem se posso pensar assim, se me é permitido “não gostar” de uma pessoa que me ajudou num período de aflição, mas não consigo evitá-lo. Simplesmente, não gosto de ti.

A tia Betty tinha razão, a Imogen é um vampiro que se alimenta do sofrimento alheio.

– Não vou obrigá-la a fazer coisa nenhuma – retruco. Quando ficamos algum tempo na zona dos frigoríficos começamos a aperceber-nos da barulheira que fazem ao refrigerar o ar.

– Vai arrepender-se para o resto da vida – diz a Imogen num tom de voz entre o histérico e o agoirento, como se tivesse realmente o poder de antever os sentimentos da minha filha até ao fim dos tempos.

– Como é que sabes? – pergunto-lhe.

Ignorando a minha questão, diz: – Já não lhe bastava ter aberto as pernas, agora *isto*? Nunca mais se vai sentir da mesma forma consigo própria. Não pode corrigir um erro com outro erro. E se deixar de poder ter filhos por causa das sequelas? Não sei como é que tens coragem de fazer uma coisa destas à tua filha.

– E a alternativa? – replico. Sinto a vibração dos frigoríficos a correr-me nas veias em ondas balsâmicas. – E se a minha filha adolescente der à luz um filho? Onde é que eu vou arranjar dinheiro para o sustentar? Porque, sejamos sinceras, cabe-me a *mim* sustentá-lo. Como é que eu vou poder trabalhar e tomar conta de um bebé ao mesmo tempo, visto que, legalmente, a Phoebe terá de regressar à escola? Terei de pagar a quem tome conta dele, ou deixar o emprego. Como é que vamos sobreviver em termos financeiros? Mesmo com a hipoteca da casa paga pelo seguro de vida do Joel, continua a não ser nada fácil equilibrar as contas. O que devo fazer? Candidatar-me a subsídios do estado? Mesmo que conseguíssemos algum, o teu marido deixou bem claro o que pensa (e tu também, desconfio) das pessoas que vivem à custa do estado. É assim que toda a gente vai olhar para nós. E depois há o Zane. Porque é que a vida dele tem de ser virada do avesso por causa das escolhas de outra pessoa? E eu? Só planeei dois filhos, já fiz a minha parte a criá-los. Não pedi, nem quero mais nenhum. Será que nada disto tem importância porque tenho de aderir a um princípio moral que *tu* advogas?

A boca da Imogen permanece firmemente fechada num trejeito de

reprovação.

– Mas, como já disse, ainda não resolvemos nada. Se a Phoebe decidir que quer levar a gravidez até ao fim, vou fazer os possíveis e os impossíveis para a apoiar e para fazer com que resulte. Mas só se for essa a decisão dela. E, antes que digas alguma coisa, não, não lhe falei sobre o impacto devastador que levar a gravidez por diante vai ter sobre as nossas vidas, porque não quero influenciar o que quer que ela decida.

– Mas *isso* não devia ser uma opção sequer, Saffron, não vês? É errado.

É escusado. Assim não vamos a lado nenhum. E porque estou eu a ter esta discussão? O que tem ela a ver com o assunto?

– Acreditas mesmo que o aborto é condenável, Imogen? – pergunto eu.

– Sim, sim, sem dúvida – diz ela.

– Então, não faças nenhum – retruco.

Largo o cesto das compras com os ingredientes que escolhi e deixo-a especada no corredor dos frescos. Tentar argumentar com ela é o mesmo que tentar esvaziar o mar com uma colher de chá: frustrante, impossível e, em última análise, completamente inútil.

Cada passo teria sido como arrancar um pedaço do meu coração já devastado se ainda achasse que gostava da Imogen. Julguei que éramos boas amigas e que, mesmo que discordássemos, nos respeitávamos o suficiente para saber dar um passo atrás e deixar a outra cometer os seus próprios erros, e apoiá-la quando caísse.

Obviamente, tenho sido ingénua, ignorante, *cega* para a realidade desta amizade. Por isso, não sinto nada. Agora que voltei a acordar para a vida, é uma das primeiras coisas a ir.

XXXVI

6 meses antes *Daquele Dia* (abril de 2011) – Sabias que ela tem andado a faltar às aulas?

O meu marido estava de cabeça perdida, a marchar de um lado para o outro no quarto, tentando em vão manter um tom de voz discreto.

– Sim Joel, sabia. Aliás, devo confessar que eu própria faltei algumas vezes ao trabalho para ir com ela.

– Isto não tem graça nenhuma – resmungou ele.

– Ah, está bem, então. “Não tenho graça nenhuma quando tento ser sarcástica.” Tenho de ver se não me esqueço de incluir isto no meu currículo.

– *Ffrony...*

– Não fui eu que faltei às aulas, por isso, não vejo porque é que tens de estar a castigar-me. Mas, enquanto insistires em agir assim, vou continuar a ser enfadonhamente sarcástica. Por isso, vá, acalma-te lá... e *senta-te* para podermos falar como deve ser, sim?

– Ela e um grupo de raparigas têm andado a faltar às aulas para irem de comboio até Worthing. Podia ter acontecido qualquer coisa e nunca saberíamos o que ela fazia lá.

Faço um aceno de cabeça como se a ideia ainda não me tivesse ocorrido, como se já não me tivessem passado pela cabeça vários cenários com fins desastrosos.

– O problema, Joel, é que, quando éramos crianças, eu e tu nunca nos lembraríamos sequer de faltar às aulas. Não compreendemos a mentalidade dela.

– Eu dou-lhe a mentalidade – atirou ele.

– Sim, está-se mesmo a ver. Achas que foi por acaso que a escola te ligou a ti? A tua filha de 12 anos sabe o que todos sabemos: que faz de ti o que

quer. Basta-lhe fazer olhinhos de cachorrinho triste, uma expressão desgostosa e dizer “Desculpa, papá”, e até a ajudas a organizar a próxima excursão.

– Não sou assim tão mau.

– Ai és, és.

– Tens razão, sou. E então, o que fazemos?

– Atacamos-lhe o ponto fraco. Acaba-se o telemóvel e, daqui por diante, terá o prazer da nossa companhia de *e* para a escola todos os dias durante um período indeterminado de tempo.

– Posso ao menos gritar com ela? – perguntou ele.

– Podes tentar. Mas, quando começares a chorar no lugar dela por causa daquela carinha triste, não venhas a correr ter comigo.

– Sou mesmo patético, não sou?

– Só no que diz respeito aos teus filhos, amor. E é por isso que me tens a mim. Não tenho problemas nenhuns em gritar-lhe por coisas como esta.

– Eu estarei lá enquanto isso, para mostrar que estou do teu lado. E peço-lhe eu o telemóvel.

– Fantástico. Quando lhe tratarmos da saúde, nunca mais vai pensar em faltar às aulas.

XXXVII

A fotografia ainda lá está.

Fecho e tranco a porta do quarto, ajoelho-me e tato o fundo da mesinha de cabeceira, onde a deixei presa com fita-cola dentro de uma mica A4. Sinto o corpo a relaxar e, a seguir, a retesar-se quando roço os dedos pelo plástico frio, sentindo a forma e o volume dos envelopes.

O *toc toc toc* à porta faz-me saltar de susto. Encolho o braço e afasto-me do esconderijo.

– Sim?

– *Saff-arón* – chama a tia Betty. – Posso falar contigo?

Vejo-a apoiada à parede quando saio do quarto. Hoje, traz uma cabeleira loira que lhe chega ao queixo e uns grandes brincos de pérolas. Vestiu o seu longo kimono preto de seda e calçou as pantufas cor-de-rosa com pompons à frente. Não está maquilhada, mas não precisa, pois possui uma beleza que resiste aos anos, alimentada, a meu ver, pela atitude despreocupada que tem em relação à vida.

– Claro – digo-lhe. – Falamos no seu quarto.

Isso vai permitir-lhe ficar lá em cima a descansar depois da nossa conversa. Há alturas em que a tia Betty caminha como se estivesse a ser transportada por anjos, sem produzir o mínimo ruído, mas noutras alturas, como hoje, o passo dela é vagaroso, hirto, penoso. Nunca lhe perguntei o que a incomodava, se é o osso da anca que fraturou a dar um ar da sua graça ou outra coisa qualquer, porque suspeito que não me ia agradecer por tentar transformá-la em alguém que não é, ou seja, uma idosa que fala das suas maleitas. Ainda nem sequer me tinha ocorrido arranjar-lhe um médico. Tenho de juntar isso à lista.

– Não é nada urgente – afirma ela. Apoia a palma da mão contra a parede

à medida que se desloca e sobe a custo os degraus que conduzem às águas-furtadas. Talvez tivesse sido melhor passar o Zane cá para cima. Nem sequer pensei nisso. A velha Saffron, a mulher que eu era antes daquela que deixou cair as amoras, teria agido de forma diferente. Teria atribuído o quarto das águas-furtadas ao Zane ou à Phoebe, apesar de se estender a todo o comprimento da casa e ter o seu próprio quarto de vestir e casa de banho com chuveiro. A velha Saffron teria marcado consultas para a tia Betty num médico e num dentista, ter-se-ia certificado de que ela tinha acesso a tudo o que precisava.

A tia Betty deixa-se cair pesadamente na cama, descalça as pantufas e massaja a anca que fraturou.

– Se fosses um rapaz 10 anos mais novo e não fôssemos parentes, já estavas sem camisa e a massajar-me os pés – graceja ela, acrescentando uma gargalhada contida.

– Não preciso mesmo nada de ouvir essas coisas – ralhei.

Em duas semanas fez este quarto dela: todas as superfícies planas acima do chão se encontram cobertas de fotografias emolduradas das pessoas que amou, dos lugares que visitou, das “outras celebridades” com quem se deixou fotografar. Adornou a cama com a colcha acetinada e cor de chocolate com lantejoulas. Tem um tapete castanho e franjado em forma de coração de cada lado da cama. No bojo da lareira e a toda a volta desta, empilhou alguns dos seus livros, provavelmente os mais preciosos. Tem centenas deles em armazém. Era este o aspeto do quarto dela no apartamento antigo, era este o aspeto do quarto dela em cada um dos “apartamentos” que ocupou nos vários lares de repouso por onde passou. Sei que alinhou todas as perucas em cabeças de manequim negras e sem rosto na casa de banho.

– O meu irmão ligou-me há bocado – diz ela de forma rápida e decidida, como todas as más notícias devem ser entregues. – Queria saber se tenho falado contigo, porque a Elizabeth tentou telefonar para cá várias vezes.

– Pois tentou.

– Não te apeteceu falar com ela?

– Nem por isso.

– Querem vir visitar-vos.

– Eu sei.

– Disse-lhes que estou a ocupar o quarto de hóspedes (ele ficou um pouco surpreendido), por isso, concordaram em vir só por um dia ou ficar num hotel.

– Certo. E disseram quando?

– Este fim de semana, acho eu, por causa do feriado do Dia do Trabalhador. Mas é melhor ligares a confirmar.

– Sim, suponho que sim.

– Queres que vá viver com eles? – pergunta-me ela da mesma forma rápida e decidida como me informou que o pai do Joel tinha ligado.

– O quê? – replico. – Não! O que é que a leva a pensar uma coisa dessas? Fi-la sentir que não é bem-vinda? Porque, se assim foi, peço desculpa.

– Não, não, pequena, não é isso. Tens tantos problemas neste momento, não precisas de mim e das minhas tralhas a atrapalhar.

– A tia Betty faz parte da família. Para o melhor e para o pior, infelizmente para si. E sabe porque é que passámos pela profunda, *profunda* agonia de remodelar o sótão? O Joel sempre contou tê-la aqui a viver connosco. Antes de ter passado pelos diferentes “bairros residenciais” já ele sabia que, a certa altura, iria precisar de viver com outras pessoas. E depois, quando se mudou para os “lares de repouso”, ele sabia que iam acabar por pô-la na rua e queria que viesse para cá quando isso acontecesse. Julgava que era eu que tinha a mania de controlar tudo, mas afinal era o meu marido. Gostava que me tivesse avisado com mais antecedência, sim, mas isso não altera o facto de que agora esta é também a sua casa.

A tia Betty lança-me o sorriso travesso que a caracteriza.

– És boa rapariga, *Saff-aron*. Gosto de ti.

– Mesmo que não a deixe fumar dentro de casa?

– Mesmo assim.

– É melhor voltar ao trabalho – digo eu, embora seja a última coisa que me apetece fazer. Estou sempre a pensar na Phoebe, na expressão determinada no rosto dela ao passar os portões da escola, recusando com um gesto a minha sugestão de a acompanhar para falar com o diretor da escola e com o professor Bromsgrove. Penso no Zane, que nos últimos dias voltou a mostrar-se mais sossegado do que o normal. Passou a ser mais sossegado desde a morte do Joel, a sua natureza exuberante evaporada quase da noite para o dia, mas conversara com a tia Betty e, durante algum tempo, quase parecia ter voltado a ser o Zane de antes. Agora, porém, noto-o um pouco abatido. Até anulei a proibição de ver televisão por vê-lo tão tristonho, tão isolado. Penso no Fynn e em como o magoei. Sinto-me culpada em relação ao Lewis, que a esta altura está na escola, alheio à minha decisão de não voltar a sair com ele, pelo menos para já. Lembro-me da fotografia e das cartas, lá em baixo no meu quarto, e sinto o coração acelerado, a avivar a náusea.

– Ninguém te diz que a maior perda, quando nos morre alguém querido, é a perda da nossa própria identidade, pois não? – comenta a tia Betty.

Sento-me e volto a concentrar-me nela.

– Chegamos a esta fase da vida e perdemos tanta gente. Lembro-me de quando o primeiro homem com quem dormi... Não adianta fazeres essa cara, *Saff-aron*. Tive uma vida sexual ativa, passa adiante. Onde é que eu ia? Lembro-me de quando o primeiro homem de quem fui íntima morreu. Foi o primeiro dos meus conhecidos a falecer. Não era lá grande coisa e não tinha sido um amor inesquecível, mas, quando ele morreu, chorei. Chorei, sozinha em casa, porque era o primeiro. Foi o primeiro dos da minha idade a falecer e nesse momento soube que ia continuar a perder pessoas, que uma após outra

iam deixar-me até chegar a minha vez. E não havia nada que eu pudesse fazer. Chorava com pena de mim própria, por todas as perdas que iria sofrer no futuro, julguei eu. Com o tempo, fui percebendo que também chorava porque a Betty de quando ele era vivo deixara de existir. Quer gostasse, quer não, ele fazia parte de mim e, de um momento para o outro, desaparecera. A pessoa que eu era, a parte da minha missão neste mundo que era definida por ele, já não existia. E quanto mais próximos somos de alguém, maior é essa perda de parte de quem somos, acho eu.

Pela primeira vez desde que a conheço, vejo a verdadeira tia Betty por trás da máscara. É incrivelmente humana. Tem o rosto marcado pela dor e os olhos, naquele invulgar tom de mogno líquido que o Joel, a Phoebe e o Zane herdaram, marejados de lágrimas. Nunca a tinha visto chorar, nem acho que ela alguma vez me tenha visto chorar. Apesar de tudo, nunca chorámos juntas. Mesmo sem as lágrimas, sempre soube como era triste. Como é triste.

– Teria movido céus e terra pelo Joel – diz ela, a pestanejar para conter as lágrimas. – Tenho sorte, suponho, por ainda vos ter a vocês, a ti e às crianças, que são uma pequena parte dele e desempenham mais ou menos o mesmo papel na minha vida. Continuo a ser a tia Betty... mas não é a mesma coisa. Nunca mais serei a pessoa que fez tudo aquilo que os pais dele nunca chegaram a saber. Fui eu que lhe comprei a primeira embalagem de preservativos, sabias? Oh, não faças essa cara! Não queria ser a tia-avó Betty antes do tempo e o rapaz era tão bonito. Havia resmas de raparigas atrás dele. Por isso, soube logo que eras especial quando ele te levou a minha casa para nos conhecermos. Foste a única que ele levou por iniciativa própria. Para as outras tive de puxar os cordelinhos.

– Porque é que isso não me surpreende?

– Não te sentes revoltada, às vezes, por já não seres a mesma mulher que eras com ele? – pergunta ela. – Soa estranho, mas entendes-me, não entendes?

Digo que sim com a cabeça.

– Não é só às vezes, não – respondo. – Para ser franca, coisa que já não fazia há muito tempo, quando não ando apática e incapaz de sentir o que quer que seja, só sinto raiva. Muita raiva. Contra o mundo, contra mim própria, contra o Joel. Contra tudo. Não posso falar no assunto, claro, porque não é coisa que se diga, não é? Sobretudo quando somos mulheres, porque sentir raiva faz-nos parecer frias e antipáticas. Devia ser caprichosa e vulnerável e procurar alguém para me ajudar a superar a dor, mas só me apetece gritar a quem deixou acontecer uma coisa destas. Ou partir coisas para descarregar a raiva. Não posso fazê-lo, mas é o que sinto. Julguei que, por esta altura, já teria ultrapassado a raiva porque é o que prometem todos aqueles artigos que li sobre o luto. Diziam que ia sentir-me revoltada, mas que depois passava para outra “fase”, depressão, aceitação, eu sei lá... *Qualquer coisa*. Acho que até preferia o desespero. Infelizmente, continuo a sentir esta raiva profunda, incessante.

Às vezes, acho que vivo num estado de sonambulismo permanente para evitar a raiva que me devora por dentro. Não quero ser a mulher que tem acessos de fúria. Não quero ser pouco feminina, pouco atraente, porque sinto uma emoção tão pouco apropriada. Seria de esperar que me sentisse deprimida, abatida, ou que andasse a chorar pelos cantos; é mais fácil ser a mulher que fita melancolicamente o vazio ao mesmo tempo que aceita uma despromoção, que é tratada com condescendência por professores e amigos, que é atormentada por uma assassina, que uma mulher enraivecida contra as injustiças da vida. A mulher que foi para a cama com o melhor amigo do marido porque precisava de sexo, precisava de sentir um alívio físico, e precisava de sentir o calor da pele de outra pessoa. Sou a Viúva Revoltada, mas não posso deixá-lo transparecer porque não é isso que o mundo espera de mim. Lágrimas, sim; fazer um pirete ao mundo por me ter lixado, não.

– E depois, claro, vem a culpa – diz a tia Betty.

Será assim tão óbvio?, pergunto-me. Devo trazer o sentimento de culpa sobre os ombros como uma capa, para a tia Betty dizer o mesmo que o Lewis, ontem. Ou estará ela apenas a tentar adivinhar como me sinto?

– O que tem a culpa?

– Não te sentes mais culpada do que revoltada?

– Talvez. Talvez não. Sei lá. – Só sei que sinto um nó cá dentro, retorcido, tortuoso, complicado, que não consigo desatar. Sempre que penso ter descoberto uma razão para sorrir, uma razão para relaxar e ser simplesmente eu própria, sem subterfúgios, o nó engrossa, aperta, adquirindo novas proporções.

A tia Betty fecha os olhos e volta a abri-los logo de seguida.

– Acho que está na hora de voltar ao trabalho.

– Obrigada pela conversa – diz ela.

– Eu é que agradeço.

– O Joel não levaria a mal se encontrasses outro homem – acrescenta a tia Betty. – Desde que ele fosse bom para ti e para os miúdos, o Joel não levaria a mal se encontrasses outro homem, mesmo que fosse só por algum tempo.

– Provavelmente tem razão. Mas eu, sim. E de que maneira.

Adorava que pudéssemos ser amigas, escreveu a assassina do Joel. Por qualquer motivo isto perturba-me. Suspeito que está a ser sincera. Suspeito que acredita mesmo que alguém pode fazer amizade com uma pessoa que matou o amor da sua vida. E isso perturba-me de formas que ainda não consigo articular.

XXXVIII

– Como correu a escola?

A Phoebe encolhe um ombro.

– Estiveste com alguma das tuas amigas?

A Phoebe encolhe os ombros.

– Viste o Curtis?

– Já.

– Falaste com ele?

– Já.

– Sobre a gravidez?

– Não.

– Tencionas falar com a tua mãe como deve ser, algures num futuro próximo?

A Phoebe encolhe os ombros.

Talvez mandá-la para a escola não tenha sido muito boa ideia, pois parece ter feito descer as capacidades de comunicação verbal da minha filha uns quantos graus na escala evolutiva.

– Como disseste que gostavas tanto dele, e sabendo como acabaste nesta situação, é curioso não falares mais com o Curtis sobre a gravidez e sobre o que pensas fazer agora.

– Para quê falar com ele sobre o assunto, se já sei que vou ter de fazer o que tu mandares?

– Estás enganada, Phoebe – digo eu. Espero que não repare nas minhas mãos a apertar o volante e em como demoro a passar a mudança, por receio de arrancar sem querer a manete ao tocar-lhe. Poucas pessoas têm o poder de me deixar tão frustrada como ela. Poucas pessoas sabem como me fazer perder as estribeiras apenas com meia dúzia de palavras. – Se precisares de

um conselho, se quiseses saber a minha opinião sobre qualquer coisa, ou se preferires que te arranje ajuda profissional, é para isso que eu cá estou, mas não esperes que te diga o que hás de fazer. Julguei que já tinha deixado bem claro que, embora tenhas o meu apoio seja qual for a tua decisão, não vou tomá-la por ti.

Não preciso de olhar para o rosto esguio da Phoebe para saber que me olhou de soslaio e, a seguir, revirou os olhos.

– Falaram de quê, então?

– O Curtis contou-me que tu e o pai dele passaram horas a conversar ao telefone ontem à noite e que vão voltar a sair juntos e que estavam a combinar quando é que iam voltar a encontrar-se. Foi disso que falámos.

– Admira-me muito que possas gostar de um rapaz que mente tanto. E tão mal. Primeiro foi a história de não poderes engravidar da primeira vez, agora vou encontrar-me com o pai dele depois de termos passado horas ao telefone. Que irá ele inventar a seguir? Que o Monstro do Loch Ness vive no sótão dele?

– No nosso sótão, queres tu dizer – resmunga ela.

Contenho um sorriso.

– A tia Betty é uma senhora amorosa. Nunca a deixes ouvir-te dizer uma coisa dessas.

– Havia de se rir mais do que todos nós juntos – replica ela. – E ficar de rastos por não ter sido ela a ter a ideia.

Lá isso é verdade.

– Não mudes de assunto. Não te chateia teres um namorado que mente a toda a hora? Porque eu não estive a combinar “encontrar-me” com o pai dele e, quanto ao resto, a gravidez fala por si...

– Ele não me mentiu, eu é que devo ter entendido mal. Ele queria dizer que é improvável engravidar da primeira vez, mas usar tampões, ou assim, pode impedir...

– Impedir o quê, que a magia dos pozinhos de perlímpimpim funcione? Caramba, acho que está na hora de ter uma conversa a sério com esse rapaz, ele tem umas ideias muito estranhas sobre a reprodução. Ou, então, peço ao pai dele que lhe explique tudo outra vez. Por qualquer motivo, o professor Bromsgrove disse-me que já tinha explicado ao filho várias vezes a necessidade de usar sempre preservativo. Também estará a mentir? Se calhar, devia confrontá-los aos dois e pedir-lhes satisfações. Ver o que acontece.

Com um gesto teatral, faço menção de olhar para o relógio do carro.

– Devem estar mesmo a chegar a casa. O professor Bromsgrove deu-me o endereço, talvez não seja má ideia passar lá agora.

Com o mesmo exagero dramático com que olhei para o relógio, verifico o espelho retrovisor e ligo o pisca para virar na próxima rua à esquerda.

– Faço já inversão de marcha, vamos a casa dele, sentamo-nos todos e...

– Não, mãe, não faças isso – diz ela, com medo na voz e na forma como todo o seu corpo se retesa. – Não foi bem isso que ele disse, eu é que já não me lembro bem de como foi.

– Certo. – Desligo o pisca e sigo em frente, ignorando a estrada à esquerda e a buzina dela do carro de trás.

– Não vais pedir satisfações ao Curtis nem ao pai dele, pois não? – interroga a Phoebe ao fim de alguns minutos em silêncio.

– Agora não, mas há sempre essa possibilidade.

– Se o fizeres, nunca mais volto a falar contigo – declara ela com a certeza de uma adolescente.

Nada de novo, então, sinto-me tentada a comentar.

– Se sentes que é isso que tens de fazer, não posso impedir-te, tal como não podes impedir-me de falar com o professor Bromsgrove e o filho se sentir que andam ambos a mentir à minha filha e, por extensão, a mentir-me a mim.

– Mas eles não estão a mentir – replica ela, por fim. – Foi só um mal

entendido.

Quanto mais a minha filha me mente, ou seja, quanto mais defende as mentiras do pai da criança, mais eu me convenço de que o Curtis não é o pai. Isto são manipulações de um homem mais velho, mais experiente. O Damien, talvez, mas desconfio que se trata de um homem ainda mais velho, habituado a manipular os outros com subtileza para conseguir o que quer.

Quando estacionamos à frente de casa, desligo o motor e pouso a mão no braço da Phoebe para a reter dentro do carro.

– Os pais do teu pai vêm visitar-nos este fim de semana – digo eu em tom de advertência.

Vejo estampada no rosto dela uma expressão sombria, acossada, bem patente desde a morte do Joel. Devia ter calculado que se passava qualquer coisa, que a minha filha estava a apaixonar-se, quando, duas semanas antes de todo este caos rebentar à nossa volta, aquela expressão desapareceu, substituída por uma felicidade luminosa como um sol. Andava feliz, a ferver de excitação. Reparei, mas não disse nada porque julguei que tinha começado a superar a perda, que era a primeira pessoa da família a atingir aquela fase de “aceitação” de que tanto ouvira falar. Agradou-me constatar que para um de nós a dor começava a abrandar e, ao mesmo tempo, invejei-a.

– Maravilha. Também lhes vais contar, não? – cospe ela.

– Não. É algo que só te diz respeito a ti. Conta-lhes se quiseres e eu não digo nada se preferires que não saibam.

– Obrigada – resmunga ela a contragosto.

– E outra coisa, Phoebe: não quero pressionar-te, longe de mim fazê-lo, mas vais ter de tomar uma decisão muito em breve. Seja ela qual for, quanto mais cedo soubermos, mais fácil será. Claro que podes sempre mudar de ideias, mas quero que te lembres de que, tal como a médica disse, todas as opções têm um prazo de validade. E vamos precisar de marcar outra consulta o mais cedo possível.

– Com que então não me queres pressionar, hã? Imagina se quisesses – dispara ela. Abre a porta do carro e sai, fechando-a normalmente quando eu esperava que batesse com ela. O que só serve para salientar outro facto que aprendi recentemente: não conheço a minha filha. De todo.

Quinta-feira, 2 de maio
(Entregue na sexta-feira, dia 3)

Saffron,

A foto, gostou? Fê-la sorrir, lembrar-se de como ele era bonito?

Estou muito zangada consigo.

Lamento aquilo do carro, mas nem quis acreditar nos meus olhos quando a vi sair com outro homem. Se já era assim, e devia ser porque ninguém supera tão depressa a perda do amor da sua vida, então porque lutou tanto para o manter junto de si? Porque o fez dizer-me todas aquelas coisas?

Será porque sabia que não o merecia? É por isso que deixa que outros homens a usem como bem lhes apetece?

Quanto mais sei da sua vida, mais me convenço de que devia ter sido você.

Aquilo não era para ter acontecido, mas, se tivesse de acontecer a alguém, devia ter sido a si. A Saffron estava sempre lá, entre nós, uma presença inoportuna e indesejada.

Estávamos a lutar pela posse da faca. Não era contra ele que eu tencionava usá-la, mas contra mim própria. Queria que ele percebesse que, quando me magoam, também sangro. E o que ele estava a fazer, a repetir tudo aquilo que a Saffron lhe disse para me dizer ao telefone, estava a magoar-me, a fazer-me sangrar por dentro.

Acha que merece viver?

Agora que ele já não está entre nós, acha que merece continuar a respirar como se nada tivesse acontecido? Como se não tivesse causado tudo isto ao agarrar-se a ele como uma lapa?

A Saffron está prestes a descobrir que cá se fazem, cá se pagam. E olhe que é uma lição muito dura.

A

XXXIX

13 anos antes *Daquele Dia* (setembro de 1998) – Acho que correu tão bem como seria de esperar, não?

O Joel estava sentado no lugar do condutor do carro dele, de olhos esbugalhados a fitar o vazio, a arquejar como se tivesse acabado de correr a final dos 100 metros masculinos nos Jogos Olímpicos. Não conseguiu responder-me de imediato.

Provavelmente, era a mais calma dos dois, mas temia que o meu coração, que martelava furiosamente, me abrisse um buraco no peito e fugisse à desfilada.

– Se tu o dizes – respondeu o Joel.

– Isto é, se ignorarmos o ar de terror nas caras deles e a tua mãe chamar-te à parte para te perguntar no sussurro menos discreto que já ouvi se tinhas a certeza de que eras o pai...

– E eu a berrar-lhe que nem um doido que, se voltasse a repetir aquilo, nunca mais falava com ela...

– Pois, e claro, o teu pai levantar-se para defender a tua mãe, dizendo que era um comentário perfeitamente normal porque ninguém sabia praticamente nada sobre mim e era possível que eu estivesse apenas a tentar caçar-te...

– E eu gritar-lhe que se arriscavam os dois a que saísse dali e nunca mais me pusessem a vista em cima.

– Ah, sim. Mas, se ignorarmos tudo isso, acho que correu tão bem como seria de esperar. A tua mãe até me abraçou quando se acalmaram.

– E o meu pai apertou-me a mão.

– Vês? E até disseram que mal podiam esperar para serem avós. Foi apenas o choque por ainda não sermos casados. Podia ter sido pior.

A náusea dentro do meu estômago ia e vinha, ia e vinha, como se os meus

órgãos internos estivessem a praticar surf durante um temporal em pleno Mar do Norte.

– Pois podia – concedeu o Joel. Nunca o tinha visto assim. Era como se tivesse deitado cá para fora de uma só vez toda a raiva que reprimira pela forma como os pais me tratavam. Quando gritara até tinha feito tremer as paredes da casa. Nunca imaginei que um dia o veria a berrar com os pais.

– Bem, quanto tempo achas que vamos demorar a chegar a casa dos meus pais, daqui? – perguntei.

Voltou-se para mim, horrorizado.

– Como assim?

– Não estou para isto, Joel. A antecipação, a viagem até lá, contar-lhes... Não quero passar outra vez pelo mesmo. Vamos agora mesmo a casa dos meus pais, contamos-lhes e, depois, regressamos a casa e enfiamo-nos dentro da cama para nunca mais de lá sairmos. Porque, deixa que te diga que, comparados com os meus, os teus pais são uns anjinhos em situações destas. Eu tão nova, ainda por casar, e tu não sendo médico, advogado, nem o primeiro ministro... Não viste pais disfuncionais em ação até teres dito a um Nzemi que vais ser uma mãe solteira. Não é por acaso que a minha irmã vive tão longe. Era mais fácil emigrar para o Japão, para evitar sentimentos de culpa, do que cortar relações estando perto.

– Arrrgggh – lamentou-se o Joel. – Está bem, dá-me um minuto para me recompor. Ainda não estou capaz de conduzir. Aliás, ainda nem estou a respirar como deve ser. – Deu umas pancadas no peito para descomprimir os pulmões e voltou-se para mim com um sorriso indulgente. – Damos um rico par de jarras, não?

– Hummm.

– O que é trágico é que sempre julguei que tinha uma boa relação com os meus pais até à cena de Cambridge. Fui uma desilusão atrás da outra. E, mesmo assim, não nos dávamos mal, até nos entendíamos. Pensei mesmo que

iam ficar contentes com a novidade.

– E vão ficar. À maneira deles. Tal como os meus pais. E, quando o bebé nascer, vão querer participar. A mãe pode não estar à altura das expectativas deles para o filho, mas vão adorar o neto.

O Joel recolheu a mão que estendia para a ignição e entrelaçou os dedos nos meus.

– Estava a falar a sério, sabes, Ffrony? Se os meus pais me obrigassem a escolher entre ti e eles, ganhavas sem ter de pensar duas vezes.

– Eu sei – disse eu. – Quanto a isso nunca tive dúvidas. E contigo é o mesmo em relação a toda a gente da minha família.

– Não vamos ser como eles, Ffrony, está bem? Sei que é horrível pensar assim, quanto mais dizê-lo em voz alta, mas não quero que os nossos filhos tenham de passar por isto. Temos de os deixar cometer os seus próprios erros e ajudá-los a lidar com as consequências.

– Eu lembro-te desta conversa quando estiveres a castigar este pequenote por qualquer tropelia.

– Sim, faz isso. Tens de me prometer que o farás. Não quero esquecer-me de quão horrível é passar por isto e não quero infligir o mesmo aos nossos filhos.

– Combinado. E que tal despacharmos a próxima tarefa?

– Sim. Nas palavras de Shakespeare, “Uma vez mais para a brecha, caros amigos.”

– “Uma vez mais.”

XL

O Zane é o primeiro a aparecer depois de ter abalado com as outras duas a seguir ao pequeno-almoço, para se preparar para a visita de hoje. O meu pequenote (embora ele deteste que lhe chame isso) traz umas calças de algodão de cor creme e uma camisa de ganga escura com o botão do colarinho apertado. Tomou outro banho e tenho de admitir que foi muito contido no uso do desodorizante. Atira-se para cima do sofá e pega na consola que deixou no chão ao lado do apoio para o braço. É tão bem-parecido! Uma versão ainda mais bonita do Joel, se é que isso é possível, com aquela boquinha carnuda, as bochechinhas rechonchudas e aqueles olhos enormes. A semana passada aparei-lhe o cabelo a pente dois e, quando o viu, a tia Betty sobressaltou-se e pôs-se a olhar freneticamente de mim para ele. Inspirou fundo algumas vezes, devagar, procurando recuperar o fôlego, lembrar-se de que não estava a olhar para o Joel aos 10 anos, mas para uma pessoa inteiramente diferente.

A Phoebe chega a seguir. É um choque vê-la com roupa normal ou, por outras palavras, sem o uniforme escolar e sem ser de pijama, pois, desde que comecei a levá-la e a trazê-la da escola, raramente a vejo vestida de outra forma, mesmo aos fins de semana. Não lhe chamei a atenção para isso porque, muito francamente, neste momento não nos faltam pretextos para nos desentendemos. Traz um vestido de manga curta coberto de minúsculas florzinhas azuis e cor-de-rosa e, em vez dos habituais carrapitos afro, dividiu o cabelo em duas tranças presas com lacinhos que lhe dão um ar infantil. Nada de brincos, nada de anéis em todos os dedos, como é costume, e até arranjou um par de meias curtas com folhos rendados para completar o visual. Atira-se para cima do sofá, liga a televisão e pousa o comando ao seu lado na almofada antes de se embrenhar no universo do telemóvel.

A última pessoa, que aparentemente vai almoçar com a rainha de Inglaterra ou outro dignitário do mesmo calibre, é a tia Betty, a Medricas, cognome que acabo de lhe atribuir. Os miúdos ainda percebo, porque passei anos a aprumá-los para as visitas aos avós de ambos os lados da família, mas a tia Betty? A rebelde? A idosa reformada que foi escorraçada de uma casa de repouso depois de ter sido apanhada a ter relações sexuais num lugar público? Vestiu-se para o papel de Venerável Tia-avó com um conjunto de caxemira azul-marinho, uma saia pelo joelho também em azul-marinho, colãs grossos cor de pele e as pantufas cinzentas de camurça com forro de pelo de ovelha. Pela forma do peito, deve trazer um daqueles sutiãs antiquados que levanta os seios e lhes dá a forma de duas cómicas ogivas de foguetão. Até colocou a cabeleira preta (a que lhe dá pelo queixo, com madeixas, arranjada com rolos gigantes), que é a que mais se assemelha ao que imagino ter sido o seu cabelo verdadeiro. Esperava melhor dela, a sério que esperava.

– A que horas disseram eles que chegavam? – pergunta a tia Betty, fazendo-nos olhar para ela de relance e depois fixá-la de olhos esbugalhados, incrédulos. Alarmados e já bastante nervosos, o Zane e a Phoebe olham para mim com uma careta. *Qual é o problema dela?*, estão eles a perguntar-me.

O mesmo que o vosso, respondo mentalmente.

– Não disseram uma hora específica, algures entre as dez e meia e as onze – digo eu à tia Betty.

– Não disseram uma hora específica? Achas que o Norman está doente? Não é nada típico dele. Nem dela.

– Tenho a certeza de que estão os dois ótimos – afirmo eu, procurando tranquilizá-la. – Está muito bonita – acrescento com diplomacia.

Todos, incluindo a senhora em questão, me olham como se tivesse perdido o juízo.

– Pronto – declaro ante a incredulidade coletiva da minha família. – Parece uma pessoa diferente. É isso que quer ouvir?

– Sempre está mais perto da verdade – replica ela. Ajusta a cabeleira com a mão que lutou comigo pela posse do suporte do e-cigarro e puxa a parte de trás do sutiã para o ajeitar. Deve estar a sentir-se extremamente desconfortável porque nunca a vi fazer tal coisa. Revela falta de classe. A única vez que a vi com um fato tão discreto, tão monocromático, foi na parte “oficial” do funeral do Joel. Durante o velório, voltou a aparecer com um fato de calças vermelho-vivo que mereceu um sorriso da minha parte e a reprovação instantânea do irmão e da cunhada. Talvez, com este fato, esteja a tentar compensá-los por ter usado aquele outro.

Tempos houve, claro, em que eu faria o mesmo: saber que vinham de visita fazia-me subir para a balança, tentar perder tantas calorias quanto fosse possível sem deixar de comer para não alertar o Joel para o facto de estar a restringir-me, passar metade da manhã a experimentar diferentes fatos para ver qual deles me dava mais distinção, ou, pelo menos, qual deles disfarçava melhor os quilos a mais. Desde aquele dia, porém, esse tipo de coisas deixou de ter importância.

Chegam no velho Ford Fiesta e sorriem ao entrar em nossa casa, quando abraçam os miúdos, e ao sentar-se no sofá e aceitar o chá com queques de banana e três chocolates (branco, negro e de leite) que preparei para a ocasião.

Reparo quase de imediato que já começaram a inventariar as minhas falhas: a forma como fixam o cabelo do Zane diz-me que é o corte errado para ele; o olhar de soslaio para os braços nus da Phoebe revela-me que esta devia tapar-se um pouco mais; e o olhar que lançam à tia Betty mostra que continua tudo na mesma, apesar do fato. Outrora, a minha ansiedade far-me-ia balbuciar, andar de um lado para o outro, incapaz de estar quieta, sussurrar à Phoebe que fosse vestir um casaco, pedir em silêncio ao cabelo do Zane que crescesse mais depressa e congeminar formas de tornar a tia Betty mais aceitável. Nesse outrora tinha um marido que sabia ajudar-me a canalizar essa

ansiedade para fins mais produtivos.

– Estes queques estão uma delícia, Saffron – diz a mãe do Joel. Se calhar é por andar tão traumatizada com a gravidez da Phoebe, as cartas, a discussão com o Fynn e a fotografia, mas aquilo parece um elogio genuíno até para o meu ouvido bem treinado na deteção das críticas do casal Mackleroy.

– Obrigada – respondo, aguardando a farpa que acompanha praticamente tudo o que ela me diz.

– É sua, a receita? – pergunta a Sra. Mackleroy.

O que a levará a pensar aquilo? Olho para os miúdos. Qual deles lhe terá dito o que tenho andado a fazer? A Phoebe exhibe um sorriso banal, provavelmente, a contar os segundos até poder voltar a enfiar-se no quarto com o telemóvel ao mesmo tempo que se pergunta se alguém a irá denunciar a pessoas que efetivamente lhe inspiram respeito. Foi o Zane.

– Hum, sim – afirmo. – Tenho andado a fazer experiências com diferentes ingredientes, com vários graus de sucesso. – *Ando à procura da combinação perfeita de sabores, a que define o Joel, apetece-me dizer-lhe. E, quando a encontrar, tudo se resolverá. Ele voltará para mim, para nós. Não serei egoísta, sabe, conto partilhá-lo convosco. Parece-me justo, já que foram vocês que o criaram.* – Como sabia?

– O Zane disse-me – explica ela. Antes que possa perguntar silenciosamente ao meu filho o que é que lhe deu para lhe contar aquilo, ela sorri-me. Em resposta observo-a fixamente, hipnotizada. Tem um sorriso tão bonito, um que o fotógrafo do nosso casamento capturou enquanto ela ajustava o botão da camisa do Joel minutos antes da cerimónia, um sorriso que frequentemente oferecia ao filho quando pensava que não havia ninguém a observá-la. O rosto dela, tão marcado pelas linhas que a dor sulcou, ganha vida com aquele sorriso: os olhos adoçam-se e arredondam-se, os lábios afastam-se ligeiramente, deixando ver parcialmente os dentes. Deixa-me sem fôlego e sou forçada a baixar os olhos porque sinto as lágrimas a assomar.

Não me tinha apercebido, até este momento, o quanto tenho desejado o mais breve vislumbre de amabilidade da parte da mãe do Joel.

– Tem de me dar a receita – diz ela.

– Sim, com certeza. Não levanto os olhos, com receio de que volte a sorrir e me faça chorar.

– Phoebe – diz o pai do Joel, fazendo-nos saltar de susto a todos. – Como têm corrido as aulas?

– Bem, avô – responde ela, toda doçura e leveza. Definitivamente, é capaz de falar com bons modos às pessoas que efetivamente lhe inspiram temor.

– Já decidiste a que universidade pretendes candidatar-te? – pergunta ele. Mesmo que não estivesse prestes a rebentar em soluços, não podia olhar para cima agora. Fez-lhe a mesma pergunta da última vez que a viu, há bem mais de seis meses, e ela deu-lhe a costumeira resposta de que tinha de pesquisar qual era a universidade com a melhor reputação para o curso que pretendia seguir. O que lhe dirá ela agora? *Para dizer a verdade, Vô, estou grávida, por isso, se calhar vou ter de adiar a universidade por uns tempos, se não para sempre, por causa do bebé. Sim, tem toda a razão, não sou melhor que a vagabunda da minha mãe.*

– Hum, não, ainda não.

– Bem, não demores muito tempo – diz ele com benevolência. – É bom estabelecer um trajeto claro na vida, mesmo que pelo caminho haja alguns desvios proveitosos... Não concorda, Saffron?

Comigo? Ele estava a falar comigo? Naquele tom? Como se o que eu penso pudesse significar alguma coisa para ele, para todos eles, para o mundo?

– Hum, sim, suponho que sim – replico eu sem o encarar. Se olhar para ele e o vir a sorrir, arrisco-me a sofrer um esgotamento nervoso. Certas coisas têm o poder de nos fazer passar dos limites, e após 18 meses de vazio, do

ramerrame do dia a dia com um acompanhamento de “será que isto podia ter sido evitado se ele não te tivesse conhecido?”, esta mudança de atitude não é algo que eu consiga assimilar ou, sequer, processar.

A tia Betty também tem estado estranhamente calada. A tensão que paira no ar, apercebo-me, vem de nós os quatro. Estamos todos à espera da nossa vez diante do pelotão de fuzilamento. Passa-se aqui qualquer coisa. Tive o mesmo pressentimento com a Phoebe, pouco antes de descobrir que ela estava grávida, mas ignorei-o, porque, no meio de tudo, no esforço de “seguir em frente” como uma boa viúva deve fazer, tive inveja da felicidade dela, sentime grata por ver que aparentemente estava a superar a dor quando eu nem sequer conseguia contemplar tal ideia.

Aqui há gato, sinto o mundo fora dos eixos.

Sem pensar, sem tempo para dizer a mim própria que estou a ser ridícula e paranoica, levanto-me de um salto.

– Zane, querido, podes vir lá acima ajudar-me com uma coisa, se fazes favor? – peço-lhe.

Ele olha para o sítio onde deixou a consola, para os avós, e levanta-se a medo. Eu sabia. É como um pontapé no meu já massacrado estômago, mas as minhas suspeitas confirmam-se.

Já no quarto dele, fecho a porta. A divisão está arrumada, impecavelmente organizada, com tudo no seu devido lugar embora eu me limite a limpar o mínimo possível, a aspirar e a levar a roupa suja para baixo. É o Zane que o mantém em ordem, que devolve os brinquedos às respetivas prateleiras, que estica o edredão de manhã, dobra o pijama e o deixa em cima do travesseiro – por influência do pai, no principal, mas levado pela sua própria consciência em tudo o resto.

Sorrio-lhe ao mesmo tempo que nos sentamos na cama.

– Desculpa – digo-lhe. – Não te tenho dado a atenção que tu mereces.

Passo-lhe um braço à volta dos ombros, puxo-o para mim e dou-lhe um

beijo terno no topo da cabeça. Sinto um nó na garganta que me impede de falar, um punhal cravado no peito que não me deixa fazer o que tem de ser feito. Terá sido assim para o Joel? Saber que está a esvair-se em sangue, saber que o que o espera é inevitável, mas não ser capaz de o impedir? Saber que, a esta altura dos acontecimentos, não há nada que possamos fazer.

– Tem havido muita agitação, não achas? Primeiro aquilo da Phoebe, depois a tia Betty, o drama da semana passada, o carro, eu às voltas a tentar resolver as coisas... É um pouco de mais, não é?

– Sim – responde ele, e sinto-me aliviada por, pelo menos, conseguir admiti-lo. Não vai continuar a fingir.

Inspiro fundo, retirando forças da capacidade de encher os pulmões de ar.

– Gostavas de ir passar uns tempos a casa do avô e da avó? – pergunto-lhe. Suspendo a respiração, não me mexo, nem sequer penso enquanto espero pela resposta dele.

O Zane demora todo o tempo do mundo a reunir coragem para me dizer que já não quer estar cá em casa. Que já não quer estar comigo.

– Sim – responde ele num sussurro.

Terá sido assim que o Joel se sentiu da primeira vez que a faca lhe perfurou o corpo? Como se não pudesse haver dor mais insuportável?

– Está bem, meu amor, está bem. – Na terça-feira vou ter de ligar para a escola, mas têm sido tão atenciosos, até ofereceram apoio e tolerância com as faltas, de certeza que também vão entender agora. Tenho de preparar roupa suficiente para a estadia na casa dos avós. Tenho de dar algum dinheiro aos pais do Joel. Tenho de arranjar forma de compartimentar isto na minha cabeça e no meu coração, de me lembrar, a cada segundo de cada dia até ele regressar a casa, que esta é a melhor solução, para não passar os próximos dias a ir-me abaixo sempre que vir um miúdo pequeno na rua.

– Desculpa, mãe – diz ele baixinho.

Abraço-o com força, rodeio-o com todo o amor que sinto por ele e volto a

apertar os lábios contra a testa do meu filho.

– Não tens por que pedir desculpa. Eu é que peço desculpa por não ter reparado antes que estavas a precisar de uns dias de descanso. Se te apetece ficar algum tempo com os avós, não há problema.

– Posso voltar para casa quando quiser?

– Claro que sim. Isto não é para sempre, não tarda nada estás outra vez em casa. Quando quiseres. Mesmo que seja a meio da noite, liga-me e eu vou buscar-te.

– Na boa, mesmo mesmo? – Não falava assim desde os 6 anos. O pai, por outro lado, utilizou esta expressão até morrer.

– Claro. Sempre que precisares de mim, mesmo que seja só para falar comigo, liga-me. – Dou-lhe outro beijo na cabeça. – Aliás, só te deixo ir na condição de me ligares, pelo menos, uma vez por dia. E de tempos a tempos tens de me ligar a meio da noite para conversarmos ou para te queixares de qualquer coisa, está bem? Combinado?

Levanto a mão e ele desvia o olhar, envergonhado, quando percebe que eu pretendia fazer um “Dá cá mais cinco!”. Vexada, baixo a mão e, em vez disso, abraço-o.

– Certo, então é melhor começar a fazer-te a mala – declaro eu de forma enérgica para disfarçar o som do tremor de terra dentro do meu peito. – Podes descer e pedir à avó que venha cá acima para eu poder combinar as coisas com ela?

– ‘Tás mesmo na boa com isto, mãe? – pergunta o Zane.

– Sim, na boa. Vai fazer-te bem passar algum tempo com eles, mas deixa-me dizer-te o mesmo que vou dizer à avó: quero que voltes depressa, OK? Isto não é para sempre. São só umas férias até as coisas acalmarem. Certo? Vai lá chamar a avó e deixa-me começar a preparar a mala.

– O Zane não é a sua segunda oportunidade – digo-lhe eu quando ela chega ao quarto e fecha a porta atrás de si.

– Eu sei disso, Saffron – responde ela no mesmo tom agradável que revelou que tinha falado com o meu filho e que estavam a dar-me graxa para me convencerem a deixá-los tomar conta dele em meu lugar.

Estou a separar a roupa dele em pilhas organizadas em cima da cama. Vou mandar 14 peças de tudo para que ele possa ficar duas semanas sem precisar de lavar roupa. Por baixo da roupa, escondi a caixa de memórias do Joel. Dei-lhes a ambos caixas de tamanho A4 com fotografias de cada um com o pai e a mesma fotografia coletiva na cabana da praia. Incluí um caderno de apontamentos, uma esferográfica e uma nota a dizer que ele os amava muito. Foi o melhor que consegui fazer e disse-lhes que podiam guardar lá dentro o que quisessem e que eu nunca espreitaria. Podiam mostrar-me coisas, mas era um espaço pessoal para preencherem conforme desejassem. Agora que ia passar algum tempo longe de casa, o Zane ia precisar da caixa dele e podia acrescentar coisas da casa dos avós.

– Para ser franca, não me parece que saiba – replico. – O Zane pode até ser como o Joel antes de me conhecer, quando era todo vosso, mas não é o Joel. É uma pessoa por direito próprio. *E não é vosso filho.*

Ela pousa-me ternamente a mão no ombro, sobressaltando-me.

– Eu sei disso, Saffron – repete ela num tom benévolo.

– E isto não é para sempre. Já o disse ao Zane, e agora estou a dizer-lho a si. É apenas por uns tempos e depois ele regressa a casa. Porque *esta* é que é a casa dele.

– Eu sei.

Não posso começar a chorar à frente da mãe do Joel. Nunca me pareceu correto. Por mais mal que me tenha tratado ao longo dos anos, por mais mal que me trate agora, é uma mãe que perdeu o seu único filho. Não sei o que faria no lugar dela. Seria grosseiro chorar na presença dela sabendo que, em teoria, posso sempre arranjar outro marido, mas que ela nunca poderá arranjar outro filho.

– Disse-lhe, também, que tem de me ligar, pelo menos, uma vez por dia. O dia que passe sem falar com ele é o dia em que vou buscá-lo, faço-me entender?

Ela assente.

– Ótimo – digo eu, consciente de que ainda tem a mão no meu ombro. Provavelmente, é a primeira vez que me toca com gentileza. – E não digam mal de mim à frente dele. Pode ter a certeza de que ele *vai* dizer-me, *vai* odiar-vos por isso e eu *vou* imediatamente buscá-lo.

– Nunca faríamos uma coisa dessas – protesta a avó, mas, pelo menos, tem a decência de não se fingir magoada ou surpreendida por eu sugerir tal coisa.

– Fariam, sim. Por isso... conttenham os comentários jocosos. Se tiverem *mais* algum problema comigo, digam-mo cara a cara e deixem o Zane fora do assunto.

– Muito bem. Entendido.

Tenho-a encurralada, neste momento faria tudo o que eu dissesse. *Admita que tem sido uma cabra injusta comigo ao longo de todos estes anos*, devia eu dizer-lhe. *Admita que eu merecia o seu filho*.

– Vamos cuidar bem dele – diz-me ela, e regresso à dura realidade em que estou prestes a separar-me do meu filho. – O que não quer dizer que a Saffron seja incapaz de o fazer. O Zane quer apenas distanciar-se um pouco.

– Eu sei – respondo. – Eu sei.

Há apenas uma razão que me permite fazer a mala dele, dizer-lhe adeus e ficar a vê-lo afastar-se no velho Ford Fiesta. Preciso de saber que ele e a Phoebe estão a salvo, o que neste momento é impossível com ele aqui. Em Londres estará seguro. Não creio que *ela* se atreva a deixar-me em paz o tempo suficiente para os seguir até à capital. Aqui, há sempre o perigo de poder usá-lo para me atingir.

PARTE IX

Segunda-feira, 6 de maio
(Entregue na terça-feira, dia 7)

Saffron,

Queria pedir-lhe desculpa. Não tenho sido justa consigo.

Como já expliquei, às vezes fico transtornada pois a minha vida também se virou do avesso quando ele morreu. Tive de deixar tudo para trás e ir viver para o estrangeiro. Quis afastar-me daqui porque não conseguia viver com a dor do que tinha acontecido.

Ele conversava comigo. Pode parecer insignificante, ou até patético, mas hoje em dia as pessoas mal se falam. Trocam SMS, mensagens de correio eletrónico, ligam-se através das “redes sociais”, mas não conversam realmente umas com as outras. Não sabem ouvir. Ele falava, ouvia com atenção, e aguardava pacientemente o que os outros tinham a dizer. É uma forma incrível de fazer com que alguém se sinta especial. Uma pessoa não deve concentrar-se no que vai dizer quando o outro acabar de falar, deve escutar, digerir o que ouviu e, a seguir, dar a sua opinião.

Era o que ele fazia. Ouvia-me com atenção, parecia compreender. Era estranhíssimo ouvir falar dele nos jornais e nos noticiários e foi por isso que tive de me afastar. Passei um ano no estrangeiro e, quando regressei, esforcei-me por retomar a minha vida. No entanto, sentia um vácuo onde o meu coração devia estar. Acho que era porque a pessoa que me ouvia, que sabia realmente escutar-me, que tentava compreender, já não estava entre nós.

Eu vivia para as quartas-feiras à noite. Mesmo quando deixámos de trabalhar juntos, continuava a gostar de estar perto dele. Era quem mais brilhava na turma, um autêntico prodígio, e toda a gente o adorava. Estar com ele era mágico.

Claro que ele a amava. Claro que você o amava. Eu também o amava. Somos iguais, eu e a Saffron. Ambas o amávamos. Somos umas sortudas, nós.

Sinto muito pelas coisas que lhe disse, pelas coisas que fiz. Espero que possa perdoar-me. Acho que chegou a altura de lhe dar algum espaço.

Cuide de si, Saffron. Cuide dos seus lindíssimos filhos. Vou regressar à minha vida de sempre e deitar tudo isto para trás das costas.

Boa sorte para o resto da sua vida.

A

XLI

O Lewis Bromsgrove está a abraçar a minha filha.

Não sei porque é que tem os braços em volta dela, mas assumo que não queriam ser vistos e é por isso que estão aqui, numa ruazinha afastada nas traseiras da escola. Ter sido enviada pelo Kevin numa caça aos gambozinos para tentar aliciar uma empresa desinteressada perto de Shoreham foi a melhor coisa que me aconteceu hoje. No regresso, sem saber porquê, o instinto conduziu-me por este atalho da Old Shoreham Road até ao centro da cidade e eis que me deparo com eles.

Nenhum deles me vê, como é óbvio, estão ambos demasiado absorvidos um no outro. Tenho a sensação de deixar o meu corpo quando sigo adiante, pois não quero levantar suspeitas ao parar, por muito que me apeteça saltar do carro e dar cabo deles. Estaciono um pouco mais adiante, do outro lado da rua, atrás de um Carocha vermelho dos novos, para poder vê-los.

Tenho quase a certeza de que não repararam em mim quando, com a mão trémula, solto o cinto de segurança e me volto para trás para os observar através do vidro traseiro.

Agora afastaram-se um pouco, mas continuam muito perto um do outro. Os ombros descaídos e a cabeça baixa da Phoebe indicam que está perturbada. O professor Bromsgrove (é assim que penso nele nas proximidades da escola) está a ouvi-la atentamente. De onde estou não consigo ouvi-los, como é óbvio, mas o que a minha filha lhe diz fá-lo passar o braço em redor dos ombros dela, ainda a ouvir o que ela está a dizer, e depois acontece o mesmo de há bocado: puxa-a para si e volta a abraçá-la.

Os professores, tanto quanto sei, não podem tocar assim nos alunos, se é que podem tocar-lhes de todo. Quanto mais duas vezes em menos de um minuto.

O professor Bromsgrove está a abraçar a minha filha.

Não é o Damien, é ele. Afinal sempre era ele. Daí a operação de charme. Não é a mim que ele quer, e sim a minha filha. Tem-me mantido distraída com sugestões de “curtirmos”, como diria a Phoebe, para poder continuar a aliciá-la. E eu, estúpida, fui na conversa dele. Cheguei a acreditar que alguém para além do Joel podia interessar-se por mim, achar-me atraente sem me conhecer primeiro.

Quando comecei a ter permissão para ir às matinés das discotecas para os alunos do secundário, era sempre a que ficava de lado durante o último *slow dance*, ninguém olhava sequer na minha direção. Quando comecei a sair à noite nos dias da universidade, já dominava a arte de dançar sozinha, de ter prazer em fazê-lo, de desfrutar a música enquanto as minhas amigas se faziam aos homens que tinham conhecido ou iam para casa com eles. Nessa altura, não era gorda, não como no secundário, mas não possuía o tipo de elegância que me tornasse visível ou atraente para alguém que ainda tivesse alternativas. Ninguém passava a noite a tentar levar-me para a cama: viam-me à uma e meia da madrugada, quando parecia que iam sair do bar ou da discoteca sozinhos, e davam-se conta de que eu era melhor do que nada.

O Lewis Bromsgrove deve ter visto o mesmo em mim, deve ter percebido que eu era o tipo de adulto que resulta de uma adolescência dessas. Deve ter calculado que seria fácil conquistar-me com elogios e cegar-me para o facto de andar a tentar seduzir a minha filha. A encher-lhe a cabeça de mentiras, permitindo que o filho arcasse com as culpas dos crimes que ele tinha cometido.

Voltam a separar-se, ele apercebendo-se, visivelmente, de que alguém pode vê-los. Dá um passo atrás, pousa-lhe as mãos nos ombros e baixa a cabeça para lhe dizer qualquer coisa. A Phoebe continua cabisbaixa, mas vejo-a a acenar com a cabeça, a concordar com o que quer que seja que ele lhe está a impingir. Provavelmente, algo parecido com *Em breve vamos*

poder ficar juntos, fofinha, prometo.

De repente, para minha grande surpresa, ele recua ainda mais e enfia as mãos nos bolsos, atrapalhado. Mesmo a esta distância, dá para ver que a Phoebe não olha para ele com paixão, como eu esperava que olhasse para o homem de quem diz gostar a ponto de querer dormir com ele. Olha para ele como olharia para um professor, um pai, até. Terá sido assim que ele conseguiu seduzi-la? Confundindo-a, apelando à parte da vida dela da qual ela sente falta?

O Zane sossegou, tornou-se mais calado, a Phoebe tornou-se uma versão remordida, autoflagelada de si própria. Retomou a sua vida normal, mas culpou-se, e continua a culpar-se, pelo que aconteceu. Talvez andasse desesperadamente à procura de alguém que pudesse fazer as vezes da figura paternal na vida dela, alguém que pudesse preencher parcialmente o vazio deixado pelo Joel. Eu tenho andado à procura dele através das experiências na cozinha e, ao que parece, a Phoebe tem feito o mesmo através deste homem.

Ela continua a falar e o professor Bromsgrove abana a cabeça devagar e, de repente, levanta as mãos espalmadas numa atitude de resignação. Talvez a Phoebe queira assumir tudo e ele esteja a dizer-lhe que o mundo não ia compreender; que, quando decidirem o que fazer quanto à gravidez, quando ela fizer 16 anos, poderão tornar pública a relação.

Tenho de saber o que estão a dizer.

A minha filha não me diz nada e também não será ele a fazê-lo. Porém, não posso permitir isto, seja lá o que “isto” for. Há algo que não bate certo na forma como se relacionam um com o outro. Não sei se é porque têm de estar sempre a fingir em público, ou porque não há nada para ver. Observei-os juntos, como observo toda a gente, suponho, e não parece haver aquela intimidade latente que os casais inconscientemente mostram ao mundo, nada de constrangimento, olhares de fuga ou indiferença forçada. Mas que há

qualquer coisa, há. Para ele a ter abraçado abertamente duas vezes, para ela ter aceitado que ele a abraçasse com tanta naturalidade, tem de haver alguma coisa. Talvez o meu sexto sentido não seja tão apurado como eu pensava, talvez esteja completamente errada e o Lewis Bromsgrove tenha andado a industriá-la e esteja agora a industriar-me a mim para não ver o que anda a fazer com uma aluna, uma criança. Com a minha filha.

Ela regressa primeiro à escola e o professor Bromsgrove fica parado na rua, de mãos nos bolsos, a olhar para o chão com uma expressão aturdida, deixando passar algum tempo antes de se dirigir à rua principal e à entrada principal da escola. Tenho de esperar que ambos desapareçam de vista para poder ir embora. Preciso de arranjar uma forma de descobrir a verdade.

– Como correu a escola? – pergunto eu à minha filha quando ela entra para o banco da frente do carro.

Ela encolhe os ombros.

– Aconteceu alguma coisa interessante, hoje? – Insisto. *Abraçaste um dos teus professores com quem podes ou não andar a dormir?*

– Não – responde ela. Vira a cabeça e praticamente o corpo todo para o outro lado, como fez no dia em que descobri que estava grávida, para olhar pela janela, ver o mundo à volta da escola a desaparecer atrás de nós enquanto a levo para casa. Embora esteja ao volante e tenha os olhos na estrada, sinto o olhar ausente dela. Está a pensar na gravidez, sem dúvida. Mas será por ter abraçado o pai da criança hoje, ou por outro motivo qualquer? Não faço ideia de qual poderá ser esse outro motivo, mas aposto que o professor Bromsgrove sabe.

– Phoebe – chamo eu depois de aclarar a garganta, depois de tentar desalojar o nó de medo que me aperta a laringe. Ela não para de olhar pela janela, abanando ao sabor dos solavancos do carro, perdida e desamparada como um barco à deriva no mar. – Phoebe, podes falar comigo sobre tudo o que quiseses, estou aqui para te ouvir. Se quiseses falar dos teus pensamentos

sobre o que fazer em relação à gravidez, estou mais do que disposta a ouvir-te. Se quiseres discutir o que sentes pelo pai, também podemos fazê-lo. Tudo o que quiseres, a qualquer hora. Fala comigo e eu saberei ouvir-te.

– Não podes.

– Posso, pois.

– Não podes, mãe, porque não ias entender. As mães não entendem.

Pensa que a minha vida começou com o Joel, que nenhuma parte de mim existia antes dele. A minha primeira vez foi aos 17 anos, mais velha do que ela, portanto, mas também julgava estar apaixonada. Ou melhor, fingi julgar que estava apaixonada para poder fazê-lo sem grande culpa. Lembro-me de voltarmos ao apartamento minúsculo e deprimente dele no centro de Londres quando terminámos o nosso turno no armazém de vendas. Já andava caidinha por ele há semanas e consegui convencer-me de que não fazia mal deixá-lo despir-me, vê-lo colocar um preservativo e beijá-lo, porque era amor. O que mais me marcou foi o fingimento. Não foi horrível ser fisicamente, completamente penetrada pela primeira vez, mas fingi, por mim e por ele, sentir alguma coisa. Que tinha sido fantástico, que tinha experimentado algo que não o vazio que senti enquanto ele se mexia em cima de mim e que era capaz de *morrer* se não voltássemos a fazê-lo em breve. Fingir era uma das minhas especialidades.

Fingi mais algumas vezes até o rapaz decidir que a rapariga nova da secção da retrosaria fazia mais o género dele. Chorei porque achava que era o que se esperava de uma pessoa numa situação daquelas, mas, na verdade, não me importei de não ter de voltar a fazê-lo. O que mais me custou foi a humilhação de os ver juntinhos em público, a arrulhar como um casalinho de pombos quando ele insistira tanto em manter em segredo o que havia entre nós. As constantes manifestações de carinho entre eles lançaram-me de volta ao ponto de partida: a lutar contra a depressão, desesperada por ser aceite, por ser mais bonita, por ser validada como já não era há uma eternidade.

– Experimenta – digo eu à minha filha. – Pode ser que descubras que, afinal, até entendo.

– Não, muito obrigada – replica ela com desprezo.

Bip bip bip, faz o telemóvel dela dentro da mochila cinzenta e azul-turquesa com o emblema da escola.

– Telemóvel – digo eu, surpreendida por não o ver imediatamente na mão dela.

– Sim, eu sei.

– Parece que recebeste uma SMS.

– Sim, eu sei.

– Não vais ler?

– Não tenho de ler todas as mensagens assim que chegam – atira ela sem tirar os olhos da paisagem em movimento do outro lado do vidro.

Ai, sim? Desde quando?, penso eu.

– Como tem andado a Alzira? Já não te ouço falar dela há algum tempo.

A Phoebe emite um ruído de desdém.

– A família da Alzira regressou a Portugal.

– Quando? Não me tinhas dito.

– Não perguntaste.

– Oh, pois não. – Espero 30 segundos. – Então... algum dos teus amigos se mudou para um país estrangeiro, hoje?

– Ah, ah, muito divertido.

– Quais das tuas amigas tens visto ultimamente? Não queres convidar alguém a ir lá a casa?

Ela volta a bufar, um ruído desagradável, carregado com a dose certa de desprezo para mostrar como sou irrelevante.

– Para poderes fazer comentários bizarros e inventar uma daquelas tuas comidas estranhas? Não, obrigada.

– Bem, pelo menos, é bom saber o que pensas de mim. – O meu ego

ressente-se com a bofetada eficiente.

– Vês? – diz ela.

– Suponho que, às vezes, faço o que outros poderão considerar comentários bizarros mas, por muito que te custe, eu sou assim e não tens outro remédio senão aturar-me.

– Isso não quer dizer que tenha de expor mais alguém à tua pessoa.

Está a ser estranhamente maldosa, invulgarmente desagradável. Sei que me odeia, a maior parte do tempo nem sequer me dirige a palavra, mas isto é um golpe baixo, perfeitamente injustificável.

– Estás aborrecida com alguma coisa? – pergunto-lhe.

Ela espera um instante, o suficiente para eu imaginar a resposta *Sim, contigo*, e depois diz: – Não.

O encolher de ombros que se segue é o ponto final que põe fim à conversa; diz-me que posso falar, se quiser, mas que ela não vai dignar-se a responder, nem mesmo com outro encolher de ombros.

Isto tem alguma coisa a ver com o Lewis Bromsgrove e com o que eu vi hoje. Só pode.

Sexta-feira, 10 de maio

(Entregue no sábado, dia 11)

Saffron,

Estou muito desiludida. Pensei que, depois da minha última carta, talvez tentasse, pelo menos, estender-me uma mão.

Prove que acredita em mim quando digo que lamento o que fiz deixando ao menos as persianas abertas, ou assim.

Não era para ter sido assim.

Confie em mim, por favor. Mostre-me que confia em mim voltando a abrir as persianas.

A

XLII

– Obrigado por teres passado por cá – diz o Kevin enquanto eu reúno à pressa os meus pertences.

São cinco e meia e já estou atrasada. Chegar às seis, que é quando termina a sessão de estudo do clube da biblioteca, é para esquecer. Terei muita sorte se conseguir chegar pouco depois das seis.

Ninguém me tira da cabeça que a Phoebe se encontrava com o homem que a engravidou no intervalo de tempo entre o fim das aulas e o regresso a casa, e preciso de estar lá para ver se consigo aperceber-me de alguém a rondar. Passei o fim de semana praticamente todo, sempre com as persianas fechadas, indecisa entre o Lewis ser ou não culpado. O meu primeiro instinto diz-me que não, mas o facto de partilharem um segredo qualquer é como um dedo a acusá-lo. Com tanto em que pensar, dispenso esta atitude do Kevin.

Paro a meio da ação de enfiar o portátil na bolsa preta de borracha sintética. O meu chefe está parado à porta do seu cubículo de vidro com aquela cara de fuinha contorcida num esgar trocista. Penso no Joel, no que faria numa situação destas: trabalharia em silêncio para provar o erro do Kevin, superar-se-ia a cada oportunidade para que o Kevin não tivesse nada a dizer. A estratégia funcionou nos últimos meses, mas, quando a minha vida voltou a desmoronar-se e deixei de estar presente para cumprir de imediato as ordens dele, voltou à carga. O método do Joel funcionava desde que eu fizesse precisamente o que o Kevin queria, quando ele assim o exigia. Ando a ser perseguida pela pessoa que assassinou o meu marido. Por que motivo é que isso não me assusta mais do que o Kevin? Porque aturo eu isto quando, neste preciso momento, alguém pode estar a planear a minha morte?

– De acordo com o contrato, o meu horário de trabalho é das nove às cinco e um quarto – declaro. – Está na hora de ir para casa. Aliás, há 20

minutos já estava na hora de ir para casa.

O Kevin observa o amplo espaço aberto do escritório, dividido em grupos de quatro secretárias com divisórias laterais para dificultar a conversa com o colega do lado, embora as secretárias estejam de frente umas para as outras. Ainda há umas 10 pessoas a trabalhar, cerca de 35 já foram embora, desaparecendo assim que o relógio bateu as cinco. Fui a única que mereceu um comentário do Kevin.

– Para alguns, talvez – diz ele, com um sorrisinho falso. Sabe muito bem que muitas vezes acabo o trabalho em casa, que, apesar de ter sido despromovida, faço praticamente o mesmo que fazia antes, embora o Edgar, o amigalhaço dele, detenha o título e o salário. – Como eu digo, obrigado por teres passado por cá hoje. Espero ver-te outra vez amanhã se não houver outro drama na tua família durante a noite.

Lembro-me claramente da humilhação atroz de deixar a minha antiga secretária, a que fica ao lado do gabinete do Kevin. Como se já não bastasse ter de enfiar os meus pertences numa caixa e deslocar-me para o outro lado da sala, ainda tive de suportar a ignomínia de ter o Kevin e o meu substituto, o Edgar, a seguir todos os meus passos. Nunca recuperei totalmente da crueldade calculada desse ato. Até se deram ao trabalho de me seguir até à nova secretária, perto da saída e o mais longe possível da parede de janelas. Fizeram questão de deixar bem claro, diante de mim e de todos os presentes, que o lugar à porta do gabinete do Diretor de Operações pertencia ao seu braço direito e que eu agora pertencia ao grupo dos novatos. Já não era ninguém. Queriam mostrar que não tinha sido apenas despromovida, mas também rebaixada.

Volto a pousar o portátil na secretária e inclino-me para o computador. Não posso deixar de reparar no sorrisinho satisfeito do Kevin. Pensa que vou retomar o trabalho porque conseguiu envergonhar-me. Nunca percebi que mal lhe fiz, dado que realizei sempre o meu trabalho a tempo e horas. Mesmo

quando a minha vida implodiu, nunca deixei trabalho por fazer. Às vezes, pergunto-me se é porque tem medo da morte. Por achar que tem de se distanciar e provar que eu sou um ser inferior, e que foi por isso que a Morte decidiu castigar-me. E que, se provar que é melhor do que eu, a Morte vai deixá-lo em paz. A maior parte do tempo limito-me a aceitar que é por ser um sacana com cara de fuinha.

Quando vê que ainda estou à secretária, retira-se para o gabinete. Observo-o disfarçadamente até o ver atirar-se para cima da cadeira, pegar no telefone e virar-se para a janela atrás de si, descansando os tornozelos no parapeito largo e baixo enquanto aprecia a visão panorâmica da cidade.

Acabo de copiar os ficheiros para a *pen drive* preta que já tinha ligado ao computador e, a seguir, desligo-o. Pego no telemóvel e saio a correr, percorro o corredor alcatifado e subo as escadas até ao andar superior, o piso da direção.

Ao abrir a porta para aquele piso, sinto uma onda de embaraço. Dantes acreditava que seria a minha carreira a trazer-me até aqui. Que um dia, depois de todo o meu trabalho árduo, ocuparia um destes cinco gabinetes.

Ao que parece, o Universo e o Kevin tinham outros planos para mim.

Entro no vestíbulo do gabinete do Gideon, Presidente e Diretor Executivo, dominado pelo apainelado e pelo mobiliário de madeira escura, e que nunca deixa de inspirar a quem entra um silêncio reverente. Vejo a assistente, diferente da que cá estava da última vez que vim cá acima, sentada atrás da ampla secretária de mogno. Está ao telefone e prepara-se para dizer “Queira aguardar” à pessoa do outro lado da linha, para falar comigo, mas eu sigo caminho sem lhe dirigir a palavra. Não quero ter de esperar que me inclua na agenda (a lápis) para falar com o Gideon noutra altura qualquer. Não quero dar-lhe oportunidade de pôr o Gideon em contacto com o Kevin. Quero descobrir o que se passa por alguém cujo único interesse é obter para a empresa o maior lucro possível.

A nova assistente levanta-se de um salto com uma expressão horrorizada ao ver-me avançar diretamente para o gabinete. Não é prática comum. O Gideon pode estar a meio de uma reunião de alto nível, mas estou-me nas tintas. Aliás, até serviria para lhe mostrar que é um assunto tão sério que preferi interromper a esperar a minha vez de entrar. Bato à porta e entro. Estou-me mesmo nas tintas, a sério que estou. Dei tanto a esta empresa e a minha paga são os comentários escarninhos do Kevin. Pouco me importa quem eles pensam que são, mas vou mostrar-lhes quem sou.

O fervor da minha indignação dissipa-se quando me deparo com um par de cuecas de homem cobertas de marcas de batom vermelho. Mais abaixo, um par de pernas bronzeadas, flácidas e peludas que terminam num par de meias pretas. Acima das cuecas, vejo uma camisa branca desapertada, revelando uma barriga bronzada, ligeiramente saliente, e um par de mãos orgulhosamente plantadas nas ancas, enfatizando o que se passa abaixo da cintura. E o que se passa abaixo da cintura, infelizmente para mim, é uma ereção entusiástica a forçar o tecido elástico das cuecas.

Recuo, horrorizada, e o Gideon faz o mesmo. Felizmente, o meu corpo, menos paralisado com o choque do que a minha cabeça, dá um passo atrás e fecha a porta atrás de mim.

Lixívia mental. Preciso urgentemente de lixívia mental. Lembro-me da Phoebe dizer qualquer coisa sobre isso no outro dia quando a tia Betty comentou que já tinha dado um linguado a um dos membros de uma banda de que a minha filha gostava. Agora vinha mesmo a calhar.

A nova assistente pessoal está na posição petrificada que adotou quando abri a porta: telefone na mão, o outro braço esticado como que a tentar travar o meu avanço, a boca a formar um “O” de terror.

Já estive com a esposa do Gideon em algumas ocasiões. É uma pessoa amorosa que me escreveu pessoalmente um cartão depois do que aconteceu ao Joel. Coitada. Pergunto-me se suspeitará de alguma coisa. Duvido muito.

O Gideon e a assistente podem fechar a porta do gabinete e pintar a manta sem que ele deixe de chegar a casa a tempo de deitar dos miúdos. E à esposa traída nunca passaria pela cabeça que o marido tivesse tempo ou oportunidade para ter um caso amoroso.

Atrás da porta, ouço o Gideon numa roda-viva. Se calhar, era melhor ir embora, virar costas e fingir que isto nunca aconteceu, mas não posso. Aliás, não quero. Pouco me importa quem o chefe anda a comer, preciso que seja franco comigo.

Volto a bater à porta e, desta vez, aguardo uma resposta antes de entrar.

– Saffron – diz ele. Está sentado atrás da secretária, completamente vestido e de camisa abotoada. Até apertou à volta do pescoço uma gravata de brocado azul. – Feche a porta, entre e sente-se, por favor. – Fala sem tirar os olhos do suporte de mata-borrão em pele negra, pousado na secretária à frente dele.

Faço como me diz.

– Em que, hum, posso ajudá-la?

Felizmente, optou pela via de fingir que não aconteceu nada, a fuga para a frente. Tento conjurar o caldeirão fervente de fúria e justa indignação que me trouxe cá acima, sem sucesso: a imagem das cuecas brancas deitou tudo por terra.

– Há algum problema com o meu trabalho? – pergunto.

Finalmente, encara-me. A minha pergunta afastou o embaraço. O Gideon sempre se regeu pelas exigências do negócio, os resultados, o fazer dinheiro. O resto pouco lhe importa.

– Claro que não. Porque pergunta?

– Se me permite a franqueza, estou farta dos comentários sobre as horas que cumpro no escritório. Levo sempre trabalho para casa, e mesmo que não o fizesse, não sou obrigada a viver em função deste emprego.

– Ninguém lhe exige tal coisa – replica ele.

– Exigem, sim. Cada dia que entro neste edifício e me sento à secretária com o estigma da despromoção a pairar sobre a minha cabeça, quando continuo a fazer o trabalho do Edgar sem receber um tostão e sem ser reconhecida por isso, diz-me que tenho de o fazer. Os comentários sobre a hora a que saio do trabalho dizem-me que tenho de o fazer. As referências jocosas a acontecimentos sobre os quais não tenho nenhum controlo e que me obrigam a tirar este ou aquele dia de folga dizem-me que tenho de o fazer. O próprio facto de estar aqui sentada a ter esta conversa diz-me que tenho de o fazer.

– Não pode ser assim tão mau... – diz ele.

– Estou a pensar seriamente em demitir-me – declaro eu sem pensar. Preciso de passar mais tempo em casa, preciso de supervisionar melhor a Phoebe e estar em casa terá ainda outra vantagem quando o Zane regressar dos avós: significa que terei mais tempo para ele.

– Demitir-se? – repete o Gideon, debruçando-se sobre a secretária.

– Sim, demitir-me.

Definitivamente, é o melhor a fazer. Posso estar lá durante o dia, quando as cartas chegarem. Posso ver a cara dela, talvez até, quem sabe, apanhá-la com a boca na botija e... sei lá. Pode não ser o suficiente para a travar, mas, para variar, terei algum controlo sobre a situação.

– E pode dar-se ao luxo de o fazer?

– Não, mas isso não significa que deva ficar e ser tratada como um monte de qualquer coisa que o Kevin pisou sem querer.

– Se acha que estão a abusar de si...

– Não se trata de abuso, mas de falta de respeito. É fazerem-me sentir pequena e inútil quando até faço um bom trabalho e é... Por acaso, é abuso, agora que penso nisso em voz alta. Não estou disposta a aturar mais isto, Gideon. A vida é curta de mais.

É a primeira vez que digo isto desde a morte do Joel. Quando ele era

vivo, usava esta expressão a toda a hora, provavelmente, até com ele. Pronunciava estas palavras para me convencer a fazer algo que tecnicamente não devia fazer. Ou quando queria parecer fleumática e esclarecida como todos os outros pretensos hedonistas que conhecia. Não que acreditasse realmente no que dizia – naquela época estava convencidíssima de que ia viver para sempre. Dizia-o porque podia, porque nunca sentira na pele a fugacidade da vida. Quando comprovei esta verdade da forma mais atroz, apercebi-me de que, na realidade, ainda não me tinha dado conta de como a vida é breve. Simplesmente, pensava que essa efemeridade nunca teria nada a ver comigo.

– E que tal uma licença sem vencimento? – sugere ele.

– Para depois voltar ao mesmo? Aliás, para ter de aturar ainda pior, porque estive ausente? Não, obrigada. É muito gentil da sua parte, mas não posso aceitar.

Ele cala-se, pensativo.

– Não se vá embora, Saffron. Não me caiu bem ter sentido que merecia uma despromoção tão pouco tempo depois de ter perdido o seu marido.

– Eu não senti que merecia uma despromoção. Sugeri a despromoção para poder continuar a ter um emprego numa altura em que a minha vida estava em ruínas.

– Por favor. Por favor, considere a proposta de uma licença sem vencimento de um mês e, durante esse tempo, vá pesando as suas opções com calma. Não é obrigada a regressar à empresa, mas considere as suas opções.

Ah, estou a ver.

– Não se preocupe, não tenciono dar com a língua nos dentes assim que sair daqui – declaro. – O que o Gideon faz é da sua conta. Não tem de me manter na empresa só para poder ter-me debaixo de olho. – *Mas não espere que minta por si: se alguém perguntar, não vou alegar ignorância.*

Um vermelho potente e carregado, da cor da camisola que eu trazia no dia

em que deixei cair a taça das amoras, tinge as maçãs do rosto do Gideon.

– Não é disso que se trata – responde ele. – Gostava que considerasse tirar umas semanas para refletir sobre as suas opções. Considero-a uma colaboradora muito competente. Farei todos os possíveis para falar com as pessoas que gerem o seu departamento sobre a forma como tratam os funcionários em geral. Tenho ouvido rumores, mas é difícil agir se ninguém avança com um protesto formal. É a primeira vez que alguém me diz oficialmente o que se passa. Por conseguinte, agora que estou a par do problema, é meu dever, a bem dos funcionários a meu cargo, investigar a questão. Vou reunir-me com a diretora dos recursos humanos para passarmos em revista o que as pessoas que deixaram a empresa disseram nas entrevistas finais e, depois, definir que medidas posso tomar para atacar o problema. Estou a pedir-lhe, *encarecidamente*, que me dê tempo para analisar a questão. Se, após a licença, ainda pretender pedir a demissão, não vou discutir consigo. Aceitá-la-ei com pesar e fica o assunto arrumado. Que me diz?

Uma vez mais, mede cuidadosamente o que diz para não se comprometer com algo que depois não possa cumprir.

– Está bem – respondo.

O alívio dele é evidente. Não é por mim, com certeza, o que não falta é candidatos ao trabalho. Deve ser por causa da reputação da empresa. Talvez os funcionários que saíram recentemente (e ainda foram alguns) se tenham queixado da forma como foram tratados. Um negócio que existe para ajudar outras empresas a desenvolver e a divulgar a sua marca com sucesso depende tanto do trabalho que realiza como da sua reputação no mercado.

– Vou pedir aos recursos humanos que tratem da papelada consigo, para poder começar o mais depressa possível.

– Obrigada.

– Ah, e Saffron? – chama ele quando estou prestes a sair.

– Sim? – preparo-me para ouvir um raspanete por não ter batido à porta

há bocado, para que me peça para fingir que não vi nada.

– Assumo que, se precisarmos de um reforço no próximo mês ou assim, não se importa de nos dar uma mão?

Eu até gosto do Gideon, a sério que gosto. Embora goste muito menos agora que sei que anda a enganar a esposa, mas, se não soubesse disso, gostaria dele porque é uma pessoa franca e direta. Rege-se pelas exigências do negócio, o fazer dinheiro, e aparentemente também não diz que não a tentar fazer-me trabalhar de graça.

– Veremos, sim? – respondo eu.

Quando saio do gabinete, vejo a mortificada assistente pessoal a furar o ecrã do computador com a vista, concordando em silêncio que eu não vi nada.

XLIII

É como uma cicatriz irregular, vermelha e inflamada a percorrer o lado do condutor do meu carro, a todo o comprimento. Feita por *ela*, provavelmente com uma chave de fendas, algures entre as nove e meia da manhã e as seis menos cinco da tarde.

Entrou aqui e riscou-me o carro, mesmo por baixo do puxador para ser impossível não reparar. Para fazer sentir a sua presença. Seguiu-me até à empresa, com certeza para se certificar de que não decido ir à polícia. O que é bom, porque, se está comigo, a vigiar-me, não pode estar em Londres com o Zane, no Queen's Park com a tia Betty, nem em Hove com a Phoebe. Está onde eu estiver. Isso dá-me uma certa tranquilidade, apesar de tudo. Remove uma camada de desconforto ao mal-estar constante que sinto no fundo do estômago.

Não vou perder a compostura, sabendo que pode estar a observar-me. O que ela quer é que eu me vá abaixo, ou que desate aos gritos (vontade não me falta). Está desesperada por uma reação qualquer, um sinal de que conseguiu atingir-me, sobretudo porque me recusei a abrir as persianas.

Sondo discretamente o parque de estacionamento em busca de sombras adicionais junto aos pilares; de alguém escondido atrás dos outros carros, do ruído ténue de uma pessoa a respirar no silêncio do piso subterrâneo do parque. Tento perceber se há aqui mais alguém, mais alguma coisa. Devia poder fazê-lo, sobretudo agora que recuperei a capacidade de sentir em pleno o mundo à minha volta, mas não há nada aqui. É quase como se andasse a ser perseguida por um fantasma. Um ser imaginário que não deixa rasto.

O trânsito é intenso, o que me parece um pouco estranho para uma segunda-feira ao princípio da noite. Os carros acumulam-se ao longo da Dyke Road: as luzes de travagem, uma linha de olhos vermelhos que pestanejam de

vez em quando, extinguem-se à medida que os carros avançam e voltam a acender-se quando têm de parar. Tenho estado a ligar à Phoebe com o sistema de mãos livres e ela não atende. Não tenho o número do professor que está de serviço na biblioteca.

Podia ligar ao professor Bromsgrove, mas repugna-me dar-lhe ainda mais motivos para interagir com a minha filha. Não deve haver problema. Ela deve estar lá fora à minha espera. Está tudo bem. O pânico que me revolve as entranhas é apenas ansiedade por estar presa no trânsito. Não é medo de que *ela* possa não ter ficado para ver a minha reação a ter riscado o meu carro, de que possa ter ido atrás da Phoebe. Não é medo de que a Phoebe a veja e entre em pânico ao sabê-la novamente nas redondezas.

Carrego na tecla do volante para iniciar uma nova chamada e o telemóvel da minha filha encaminha-a diretamente para o atendedor automático. Nada de invulgar. Provavelmente, acabou-se a bateria, já que a Phoebe não dá descanso ao maldito aparelho – exceto nos últimos dias, em que parece nem querer pegar-lhe.

O veículo à minha frente é uma daquelas enormes carrinhas de passageiros que transporta um condutor e três passageiros. Pouco tempo antes *daquele dia*, o Joel tinha andado a ver se me convencia a comprarmos uma caravana. Até estava disposto a vender o BMW pois só podíamos ter dois cartões de residente. Fora obrigada a lembrar-lhe várias vezes de que não era do tipo de ir acampar.

– Eu levo os miúdos sozinho, então – dizia ele alegremente. Pergunto-me se as quatro pessoas, dois adultos à frente, duas crianças em cadeirinhas que mal se vêem acima do encosto do banco de trás, constituirão uma família no sentido tradicional da palavra: dois pais com os seus dois filhos. Pergunto-me se costumarão ir acampar. Se teríamos ido acampar caso o Joel ainda fosse vivo.

O fluxo do tráfego parece acelerar quando alcançamos os novos

semáforos onde a Dyke Road desagua na Old Shoreham Road. Sinto o nó de ansiedade que me aperta o peito a afrouxar. Já falta pouco. Devo chegar lá pelas seis e um quarto. Atrasada, mas não muito. Não lhe aconteceu nada. Há de estar à porta à minha espera. Sabe bem que não pode sair da escola com mais ninguém.

Paro diante da escola e estaciono o carro em cima do duplo traço contínuo, indiferente à possibilidade de apanhar uma multa – os ultrazelozos inspetores só desistem às oito em ponto. Ao sair do carro, a escola mergulhada na escuridão, sem Phoebe à vista, faz disparar o terror que sinto cá dentro para novos níveis de intensidade. É como quando andamos à procura de algo sem saber bem o quê. Reviramos tudo várias vezes, abrimos todas as gavetas e todos os armários mesmo *sabendo*, bem lá no fundo, que nunca mais veremos o que procuramos. Fazia muito isso nos primeiros dias sem o Joel. Andava às voltas na cozinha à procura de qualquer coisa, à procura dele, embora, no fundo, soubesse que nunca mais o veria.

Bem lá no fundo, sei que a Phoebe não está aqui. Que é inútil procurá-la na escola.

Não vou entrar em pânico. Não posso dramatizar já a questão. Não vou estabelecer ligações entre a assassina do Joel e isto, quando se trata simplesmente de ter chegado atrasada numa altura em que não podia fazê-lo. Não se passa nada de sinistro.

Volto a ligar à Phoebe do telemóvel.

– *Sou eu. Deixa mensagem. Ou, então, não, é contigo* – diz-me alegremente a voz pré-gravada da minha filha depois do sinal sonoro. Às vezes, esqueço-me da voz animada da Phoebe, de que tem a capacidade de ser e de parecer feliz, jovem, maravilhada com tudo.

– Pheeb, sou eu. Estou à tua espera cá fora. Desculpa ter chegado atrasada. Vemo-nos daqui a um minuto ou dois.

Começo a sentir um formigueiro no corpo, o mal-estar a escalar. A

Phoebe desapareceu, sinto-o.

Não desapareceu nada, replica a parte lúcida e sensata da minha consciência. *Estás a exagerar*.

Estaria a exagerar se o Joel não tivesse sido assassinado, se não andasse a receber aquelas cartas, se não andasse alguém a rondar-nos.

Das sombras da escola, vejo surgir duas figuras: uma alta, a outra um pouco mais baixa. À medida que se aproximam, com o mais baixo dois passos atrás do outro, apercebo-me de que é o professor Bromsgrove e o Curtis. O pai traz nos braços uma caixa cheia de livros, a mala do portátil pendurada no ombro esquerdo e a pasta da escola a pender-lhe do pulso do braço direito. O Curtis caminha com a mochila da escola ao ombro, sem tirar os olhos do telemóvel.

Realmente, é jeitoso, este Lewis Bromsgrove. Não é só o olhar profundo daqueles olhos quase negros, não é apenas o sorriso sempre pronto daqueles lábios carnudos e apetecíveis, não é simplesmente a beleza irresistível dos seus traços faciais. É também a postura serena, confiante, a forma como a roupa lhe assenta. É o pacote inteiro. É difícil acreditar que ele possa ter-se envolvido com a Phoebe de forma inapropriada, mas não impossível.

– Sra. Mackleroy – diz ele, manifestamente feliz por me ver. – É bom vê-la. O que a traz aqui?

O Curtis olha para cima ao ouvir o meu nome e logo a seguir baixa a cabeça, abandonando o telemóvel e concentrando-se nos sapatos.

– Vim buscar a Phoebe – respondo.

– A Phoebe? Já foi embora há horas. Estive de serviço na biblioteca e ela disse-me que vinha alguém buscá-la.

O Curtis, que continua a examinar os próprios pés como se só agora tivesse descoberto que existiam, desenvolve um renovado e vigoroso interesse neles.

– Mas eu fiquei de vir buscá-la. Ela sabe que só sai da escola comigo.

Não preciso de olhar para saber que o rosto do Curtis, o cúmplice na trapalhada em que a Phoebe se meteu agora, está contorcido numa expressão de ansiedade.

– Sabes alguma coisa sobre isto, Curtis? – pergunto-lhe. – Fazes alguma ideia da razão por que mentiu ao teu pai?

Ele abana a cabeça, cabisbaixo.

Olho para o pai de sobrancelha levantada.

– Curtis? – diz o Lewis num tom que sugere que não vai ficar nada satisfeito se o filho estiver a mentir-lhe.

– Ela não me disse nada, juro. Só que tinha arranjado uma boleia para casa e para eu inventar qualquer coisa para a encobrir – balbucia ele.

– E não disse com quem ia? – pergunta o professor Bromsgrove antes de mim.

O Curtis volta a abanar a cabeça.

– Juro – acrescenta ele.

Não vou entrar em pânico, não vou entrar em pânico. Não lhe aconteceu nada. Não lhe vai acontecer nada.

Eu não vou entrar em pânico, mas o professor Bromsgrove sim: o rosto dele aperta-se com a mesma apreensão que lhe transparece nos olhos. Sabe qualquer coisa que eu desconheço, pois ninguém fica assim por causa de uma adolescente que decidiu fugir à supervisão dos adultos. Equilibra a caixa de papelão num braço, remexe no bolso até encontrar as chaves do carro.

– Espera por mim no carro – diz ele ao filho num tom de voz agitado.

Assim que o Curtis se afasta, volta-se novamente para mim.

– Porque é que estava a abraçar a minha filha? – pergunto-lhe.

Apanhado de surpresa, franze o sobrolho e replica: – Como?

– Na quinta-feira passei pela escola por acaso e vi-o a abraçá-la. Porquê?

Os sulcos na testa dele aprofundam-se.

– Não está a pensar... Porque se está, podemos ir já à polícia pôr o

assunto em pratos limpos. Nem sequer vou contemplar a ideia de que possa ter tido algum comportamento menos próprio com ela.

– Não nos precipitemos – digo eu. Mas ele que não pense que não vou à polícia. Se for um filho da mãe manipulador, vai pensar que não vou, vai achar que estas palavras são o suficiente para me convencer. Se assim é, está muito enganado. – Só estou a perguntar-lhe porque é que estava a abraçar a minha filha. É uma pergunta legítima.

– Estava a abraçá-la porque ela estava perturbada.

– Porquê?

– Eu, eh... Não posso dizer-lho. Prometi-lhe que não lhe dizia nada.

– A sério? Prometeu à minha filha, uma adolescente grávida, esconder-me coisas que a deixam perturbada? *Não brinque comigo!* – Mal consigo controlar a voz. – *A SÉRIO?* O que é que me impede de lhe dar um murro neste preciso momento? – *Para além de não ser uma pessoa violenta.*

– A Phoebe precisa de alguém em quem possa confiar.

– Não. Antes de mais, o que a Phoebe precisa é de alguém que possa protegê-la. Se não estiver protegida, não lhe serve de nada ter em quem confiar. O que é que a afligia?

Será que lhe contou? Aquilo de termos ocultado informações vitais à polícia?

– No fim da semana passada, não se sabe como, tornou-se público que ela está grávida. Desde então, tem andado a receber mensagens pela Internet, algumas indescritíveis, e ela não quer que informe oficialmente a escola, nem a mãe. Disse-lhe que, se o assunto não esmorecesse até amanhã de manhã, era meu dever informar a escola e contar-lhe a si.

– E escondeu-me uma coisa destas?

– Estava a tentar fazer o melhor pela Phoebe.

– Então falhou. O que dizem as mensagens?

– Não posso... não posso repeti-las. Tem de ser a Saffron a vê-las. Ela

apagou umas quantas, mas em alguns sítios da Internet é impossível, por isso, ainda lá estão.

– Sítios? Mais do que um?

– Sim. – Reposiciona a caixa e retira o telemóvel do bolso. Tenta desbloquear o ecrã só com uma mão, muda de ideias e larga a caixa. – Já vi *bullying* pela Internet, mas isto leva o fenómeno a níveis de crueldade que ainda não tinha experimentado.

Se antes estava em pânico, agora sou engolida por um sentimento de puro terror, ainda antes de receber o telemóvel das mãos dele.

– Phoebe – digo eu. – Preciso de saber onde estás. Preciso de saber que estás bem. Liga-me, por favor. Ou envia-me uma SMS. Por favor, querida, diz qualquer coisa.

Tenho de me acalmar. Neste estado não consigo enfiar a chave na ignição nem recompor-me o suficiente para verificar os espelhos ou pôr o carro em primeira. Finalmente, consigo encaixar a chave na ignição.

Hesito, pego no telemóvel que atirei para o banco do passageiro e carrego na tecla de remarcar.

– Phoebe, sou eu outra vez. Se não quiseses falar comigo, tudo bem. Liga ao Curtis, ao professor Bromsgrove, à tia Betty ou ao teu tio Fynn. Até ao Zane. Não importa a quem. Diz-lhes que está tudo bem contigo. Que não corres perigo.

Perigo.

Preciso que isto tenha um final feliz. Não quero voltar a ser a mulher da taça de amoras.

Antes de arrancar, faço outra chamada.

Segunda-feira, 13 de maio

(Entregue hoje)

Ele costumava dizer o seu nome, não como quem evoca essa especiaria preciosa e aromática mas como se fosse uma coisa amarga, ácida e tóxica. Um pouco como a Saffron, na verdade.

XLIV

Toc toc toc!

A Phoebe tem a chave de casa e duvido que batesse, mas corro à mesma para abrir a porta, porque nunca se sabe.

É o Fynn.

– *Sei que não queres falar comigo* – começava a mensagem que lhe deixei há bocado –, *mas a Phoebe desapareceu. Preciso da tua ajuda. Há mais duas pessoas à procura dela e a tia Betty está aqui para o caso de voltar para casa, mas preciso de mais alguém para procurar por ela antes de chamar a polícia. Espero que não ignores isto.*

A minha decepção por ser ele e não a Phoebe é tão evidente que me sinto obrigada a explicar: – Pensei que era ela.

– Quando foi a última vez que a viste? – pergunta ele. Não olha para mim: fixa a parede junto à porta da cozinha, ao fundo do corredor, bem acima do meu ombro. Determinado a não estabelecer contacto visual comigo.

– Fui deixá-la à escola, hoje de manhã. Tem ficado até mais tarde para eu poder ir buscá-la a seguir ao trabalho. Atrasei-me um pouco e o professor que tinha estado de serviço na biblioteca disse-me que ela não tinha aparecido. O professor Bromsgrove, o diretor de turma, disse-me que ela lhe tinha dito que ia alguém buscá-la mais cedo e que saiu da escola às três e meia.

– Vocês discutiram ou algo do género?

– Não, mas há uns dias ficou a saber-se na escola que ela estava grávida. E, desde então, tem andado a receber mensagens maldosas pela Internet e, provavelmente, SMS também. Eu não sabia de nada. Andava a tentar dar-lhe espaço, não queria apressá-la a tomar uma decisão. Por isso, não tenho controlado as contas dela no Facebook, no Twitter, nem nada. Sou tão estúpida. Agora anda por aí algures, sozinha e assustada, provavelmente a

remoer aquele lixo todo (eu li o que escreveram), tudo porque fui estúpida e não quis andar em cima dela. Tenho tanto medo pela Phoebe.

O Fynn inspira fundo.

– Quem é que anda à procura dela e onde é que já foram? – pergunta ele num tom controlado. Está assustado, como eu. Também se lembrou *daquele dia* e está a tentar convencer-se de que vai correr tudo bem.

– É ela? – chama a tia Betty da sala.

– Não. É o Fynn – respondo eu. Retomo a conversa.

– O professor B...

– Ele sabe onde ela está? – interrompe a tia Betty.

– Não! Veio ajudar a procurá-la!... Como eu ia a dizer, o prof...

– Dá-lhe cumprimentos meus! – interrompe ela outra vez. – E agradece-lhe por mim!

– Santa paciência... Sim, está bem!

Aguardo uns momentos antes de recomeçar a falar, para dar à tia Betty outra oportunidade para interromper.

– O Lewis anda à procura dela com o filho. E eu também já dei umas voltas por aí com o carro, fui a uns sítios em Brighton onde ela gosta de ir, mas voltei para ver como estava a tia Betty. Estava mesmo para sair outra vez.

– Que zona queres que cubra?

– Não sei bem. O professor Bromsgrove foi na direção da marina e de Saltdean. Acho que, a seguir, vou tentar o Preston Park.

– Então vou a Hove – diz o Fynn.

– Tenho os nervos em franja. Eu sei que isto não é problema teu, mas... E se lhe acontece alguma coisa? E se alguém a levou?

– Quem é que havia de querer levá-la?

– Sei lá. Quem é que havia de querer matar o Joel?

Ocorre-nos a mesma ideia ao mesmo tempo: o Joel.

– Já experimentaste ir...? – pergunta ele.

– Não. Nem sequer me passou pela cabeça. Sou tão *estúpida*. Porque não pensei antes em tentar lá? Tenho de ir já.

– Eu levo-te.

– Não é preciso, vou sozinha.

– Estás toda a tremer, parece que vais cair para o lado a qualquer momento. Não estás em estado de conduzir. Eu levo-te.

– Como tens passado? – pergunto-lhe.

Estamos há cinco minutos no carro, mas parece que passaram cinco excruciantes horas sem que nenhum de nós tenha dito uma palavra. Estava à espera que ele tomasse a iniciativa, que pudesse orientar-me por ele, mas até agora recebi apenas silêncio.

Um silêncio que me aperta a garganta e que está a sufocar-me a ponto de correr o risco de começar a hiperventilar só para poder respirar como deve ser.

– Normal – responde ele. Lacónico, formal. – Tu?

– Normal – respondo eu, por minha vez. Este é o homem que me apertou nos braços durante horas quando o Joel morreu, que dormia no meu sofá para poder cuidar de mim quando os terrores noturnos começaram, que amo de todo o coração. Recusa-se a falar comigo. Não tem nada para me dizer. Vindo de outra pessoa qualquer (à exceção dos miúdos), provavelmente, não faria grande moça. Vindo dele, porém, é como a lenta tortura de um fio de água a cair-me gota a gota no meio da testa, a cavar-me um buraco no crânio.

– Não tem de ser assim, Fynn – digo-lhe. – Se ao menos pudéssemos conversar como deve ser...

– O Zane está na casa da Imogen? – A formalidade nas palavras dele alimenta o abismo que nos separa. – Temos de ir lá buscá-lo à vinda?

– Não, está... está em Londres, a passar uma temporada com os pais do Joel.

Compreendo bem a expressão no rosto dele. Teria feito a mesma expressão se não estivesse tão desesperada, se o Zane não estivesse a entrar em colapso mesmo diante dos meus olhos sem que eu desse por isso. Ouço a felicidade, o alívio dele ao telefone. Estar longe de casa parece ter-lhe tirado um peso dos ombros. Sente a nossa falta, mas tinha de se afastar. Se as coisas entre mim e o Fynn estivessem normais, podia explicar-lho e sei que iria entender, mas neste momento não posso explicar coisa nenhuma. Ele não tem nada para me dizer e não quer envolver-se.

A entrada para o cemitério é uma estrutura gótica de tijolo vermelho com cinco arcos ogivais, sendo o do meio o maior de todos. Os dois arcos exteriores estão barrados por grades de ferro, os dois seguintes são as entradas para quem vem a pé, guardadas por portões de ferro, e o imponente arco central, com o seu portão duplo, permite a entrada de veículos. Do lado de lá dos portões fechados, a poucos passos, fica o edifício da administração, outra estrutura de tijolo vermelho que se assemelha a uma mansão gótica em miniatura. Há luzes no interior. Do lado de fora dos portões das entradas a pé, erguem-se duas respeitáveis e portentosas árvores, imóveis e ameaçadoras como guarda-costas do mundo natural ao serviço dos residentes do cemitério.

Quando chegamos ao portão duplo, que se encontra trancado e preso a cadeado, vejo-a sentada no chão, encostada às grades do lado esquerdo com as pernas encolhidas contra o peito, os braços à volta das pernas, a cabeça a descansar sobre os joelhos. É como se me virassem do avesso e de pernas para o ar ao mesmo tempo. Nem espero que o carro se imobilize completamente antes de arrancar o cinto de segurança e saltar lá para fora.

Ajoelho-me à frente dela e aperto-a nos braços. Ainda respira, não me parece ferida, consigo tocar-lhe. Não a perdi, não é uma “prova do crime”, ainda a tenho aqui comigo, que é o lugar dela.

– Estás bem? – sussurro com a boca encostada ao cabelo dela. – Pensei que te tinha acontecido alguma coisa. Não sei o que faria se te tivesse

acontecido algum mal. És o meu mundo, Phoebe. Tu e o Zane são o meu mundo. Estás bem? – Abraço-a com toda a força. Está a tremer de frio.

– Queria falar com o pai – balbucia ela com a testa apoiada nos joelhos. – Mas isto estava fechado.

Quando tinha 4 anos, depois de uma ensolarada manhã de fevereiro no jardim, a Phoebe tropeçou numa laje de pedra desnivelada enquanto ia a correr a casa buscar a sua bola nova. Horrorizada, vi-a cair para a frente e bater como queixo e as mãos ao mesmo tempo, raspando a pele na superfície rugosa e irregular das lajes do pátio. O Joel, que era quem estava mais perto, levantou-se da cadeira de um salto e correu para ela pronto a pegar-lhe ao colo.

– Não – chorou ela enquanto eu, grávida de oito meses, me debatia com a cadeira. – Não pai, quero a mamã. Quero a mamã. Quero a mamã.

– Sinto muito que ele não esteja connosco, Pheeb – digo-lhe eu. – Nem sabes como.

– Achas que ia ter vergonha de mim? – pergunta ela.

– Claro que não. Porque é que ele havia de ter vergonha de ti? O teu pai... o teu pai idolatrava-vos. Claro que não ia ter vergonha de ti. Que ideia é essa?

Um encolher de ombros.

Estes gestos têm sempre a sua raiz em algo relacionado com o homem que engravidou a minha filha.

– Isto tem alguma coisa a ver com o homem que te engravidou? – pergunto-lhe.

– Não! – exclama ela, e levanta a cabeça para ter a certeza de que acredito nela. – É só que... a Imogen enviou-me uma SMS a dizer que queria falar comigo e para nos encontrarmos depois das aulas. Fomos no carro dela a um café e ela disse-me montes de coisas. E disse-me que eu já tinha desiludido o pai por ter engravidado tão nova e que, se matasse... tu sabes, o pai ia ter

vergonha de mim. Não quero que o pai tenha vergonha de mim.

Funga, tem o nariz a escorrer muco de estar horas e horas ao frio.

– Falava com tanta certeza que achei que devia ter razão. Não sabia o que fazer. Estou tão baralhada... E depois pensei que, se fizesse qualquer coisa, tipo, atravessar-me à frente de um autocarro, deixava de estar grávida e o problema desaparecia e o pai já não ficava com vergonha de mim. Por isso, vim falar com ele. Queria pedir-lhe desculpa por tê-lo desiludido. E queria perguntar-lhe como é estar morto. E se estaria à minha espera se eu morresse.

Tenho de me lembrar para não respirar muito depressa. Respirar devagar acalma a náusea e permite-me encontrar as palavras certas.

– Isso não é verdade – declaro. – Não o desiludiste. Não dês ouvidos à Imogen. Eu conhecia o teu pai há muito mais tempo do que ela. Amei-o, tive filhos com ele, partilhava as refeições com ele, discutia com ele, até cheirava as bufas e lavava as meias sujas dele. Conhecia-o como ninguém e sei, sem sombra de dúvida, que não o desiludiste e que ele não teria vergonha de ti.

Os olhos juvenis da minha filha perscrutam-me com uma expressão hesitante: não sabe bem se deve acreditar em mim; está a perguntar-se se disse o que disse por ter pena dela e querer ajudá-la ou porque o pai realmente nunca teria vergonha dela.

– Eu fazia umas cenas maradas quando comecei a namorar com o teu pai – digo-lhe eu.

– Drogas? – pergunta ela, perplexa. Mais pelo facto de ser eu a tomá-las do que pelas drogas em si, calculo.

– Não – respondo. – Nunca consumi drogas. E tu também não deves fazê-lo. Não, mas era estúpido e potencialmente perigoso.

O Fynn observa-nos, e relembro o que me disse na rua e como o ataquei.

– Bem, o teu pai descobriu. Confrontou-me, disse que me amava e que queria que eu procurasse ajuda. Nunca, mas *nunca* o ouvi falar ou agir como se sentisse vergonha de mim. Podia, mas não o fez. Quando amamos alguém,

é preciso muito para sentirmos vergonha dessa pessoa. Ele adorava-te. Devias ter visto o orgulho dele quando nasceste. Ligou a toda a gente que conhecia, mesmo a pessoas com quem já não falava há anos, a contar a boa nova. Obviamente, isso não caiu nada bem à mulher com quem ele viajava quando me conheceu. Quase *rebentou* de alegria ao receber aquela chamada, como podes imaginar. O que eu quero dizer, Phoebe, é que não basta um erro para o teu pai se envergonhar de ti. Ia afligir-se ao ver-te numa situação destas e por teres de tomar uma decisão tão difícil, mas não ficaria desiludido com a escolha que tomares se for a mais acertada para ti.

A Phoebe não diz nada, mas acho que acreditou nas minhas palavras. Tranquilizaram-na um pouco, porque se lembra de como o pai era, de quem era o Joel.

– Anda, vamos para casa. A tia Betty está preocupadíssima. Ficámos todos.

– Gostavas da pinga, era isso? – pergunta ela quando nos levantamos do chão.

– Não. E não vou dizer-te o que era, por isso, escusas de perguntar.

– Achas que sou uma galdéria? – pergunta ela.

– Não – respondo. – Não acho isso de ninguém. Não é coisa que se chame a ninguém. O que escreveram sobre ti é horrível e completamente falso.

Algo muda entre nós, algo etéreo como o ar mas tão tangível como os nossos corpos, e a ligação recém-estabelecida quebra-se, ficando as múltiplas fraturas visíveis a olho nu.

– Foste ao meu Facebook? Apesar de teres prometido que não ias? Já devia saber que não podia confiar em ti.

– Phoebe, podes confiar em mim. Eu não prometi não ir ao teu Facebook, ao Twitter e a tudo o mais; disse que não ia ver a menos que fosse necessário. E foi, precisava de saber o que tinham escrito sobre ti para poder ajudar-te. O professor Broms...

– Também deve concordar com eles, não?

– Não, claro que não.

– E porque não? Toda a gente concorda. Todos pensam que sou uma rameira e uma prostituta e que foi uma estupidez deixar-me engravidar e que devia fazer tudo para me livrar do problema. Porque não haviam, tu e ele, de pensar o mesmo?

– Só gente estúpida e profundamente perturbada que se esconde atrás de um computador para dizer essas coisas é que pensa assim. Quem te conhece e gosta de ti não pensa assim.

– A Imogen pensa.

– A Imogen é um caso diferente.

– Diferente como? Disse o mesmo que os outros, só que com palavras mais bonitas. No fundo, é tudo o mesmo. Até tu ficaste zangada quando soubeste.

– Eu tenho o direito de me zangar, Phoebe – retruco. As memórias do que pensei e senti naquele momento não são fáceis de recuperar, e fogem-me como água por entre os dedos.

– E não acho que estivesse zangada – digo-lhe. – Fiquei chocada e depois desapontada, porque parecia que a minha filha linda e inteligente, que um dia ia brilhar na universidade e mudar o mundo, via subitamente a vida a tomar um rumo completamente diferente. Tenho o direito de me sentir assim e de me esquecer por uns minutos de que ter um filho não significa que não se possa fazer tudo isso, ou que fazer um aborto significa ficar marcada para toda a vida, ou que dar um bebé para adoção significa que não poderemos vê-lo no futuro. É compreensível que me esqueça de tudo isto por uns instantes e que reaja de uma forma menos perfeita a uma das notícias mais chocantes que já recebi na vida. É próprio da natureza humana.

– Mas eu não, pois não, *mãe*? – retalia ela. – Eu não sou humana. Tenho de ser sempre perfeita, tenho de fazer sempre tudo bem, ou, então, é o fim do

mundo.

Já não está a falar da gravidez, está a falar do dia em que o Joel morreu. Do que fez no dia em que a fotografia que tenho escondida no quarto foi tirada.

– Ninguém espera que sejas perfeita, Phoebe. Nunca exigi isso de ti.

– Pois sim. Cometi um único erro e tu ages como se isso fosse razão para meteres o nariz nas minhas coisas.

– Eu não meto o nariz nas tuas coisas, Phoebe. Só fui ver porque estava preocupada contigo. E o acordo, quando abriste essas contas na Internet e quando te devolvi o telemóvel, era que podia verificá-los sempre que fosse necessário.

– Pois, como se eu pudesse confiar em ti para respeitares um acordo.

– *Tu* não podes confiar em mim? – replico. – E eu, achas que posso confiar em ti? Sempre que confio em ti fazes uma das tuas e dás cabo dessa confiança. Hoje mesmo. Disseram-te para não saíres da escola sem mim e tu desapareces com outra pessoa. Antes de te questionares se podes ou não confiar em mim, pensa bem se posso confiar em ti.

O Fynn, que deve ter ouvido esta a última parte pois estamos mesmo ao pé do carro, abre a porta e sai porque a conversa começou a descarrilar.

– Acho que é melhor acalmarmo-nos todos – intercede ele. – Deixem-me levar-vos a casa para poderem sentar-se à mesa a discutir o assunto.

– Não. Obrigada, mas não – digo eu antes que a Phoebe possa protestar por ter de ir no carro comigo. – Importas-te de levar a Phoebe a casa? Eu chamo um táxi.

O protesto da minha filha, já patente no rosto dela, morre antes de começar, substituído por outra expressão: incredulidade.

– Não sejas pateta – diz o Fynn.

– Não estou a ser pateta – respondo. – Acho que a Phoebe precisa de passar algum tempo com o tio Fynn e eu preciso de ir a pé para casa ou de

chamar um táxi. Não vou entrar no carro para ser ignorada. – Estou a falar com os dois, não estou disposta a deixá-los agir como se eu não existisse.

A minha filha está genuinamente surpreendida e parece-me vislumbrar também uma ponta de admiração. Amo-a de todo o coração e sinto-me muito, muito aliviada por estar bem, mas, neste momento, não quero estar com ela. E o mesmo vale para o Fynn.

– Amo-te muito, Phoebe – digo-lhe. Apetece-me apertá-la nos braços enquanto lhe digo isto. Apetece-me cingi-la e fazê-la perceber que, tal como da outra vez, estou disposta a tudo para a proteger. Ela é que não me deixa. Construiu à sua volta uma muralha intransponível. Há limites que não quer que ultrapasse neste momento e tenho de respeitar isso.

A Phoebe entra no carro sem dizer uma palavra.

– Eu certifico-me de que ela entra em casa – afirma o Fynn.

Aceno-lhe. *Amo-te*, articulo eu em silêncio quando ele se vira para entrar no carro. *És o meu melhor amigo e eu amo-te muito.*

Não suporto ficar a vê-los a afastar-se no carro. Em vez disso, deixo-me cair no chão, inclino a cabeça e entrego-me à agonia que cresce dentro de mim.

9 semanas depois *Daquela Dia* (dezembro de 2011) – Naquele dia de manhã não fui às aulas – disseme a Phoebe, hesitando entre cada palavra. – Faltei para ir ter com a Molly à cidade, porque ela tinha sido suspensa. Um dos amigos do pai viu-me e ligou-lhe. O pai apanhou-me antes de eu encontrar a Molly. E a amiga deu-lhe boleia. Esperou por ele no parque de estacionamento do centro comercial até ele me encontrar e, a seguir, levaram-me à escola e o pai entrou comigo e entregou-lhes uma justificação a dizer que eu tinha ido ao dentista. Disseme que não gostava de mentiras, que era a última vez que fazia aquilo e que te ia contar tudo à noite e que eu estava metida num grande sarilho. Mas que, daquela vez, não queria que eu tivesse problemas na escola se promettesse não voltar a fazer o mesmo.

– Não percebo.

– A tua taça misturadora, mãe. O pai comprou-a nesse dia. Estava no banco traseiro do carro da amiga, estive sentada mesmo ao lado dela.

– No carro da amiga?

– Sim, era uma colega do curso de culinária. Ele disse-me que te explicava tudo depois, por isso, eu não devia dizer nada.

– Mas não estou a ver porque é que esperaste tanto tempo para me contar isto.

– A tua taça misturadora. Estava no carro dela. E depois apareceu na mala do carro do pai.

De repente, percebi o que estava a tentar dizer-me: nessa manhã o carro do Joel estava na oficina para um serviço de manutenção e não chegou a sair da oficina antes de matarem o meu marido. A oficina ficava a vários quilómetros e lá lembravam-se de ele ter ido buscar o carro antes de estar pronto. Lembravam-se de lhes ter dito que queria guardar a taça misturadora na mala do carro, porque tinha de ir buscar o telemóvel que perdera. Mas não se lembravam de como tinha chegado nem de como partira, só que não tinha voltado como disse que faria.

Obviamente, tinha sido a “amiga” a conduzi-lo à oficina. Provavelmente, fora a “amiga” a levá-lo até ao telemóvel. Mas a polícia nunca chegou a descobrir o paradeiro do telemóvel “perdido” antes de o Joel o ter recuperado, porque devia estar desligado. E, quando localizaram o sinal, verificaram que tinha estado ligado pela última vez na Montefiore Road, onde ele morreu. E, como estava ao lado dele, e não havia impressões digitais para além das suas dedadas ensanguentadas, a coisa não dera em nada. Mais um beco sem saída no mistério da morte do meu marido.

A polícia verificou os registos das chamadas e toda a gente da lista que lhe tinha ligado nesse dia (eu incluída) possuía um álibi. Aparentemente, ninguém o tinha visto para além da família. Mas agora sei que, pelo menos,

duas pessoas não estavam onde diziam estar: a Phoebe e a “amiga” dele. A tal Audra.

Fora ela. Era ela a assassina. Tinha mentido à polícia sobre o motivo da conversa que nessa manhã tivera por breves minutos com o meu marido e, depois, voltara a mentir sobre o seu paradeiro. Se tivessem verificado o álibi, teriam percebido que era falso. E a Audra sabia que a Phoebe lhes tinha mentido, que não lhes tinha falado sobre ela, porque não voltaram a interrogá-la.

– Vais contar à polícia? – perguntou a Phoebe.

– Acho que tenho de o fazer.

– Mas eu vou ter problemas porque não contei a verdade logo de início.

– Não vais nada, Phoebe, não fizeste nada de mal.

– Mas e se eles pensarem que fui eu?

– Eles não vão pensar uma coisa dessas, Phoebe.

– Não, mãe, por favor.

– Mas, Phoebe...

– Por favor, mãe, não contes. Por favor, por favor, por favor. Por favor.

Por favor. Por favor. Tenho medo. Tenho tanto medo.

– Phoebe, não podemos...

– Por favor, mãe. Desculpa, mas por favor, não contes.

– Chhh, chhhhh. Não falemos agora do assunto. Vai correr tudo bem, eu vou fazer com que tudo se resolva.

Parecia aterrorizada. Já estava tão traumatizada e já se sentia tão culpada pelo que tinha feito, por pensar que tinha sido a causadora do que acontecera ao pai, que não me senti capaz de a obrigar a falar com a polícia. Claro que ia contar-lhes tudo na mesma, não tinha outro remédio. Mas depois o agente começou a falar sobre prostitutas, a sugerir que o Joel pudesse ter tido uma vida secreta, e eu soube que iriam destruir a minha filha, já tão fragilizada. O interrogatório – brutal, grosseiro, impiedoso – seria mais do que ela podia

suportar naquele momento. Por isso, tomei a decisão, uma que sabia que o Joel aprovaria, de proteger a nossa filha custasse o que custasse.

Espero pelo táxi diante dos portões do cemitério, abatida de mais, esgotada de mais para rezear os fantasmas deste lugar. E o que tenho eu a rezear, com o Joel aqui? Queria ser cremado e que espalhassem as cinzas dele no mar, diante da cabana de praia, mas até isso nos foi negado. Tratando-se da vítima de um homicídio por resolver, não pudemos fazê-lo. Foi uma das condições para nos devolverem o corpo quatro meses depois da morte dele: concordámos que podiam exumá-lo sempre que fosse preciso fazer mais exames. Tivemos de concordar deixá-lo descansar em paz de uma forma socialmente aceitável, mas não para nós.

A campa situa-se um pouco mais adiante no caminho sinuoso que atravessa o cemitério. Subimos por algum tempo e depois viramos na direção do lago. Ficou à sombra de uma árvore, não muito longe da água. Foi o melhor que consegui fazer, já que não pude espalhar as cinzas dele.

Não venho aqui muitas vezes.

É de mais para mim. Sempre que aqui venho, sou assaltada pelas memórias dele que, ao contrário das poças no tempo com as quais convivo diariamente, me encham a cabeça, o corpo, o coração, todas ao mesmo tempo. Sinto-me repleta da presença dele, num voraz festim de memórias. Não consigo separá-las, revivê-las e nem sequer contemplar a ideia de as apreciar. É uma massa homogênea que se apodera de mim. Geralmente, fico parada à beira da campa, incapaz de fazer o que quer que seja a não ser deixá-las tomar conta de mim.

Quando me afasto, as memórias são-me arrancadas de forma abrupta e malévola e regresso a casa vazia. Não como depois de uma purga, nem como o vazio que sentia depois de ter relações sexuais com o Fynn. É um vácuo absoluto, petrificante, no âmago do meu ser, que nada pode preencher, porque o que de lá foi retirado jamais poderá ser substituído.

Vir aqui é de mais para mim, por isso, evito-o o mais que posso.

XLV

Geralmente, uso a aldraba de latão com a forma de uma cabeça de leão, porque me permite modular o volume de som, fazer-me anunciar sem incomodar ninguém. Mas, neste momento, estou-me nas tintas para quem vou incomodar com a minha visita: carrego na campainha com insistência, produzindo um toque estridente que ecoa pela casa.

O rosto inquieto da Imogen, uma oval de cabeleira loira, espreita por detrás da porta.

– Saffy? – diz ela, surpreendida. – Está tudo bem contigo?

– Hum... nem por isso, podemos falar dentro de casa uns minutos?

– Claro – responde ela. Não lhe ocorre que sei o que fez à minha filha. Se se deu conta disso, não me parece muito preocupada com a minha reação. Mas a Imogen não me conhece. Sou quem ela quer ver, a viúva que ela menospreza e ignora e que faz o que ela acha melhor. Talvez ande tão iludida que pensa que vim pedir-lhe desculpa por lhe ter virado as costas no supermercado no outro dia.

– Anda à cozinha! Estava a preparar as sandes do Ernest para amanhã! Estão todos lá em cima, agarrados aos seus vários aparelhos eletrónicos! – papagueia. Só agora reparo em como está sempre a tagarelar, como se não conseguisse tolerar o silêncio e tivesse de estar constantemente a preenchê-lo com palavras e frases exclamativas. Gesticula de forma exagerada, agitando-se ao ritmo do movimento das mãos.

A luz forte da cozinha ofusca-me quando entro atrás dela vinda do corredor sombrio, detendo-me momentaneamente à porta da divisão com os seus módulos em madeira de ácer, bancadas de granito negro e a grande mesa retangular ao centro, onde tomam o pequeno-almoço. Quantas vezes não vim buscar o Zane depois de ter passado cá a noite e o vi sentado nesta cozinha,

perfeitamente integrado no quadro familiar dos Norbet como se fosse um deles. É isto que mais me dói na traição da Imogen: ela conhece a minha família, não é uma daquelas pessoas sem rosto da Internet que podem dizer o que lhes apetece graças ao anonimato cobarde e ignorante que comunicar através de um computador lhes proporciona; não é uma daquelas pessoas que desata a fazer discursos apaixonados sobre qualquer coisa sem conhecer as histórias individuais. Conhece a Phoebe, sabe o que ela sofreu e é capaz de *usar* o trauma da minha filha para tentar manipulá-la.

– Que posso fazer por ti? – pergunta-me ela. Regressou à zona da bancada adjacente ao lava-loiça. Os componentes para as sandes de fiambre estão dispostos na tábua de cortar à frente dela: a embalagem de celofane que protege o fiambre orgânico encontra-se parcialmente aberta e duas fatias cobrem já uma fatia média de pão integral, também ele orgânico. A parte de cima do pão está ao lado, pronta a ser colocada no seu lugar. A alface orgânica pré-lavada aguarda numa embalagem ainda selada, ao passo que os tomates-chucha jazem na tábua de madeira, já cortados em rodela e prontos a juntar-se ao fiambre. É isto que me faz perder a cabeça, como um agarrado a curtir uma *trip* de pesadelo. Antes de entrar aqui, provavelmente, teria sido capaz de travar uma conversa calma e racional com a Imogen, podia ter tido uma discussão com ela sobre o que fez. Mas ver esta normalidade, ver que regressou à rotina de sempre como se não tivesse feito nada de extraordinário hoje, é de mais para mim. Provavelmente, nunca mais terei uma vida normal e, por muito que me custe aceitar esse facto, estou a aprender a fazê-lo, mas a Imogen não possui esse tipo de preocupações. Sente-se no direito de fazer mal às pessoas, porque acredita ter a razão do seu lado, e isso permite-lhe voltar para casa, jantar com a família e preparar sandes como se nada fosse.

A tranquilidade e o descaso com que praticamente destruiu a minha filha despoletam algo dentro de mim e os meus olhos começam a vasculhar freneticamente a cozinha em busca de qualquer coisa. Sei onde está na minha,

mas no desconhecido familiar da cozinha dela demoro um minuto a localizar o telefone fixo negro, de linhas elegantes, a descansar no seu discreto suporte metalizado. Deito-lhe a mão, ouvindo o sinal quando o retiro do suporte, e lanço-o à Imogen. Perplexa, ela inclina-se e apanha-o desajeitadamente.

– Chama a polícia – digo-lhe eu com toda a calma.

Ela não fala, não faz o que lhe disse, limita-se a recuar um pouco e a franzir o sobrolho. Pouco a pouco, franze os lábios com uma expressão confundida.

– Não estou a brincar. Chama a polícia, diz-lhes que há uma mulher em tua casa prestes a dar cabo de tudo.

A Imogen faz um esgar de perplexidade em reação às minhas palavras.

– *Pensas que estou a brincar, porra?* – forço as palavras através dos dentes cerrados.

Raramente utilizo palavrões, raramente reajo desta forma a seja o que for. A minha raiva é geralmente interna. Mesmo quando devia deitá-la cá para fora, apontá-la a um alvo específico, geralmente dirijo-a contra mim própria, guardo-a cá dentro, recalco-a, fico a remoê-la até ter de a silenciar da única forma que conheço.

– Não penses que podes vir a minha casa, meter-te na vida da minha família e rebentar com tudo sem que eu te faça o mesmo.

– Eu não rebentei com nada – replica ela, ofendida e perplexa.

– Não te ocorreu que a conversinha que tiveste com a minha filha podia rebentar com ela, deixá-la de rastos? – interrogo eu a subir de tom. – Dar-lhe ideias suicidas?

A Imogen apressa-se a fechar a porta da cozinha para que a família não ouça o que andou a tramar entre o pequeno-almoço e a hora de jantar.

– Ficou tão alterada depois de falar contigo que até pensou em atravessar-se à frente de um autocarro para resolver o problema.

– O quê? Não, não por nada do que eu lhe tenha dito.

– A minha filha pensou matar-se para não continuar a desiludir o pai e para que ele não sentisse ainda mais vergonha dela.

– Entendeu mal. Obviamente, não percebeu o que eu queria dizer.

A Imogen é que não percebe, acha que pode desenvencilhar-se disto com uma desculpa mal-amanhada que responsabiliza a vítima dela. Pode safar-se de muita coisa, mas tentar culpar uma criança pelas suas próprias ações liberta um tufão de raiva dentro de mim.

– CHAMA A MERDA DA POLÍCIA! – grito eu. – JÁ!

A Imogen começa a tremer ao dar-se conta do que fez, do que quase levou alguém a fazer. Aperta-se contra a porta com a mão à frente da boca.

– Ela está bem? – pergunta ela por entre os dedos. – Diz-me que não se magoou, por favor.

Dou um passo atrás. Aquelas perguntas, a preocupação por trás delas, são a cura para o meu furacão de raiva. Outro passo atrás coloca-me diante de uma cadeira. Faz sentido sentar-me, procurar acalmar-me.

– Não se magoou, mas não graças a ti.

– Oh, céus, eu não queria... – lamenta-se a Imogen. Arrasta pesadamente os pés ao atravessar a divisão e deixa-se cair na cadeira diametralmente oposta à minha. As persianas estão corridas e as cerejas vermelhas no fundo branco acrescentam uma alegria forçada ao espaço. É isso que é estranho na Imogen, esta casa e tudo o que ela faz... é tudo forçado, como se nada surgisse com naturalidade. As aparências são tudo e têm de ser alegres, enérgicas, positivas. *A toda a hora.*

Inspiro fundo e liberto devagar o ar dos pulmões. Sinto a cabeça a zunir com o que aconteceu nas últimas horas; ainda não parou de zunir depois de tudo o que aconteceu nos últimos dias, semanas, meses, anos. O meu cérebro não consegue relaxar.

– Que raio é que te passou pela cabeça? – digo-lhe. É um contorno indistinto, encolhido numa cadeira mesmo no limite da minha visão

periférica. Se olho diretamente para ela, ainda me ponho a imaginar aquela boca a mexer-se, a atormentar a minha filha, e perco outra vez as estribeiras.

– Saffron – começa ela num tom fingido, condescendente, sem se dar conta de como está perto de provocar novamente a minha ira –, vê se entendes: o que ela ia fazer é imoral. Alguém tinha de lhe explicar isso. Se não fosse eu, ninguém o faria. Não pensei que a deixasse tão perturbada. E peço desculpa por isso. Só queria levá-la a pensar sobre o assunto. A pensar *bem* no que ia fazer. Não faz ideia de como a pode deixar marcada para toda a vida.

– Marcada ou não, pelo menos, ainda estaria viva. E quantas vezes tenho de te dizer: ainda nada foi decidido. E, mesmo que tivesse sido, *não é da tua conta*.

A Imogen foi testemunha de como, após a morte do Joel, não conseguíamos raciocinar, comer, mal dormíamos. Viu como a Phoebe sofreu e ainda sofre. Viu a personalidade do Zane a desvanecer-se, oculta sob camadas de medo, silêncio e incerteza. Esteve presente, assistiu a tudo isto e, mesmo assim, é capaz de fazer uma coisa destas à minha filha.

– É da minha conta, sim senhora. O aborto é imoral, nem sequer devia ser uma opção. Nunca voltará a ser a mesma. A tua filha tal como a conheces desaparecerá para sempre e eu quero salvá-la, e salvar-te a ti, desse destino.

– Sabes lá como é que ela se vai sentir depois de um aborto ou se tiver o bebé? Ninguém sabe.

– Garanto-te que sei! – insiste ela.

– E como é que sabes? Tens alguma bola de cristal que te diz como toda a gente no mundo se vai sentir depois de cada decisão?

– Não! – dispara ela.

– Então poupa-me. Se não tens o poder incontestável de prever o futuro, para com isso.

– Sei, porque fiz um, está bem? E não há dia que passe que não me sinta

um trapo por causa do que fiz.

Volto a examinar as cerejas nas persianas, observo as canecas de cores vivas penduradas em ganchos metálicos aparafusados à base dos armários de parede ao lado da chaleira, as tábuas de cortar de várias cores alinhadas contra a parede na bancada à direita. Para evitar encará-la e a esta confissão que, decerto, não contava fazer, estudo a divisão, digerindo a imposta jovialidade que parece gotejar de todos os elementos visíveis da vida deles. *Acreditas mesmo que o aborto é condenável, Imogen?... Então, não faças nenhum*, ouço-me dizer. Não fazia a mais pequena ideia.

– Voltei a engravidar muito depressa a seguir ao Damien – diz a Imogen.
– Nem queria acreditar, ainda estava a amamentar e pensei que tínhamos sido cuidadosos. Mas, seis meses depois do Damien, engravidei outra vez. A princípio, o meu marido, o primeiro, agia como se estivesse tudo bem, dizia que estava contente, mas via-se que não estava. Eu sabia que ele andava preocupado com as finanças da casa, porque uma gravidez significava que eu não podia regressar ao trabalho tão cedo como esperávamos. Não que me importasse com isso, mas, quanto mais discutíamos o assunto, mais eu via que ele tinha razão. Não podíamos mesmo ter outro... Eu não queria fazê-lo, mas era a única forma de conservar o meu marido. Sabia que, se não o fizesse, ele acabaria por me deixar e não suportava a ideia de ser mãe solteira. As crianças precisam de dois pais. O Damien merecia o melhor e eu sozinha não podia proporcionar-lho.

Interrompe-se para respirar. Ainda não consigo olhar para ela, pelo que continuo a fixar as cerejas nas persianas.

– Então, acabei por fazê-lo e... passei uma semana inteira a chorar. Fui-me completamente abaixo. Senti que tinha deixado ficar mal o Damien. A partir daí, nada voltou a ser como dantes e nunca perdoei o meu marido por me ter obrigado a fazê-lo. – Ouço-a fungar e sinto-a a esfregar o nariz, a tentar enxugar as lágrimas com a ponta dos dedos. – O pior de tudo é que o

sacana me deixou à mesma. Teve um caso com a primeira sirigaita que se atirou a ele e saiu de casa. Nunca o devia ter feito por ele. – Volta a fungar e a limpar as lágrimas. – Como vês, eu *sei* do que estou a falar, *percebo* as consequências de um ato desses.

– Não, não percebes – respondo eu calmamente. Sinto-me horrível por ela, mas o que esta mulher fez à minha filha ainda me ferve no peito. – Lamento imenso, *imenso* o que tu passaste, Imogen. Deve ter sido terrível, mas a única coisa que tu sabes é a forma como isso te afetou a ti. Lá porque te sentiste assim não quer dizer que seja igual para toda a gente.

– Como não? – replica ela. As lágrimas evaporaram-se e voltou àquela sua atitude de quem tem sempre razão sobre tudo.

– Oh, vá lá, Imogen. As pessoas são todas diferentes, reagem todas de forma diferente. Sabes perfeitamente disso. Não és a Phoebe, não podes saber como vai sentir-se, quer avance com a gravidez, quer não.

– Desculpa, mas acho que...

– Se tivesses 14 anos quando abortaste, talvez pudesses perceber melhor a situação dela – interrompo. – Se tivessem assassinado o teu pai quando tinhas 12 anos e a polícia ainda não tivesse apanhado o assassino, estarias mais perto de a entender. Se tivesses uma mãe à beira de um esgotamento nervoso desde que o teu pai morreu, estarias um pouco mais perto. Se um filho da mãe te tivesse mentido para se aproveitar de ti e isso resultasse numa gravidez que nunca desejaste, talvez estivesses um pouco mais perto. Mas tu não foste, nem és, nenhuma destas coisas, por isso, não podes saber como ela vai reagir. Ninguém pode prever o que ainda não aconteceu, nem mesmo a própria Phoebe. Por isso, vamos pôr um ponto final neste assunto, sim?

– Saffron...

– A menos que estejas prestes a dizer “Saffron, lamento ter sido indescritivelmente vil para com a tua filha, vou pedir-lhe desculpa e dizer-lhe que estava enganada”, é melhor não terminares essa frase.

– Espero que alguém consiga chamar-te à razão antes que deixes...

Sinto a raiva a ferver-me nas veias, a queimar-me os músculos e a incendiar-me o peito quando me irrompe pela boca.

– AFASTA-TE DA MINHA FILHA! AFASTA-TE DE MIM! PARA A PRÓXIMA, NÃO TE DOU A OPÇÃO DE LIGAR PRIMEIRO À POLÍCIA!

– Nunca gritei desta forma. Estou-me nas tintas para quem possa ouvir-me, não importa quem possa assustar-se com as minhas palavras. Tudo o que importa é que a Imogen compreenda de uma vez por todas. É-me indiferente aquilo em que acredita, é-me indiferente que espere que toda a gente faça como ela diz e não como ela faz. Só quero que entenda que, se volto a ouvir a minha filha falar de suicídio, de desaparecer para sempre, por causa de qualquer coisa que ela disse, será o fim da Imogen. – FAÇO-ME ENTENDER?

Apesar da postura rígida, tem os olhos verde avelã fixos em mim ao acenar com a cabeça.

Isto é o que eu sei sobre ela: a Imogen usa maquilhagem todos os dias; vai ao cabeleireiro todas as semanas; começou a frequentar a igreja para conseguir inscrever o filho na St. Caroline devido à sua posição excelente no *ranking* das escolas, embora fique tecnicamente fora da área de residência dela; e gere a casa com uma precisão militar.

Isto é o que ela não sabe sobre mim: já fiz coisas impensáveis para proteger a minha filha; seria capaz de tudo para proteger os meus filhos; se tivesse de escolher entre prejudicar a Imogen e permitir que acontecesse algum mal aos meus filhos, não pensaria duas vezes.

– Já estava para ir à tua procura. Estava preocupado.

Não quer estar comigo, não quer falar comigo, mas estive aqui horas à espera que eu chegasse a casa. Sinto uma dor no peito ao pensar nisso, ao pensar nele.

– Obrigada – digo eu. – Por teres ido comigo buscar a Phoebe, por teres

trazido a minha filha para casa e por teres ficado à minha espera. E por estares preocupado.

Continua a evitar-me, olha em frente enquanto falo.

A caminhada até casa não me ajudou a espairecer as ideias, só serviu para me deixar ainda mais zonzá, com a sensação de estar à deriva no oceano, agarrada a um pedaço de madeira, arrastada para cá e para lá ao sabor das marés, de uma vontade que não a minha. Tenho de cozinhar qualquer coisa. Ou de comer qualquer coisa. Preciso de algo que afugente este excesso de realidade que me assalta de todos os lados. Uma conversa com o meu melhor amigo podia ser a solução.

– Fynn...

Os olhos azuis-marinhos dele imobilizam-me. Frios, implacáveis, a avisar-me para não o fazer, para não *ir por aí*. O assunto está morto e enterrado e cada um de nós tem de seguir o seu caminho.

– Nada. Vemo-nos por aí.

– Cuida-te – responde ele, voltando a fitar o para-brisas. Afasta-se no carro sem outro olhar na minha direção.

Entrar em casa parece um esforço grande de mais para mim neste momento. Sento-me no quarto degrau de pedra com a mala no colo e o ar frio da noite a entranhar-se na minha pele. Sei que *ela* deve andar por aqui algures, a observar-me de onde quer que esteja. Mas, se entro agora, não terei forças para me impedir de atacar o frigorífico e a despensa. Vou precisar de afugentar todas estas emoções, toda esta dor, e não quero fazê-lo. Tenho de o fazer, mas não quero. Não posso evitá-lo por muito mais tempo, mas ficar cá fora vai permitir-me adiá-lo um pouco.

Ouçó o carro antes de o ver. Tem um rugido familiar, uma cor verde característica dos carros de corrida britânicos, um condutor de olhos azuis-marinhos que olha na minha direção e sustenta o meu olhar. Lança-me um meio sorriso angustiado, mas afetuoso, antes de acelerar rua acima.

Volta, peço-lhe mentalmente. Quero fazê-lo outra vez.

PARTE X

Segunda-feira, 13 de maio
(Entregue na terça-feira, dia 14)

Saffron,

Acho que pode ter sido bom o Joel não ter vivido para ver o que se está a passar. Com que então, a sua preciosa, a sua adorada filha é tão porca como a mãe. Ele ficaria desolado.

Eu nem sabia que ela estava grávida. Queria apenas que visse o mau serviço que lhe presta, como é incapaz de a proteger de todas as pessoas com más intenções que existem por aí. Tem ideia de como é fácil fazermo-nos amigos dos amigos dela nas redes sociais? Fácil de mais. Nem sequer se dão ao trabalho de verificar a identidade da pessoa antes de a incluírem na rede de “amigos”. A Phoebe rejeitou sempre os meus pedidos, mas os amigos dela não se fizeram de rogados. Limitei-me a lançar o boato, a espalhá-lo na rede, e qual não é a minha surpresa quando verifico que, afinal, é verdade. É uma porca, tal como a mãe.

Não consegue manter as pernas fechadas.

Como já disse, talvez seja bom ele não estar vivo para assistir a isto. Ficaria desolado.

Há lições que só se aprendem da forma mais difícil. Lamento, Saffron, mas acabou de aprender uma. E desconfio que ainda lhe falta aprender umas quantas mais.

A

XLVI

Na minha fantasia, não estou aqui. Estou à beira-mar.

Na minha fantasia, a praia não é um sítio onde vou para explorar os meus impulsos de acabar com a dor. Nesta fantasia, estou sentada na cabana de praia, com as portas escancaradas. Desdobrámos a mesa de campismo, com o seu tampo de fórmica estalado e a soltar-se da orla metálica. Temos cadeiras de lona, quatro no total, mas espaço para cinco pessoas porque uma das cadeiras é dupla. Nesta minha vida perfeita, estou aninhada no colo do meu marido, reclinado na cadeira dupla, a suportar o meu peso nas suas longas pernas, e sou substancial, autêntica, mas não enorme e grotesca como muitas vezes me sinto. Ele tem um braço à volta da minha cintura e, com a outra mão, brinca com o meu cabelo. A minha filha mais velha está sentada com as pernas encolhidas debaixo do corpo e interrompe ocasionalmente a leitura de um livro para enviar SMS. O meu mais novo está sentado lá fora no pavimento irregular, diante da sua cadeira de lona, a organizar laboriosamente uma pilha de pedras, conchas e búzios por categorias.

Na minha mente aportei aqui, à minha praia, com o mar a subir e a descer a areia para nos saudar como uma criança turbulenta, maravilhada com a quantidade de pessoas que vieram visitá-la. Há pessoas a passar de cá para lá, rumo a outras paragens, mas nós estamos juntos no nosso casulo, no nosso pequeno mundo, onde as nossas vidas se encaixam de tal forma que, de perto ou de longe, a imagem é a mesma: um quadro completo. Somos uma família.

Na vida real, estou aqui. Deixo cair o roupão cinzento-claro aos meus pés quando o dispo para entrar no chuveiro. Em vez da costumeira pressa de entrar para evitar o reflexo ténue do meu corpo no vidro manchado de calcário do cubículo do chuveiro e o espelho de corpo inteiro atrás da porta, detenho-me. O ar entra e sai dos meus pulmões, que forçam o meu peito a

expandir-se e a contrair-se, dando-me coragem. Há muito que não faço isto. Peso-me todos os dias, mas tenho evitado isto. Tenho-me empanturrado repetidas vezes até já não poder mais e forçado o vômito a seguir, mas tenho-me furtado a isto. Dou por mim a apalpar constantemente aquilo que está a mais no meu corpo, a sentir entre os dedos esse excesso repugnante, mas disto afasto-me como o diabo da cruz.

Primeiro, viro-me para o reflexo fantasmagórico no vidro do cubículo do chuveiro. Está cheio de marcas de calcário porque era o Joel que costumava limpar as casas de banho. Não o tenho feito com a mesma regularidade que ele.

Vejo uma versão muito esbatida de mim própria e não é o que esperava. A julgar pelos números da balança, pelas quantidades pantagruélicas que entram e saem do meu organismo, pelo que sinto ao toque, esta não devia ser a minha silhueta. Devia ser mais gorda, muito mais gorda.

– *Pensei que tinhas parado com isto, Ffrony. Disseste que não precisavas de ajuda e prometeste-me que ias parar com isto.*

– *Mas tu és magra.*

Ouçó estas palavras a toda a hora, estão sempre comigo, no infindável torvelinho de pensamentos, emoções e memórias que ouçó constantemente dentro da minha cabeça.

Lentamente, descrevo uma volta completa diante do espelho, revelando pouco a pouco quem sou quando despojada de tudo o resto.

Na minha fantasia, esta não é quem eu sou. Sou um todo, perfeita, uma mulher segura de si. A forma do meu corpo é irrelevante, os números na balança são irrelevantes, pois sou um ser completo. Esta casca exterior não é importante, só importa o que tenho cá dentro. Serei amada aconteça o que acontecer, serei acalentada, respeitada, e desejada. Nesta vida perfeita, não dependo da flutuação dos números na balança digital, não sinto necessidade de devorar tudo o que encontro pela frente e purgar-me logo a seguir, de ir

até às últimas consequências só para poder voltar a sentir-me vazia. Sinto-me lúcida e livre de peias e sei que comida não equivale a amor, não é uma recompensa, não é um castigo, não simboliza perfeição, controlo, não é uma compulsão, não é ódio, não é pecaminosa, não é uma das muitas coisas com que me torturo todos os dias. É apenas sustento.

Na minha existência fantasiada, sei que magreza não é perfeição. Não traz felicidade. Não constitui a solução para todos os meus problemas, não é onde tenho de estar para poder, finalmente, começar a viver. Querer ser magra é apenas outra forma de estar noutra sítio qualquer enquanto a vida à minha volta continua. Não é diferente de ser gorda. Avantajada. Corpulenta. Obesa. A magreza não tem o poder de mudar a minha vida, porque sou magra e não sou feliz. Controlo a minha dieta e o meu corpo e não sou feliz.

Na minha vida ideal, não é isto que eu vejo quando me olho ao espelho. Não me vejo magra e infeliz. Não vejo que, apesar de controlar o meu corpo, todos os seus elementos, não sou feliz. Quando me olho ao espelho na minha existência ideal, não vejo o único motivo sobre o qual eu e o Joel nos desentendíamos, não vejo que afinal o Fynn tinha razão.

No meu mundo paradisíaco, não recordo a voz interior que aos 19 anos decidi ignorar para poder retomar esta viagem rumo à magreza e não vejo com uma nitidez dolorosa porque me dividi em duas para conseguir sobreviver a mais um dia.

Muitas vezes choro no banho. Com o cabelo preso numa touca de plástico transparente, viro-me de frente para a grande cabeça metálica do chuveiro e deixo a água bater-me na cara, deixo-me embalar pelo ritmo que me escorre pelo corpo dorido e choro. Deixo-me sacudir pelos soluços, aperto-me a mim própria nos braços e deixo-me levar pela dor, com a respiração entrecortada, como os disparos repetitivos de uma metralhadora. Posso fazê-lo aqui a coberto do barulho da água a correr para que ninguém me ouça. Nunca estou sozinha tempo suficiente para chorar a sério, para me entregar completamente

às lágrimas, por isso, faço-o aqui, nos momentos mais privados de que disponho.

Quando me sinto exausta, cansada de chorar, quando digo a mim própria que chega por hoje, endireito-me. Obrigo-me a olhar em frente, liberto o corpo do meu abraço sufocante e abro os olhos pronta para enfrentar a realidade.

Hoje parece custar-me um pouco mais a recuperar, a arrastar-me para fora da fantasia onde anseio viver e regressar a esta vida. Nesta vida, destruí o meu corpo, é frequente doerem-me os dentes, que estão tão estragados que às vezes partem quando estou a comer flocos de cereais; não tenho cuidado da minha família fragmentada, assustada e frágil; perdi o meu melhor amigo. Dei cabo de tudo a tantos níveis. Leva mais tempo, mas, com determinação, abro os olhos e pego no resto do sabonete sem perfume que ainda deve chegar para lavar o corpo. Ao abrirem-se, os meus olhos, provavelmente vermelhos e inchados do esforço de chorar até não poder mais, levam algum tempo a focar.

Dou por ela assim que torno a ver com nitidez o mundo à minha volta. Possui um corpo cilíndrico, mas afilado; riscas pretas e amarelas perfeitamente espaçadas; quatro asas transparentes, frágeis e um ferrão na extremidade do abdómen.

9 anos antes *Daquele Dia* (maio de 2002) – Trata tu das aranhas e das lesmas, fofa, e deixa as vespas comigo.

– Mas é raríssimo haver vespas por aqui.

– Isso não quer dizer que não precisemos de um exterminador de vespas a tempo inteiro.

– Porque é que eu fico com duas pragas e tu só com uma?

– As vespas são mais perigosas, Ffrony.

Se aqui estivesse, ele ia achar um piadão a isto. As lesmas deram-me cabo das plantas, vejo aranhas e teias por toda a casa e agora isto. Não me lembro

da última vez que tivemos uma vespa dentro de casa.

– Patife – digo eu ao imaginar o sorrisinho trocista do Joel, onde quer que esteja. – Eras capaz de tudo para não teres de lidar com este tipo de coisas, não eras?

Olho fixamente para a vespa, a subir pelo chuveiro cheio de condensação como se estivesse a escalar o Everest.

Isto parece mesmo coisa do Joel. Era perito em lembrar-me que tenho de colocar os meus problemas em perspetiva. Neste momento, o meu maior problema não é nenhuma das coisas por causa das quais tenho estado a chorar, é conseguir sair do chuveiro sem ser picada.

– *Vamos ver como te safas desta, hã, Ffrony?*

XLVII

Estou sentada à mesa da cozinha com o caderno de apontamentos aberto à minha frente e uma esferográfica aninhada no vale entre as páginas como uma lagarta azul.

Escrevi: Comida não é amor.

e

Amor é amor.

e

Comida é comida.

e

Nada pode saber tão bem como o amor.

e

Tudo nos sabe bem quando amamos o que comemos.

e

Ama o que comes.

e

Come o que ama o teu corpo.

Acredito genuinamente em tudo isto. Sei tudo isto a um nível intelectual, sei o que tenho de fazer, sei que tenho de me visualizar a avançar na direção de uma cura para o meu mal, mas vivê-la é que vai fazer a diferença.

Se não me agarrar ao que tenho agora volta tudo ao princípio em menos de nada. Voltarei a ser a criança a quem a bem-intencionada mãe dizia para deixar de comer pão e comer mais fruta, a melhor amiga que era tão simpática e a quem o nome assentaria tão bem se emagrecesse, a funcionária que precisava de roupas especiais porque não havia uniformes que lhe servissem, a universitária em que ninguém reparava por ser gorda. Voltarei a ser gorda, feia, e um fracasso na vida. Mas também voltarei a ser a mulher

por quem o Joel se apaixonou. E a mulher que deixou cair as amoras, a quem a morte do marido quase destruiu porque não se tinha preparado para todas as eventualidades.

Em teoria, sei o que tenho de fazer. Emocionalmente, estou pura e simplesmente morta de medo. Mas, se registar estas coisas agora posso voltar a lê-las mais tarde, rever aquilo em que acredito. Pode ser que um dia se faça luz no meu espírito e no meu coração e seja capaz de mudar de rumo. Isto servirá para que mais tarde me lembre de que, quando entro em excessos, não consigo pensar com lucidez e neste momento preciso de pensar com lucidez.

Agora tenho pequenos pedaços do Joel à minha frente. Os rabiscos dele aproximam-nos, lembram-me de que é maior do que a sua morte, de que também já estive vivo. Era tanta, tanta coisa, e também era isto: uma coleção de receitas com os ingredientes de que mais gostava.

Adoro a letra divertida e inclinada dele, a forma como cruzava os tês, como arqueava os ésses, como alongava o jota maiúsculo, talvez por ser a letra mais importante para ele. Há apontamentos do Joel em pedaços de papel ao acaso, num caderno de apontamentos, em post-its de diferentes cores, formas e tamanhos. Algumas das folhas estão amarrotadas, outras vincadas em duas direções devido à forma como ele as dobrava.

Tenho andado à procura de uma combinação de sabores que, ao experimentá-los, me tragam à memória tudo o que havia de bom na minha vida com ele. Fecharei os olhos e os aromas tomarão conta dos meus sentidos, serei transportada para a época em que estávamos juntos. Serei a pessoa que é capaz de se olhar ao espelho sem medo de quem verá do outro lado a devolver-lhe o olhar. A mulher que é capaz de experimentar sentimentos menos agradáveis sem medo de que possam consumi-la. A pessoa que é capaz de lidar com as coisas. Com vespas no chuveiro. Com a mulher que vai tentar matar-me.

Se conseguir encontrar a perfeita combinação de sabores, estarei

novamente com ele. O Joel voltará para mim. Reencontrarei aquele amor que me fazia sentir segura e normal.

O Joel gostava de seguir as receitas tradicionais à risca, dando-lhes o seu toque especial. Ao contrário de mim. Eu estou sempre a experimentar coisas novas, a fazer misturas, a substituir um ou dois ingredientes para ver a diferença. Se sabem a ele. A nós. À vida que tínhamos antes *daquele dia*.

Tenho um mês inteiro para dedicar a isto, se assim o desejar. Posso fingir que está tudo bem com o mundo e perder-me entre as panelas e o forno, embrenhar-me nas minhas criações culinárias. Ou posso agarrar o touro pelos cornos e fazer face ao que se está a passar.

– O que é que fazes ainda de roupão? – pergunta-me a minha filha, apanhando-me de surpresa. Instintivamente, escondo os papéis com as mãos. Depois lembro-me de que é a Phoebe. Não alguém que vem ridicularizar o que estou a fazer.

– Tirei um mês de folga – respondo, e começo a juntar os papéis avulsos e os cadernos de apontamentos para tentar pô-los em ordem.

– Porquê? – pergunta ela.

Depois do veneno da noite passada, da forma como me falou, do ódio por trás das palavras, admira-me que não tenha feito as malas e saído de casa.

– É uma longa história – digo eu. Para ser sincera, também me surpreende ainda conseguir dirigir-lhe a palavra depois do que se passou ontem à noite. O que ela me disse feriu-me de formas que julgava impossíveis.

A minha filha traz o uniforme cinzento e azul-turquesa da escola, a mochila ao ombro, preparada para regressar às aulas. Pronta para enfrentar as palavras que dispararam contra ela. Não converso o suficiente com a Phoebe. Se não lhe digo aquilo em que estou a pensar, como posso esperar que ela o faça?

– Mas, resumidamente, a razão por que não fui trabalhar é que não tenho andado muito satisfeita no trabalho e, por isso, decidi ir falar com o chefe, o

Presidente. E *olá* se não vi mais do que esperava. – Estremeço. – Adiante... ele disse-me para tirar um mês de folga para considerar as minhas opções e aqui estou eu, a considerar as minhas opções.

– Vais levar-me à escola a seguir ao pequeno-almoço? – pergunta ela, desinteressada na minha história.

– Não. Acho que não devias ir à escola hoje. Nem durante uns tempos. Vou falar sobre isso com o Sr. Newton ao telefone, mas acho que devias ficar em casa.

– Mas eu quero ir às aulas.

– Andas a ser intimidada, Phoebe E, pelo que, vi é grave.

– Não podemos fugir dos brutamontes. Temos de enfrentá-los.

– Sim, tens razão – digo-lhe eu. – Mas sabes que mais? Às vezes, é melhor dar tempo ao tempo, recuar um pouco antes de voltar à luta. E melhor ainda é ter alguém do nosso lado.

– Sabes o que pareces quando dizes essas coisas?

– Phoebe, sei que vai contra tudo aquilo em que acreditas, mas ia sentir-me imensamente agradecida se pudesses fazer-me um favor.

– Que favor?

– Não vás à escola durante uns dias. Deixa assentar a poeira, deixa que a escola trate dos principais culpados, se conseguirem apanhá-los, e depois, se é mesmo isso que queres, podes regressar.

E, nessa altura, já lhe terei arranjado outra escola. Mesmo que isso signifique ter de voltar a ficar às ordens do Kevin para poder metê-la num colégio privado, a minha filha não voltará a pôr os pés naquela secundária.

Embora a Phoebe possa não se dar conta disso, tudo o que fizer daqui por diante e as reações das pessoas a isso, a ela, moldarão a opinião que tem de si própria durante muitos, muitos anos.

Uma coisa destas vai connosco para todo o lado. Parece desvanecer-se, ficar enterrada e esquecida e, quando menos esperamos, regressa para nos

atormentar, saída da boca de alguém que nem sequer nos conhecia na época, escrita a giz num quadro negro para toda a gente ver, repetida por um diretor de turma aos nossos pais. É impossível ultrapassar este género de coisas, resta-nos apenas fingir que não aconteceram, reprimi-las assim que surgem. Resta-nos continuar a viver da melhor forma possível com essa mácula na nossa psique.

Parte de mim tem origem em algo deste género, em ver as palavras num quadro negro sobre algo que não devia ter deixado um rapaz fazer-me, algo que nunca pensei que contasse a outra pessoa depois de me ter convencido a deixá-lo tocar-me. Foi apenas um segundo, mas depois do ato consumado é impossível voltar atrás.

Nunca pensei ver a minha filha nas mesmas circunstâncias, mas isto é incrivelmente público, visível, vai ficar marcado de forma permanente no tecido que é a Internet. Não só vai perseguir a Phoebe onde quer que vá, como também vai constar das histórias das pessoas que a atacaram. Serão sempre conhecidos (mesmo os anónimos) como os arquitetos do desespero e da angústia de outra pessoa.

– Porque não andavas satisfeita no trabalho? – Deixa cair a mochila, senta-se numa das cadeiras e o olhar dela começa a vaguear, curioso, pelos papéis na mesa à minha frente como se nunca os tivesse visto.

– Na verdade, era apenas uma pessoa que andava a fazer da minha vida um inferno. A tecer comentários maldosos, a questionar a hora a que entro, a hora a que saio, o que faço ou deixo de fazer, se fui almoçar fora.

– O quê, tipo como o que tu me fazes a mim? – Quase rebenta de riso. Gostava que pudesse ver-se a ela própria neste momento, a forma como o seu rosto se ilumina e irradia alegria. Como era antes de perder o pai.

– Sim, suponho que pensaria o mesmo se estivesse no teu lugar – respondo, ansiosa por voltar a ouvir o riso dela. – Mas, como mãe, a minha função é fazer essas coisas.

O corpo naturalmente esguio da minha filha inclina-se para a frente como se quisesse muito pegar nos pedaços de papel para os ver mais de perto. Até agora, só eu e o Joel é que lhes tocámos. Sempre que lhes pego, tento senti-lo nas páginas, imaginar onde os dedos dele pousaram, onde apoiou a mão para começar a escrever. Mas se ela lhes tocasse não seria o fim do mundo.

A receita *Ratatouille à Casa do Jota* chama-me a atenção. Olho muitas vezes para ela porque parece tão complicada que executá-la deve requerer verdadeira coragem e perseverança.

– Que tal seres a minha *sous chef* enquanto eu preparo um Ratatouille à Casa do Jota? – pergunto eu à minha filha.

– Mãe, não estamos num daqueles programas para adolescentes em que me dás uma missão e nos tornamos amigas para a vida, OK?

– Toma que é para aprenderes, não é? – Vexada, volto a examinar a receita: Beringelas Curgetes Pimentos Tomates Cebolas Manjerição Ervas de Provença Azeite Afinal, não é uma lista de ingredientes assim *tão* extensa, não é *tão* complicado como parecia, era simplesmente essa a impressão que dava. Transformei-a numa coisa que não era, na minha cabeça. Não me vou deixar intimidar, eu sou capaz de fazer isto. Vou estar a picar e a cortar até ao fim dos tempos, mas hei de conseguir.

– Bem, então vou trocar de roupa e vou à loja comprar todos os ingredientes para preparar isto. Era de comer e chorar por mais, quando era o teu pai a fazê-lo. Nunca tive coragem de experimentar. Chegou a hora de o fazer. – Levanto-me, sentindo a familiar, quase reconfortante tontura por não ter tomado ainda o pequeno-almoço. Mas vou tomá-lo. Vou comer.

A sério que vou. Primeiro, tenho de ir comprar os ingredientes, mas depois vou sentar-me e tomar o pequeno-almoço. Tenho de me concentrar no que escrevi no meu caderno. Tenho de me lembrar de que preciso de pensar com lucidez.

– Porque não perguntas ao Curtis se pode trazer-te os trabalhos de casa

depois das aulas? – sugiro eu à Phoebe. Dói-me que ele não tenha recebido o mesmo tratamento que ela, que não tenha sido alvo de mensagens a chamá-lo vadio e a dizer que devia saber manter a braguilha fechada, ou outras maldades como as que dispararam contra a Phoebe. Mesmo que seja ele o pai, vai sair disto praticamente ileso.

Ela encolhe os ombros.

– Vou deixar a escola por uns tempos – declara.

– Ótimo. Se não te importas, podes preparar o pequeno-almoço à tia Betty quando fizeres o teu?

– Sim, está bem.

– Obrigada. Até já, então.

Arrisco e aperto-a nos braços. Sinto-a a revirar os olhos, ouço o suspiro exasperado, mas não se afasta nem me repele, não rejeita o meu amor. Aceita o abraço, aceita-me. Está a resultar: pouco a pouco, estou a conseguir deitar abaixo as defesas da minha filha.

Até que enfim.

XLVIII

A grande tábua de cortar de madeira, com a sua superfície marcada por milhares de golpes, está pousada em cima da bancada mais longa da cozinha. Há quatro tachos de diferentes tamanhos em cima do fogão de seis bicos. O grande coador inoxidável e o coador mais pequeno, outrora, o cesto de uma velha panela de cozinhar a vapor, aguardam ao lado do lava-loiça, prontos a serem utilizados.

Quando chego à cozinha, a Phoebe ergue-se da cadeira. Sobressalto-me ao reparar que atou o avental preto dos Run DMC que oferecemos ao Joel há quatro anos por cima das calças de ganga vermelhas e da *t-shirt* branca. Não era retirado do gancho metálico atrás da porta desde que ele morreu. Sempre que pegava nele, o Joel cantava “*A Casa do J-J-J-J-Jota!*” para nos informar de que se preparava para começar a cozinhar.

Sinto formar-se o tampão de memórias que frequentemente me bloqueia a garganta e paro à entrada da cozinha. Não posso sorrir, chorar, nem fazer nada que possa levá-la a arrancar o avental e marchar para o quarto.

Determinada a não arruinar o momento, entro com um ar atarefado como uma enfermeira-chefe num hospital de guerra e pouso os sacos pesados e volumosos no chão.

Como não quero fazer nada que a provoque, nem me atrevo a pedir-lhe que me ajude a retirar as compras dos sacos. Em vez disso, começo a esvaziá-los eu própria. Por breves momentos detenho-me ao reparar, com o coração na garganta, que a Phoebe pendurou o meu avental branco nas costas da cadeira que costumo ocupar à mesa.

A minha filha retira do segundo saco as luzidias beringelas arroxeadas, pesando-as na mão. Sucedem-se as curgetes verdes-escuras de pele mosqueada, a enorme cebola de casca castanha, fina e quebradiça como

papel, os generosos tomates, maduros e perfeitos, os pimentos verdes, vermelhos e amarelos e o frasco de ervas de Provença. Azeite, já tenho, e há manjerição fresco no vaso no peitoril da janela.

– A tia Betty ainda estava a dormir – diz a Phoebe, um pouco inquieta, talvez, com o meu silêncio. – Nem se mexeu quando entrei no quarto, por isso, deixei-lhe o tabuleiro na mesinha.

– Não se mexeu? – pergunto, preocupada.

– Estava a ressonar como um trombone, mas não acordou – clarifica ela.

– Ah, OK.

Há mais ingredientes a sair dos sacos: frango em cuvetes e farinha rústica para a máquina do pão, para a qual não olho há mais de 18 meses. Costumávamos acordar com o aroma do pão acabado de cozer, tendo programado a máquina na noite anterior, e era sempre um mimo especial ter pão fresquinho ao pequeno-almoço mas, como muitas outras coisas, também isso acabou há mais de 18 meses.

– Queres começar a lavar os vegetais enquanto eu ponho o pão a fazer? – sugiro eu à Phoebe. As palavras parecem derreter-se delicadamente na minha língua, polvilhar estrelinhas de felicidade nos meus ouvidos: estou a conviver com a minha filha por iniciativa dela. Estou a cozinhar com a minha pequenina, que tanto adoro, e não tive de obrigá-la a estar aqui.

– OK – diz ela sem o costumeiro encolher de ombros, sem revirar os olhos, irritada, sem um único suspiro exasperado. É quase bom de mais para acreditar.

– Como queres que corte os pimentos? – pergunta a Phoebe.

– Em cubos grandes. – Resisto ao impulso de ir lá mostrar-lhe como é. – Para mim, é mais fácil, depois de cortar o talo, virá-los para baixo na tábua e cortá-los ao meio, retirar-lhes as sementes todas e cortar as metades em quartos, ao comprido, e depois cortar as fatias em três. Mas isso é como eu faço. Tu podes fazer como julgares melhor.

– Faço como tu disseste – replica ela.

Estou a cortar uma beringela às rodelas. Uma vez dispostas sobre a tábua de cortar como os discos brancos e esverdeados de um jogo de damas, começo a cortá-las ao meio de modo a ficarem grandes o suficiente para não se desfazerem durante a cozedura, mas com o tamanho certo para caberem na boca de uma só vez. Ao que parece, o segredo para não acabar com uma pasta sensaborona quando se prepara *ratatouille* é cozinhar previamente os ingredientes em separado e combiná-los só mais lá para o fim da cozedura. O Joel adorava beringela. Eu, pessoalmente, passaria bem sem elas, mas ele comê-las-ia todos os dias se pudesse.

– Isto lembra-me de quando eras bebé – digo eu. – Quando tinhas aí uns seis meses e comecei a habituar-te a comer alimentos sólidos, o teu pai ficava doido com o tempo que eu passava a cozinhar. Andava obcecada, a tentar preparar-te a comida mais saudável, não queria dar-te nada do que se compra nas lojas. Assim que conseguia adormecer-te, lá vinha eu para a cozinha cozer batatas doces, cenouras e brócolos ao vapor. Não, não, brócolos foi só da primeira vez, que mal que cheiravam! Depois, passava tudo e guardava o puré em boiões pequeninos e em cuvetes de gelo no congelador. Às vezes, passava domingos inteiros a fazê-lo para que tu pudesses ter sempre montes de comida caseira para comer. A maioria das vezes cuspias tudo, provavelmente, porque sabia tudo ao mesmo depois de descongelado e aquecido, e ficavas a cobiçar o que eu e o teu pai estávamos a comer. Sempre a tentar deitar a mão à comida. Depois de tanto ler sobre o assunto e de tanto cozinhar, apanhava o teu pai a dar-te colheradas de milho doce à socapa, bocados de pão de alho e coisas assim. Lembro-me de que uma vez, tinhas tu mais ou menos 1 ano, deu-te duas batatas fritas de pacote. Fiquei *furiosa* porque tinha passado tanto tempo a organizar as tuas refeições e ele vai e faz-me aquilo. Mas ele foi logo: “Vá lá, Ffrony, são só duas batatas fritas. Todos os alimentos são bons, desde que ingeridos com moderação.” Ele tinha razão,

mas... Quando o Zane nasceu já os produtos nas lojas eram quase todos orgânicos e já me tinha passado a febre de fazer purés, por isso, deixei o teu pai fazer o que quis. Pobre miúdo. Vai por mim que sou uma delas: os segundos filhos saem quase sempre prejudicados.

O único som que vem dos lados da Phoebe é o da faca a atravessar os pimentos e a atingir a tábua de madeira, marcando-a ainda mais. Paro de cortar as beringelas e fecho os olhos ao perceber o que acabo de fazer. Não foi intencional, mas o efeito é o mesmo.

– Como é – pergunta ela, baixinho – ter um bebé?

– Referes-te ao parto propriamente dito, ou a tudo o que vem depois?

– Às duas coisas, suponho.

– É sempre diferente. Quer dizer, para mim foi. Ter-te e ter o Zane foram duas experiências completamente diferentes, embora estivesse morta de medo das duas vezes por não saber o que esperar. Mas isso é só parte do processo. Demora-se algum tempo a digerir a ideia, mas não se trata apenas de dar à luz um bebé, trata-se de trazer ao mundo uma pessoa nova. Com isto, quero dizer que não ficam bebés por muito tempo. Quando damos por isso, já têm um 1, 5 anos, 7, 10, 14. Têm as suas próprias personalidades e é incrível. E é difícil, muito, muito cansativo, e nunca experimentei um amor assim.

E, às vezes, desejo poder regressar à minha outra vida, não ter assentado e assumido a responsabilidade pela existência de outra pessoa. Nunca seria capaz de o dizer à Phoebe, grávida ou não, porque isto iria feri-la desnecessariamente. Nunca entenderia o que quero dizer até se ver na mesma situação.

– E é terrivelmente assustador porque, se fores como eu, estás sempre consciente dos erros que podes cometer, estás sempre com medo de magoar o teu bebé e, quando te dás conta, fizeste asneiras que nem sequer tinhas previsto. Acho que o que quero dizer é que, quando pensamos em ter um filho, temos de nos lembrar de que estamos a criar uma vida nova: a *nossa*,

não apenas a da criança.

– Alguma vez fizeste um... tu sabes. Fizeste algum? – quer ela saber.

– Não – respondo.

– E dizias-me, se tivesses feito?

– Normalmente, não, porque há coisas que os filhos não precisam de saber sobre os pais. Mas, dadas as circunstâncias, sim, diria. Acho que seria importante para ti saber que tinha passado por isso e sobrevivido. Mas conheço uma ou duas pessoas que podem falar contigo sobre o assunto, se quiseres. – Olho-a de relance.

Ela abana a cabeça e pega no pimento verde, concentra-se em desmantelá-lo para a nossa refeição.

– O que farias se estivesses no meu lugar? – pergunta ela.

Esta é a pergunta que me faz, mas sei aquilo a que na realidade quer que responda. Fito as rodela de beringela que estou a cortar ao meio. Luto para encontrar as palavras certas, a combinação perfeita de palavras que lhe digam o que precisa de ouvir. Sei o que diria o Joel, mas tenho de ser *eu* a dizê-lo. A minha filha tem de o ouvir da minha boca, dito à minha maneira, caso contrário nunca acreditará em mim.

– Phoebe – começo eu com toda a meiguice –, nem imaginas como gostaria de poder dizer-te o que fazer. Como tua mãe, quero facilitar-te a vida o mais possível, sobretudo depois de tudo o que se passou com o teu pai... mas não posso.

– Estás sempre a dizer-me o que fazer.

– Isto é diferente. Isto... isto é uma decisão tão importante. E quem me dera, *quem me dera* que não estivesses numa situação destas e que não tivesses de tomar uma decisão de adulto quando, legalmente, nem sequer tens idade para fazer a maior parte das coisas que os adultos podem fazer. Vou ajudar-te a tomar essa decisão, vou responder às tuas perguntas, posso ajudar-te a fazer listas com os prós e os contras de cada opção, vou ouvir tudo o que

tiveres a dizer e gostava de me sentar contigo antes da decisão final e rever tudo para o caso de te teres esquecido de alguma coisa, mas não posso, *não vou* dizer-te o que fazer. A decisão final tem de vir de ti. É uma escolha tua. Tu não és eu e a opção que fizeres tem de ser aquela com a qual *tu* pensas que será mais fácil viver. Se não te deixar fazer isto, estarei a arruinar a tua vida. Não há respostas simples, apenas aquilo à volta do qual julgas que será mais fácil construíres a tua vida. E, seja qual for a tua escolha, vou apoiar-te a 100%. Mas tem de vir de ti o que pensas ser o melhor para o teu futuro.

– Isso foi o que tia Betty me disse.

– É uma mulher sábia, então.

Calamo-nos, a apreciar a harmonia do som das nossas facas a contratempo como dois corações juntos, mas cada um a bater ao seu ritmo.

– Mãe – diz ela de repente. Parece a filha que perdi. – Tenho medo. Tenho tanto medo.

Em dois passos estou junto dela. Tiro-lhe a faca das mãos e coloco-a ao lado da miscelânea de cubos de pimento. Dois segundos depois passo os braços em torno dela e puxo-a para mim e, nesse momento, as adversidades, a desconfiança, a raiva, o ódio, o desespero, a dor, os sentimentos de culpa, as recriminações e a terrível perda que nos tem separado desde *aquele dia* evaporam-se.

Os soluços dela são aflitivos, incontrolláveis, cada vez mais intensos; cavam ainda mais sulcos no meu coração angustiado. Ponho-lhe uma mão na parte de trás da cabeça, outra no meio das costas, apertando-a contra mim.

Os momentos de desespero e sofrimento no casulo fragmentado das nossas vidas confluem num só e recupero-a. Recuperei a minha filha. A Phoebe recuperou a mãe.

XLIX

8 meses antes *Daquele Dia* (fevereiro de 2011)

– Estás a ouvir o meu coração?

Passa os dedos ao de leve por entre os caracóis do meu cabelo negro. Aninho o rosto no peito dele, sentindo o tecido da *t-shirt* a acariciar-me a pele.

– Sim. Gosto de ver se ainda estás a funcionar como deve ser.

– E que tal, estou?

– Sim, na perfeição.

– Ótimo. Já podes levantar-te, então? Não posso manter o volume da televisão assim tão alto sem distorcer o som.

– Lamento, parceiro, vai ter de ficar assim enquanto eu quiser ouvir o teu coração a bater e o filme ao mesmo tempo.

– Quanto tempo?

– O tempo que for preciso.

L

Vimos à praia.

Quando as lágrimas dela diminuíram, tivemos de sair de casa. Precisávamos de espaço, da extensão e da liberdade do exterior para conversar sem medo de que a tia Betty, que às vezes parece caminhar no ar, aparecesse inesperadamente. Ela não pode ouvir esta conversa, ninguém pode.

Pus de lado o sentimento de culpa e a vergonha pela forma como me comportei com o Fynn e abri a cabana de praia. Tratou bem dela. Pintou-a, selou as frinchas e arejou-a; tratou-a com carinho e desvelo enquanto foi “dono” dela. Vê-se, porém, que não a usou. Não se sentou aqui a apreciar a vista, a ver passar os outros, nem (como o Joel fazia tantas vezes) se serviu dela para encetar conversas com estranhos. Quando a Phoebe estava na escola e o Joel levava o Zane a passear para eu poder trabalhar, embora tecnicamente ainda estivesse a gozar a licença de maternidade, descobriu que a combinação de uma cabana de praia com um bebé eram o íman de pessoas mais poderoso que havia, sobretudo de mães com crianças de colo. Chegava a casa com vários números de telefone e convites de companheiros de brincadeiras. (“*Companheiros de brincadeiras para quem, exatamente? O nosso filho só tem sete meses,*” dizia eu ao ver o sorriso dele.) Era óbvio que o Fynn tratava do assunto por nós.

Retiramos a cadeira dupla da cabana, desdobramo-la e viramo-la na direção de Worthing. Daqui, vê-se a doca de Worthing. Aperto o casaco à volta do corpo e sento-me na cadeira e a Phoebe senta-se no meu colo e vira o corpo para mim como costumava fazer quando era mais pequena.

O dia está frio e ventoso; o vento forte que agita as cristas de espuma à superfície da água fez baixar a temperatura e afugentou quase toda a gente à

exceção dos atletas mais dedicados e de algumas pessoas que passeiam os seus cães. Quase todas as cabanas que se vêem daqui em ambas as direções estão trancadas a cadeado: os outros proprietários tiveram o bom senso de não se aventurar a vir à praia num dia destes. Vejo apenas mais uma cabana ocupada, lá ao longe, e há alguém a renová-la, com as ferramentas espalhadas na calçada marítima, uma bancada de trabalho com ferramentas elétricas e um gerador portátil ao lado. Aconchego a Phoebe nos braços para partilhar com ela o calor do meu corpo, deleito-me com a possibilidade de estar assim com ela, enquanto observo o homem alto e robusto do rabo de cavalo, que deve rondar os 40. Deve ter os dedos dormentes, a trabalhar com este vento.

– Porque é que nunca falas sobre o pai? – pergunta-me a Phoebe.

– Mas eu falo sobre ele – respondo eu.

– Não falas nada. Há bocado, quando estavas a falar dos purés que me fazias, foi a primeira vez em séculos e séculos que falaste dele sem eu ter dito nada primeiro. Sou sempre eu que falo dele e do que ele faria porque tu nunca dizes nada.

– Não me tinha dado conta disso.

– É por causa do que eu fiz?

– O que é que tu fizeste?

– É por... por estares zangada por causa do que eu fiz naquele dia e, por isso, também estás zangada com o pai, por não te ter ligado logo a contar?

– Não. – Aperto-a bem contra mim. – Não tem nada a ver com isso. É só porque...

É para evitar pôr o dedo na ferida, abrir velhas cicatrizes, cicatrizes recentes. Evito a dor a todo o custo e, mesmo assim, ela parece perseguir-me, acossar-me, oprimir-me a toda a hora. O seu único desejo é entranhar-se e fazer de mim a sua nova casa. Como a evito, faz tudo para viver através de mim.

– Não sei como falar sobre ele sem me ir abaixo. Mesmo ao fim de todo

este tempo. Tens de acreditar que penso nele a toda a hora, por favor. Quase tudo o que digo ou faço inclui algures um pensamento sobre ele, mas tem de ficar só em pensamento para eu poder funcionar. Ninguém quer lidar com uma mulher que rebenta em lágrimas quase dois anos depois da morte do marido, por terem mencionado estar a pensar ir de férias a Lisboa, onde ela o conheceu. A única forma de conseguir funcionar em sociedade é falando pouco sobre ele.

– Mas e eu, posso? E o Zane?

– Claro. – Dou-lhe um beijo na cabeça, inspiro o perfume único da minha filha. – Claro que podem. Desculpa se te fiz sentir que não podias. Podem falar sobre ele à vontade. Costumam conversar sobre o teu pai um com o outro?

– Sim. Escrevemos naqueles livros que nos deste e guardamos coisas nas nossas caixas de memórias. Mas tu conhecia-lo há mais tempo, há coisas que gostava de te perguntar. E o Zane também.

– O quê, por exemplo?

Ela pensa por uns momentos e, a seguir, encolhe os ombros.

– Sei lá. Coisas.

– Quando te lembrares dessas “coisas”, pergunta à vontade.

– Vais voltar a casar?

– Não. Próxima pergunta.

– Vais casar com o professor Bromsgrove?

– Não.

– Mas gostas dele, não gostas?

Algumas horas antes, tinha chegado à conclusão de que tinha de ser mais sincera e mais franca com a Phoebe. Não posso esquecer-me, porém, de que tudo tem de passar pelo filtro das “Coisas que os filhos não precisam de saber sobre os pais”.

– Parece ser uma pessoa simpática, às direitas.

– Mas continua a ser meu professor, por isso, acho que não devias ir por aí.

– Fica devidamente registado.

– Sempre pensei que um dia iria casar com o tio Fynn – diz ela com um ar sonhador.

Sinto um arrepio desagradável a percorrer-me a espinha. Quando tinha 5 anos, a Phoebe perguntava-me regularmente com quem se ia casar. Atazanava-me com perguntas sobre quem seria, correndo um a um os nomes de todas as pessoas do sexo masculino que conhecia (incluindo alguns vizinhos já idosos), menos os parentes, a querer saber se era o tal. Não me lembro de alguma vez ter incluído o Fynn.

– O Fynn? – digo eu, tentando parecer o menos desconfiada possível. – Porquê o Fynn?

– Não achas que é um naco? – comenta ela, obviamente esquecendo-se de com quem, e sobre quem, está a falar.

– Um naco?

– Sim, um pão, um naco, *bom como o milho*.

– Tem idade e é chegado o suficiente para ser teu pai – digo eu.

Um encolher de ombros.

– Não deixa de ser um naco.

Se o Fynn fosse o pai, ela não estaria a falar de forma tão aberta sobre a aparência dele, pois não? Manter-se-ia discreta, como tem feito desde antes de tudo ter vindo a lume. Não diria tudo isto, sabendo que eu poderia começar a desconfiar dos dois. Parece que estou a tentar convencer-me de que não podia ter sido ele. E não podia. O Fynn não é desse género.

O telemóvel toca dentro do bolso dela e, depois de hesitar por alguns instantes, a Phoebe tira-o para fora. Deixou de ter acesso às redes sociais a partir do telemóvel, mas ainda há a questão das SMS. Mensagens de pessoas que devem ter sido amigas dela, caso contrário não saberiam o número. A

minha filha retesa-se antes de olhar para o ecrã.

TIO F

Deixa escapar um suspiro de alívio e volta a enfiar o telemóvel no bolso. É coincidência, claro. Ele disse que não podia continuar a ver-me, não que não podia ver os miúdos. Com certeza já trocou SMS com o Zane, agora que sabe que não está em casa. E não seria quem é se não ligasse hoje à Phoebe depois do drama de ontem à noite.

Sinto outro arrepio na espinha. *Não pode ser ele*. O Fynn não é desse género. A Phoebe é como uma filha para ele, será como uma irmã para os filhos que venha a ter, ele não lhe faria uma coisa dessas.

– Phoebe – digo eu, muito séria. Tenho de pôr de lado estes pensamentos, porque não só vão dar comigo em doida como distrair-me do que tenho de fazer. Trouxe-nos aqui com um propósito específico, precisava de estar longe de casa e de ouvidos curiosos por um motivo. Tenho estado a olhar à nossa volta enquanto converso com a Phoebe e não vejo ninguém que me pareça suspeito, ninguém perto o suficiente para nos ouvir. O homem da outra cabana está longe de mais, concentrado de mais no que está a fazer para nos prestar atenção.

– Sim? – responde ela, a medo.

– Vou ter de contar o que sei à polícia. – Rápido, limpo, preciso.

Até este momento, em que a sinto aquietar-se e ficar hirta contra mim, não tinha reparado como tem estado solta, espontânea e desembaraçada desde que chorou. Agora, parece um saco de pedras nos meus braços.

– Porquê? – balbucia ela, por fim.

– Não é a melhor altura, com tudo o que se está a passar, mas tem de ser feito. Não podemos viver assim indefinidamente.

Agora, sei até onde *ela* está disposta a ir para me atingir. Espalhar boatos

sobre a Phoebe é muito pior do que qualquer violência que possa escrever ou infligir ao meu carro. Tenho de pôr um fim a isto. E, para tal, tenho de a privar de qualquer poder que ela possa ter, confessando todos os nossos segredos.

– Além do mais, Phoebe, pessoas como o Zane, os vossos avós, a tia Betty e o tio Fynn merecem saber quem fez isto e que o culpado seja levado à justiça. Este limbo em que vivemos é terrível. Temos – ou melhor, *eu* tenho – de pôr um fim a isto.

Ela permanece calada, imóvel.

– Já não és uma criança pequena, estás mais forte, e eu sei que não é a melhor altura, mas a polícia não vai fazer-te mal, vou estar sempre contigo para te proteger e para os fazer parar se estiverem a atormentar-te. Mas temos de lhes contar tudo para que possam apanhá-la.

– E se não conseguirem? E se não puderem provar o que ela fez? Se a prenderem e, depois, tiverem de voltar a pô-la em liberdade vai ficar furiosa e vai saber que fui eu e pode vir atrás de mim.

– Há bocado disseste-me que temos de fazer frente aos brutamontes e tens razão. E vais odiar-me por dizer isto, mas estou ao teu lado para o que der e vier. Temos de fazer tudo o que pudermos.

– Foi ela que tentou entrar lá em casa, não foi? – questiona a Phoebe.

– Porque dizes isso? – pergunto, horrorizada pelo facto de, em plena gravidez e com todos os problemas que daí resultaram, ter conseguido estabelecer essa ligação.

Novo encolher de ombros.

– É o que eu penso. Tenho razão, não tenho?

– Sim.

– E foi ela que te furou os pneus do carro, não foi?

– Como é que sabes isso tudo?

Ela encolhe um ombro.

– Deixaste o Zane ir com os avós. Odeias a avó e o avô, mas deixaste-os levar o Zane. Nunca nos deixarias sair de casa se não estivesses mesmo assustada.

– Eu não odeio os teus avós – digo eu com pouca convicção. – Simplesmente não nos entendemos. Porque não disseste nada se era isso que pensavas?

– Porque isto é tudo culpa minha. Tudo o que aconteceu foi por minha causa.

– Não. A única culpada aqui é a pessoa que fez aquilo ao teu pai.

E eu.

– O Zane e a avó e o avô, toda a gente vai odiar-me, não vai? – soluça ela.

– Não, não vão, porque vão saber que a culpa não foi tua. Não foste tu que fizeste isto e vão perceber porque é que tiveste tanto medo de contar à polícia. Prometo-te que ninguém vai culpar-te.

– Tenho medo, mãe – diz ela, entre soluços.

– Eu sei, querida – respondo-lhe. Abraço-a e beijo-lhe a cabeça. – Eu sei que tens. Eu também tenho.

Quinta-feira, 16 de maio
(Entregue na sexta, dia 17)

Saffron,

E que tal fazermos um acordo? A Saffron abre as persianas e eu arranjo uma lição menos dura para lhe ensinar a seguir.

Só quero que abra as persianas porque quero que me mostre que confia em mim. Sabe que pode confiar em mim.

O que fiz no passado não passa de frustração, eu a atacar porque me sinto tão impotente com o que aconteceu ao Joel. Entende?

Acho que nos podemos ajudar mutuamente. E este acordo pode ser uma boa maneira de começar, não lhe parece?

Nunca quis que as coisas fossem assim. Espero que tenha noção disso.

A

LI

– Que estás tu a fazer, *Saff-aron*?

O coração parece querer sair-me pela boca, pois a tia Betty voltou a fazê-lo: conseguiu atravessar toda a casa desde o sótão sem produzir um único ruído.

– Sabes que horas são? – interroga ela. Claramente, não reparou que a sua súbita aparição quase me provocou um ataque cardíaco e estou encostada à bancada, de mão no peito.

– Duas da manhã? – respondo, sem fôlego.

– Sim. Porque estás tu a pé a uma hora destas?

Porque deixei de dormir.

– E porque estás tu a cozinhar?

Porque, se não cozinhar, vou devorar tudo o que houver em casa e a seguir forçar o vômito. E, depois, o mais certo é meter-me no carro e ir até ao supermercado da marina, aberto 24 horas por dia, não só para comprar comida para substituir a que consumi, mas para poder voltar a fazer o mesmo. Cozinhar permite-me concentrar-me em algo diferente, em medir, pesar, bater, no método. A seguir, posso lavar a loiça e limpar a cozinha e, quem sabe, talvez até sentar-me à mesa quando estiver pronto e provar o que preparei. Saborear enquanto como, ver se é a combinação perfeita de sabores que trará o Joel de novo para junto de mim.

– Estou a pensar – digo eu à tia Betty. – Cozinhar ajuda-me a raciocinar. Tenho muito em que pensar. – Quando entro no ciclo vicioso de comer e purgar não consigo raciocinar. E bem preciso. Tenho de pensar em como vou arranjar coragem para contar tudo à polícia. Tenho de deixar de lado as minhas reservas. E tenho de ter muito cuidado, pois a assassina, a mulher que escreve as cartas, não pode saber. Deixou bem claro que, se souber que eu fui

à polícia, desaparecerá sem deixar rasto, mas não sem antes fazer mal a um de nós. Não teria receio por mim se o Zane e a Phoebe ainda tivessem o pai, mas não iria suportar se acontecesse alguma coisa a algum dos outros. Não posso sacrificar nenhum deles para que se faça justiça.

– O que estás a fazer?

– *Galette des Rois*. São uns pastéis que a Nathalie, uma amiga francesa, me ensinou a fazer há muitos anos. Além da massa, levam amêndoa ralada, ovos, açúcar e rum. Estou a experimentar juntar fruta, dar formas diferentes à massa.

Ela desloca-se até ao armário da despensa ao fundo da cozinha, abre-o e espreita lá para dentro. Vejo um braço a desaparecer pela abertura, esticado para a parte de trás da prateleira mais alta. Sem saltos tem de se colocar em bicos de pés para alcançar o que quer, atrás dos enlatados e dos pacotes de massa, lentilhas e arroz. O braço volta a aparecer com a garrafa de vidro escuro do *Late Bottle Vintage*. Não quer outra coisa (para a tia Betty, só do melhor) desde que o Joel lhe trouxe duas garrafas de Portugal, nas férias em que nos conhecemos. Ah, sim. Agora percebo: treinou-se para caminhar sem fazer barulho para vir à cozinha a meio da noite molhar o bico. Seria muito mais simples guardar uma garrafa no quarto. Mas desde quando é que a tia Betty faz alguma coisa da maneira mais simples?

Senta-se à mesa com a garrafa de Porto e um copinho atarracado de vidro grosso ao qual dá sempre preferência em detrimento de todos os outros (incluindo os cálices de vinho do Porto propriamente ditos).

– Em que tanto pensas tu? – pergunta-me ela.

– Em muita coisa.

– Tipo? – insiste, acompanhada pelo estalo subtil da rolha a sair da garrafa.

– Tipo... coisas.

– Tipo queres “curtir” com o jovem Fynn? – pergunta ela.

Viro a cabeça de repente.

– Perdão?

A tia Betty lança-me o sorriso matreiro que é a sua imagem de marca por cima do copo cheio a três quartos e ergue uma sobrancelha para reforçar a ideia.

– Eu tenho visto os cliques entre vocês os dois.

– Não me diga! E eu tenho-a visto fazer *bluff* para tentar saber coisas, mesmo quando não há *nada* para saber.

– Hum – replica ela. Prova delicadamente o vinho do Porto e acaba por admitir: – Valeu a pena tentar.

– Sem dúvida. E, por favor, não volte a usar o termo “curtir”. Já bem basta que a Phoebe fale assim.

– Não posso prometer nada. – Bebe um trago generoso. – Em que pensas tu, afinal?

– Na Phoebe. No Zane. Em si. No Joel. – Pronunciar o nome dele é uma necessidade. Tenho de me habituar a fazê-lo mais vezes para a Phoebe e o Zane saberem que podem falar dele à vontade na minha presença. Que não o esqueci.

– E porque não pensas também em ti?

– Para quê?

– Quantas vezes te tenho dito, *Saff-aron*, que, se não olhas por ti, não serás capaz de olhar por mais ninguém?

– Eh, nunca?

– Oh. Bom, mas tenho pensado dizê-lo muitas vezes. Sobretudo desde que vim para cá.

Pouco a pouco junto a amêndoa ralada à manteiga que levei ao lume na panela em aço inoxidável para derreter, até obter uma massa de cor creme com pintas castanhas, sulcada pela ação da colher de pau. Desligo o lume e continuo a mexer até a manteiga absorver bem a amêndoa ralada. Acrescento

o açúcar e a seguir os ovos batidos. Ligo os ingredientes com a ajuda da colher antes de lhes juntar o rum e a baunilha. O processo é hipnótico, quase estupidificante. Sei que há uma solução. Se esvaziar a mente através do ato de cozinhar, a resposta há de ocorrer-me. Encontrarei o meu mal menor, tal como a Phoebe tem de encontrar o dela.

– O Joel estava constantemente a dizer-me como se sentia abençoado por te ter – declara a tia Betty, provocando-me outro susto de morte.

Quer conversar e eu não vou chegar a conclusão nenhuma com fragmentos de conversa a interromper-me o raciocínio, por isso, abandono o recheio da massa e sento-me à mesa, onde ela colocou outro copo para mim.

Volta a encher o dela e chega o gargalo ao meu.

– Chega – digo eu quando já encheu cerca de um terço do copo.

Ela ergue uma bem cuidada sobrancelha.

– Está bem, mais um bocadinho, então.

Em tons rubi, libertando aromas de uvas tintas, o espesso líquido promete prazer ao acumular-se no copo.

A tia Betty traz o roupão de seda cor de chocolate e o cabelo verdadeiro escondido sob o lenço de seda roxo que usa para dormir. Parece mais mirrada, mais velha, sem uma das suas perucas a adornar-lhe o rosto.

Há menos de três semanas, estava sentada a esta mesa com a Phoebe e a minha filha revelou-lhe o que eu não lhe tenho dado. Há menos de três semanas, cometi um excesso tão medonho que a garganta e o peito me doíam devido aos pedaços de comida que engoli quase sem mastigar e, depois, a purga provocou um novo caos. O alívio que se seguiu nem sequer me fez sentir melhor, o vazio e a quietude foram menos satisfatórios porque tinha o tronco, o maxilar e a garganta a latejar de agonia. Tinha o rosto coberto de lágrimas de dor e raiva contra mim própria por não ter tido força de vontade suficiente para não voltar ao mesmo. E, nesse momento, dei inadvertidamente com a tia Betty e a Phoebe a conversar e senti uma angústia renovada ao

ouvir que desaponte a minha filha. Quero perguntar à tia Betty o que a Phoebe sente que não lhe tenho dado. O que acha que devo fazer.

Abro a boca. Volto a fechá-la.

– Vá, diz o que tens a dizer – desafia a tia Betty, embora não estivesse a olhar para mim. Os mesmos olhos de mogno líquido que o Joel tinha encontram os meus. – Pergunta-me o que andas morta por me perguntar desde que vim para cá.

– Quando é que o Joel descobriu que a Betty é a mãe biológica dele?

O sorriso fica-lhe preso aos lábios como arame farpado enquanto deita mais vinho do Porto no copo, enchendo-o mesmo até à borda, e tem de baixar a cabeça para sorver algum do líquido sem levantar o copo da mesa. Quando ergue a cabeça, o sorriso de arame farpado regressa e os olhos dela são como raios laser.

– Não sei – declara, por fim. – Nunca me questionou sobre o assunto e, como ficou acordado com os pais dele, eu não lhe diria nada a menos que ele me perguntasse. Como descobriste?

– Vi a certidão de nascimento do Joel quando... quando ele morreu. O nome de solteira da mãe era Elizabeth Mackleroy. Só se fez luz quando vi “incógnito” no lugar do nome do pai. Foi então que me apercebi de que, obviamente, a mãe não podia ter nascido com o nome Mackleroy.

– Que esperta me saíste, Sherlock. – Ri-se como um fole antigo e esburacado a ser acionado: com o silvo do ar a entrar e a sair e um rasto de pieira no final.

– Nunca conversou com ele sobre o assunto? – pergunto-lhe.

– Há coisas sobre as quais não se deve conversar.

– Sempre estranhei que os pais dele a tratassem com tamanho desprezo e, no entanto, não quisessem cortar relações consigo.

– Não podiam ter filhos e, quando me vi num “aperto”, mostraram-se mais do que dispostos a ajudar. Quem os ouvisse não diria que eu já tinha

vinte e tal anos, havia de pensar que era da idade da Phoebe.

– Não me parece muito justo – concedo eu, diplomática.

– É mais forte do que eles – diz a tia Betty. – Uma vida inteira a reprovar tudo o que eu fazia não desaparece assim de um dia para o outro. Quando se tornou óbvio que eu não ia simplesmente sair de cena, tiveram de fazer o melhor que podiam com a minha presença constante. A Elizabeth não gosta que lhe lembrem que eu não fui uma menina bem-comportada, que não me mantive pura e virginal à espera de um homem que se quisesse casar comigo e, mesmo assim, fui “recompensada” com um filho enquanto ela, que sempre fez tudo bem, que cumpria todas as regras incluindo ir à missa todas as semanas, nunca teve essa sorte. Queria-me bem longe, mas eu não estava pelos ajustes.

– Não era difícil estar sempre tão perto dele?

– Claro que não! Sou uma tia nata. Eu não podia fazer o que tu fazes, *Saff-arón*. Não tinha jeito nenhum para ser mãe.

– Claro que tinha.

– Olha bem para ti. Preocupas-te sempre com todos os outros em primeiro lugar. Eu cá, nem pensar. Sou a pessoa mais egoísta à face da Terra. Farias tudo pelos teus filhos, provavelmente, sem pensar duas vezes. Eu cá penso primeiro no impacto que alguma coisa vai ter sobre mim (e mais ninguém) antes de dizer sim ou não. Amava o Joel como ninguém, mas isso não foi suficiente para querer criá-lo. Estou absolutamente convicta de que todas as crianças que vêm ao mundo devem ser desejadas mais do que tudo e dei-o à mãe que seria capaz de fazer tudo por ele sem pensar duas vezes. Eles *queriam-no*. Eu tê-lo-ia simplesmente concebido.

– A tia Betty é uma mulher estranha. Sempre com essa de não querer saber de mais ninguém, quando não é verdade. Fez-se expulsar do complexo de propósito para vir viver connosco. Para ajudar a tomar conta dos miúdos.

– Que disparate.

– Não, não é. Mas eu percebo perfeitamente. Quem não quereria viver com uma adolescente rebelde, um rapaz obcecado por computadores e uma viúva neurótica? As pessoas fazem fila para vir viver connosco.

Ela prende a minha mão na dela.

– Oh, *Saff-aron*. Lembra-te de quem és. És a mulher que fez frente aos Mackleroy. Nunca imaginei que isso fosse possível, mas tu ficaste quando outras fugiram. Fizeste o meu lindo Joel tão feliz, criaste dois filhos sozinha nestes últimos 18 meses. E tudo isso com o teu segredo.

– Que segredo? – pergunto. Vejo, pela expressão e pelo brilho nos olhos dela, que desta vez não está a fazer *bluff*.

– Venho cá abaixo praticamente todas as noites, por isso, é que nunca me levanto muito cedo de manhã. Eu sei, *Saff-aron*. Sei o que tu fazes para lidar com a dor.

Afasto a minha mão da dela, junto-a à outra no colo. A vergonha e a humilhação coram-me as faces e fixo o olhar nas mãos marcadas para não gritar com ela, para não reagir como reagi com o Fynn.

– Não sei a que se refere. – O Porto que provei sabe-me de repente a vinagre barato, amargo e repelente.

– Não te zangues, por favor. Percebo o que se sofre quando se perde alguém, como nos sentimos desnorteados, sem chão, e como isso nos muda. Percebo porque fazes o que fazes. – Vejo o esforço que faz para tentar chegar até mim. – Desculpa. Lamento muito a tua perda e o que acabei de dizer.

– Não se preocupe com isso.

– Posso dizer-te uma coisa?

– Força.

– Por favor, acredita em ti própria, Saffron. – Olho para ela porque é a primeira vez que pronuncia corretamente o meu nome. – O que estava a tentar dizer antes de meter o pé na poça é que tens tantos problemas e tantas responsabilidades e estás a sair-te lindamente. Acredita no que te digo. É

tudo. Tu és capaz. És capaz de vencer isto, podes fazer mais do que sobreviver, podes brilhar. Acredita.

– Obrigada – balbucio.

– Um dia hás de acreditar no que te digo – vaticina ela. De repente, agita a mão como que a dispensar-me. – Agora vai, acaba o que estavas a cozinhar, a cismar, ou o que quer que seja que estavas a fazer. Deixa-me terminar o meu Porto em paz.

Levanto-me e regresso ao meu posto diante da caçarola em que o Joel costumava preparar aquelas papas de aveia que mais pareciam cimento e onde dispus as folhas de massa para atingirem a temperatura ambiente. O pincel de pasteleiro de cerdas brancas e cabo de seringueira aguarda o momento em que será mergulhado em água para selar as extremidades da massa e, de seguida, no ovo batido para pincelar a crosta. Não sei o que estou a fazer. Estes utensílios parecem-me estranhos artefactos alienígenas e eu estava a fazer qualquer coisa com eles. Sei o que é mas não sei como fazê-lo.

– Amei-o muito, ao homem que me deu o Joel – diz ela. – Fazia parte de mim e, quando o perdi, escondi-me do mundo, como tu. Até que arranjei uma forma de voltar a viver neste mundo. Espero que consigas fazer o mesmo.

Não sou capaz de regressar ao ponto em que elaborar um pastel era a cifra para o meu raciocínio e o que estava a fazer seguia uma lógica. Tenho um problema. Preciso de ajuda. Porém, não posso explicar-lho. Não posso contar-lhe o que fiz há 19 meses para proteger a minha filha.

Não posso explicar-lhe que só fazia o que fazia porque estava desesperada. Estava desesperada quando tudo começou, tinha eu 13 anos, uma miúda a quem ninguém prestava atenção a menos que o assunto fosse grave e que, aos olhos de todos, nunca fazia nada bem feito por mais que se esforçasse. Parei durante anos, vivi durante anos com o estigma de ser gorda. Mais tarde, na universidade, voltei a sentir-me desesperada porque precisava de amigos. Não queria ser sempre a gorda intelectual. Depois, durante anos e

anos, lutei contra mim própria, alcancei uma espécie de equilíbrio e o Joel beijava-me a palma da mão e dizia que tinha muito orgulho em mim. Mas nisto, chegou *aquela dia*. Consegui controlar-me durante seis meses, mas há um ano o desespero regressou. Tinha de arranjar outra forma de voltar aos comandos, de adormecer a dor, porque o sexo com o Fynn tinha sido má ideia. Mas agora não estou desesperada. Tenho de me manter lúcida e racional. Tenho de resolver este problema e salvar a minha família. Por isso, por mais que me apeteça engolir estas folhas de massa crua, ou enfiar o recheio mal cozinhado na boca às colheradas, não vou fazê-lo. Isso faz parte do passado, já não sou assim.

Quando dou meia-volta para lhe dizer isto, para lhe explicar que tive os meus motivos, mas que já não sou assim, já não vejo a tia Betty na cozinha. Ascendeu ao sótão como que levada pelo silêncio dos anjos.

Sábado, 18 de maio

(Entregue no domingo, dia 19)

Saffron,

Muito bem, como queira. Mas lembre-se: aconteça o que acontecer, podia tê-lo evitado se tivesse mantido as persianas abertas.

A

LII

Lewis a chamar...

... surge no ecrã do telemóvel. Quero falar com ele, mas ao mesmo tempo não quero. A presença dele no mundo já é complicada que baste sem o conflito adicional que sinto por me ter escondido segredos da Phoebe. É algo que me incomoda. Que mais andará ele a esconder? Que mais estaria disposto a não me contar?

Entre tentar perceber como acabar com esta perseguição de uma vez por todas antes que *ela* possa fazer mais algum mal à Phoebe ou lembrar-se do Zane, ainda tenho de tentar perceber o que sinto pelo Lewis. É uma peça complicada no nó que me aperta por dentro.

Esta semana tem ligado todos os dias e deixado longas mensagens. Informou-me que a escola identificou alguns dos autores das mensagens e suspendeu-os com a promessa de deixar o incidente registado nos respetivos processos escolares. Disse-me que o Curtis tem estado em contacto com a Phoebe e que ficou muito contente por saber que eu e ela estamos finalmente a conseguir comunicar. Pedi desculpa por não me ter dito antes o que se estava a passar. Diz as palavras certas e sei que está a ser sincero, e se não andasse tão paranoica por causa da assassina do Joel e preocupada com tudo o resto, talvez pudesse falar com ele. Mas a verdade é que não posso. Não posso. Não posso. Não posso.

Rejeito a chamada. Estou prestes a entregar-me ao sentimento de culpa pelo que acabei de fazer quando ouço qualquer coisa no corredor. Saio e paro a meio do caminho entre a cozinha e a porta da sala.

– Onde é que pensa que vai? – pergunto eu à tia Betty, que estava claramente a preparar-se para sair de casa às escondidas. Pedi-lhe para me informar quando precisasse de sair, para poder ir com ela, mas obviamente o

meu pedido caiu em saco roto.

Traz a peruca negra, a mais normal, e aplicou criteriosamente base, pó compacto, *eyeliner* (com uma pequena curva ascendente ao canto dos olhos) e rímel. Em vez de batom, aplicou *lip gloss*. Vestiu o magnífico casaco preto de fazenda de lã, o das lapelas largas e chiques, e traz uma malinha preta de verniz com um discreto fecho dourado.

– Vou só aos correios – diz ela. Fala sempre como se tivesse alguma coisa a esconder.

– Fazer o quê? – quero eu saber.

Ela para de se observar ao espelho de corpo inteiro ao lado do cabide dos casacos e vira-se devagar para mim.

– Que pensas tu que vou fazer aos correios? Enviar uma carta, pois claro.

– Só por causa de uma carta?

– Sim.

– Tenho ali selos. De correio nacional e internacional, normal e prioritário. Estão na caixa por cima da lareira. De que precisa?

– Não te incomodes, pequena. Preciso de esticar as pernas.

– Ai, sim? Muito me conta.

– Sim, quero ir dar uma volta, qual é o mal?

– Posso ter sido uma das piores mães que uma adolescente já teve, mas até eu sei ver quando é que alguém está a tentar sair de casa às escondidas para se encontrar com um tipo qualquer. Quem é ele?

A minha adolescente de 66 anos olha-me de esguelha e revira os olhos.

– Já alguma vez viu essa estratégia resultar quando é a Phoebe a tentar?

– Não me podes dar ordens, não és minha mãe.

– Agora sim, já ouvi de tudo – respondo. – Muito bem, espere aqui que eu vou buscar a mala e as meias e vou consigo.

– Mas...

– Ou vou consigo ou utiliza um dos meus selos. Como é?

- Podes vir comigo – resmunga ela.
- Ótimo, vou buscar as minhas coisas.
- Apanhaaaaaaaaaaadaaa – resmunga ela, infeliz, enquanto eu subo as escadas duas a duas.

Caminhamos até ao fim da rua e depois atravessamos para o lado da rua onde o Queen's Park começa. Estou consciente de que *ela* observa cada passo que dou, examina tudo o que faço para poder comentar mais tarde. Por isso é que pedi à tia Betty para me deixar acompanhá-la quando sai. Não tem noção do perigo que corre (ela e todos nós). A Phoebe está no quarto e sabe que não pode abrir a porta a *ninguém*.

– Isto é tudo culpa tua – ralha a tia Betty quando abrandamos o passo ao chegar ao Posto dos Correios de Rislingwood Road porque fica perto do topo de uma elevação íngreme. – Estás sempre a receber cartas (às vezes todos os dias) e isso deu-me vontade de escrever ao pequeno Zane.

- Tem-lhe enviado cartas todos os dias?
- Sim, e notas de cinco libras. Não te importas, pois não?
- Eu não, mas a Phoebe vai importar-se quando souber.
- Pois, és capaz de ter razão. De quem são as tuas cartas? Algum admirador secreto?
- Algo do género – digo eu.

Ao entrar, deparamo-nos com uma fila quase até à porta. Apertamo-nos atrás dos outros como se estivéssemos a juntar-nos à fila de conga mais vagarosa do mundo. Há dois funcionários atrás do balcão. Um deles olha por cima das lentes dos óculos em forma de meia-lua, a pele bronzeada a contrastar com a farta cabeleira branca, e, quando vê a tia Betty, o seu rosto ilumina-se como o nascer do sol numa manhã de verão.

Bem, penso eu, avançando um pouco a par com a nossa linha de conga, pelo menos, alguém está feliz.

LIII

Sinto a vida a passar depressa de mais, como se estivesse dentro de uma ampulheta e a minha força vital, o tempo de que disponho para encontrar uma solução, estivesse a esgotar-se. O tempo está a esgotar-se, mas não posso fazer nada senão esperar.

Esperar que a Phoebe tome uma decisão. Esperar por outra carta. Esperar que o meu coração supere outra etapa do luto para poder sentir algo diferente cá dentro. Esperar que seja seguro para o meu filho regressar a casa. Esperar por algo que precipite os acontecimentos.

Tenho de ir à polícia. Sei-o, mas temo as consequências, o que pode levá-la a fazer.

Nada disto estaria a acontecer se não fosse *ela*. E eu, claro, porque fui eu que lhe comprei as malditas aulas de culinária que acabaram nisto. Foi por minha culpa que ele morreu como morreu, sou eu a culpada de já não estar entre nós.

Esta manhã ouvi a Phoebe a correr para a casa de banho e acho que começou a ter mais sintomas da gravidez, nomeadamente enjoo matinal.

Vejo o corpo esguio da minha mais velha a deslocar-se na direção das traseiras da dietética. Move-se devagar, rodando o ombro direito para trás como se lhe doesse. Lembro-me das dores das costas que acompanharam ambas as gestações: pontadas e puxões como se tivesse elásticos demasiado esticados entre os músculos. Da noite para o dia, comecei a sentir dores generalizadas e espasmos acompanhados por um estranho travo metálico na boca que não havia meio de desaparecer por mais água que bebesse e a minha pele passava de uniforme a borbulhenta em questão de poucas horas. Já andávamos há algum tempo a tentar ter um bebé, mas só soube o que era terror a sério quando o meu corpo começou a mudar de formas que não tinha

previsto. Não era só o peso a mais: estava diferente, começava a pensar de forma diferente. Nada podia ter-me preparado para aquela primeira gravidez. Teria sido preferível que a Phoebe tivesse tomado uma decisão antes de se deixar chegar a este ponto, para ser sincera. Se o objetivo era levar a gravidez a termo, podia começar a aceitá-la, caso contrário, talvez fosse menos difícil do ponto de vista físico terminá-la o quanto antes.

Apanho-a um pouco mais adiante.

– Tenho de te fazer uma pergunta e quero que me dês uma resposta sincera – digo-lhe.

– Oh, céus, o que é desta vez? – pergunta a minha filha. Os seus olhos, toldados pelas dores e pelo esforço de vomitar, evitam-me. Apoia-se pesadamente no carrinho das compras.

– Tens de me dizer quem é o pai.

– Já te disse.

– Não é o Curtis.

– Mas é! – exclama ela com veemência, e depois baixa a voz. – Mas é!

– Já vos vi juntos e não era dele que estavas a falar há cinco semanas. É um rapaz impecável e não acredito, nem por um segundo, que te tenha mentido sobre não poderes engravidar da primeira vez. Não é desses. Gostas dele como amigo, sim, dá para ver, mas não ficas de coração acelerado, nem desesperada por estar com ele a ponto de te convenceres a acreditar numa patranha qualquer sobre contraceção. Diz-me quem é.

Ela agita o corpo como se estivesse a tentar desempenar as costas e faz rodar o ombro sem tirar os olhos do carrinho das compras.

– Pensei que nos estávamos a entender melhor, tu e eu – digo. Normalmente, não sou apologista de se recorrer à chantagem emocional, mas a situação pede medidas drásticas. – Pensei que tínhamos chegado a uma fase em que podíamos confiar quase tudo uma à outra. Gostava mesmo que me dissesses quem é. Vou tentar não me zangar.

– Não posso contar – diz ela num fio de voz. – Ele ia ter montes de problemas.

– Com quem?

Um encolher de ombros.

– Com toda a gente.

Dou um passo e pouso-lhe a mão no antebraço. Sinto-lhe a pele fria e suada sob os dedos. Levanto-lhe o queixo para me encarar, tem os olhos vidrados e raiados de sangue. Há uma linha de suor a formar-se-lhe na testa e baixa um braço para esfregar a barriga.

– Tens dores? – pergunto-lhe.

Recebo outro encolher de ombros.

– Há quanto tempo te sentes assim?

Outro encolher de ombros.

– Porque não me disseste que não estavas a sentir-te bem?

Novo encolher de ombros.

– Temos de te levar a um médico – afirmo eu, e estendo as mãos para os sacos no carrinho das compras. Entre pronunciar a palavra “médico” e este gesto, a Phoebe fica de olhos em branco e tomba no chão sem sentidos.

LIV

Só me apetece chorar.

A garganta apertada, o ar preso no peito, o ardor por trás dos olhos são tudo partes da anatomia das lágrimas que quero verter.

Não posso, porém, permitir-me essa fraqueza. Neste momento, chorar seria admitir a derrota. Por regra, não penso assim, mas entregar-me agora às lágrimas seria admitir que continua tudo a desmoronar-se à nossa volta quando devia estar a melhorar.

Quero sentir-me melhor. Preciso tanto de me sentir melhor. Preciso de me sentir repleta, a abarrotar, sem espaço para mais nada, nem mesmo a mais pequena cavidade para este medo e esta angústia. E quero purgar-me a seguir, livrar-me do peso que carrego, da aflição, da incerteza, do sentimento de culpa, até ficar completamente oca por dentro. Até ser nada.

É isto que acontece quando pedimos para sentir outra coisa? Será que temos de ser específicos e dizer exatamente o que queremos que venha substituir a raiva, pois temos de aceitar o que nos derem? Para substituir a raiva deram-me medo, aflição e ainda mais culpa.

Estou sentada numa poltrona de descanso num quarto da ala pediátrica do Sussex Royal County Hospital, ou The Alex, como é conhecido. A Phoebe foi submetida a uma cirurgia para removerem uma gravidez ectópica e a trompa de Falópio que, em consequência, sofreu uma rutura, e estou à espera que acorde. Tenho de esperar que acorde antes de ligar à tia Betty e ao Zane, antes de introduzir esta nova fonte de preocupações nas vidas deles.

Neste pequeno quarto, apenas ligeiramente maior do que o meu quarto lá em casa, há uma quantidade impressionante de máquinas: painéis eletrónicos nas paredes, um braço mecânico com um pequeno ecrã de televisão suspenso acima da cama como a lâmpada de um dentista e duas unidades portáteis

ligadas à minha filha que emitem um sinal sonoro intermitente e exibem gráficos coloridos do ritmo cardíaco e dos níveis de oxigénio no sangue. Apesar dos sinais sonoros e dos gráficos, está tudo calmo aqui dentro. Quase plácido. A Phoebe parece tranquila enquanto dorme, o rosto de perfil contra o travesseiro fofo.

Reparo nos olhares furtivos dos médicos e do pessoal da enfermagem quando ouvem ou leem a data de nascimento da Phoebe e descobrem que estava grávida: perguntam-se se estarei à altura da função de ser mãe dela; como pude deixar acontecer uma coisa destas; como permiti que continuasse sem marcar uma consulta de especialidade. O desprezo deles é desnecessário: ninguém pode odiar-me como eu me odeio a mim própria. Odeio-me por não ter reparado antes, por não a ter apressado para que pudesse ter consultado um especialista fosse qual fosse a decisão final. Odeio-me por não ter previsto uma situação destas.

O meu olhar vagueia pelas linhas do rosto dela. Tem o cabelo preso no rabo de cavalo na nuca que começou a usar desde que deixou de ir à escola. Parece tão tranquila neste momento. Quando passo no quarto dela à noite é raro parecer completamente relaxada, há sempre aquele véu de perda que muitas vezes levamos connosco para o mundo dos sonhos. Agora, adormecida por substâncias poderosas, pode finalmente descansar, deixar-se ir.

Tenho a sua caixinha de segredos negra e prateada nas mãos desde que a levaram para a sala de operações. Antes de ter de chamar a ambulância, senti que tinha conseguido passar a mensagem e que ela estava prestes a denunciar o verdadeiro responsável por isto. Confirmou que havia outro homem envolvido e que ainda estava em cena, provavelmente, ainda a manipulá-la. Só faltava dizer-me o nome dele.

Basta-me desbloquear o telemóvel e terei toda a informação de que preciso.

Quero desesperadamente saber a verdade, armar-me com a informação que pensei estar prestes a conseguir. Assim que olhar, no entanto, terei passados dos limites. Terei invadido ativamente a privacidade da minha filha e isso vai contra tudo aquilo em que acredito. Os meus pais não tinham qualquer noção dos limites, nunca tive privacidade, porque, para eles, não era um ser autónomo e isso dava-lhes o direito de saber tudo, a toda a hora. Mesmo quando passou uns tempos no meu apartamento, anos antes de ter ido viver com o Joel, a minha mãe abria-me o correio e vasculhava os meus pertences, porque, na cabeça dela, eu ainda era uma criança e não requeria privacidade. Esforcei-me tanto por fazer o contrário e o resultado é este: a Phoebe hospitalizada porque lhe permiti segredos de mais, em nome da privacidade. A linha que separa o direito à privacidade do secretismo é ténue e a Phoebe ultrapassou-a. Como mãe, terei de fazer o mesmo, mas incomoda-me ter de o fazer.

Sinto que estou a reverter, que me tornei igual à minha mãe.

A Phoebe sabe que verifico o historial do computador dela e a regra é que, se eu desconfiar que alguma coisa foi eliminada ou que está a navegar em modo privado, perde acesso ao computador por tempo indefinido. Também posso verificar o telemóvel sempre que quiser e, se alguma coisa tiver sido apagada ou as chamadas e as SMS não corresponderem ao que aparece nas faturas, tiro-lho. Nunca controlei o telemóvel. Controlo o computador, porque me convenci de que todos os perigos residiam nessa entidade nebulosa chamada “Internet”. Que o mal não podia vir das pessoas que conhece pessoalmente. Que não viria dos amigos da vida real com quem convivia nas redes sociais, mas sim das salas de chat, dos tarados e da pornografia – estranhos. Não de quem tinha o número dela, dos amigos do mundo físico. Enquanto convivesse nas redes sociais com os mesmos amigos com que convivia no mundo real, a mãe podia estar descansada. Podia dizer a si própria que não fazia mal ela estar a faltar às aulas, estar algures onde não

devia estar, levando o pai a ir atrás dela e a encontrar-se com a pessoa que acabaria com a vida dele.

O mal vem de todo o lado, claro. Devia ter-me envolvido mais, procurado saber o que andava a tramar via telemóvel. Devia tê-la controlado mais.

Acima de tudo, não controlei o telemóvel porque queria acreditar que voltara a merecer a confiança que perdera, pois o Joel teria desejado que voltasse a confiar nela. Ter-me-ia convencido de que era um erro sem exemplo e que ela estava genuinamente arrependida e não voltaria a fazer nada do género.

Dou voltas e mais voltas ao telemóvel na minha mão. Voltas e mais voltas, sem parar.

Tenho receio de ver e ser o Fynn. Ou o Lewis. Qualquer um dos meus conhecidos. Se for alguém chegado, tenho medo de perder as estribeiras e descarregar sobre esse homem toda a raiva que sinto por ter perdido o Joel, pela devastação que isso trouxe à minha vida, o sentimento de impotência criado pela autora das cartas. Não é que ele não o merecesse, mas a Phoebe e o Zane não o merecem. Não merecem perder o único pai que lhes resta, provavelmente, para uma prisão desta vez. A minha parte racional sabe-o, mas a parte que só quer dar cabo do homem que fez isto à minha filha pode não ser tão razoável.

Por outro lado, se não vejo, não posso ir à polícia denunciar quem anda a perseguir-nos, porque isto é uma bomba-relógio que qualquer jornalista pode encontrar e detonar no futuro, um risco demasiado grande para correr com a Phoebe.

Através da janela larga na parede oposta avisto o panorama da cidade de Brighton: os edifícios aglomerados como blocos de construção de várias cores com formas irregulares e a misteriosa paisagem marítima ao fundo, envolta em neblina. Deste ângulo não vejo a praia, à altura a que estou não vejo as pessoas. Ambas estão lá, ambas existem, embora esteja a olhar para

elas e não as veja. Provavelmente, passa-se o mesmo em relação ao que devo fazer a seguir: está mesmo à minha frente, mas, por mais que procure, não consigo vê-lo.

O que faria o Joel?, pergunto-me.

O que faria o Joel?, pergunto eu ao Universo, a Deus, à Entidade Suprema, seja ela quem for. *O que faria o Joel?*, pergunto eu ao Joel.

A resposta propaga-se em mim, na minha pele, nos pulmões, no coração como um perfume caro e delicado, até chegar ao cérebro.

Eu não sou o Joel.

O que o Joel faria não importa, porque eu não sou o meu marido. Eu sou eu. E o que tenho de fazer não pode deixar de ser feito.

Introduzo lentamente a palavra-passe, a chave que abre a caixinha dos segredos, no espaço que existe para o efeito. Tenho a impressão de ouvir os trincos a correr, o puxador a rodar e a porta para a vida secreta da Phoebe a escancarar-se.

Encontrá-lo é uma questão de segundos. Levo alguns minutos a perceber de quem se trata. Demoro 20 minutos a ler a corrente de mensagens que trocaram e um milissegundo a perceber que, tal como a erupção do Monte Vesúvio arrasou as antigas cidades de Pompeia e Herculano, a minha explosão vai arrasar tudo e todos à volta dele.

A mão treme-me quando pouso o telemóvel em cima da mesinha de cabeceira. Ficou na última mensagem que ela enviou ao Curtis para que não descubra o que li, o que descobri, antes de poder confrontar o filho da mãe e dizer à minha filha que li as mensagens.

– Mãe? – chama ela com voz rouca. Tenta mexer-se, mas não consegue mais do que um ligeiro movimento do tronco. Provavelmente, sente-se como se tivesse sido apanhada por uma avalanche de pedras, deve ter a garganta seca e apertada. Não abre os olhos, talvez fosse um esforço grande de mais neste momento. Aperto a mão dela na minha.

– Estou aqui, linda, estou aqui. – Sorrio à minha filha que não me vê, mas pode ouvir-me.

Não poder tocar no Joel na morgue foi algo que reforçou a minha perda de inúmeras formas nos dias, semanas e meses que se seguiram. Adorava tocar-lhe e ser tocada por ele desde que lhe apertei a mão naquele voo para Lisboa. Ver-me impedida de me ligar fisicamente a ele acrescentou uma dimensão cruel à perda. A mão do agente no meu braço, a impedir-me de interferir com “os indícios” do crime, sublinhou quão absoluta fora essa perda, lembrou-me de que a nossa ligação no mundo físico tinha chegado ao fim. Nessa altura, prometi a mim própria tocar o mais possível nas pessoas que amava para o caso de também isso me ser negado no futuro.

Debruço-me sobre a cama, afago o rosto da minha filha e deposito-lhe um beijo na face gelada. Geralmente, protesta quando lhe toco, não percebe que tenho de o fazer para a eventualidade de não poder voltar a fazê-lo. Agora, porém, parece relaxar sob o meu toque.

– Estou aqui, meu amor. Estou aqui.

LV

– Tem de ficar aqui até eu voltar – digo eu à tia Betty.

Não teve tempo para trocar de roupa depois da visita ao posto dos correios, que hoje fez sem mim. Nos últimos três dias acompanhei-a e por isso é que eu e a Phoebe andávamos tão cedo às compras, para eu poder regressar a casa a tempo de ir com ela, mas desta vez esgueirou-se de casa para ir sozinha. Não tenho tempo nem forças para falar agora sobre o assunto, mas tenho de lhe fazer perceber a importância de não deixar o quarto da Phoebe. Não quero que acorde sozinha e desorientada, a perguntar-se porque é que a mãe não está junto dela.

– Não percebo onde vais – replica a tia Betty.

– Tenho de ir tratar de um assunto urgente. Não pode esperar. Mas quero que me prometa que não sai daqui. Jogue a carta da velhinha entrevada e tenho a certeza de que uma das enfermeiras virá trazer-lhe tudo o que precisar. A casa de banho é ali. Não fale com ninguém que não seja médico ou enfermeiro e que não possa provar que tem permissão para estar aqui. Se isso acontecer, arme a maior escandaleira de que for capaz.

– Deixa ver se eu entendi bem, queres que peça às pessoas provas de que podem estar aqui?

– Sim.

– Porque havia alguém de... – A tia Betty cala-se e o rosto dela, normalmente animado, aquieta-se com uma expressão de desconfiança. Não é burra, sabe o que quero dizer. – As cartas?

Faço que sim com a cabeça.

– É disso que vais tratar agora?

– Não, isto é outra coisa.

Ela indica a Phoebe, que dorme profundamente, com um gesto de cabeça.

Aceno com ar sombrio.

– Podes ficar descansada, não saio daqui.

– Não lhe diga onde fui. Depois falo com ela. Se acordar e perguntar por mim, ligue-me. Se não conseguir apanhar-me, ligue para a esquadra da polícia de Brighton ou de Hove, o mais certo é estar numa ou na outra.

Por uns instantes, quando os nossos olhos se encontram, lembro-me do Joel a olhar para mim e a expressão dos lábios dela lembra-me o trejeito dos lábios dele antes de me pedir para não fazer qualquer coisa.

– Faz o que tens a fazer – diz a tia Betty.

Se me tivesse pedido para não o fazer, pensaria duas vezes. Tentaria encontrar outra forma. Mas tenho de fazer isto. O sacana merece passar por isto agora, no pico da minha fúria. Se esperar para me acalmar, para pensar de cabeça fria, para decidir esclarecer o assunto com uma conversa, deixo-o safar-se. E ele voltará a fazê-lo. Provavelmente, esta já não é a primeira vez.

– Obrigada – declaro.

Um beijo e um abraço para a Phoebe. Dou meia-volta com uma montanha na garganta por sabê-la tão frágil, por saber como estive perto de a perder. Debruço-me para abraçar a tia Betty, um momento estranho, constrangedor. Isso não me impede de o fazer, no entanto, embora o corpo dela se retese nos meus braços. Vou cumprir a promessa que fiz a mim própria, vou tocar nas pessoas que amo antes que seja tarde de mais.

Passo por casa para recolher os artigos de que preciso.

Meto-os na mala de cabedal macio, contente, mais uma vez, por não ser uma daquelas pessoas que consegue transportar a vida inteira numa malinha do tamanho de um maço de cigarros. Antes de sair, sinto a súbita necessidade de percorrer a casa, divisão a divisão, para ver se não me esqueci de nada. Paro na sala e olho para a fotografia do Joel com os miúdos na moldura em cima da lareira.

Sem dúvida, dir-me-ia para não fazer isto. Para encontrar outra solução.

Se aqui estivesse, resultaria, fá-lo-ia à maneira dele e as consequências não seriam tão extremas. Tenho o coração a bater descompassado, sinto-me ofegante.

Talvez isto não seja muito boa ideia, afinal.

Confia em mim... outros adultos não querem que te apaixones... por isso nunca te dirão a verdade... não podes engravidar da primeira vez... por isso não te preocupes com a pílula... e não perguntes à tua mãe... ela nunca iria entender... é capaz de te dizer qualquer coisa para te impedir... ninguém gosta de ti como eu Relembro as palavras dele e sinto-me novamente tomada de raiva. Não há de safar-se desta, este homem que tem andado a intrujar a minha filha. Não vai sair ileso.

Provavelmente, estou abalada de mais para conduzir, mas faço-o à mesma porque tenho de tratar disto agora. Esperar por um táxi, tentar evitar a conversa fiada com o condutor só vai atrasar tudo e fazer com que volte a duvidar de mim própria. Tenho de o fazer enquanto há dia, com tempo para levar a cabo o que pretendo, enquanto o sangue ainda me ferve nas veias.

Hoje só faz meio turno, o que lhe dá tempo para explorar outros interesses em casa, por isso, estou certa de que vou encontrá-lo lá quando carrego na campainha.

Sinto o coração a pulsar-me nos ouvidos, acima do fluxo de adrenalina que me corre no sangue. Neste momento, a minha cabeça é um lugar muito barulhento.

Ele vem atender a porta e o seu primeiro instinto é sorrir. Exibir aquele sorriso imaculado, abrir a boca e dizer: – Saffron! Que prazer inesperado.

Vejo o que a leva a gostar dele. Se temos 14 anos é fácil, imagino, apegarmo-nos a alguém que nos trata como adultos, que nos encoraja com elogios e discursos motivadores, da mesma forma que um violador numa festa assegura a embriaguez da sua vítima. Percebo que pense que é isto que quer numa altura em que se sente responsável pela morte do pai, com uma

mãe tolhida pela dor e um irmão pequeno de mais para a compreender. Acha que conhece e que pode confiar neste homem. É atraente se formos uma miúda de 14 anos assustada e à procura de amor e compreensão.

– A minha filha está numa cama de hospital por tua causa.

– A Phoebe? – pergunta ele, confundido. – Ela está bem?

– Não, mas vai ficar. Porque eu vou fazer tudo para que isso aconteça. E se, para isso, tiver de ir à polícia acusar-te de teres enviado à minha filha material sexualmente explícito e de a teres seduzido, assim farei.

– Espera, eu nunca...

– Não tentes mentir. Eu vi as mensagens.

– Não, não, não foi nada disso. Foi uma tolice sem importância. Uma noite passei por ela a caminho de casa depois das aulas e dei-lhe boleia. Foi tudo perfeitamente inocente.

– “Fico excitado só de pensar nos teus lábios.” Com que então, inocente, hã?

– Saffy, fora de contexto, isso pode ser mal...

– A Phoebe tem 14 anos!

– Mas olha que não age como tal – argumenta ele. – As raparigas hoje em dia amadurecem muito mais cedo e sabem o que querem...

– *14!* Mesmo que tivesse 16, isso já faria de ti um tarado, mas *14?*

– Não, Saffy, entendeste mal. Foi só um pouco de diversão – protesta ele.

– Diversão? Brincas!

Enfia a mão na mala. Aperto os dedos em redor da asa do objeto que trouxe da cozinha e saco-o para fora.

– Eu mostro-te a diversão – enuncio eu, brandindo o ferro de engomar azul e branco com o cabo branco e cinzento enrolado à volta da base. É sólido e pesado, perfeito para o que pretendo fazer.

– Querido, porque demoras? – A Imogen surge atrás do marido na fresta da porta entreaberta. – Ah, és tu – diz ela com frieza. – Que vieste cá fazer? E

que fazes com um ferro de engomar na mão?

– Estou a mostrar ao tarado do teu marido o que é diversão – atiro eu.

Ao longo da elegante e abastada rua nesta elegante e abastada zona de Brighton, os carros parecem obedecer todos ao mesmo padrão de gosto: uma paleta de azuis-marinhos, cinza prata e negro; um *design* refinado, teto de abrir, o símbolo de uma marca de luxo na dianteira, o nome de um modelo extravagante na parte de trás. O carro do Ray, no entanto, destaca-se: dispendioso, chique, de linhas aerodinâmicas como os restantes, mas num medonho tom de bronze metalizado que o torna facilmente identificável para a mulher com o ferro de engomar na mão.

Detenho-me por uns instantes diante da menina dos olhos dele para me assegurar de que não perde pitada, para lhe dar tempo de prever o que vai acontecer.

– Não! – berra ele.

O capô imaculado do carro estremece violentamente quando faço descer o ferro de engomar sobre ele, aplicando todo o meu peso. Por baixo e à volta do ferro de engomar formou-se uma amolgadela de contornos irregulares.

– Estás a divertir-te? – grito-lhe.

Desfiro novo golpe noutra zona do capô que fica como papel amarrotado, fazendo estremeecer o carro.

– Para com isso, Saffron! Para imediatamente! – grita a Imogen. Tem as mãos na cara, os olhos esbugalhados de terror. A expressão dela é o retrato de como eu me sinto por dentro quase todos os dias desde *aquele dia*: paralisada pelo horror do que está a acontecer diante dos meus olhos.

À minha volta, as pessoas começam a sair das suas casas para ver o que se passa na sua rua geralmente plácida e tranquila. Outros afastam as cortinas ou espreitam pelos estores.

– Vou chamar a polícia! – berra a Imogen, e desaparece no interior de casa.

O Ray está incapacitado. Não apenas pelo choque, mas também pelas circunstâncias. Tem de arranjar uma explicação plausível para isto. Tem de formular histórias diferentes, escolher bem as palavras, para convencer a mulher e os vizinhos.

Volto a brandir o ferro de engomar.

– E isto? É divertido? – Esta nova amolgadela desfigura a lateral esquerda do carro. Novo golpe, nova amolgadela. – *É?*

Agito o ferro no ar na direção do Ray, um homem branco e imóvel como uma estátua.

– Divertidíssimo, não? – Ao fim de dois golpes pesados, enérgicos, o vidro do lado do condutor produz um ruído doentio ao ceder antes de se estilhaçar em mil bocados que se espalham pelo banco.

Com uma última arremetida contra o capô, que se assemelha agora à superfície de um planeta cheio de crateras, deixo o ferro de engomar incrustado no carro.

Ofegante, viro-me e olho para o Ray. É alto, bem constituído, é um homem bem-parecido. É um exemplar execrável do sexo masculino.

Ainda a tentar recuperar o fôlego, digo-lhe: – Afasta-te da minha filha – alto e bom som para toda a gente ouvir, para abafar o bater do coração que me atroa a cabeça. – E não te aproximes de mais nenhuma miúda. Estou-me nas tintas para as declarações dos tarados nos jornais, para quantas séries de televisão de segunda categoria compactuam com a situação, quantos pedófilos vêm a público dizer que a rapariga queria: homens crescidos a aliciar crianças NUNCA é aceitável. E, se volto a ver-te perto da minha filha enquanto ela for viva, podes crer que venho outra vez atrás de ti.

O Ray não mexeu um músculo. Embora eu ouça as sirenes à distância e veja a Imogen à porta atrás dele, não se mexe. Está em choque. Toda a gente à nossa volta, incluindo a mulher, ouviu o que eu disse. Vai ter de mentir muito para se safar desta.

Devias ter pensado nisso antes de começares a enviar mensagens de cariz sexual à minha filha, apetece-me dizer-lhe. Devias ter pesado as consequências antes de começares a coagi-la a fazer um aborto ao dizer-lhe “Não te posso amar nesse estado. Tens de tratar disso.” Devias ter parado quando ela deixou de responder às tuas mensagens, em vez de descer o nível da conversa para tentar fazê-la reagir.

– Acho que estamos entendidos – digo-lhe eu.

A Imogen congelou, ficou petrificada à porta ainda com as mãos no rosto. O horror desapareceu, substituído por uma máscara de choque e desespero. *Sei como te sentes*, apetece-me dizer-lhe. Mas claro que não digo. As pessoas ofereciam-me versões dessa frase quando o Joel morreu e era insuportável. Não sabiam. Ninguém sabe. Como podiam saber se não conheciam o Joel como eu e não estavam no meu lugar? Não sei exatamente como a Imogen se sente neste momento, mas faço uma pequena ideia. Imagino o que se sente quando o mundo à nossa volta começa a desmoronar-se, mas temos de continuar a manter as aparências. Nunca lho diria, no entanto. Nunca ousaria dizer-lhe que sei como se sente quando posso apenas adivinhá-lo.

Baixo os olhos para o passeio. Fiz o que me trouxe aqui, entreguei a minha mensagem, visual e verbalmente, e não quero continuar a olhar para a cara da Imogen.

Vejo chegar dois carros-patrulha e deixo-me estar. É inútil fugir. Não tinha a certeza se um deles chamaria a polícia, mas fizeram-no, e não vou agravar os problemas que já tenho resistindo à detenção. Espero simplesmente que venham ter comigo, que peçam o meu nome, que me leiam os meus direitos. Aguardo as algemas nos pulsos, que me enfiem na parte de trás de um dos carros-patrulha e me levem daqui.

Espero. Ultimamente, parece que não sei fazer outra coisa.

LVI

A cela de detenção até é confortável, bem vistas as coisas.

Estou sentada em cima do fino colchão revestido a PVC que nada faz para mitigar a dureza da cama metálica. A parede áspera foi pintada num branco-sujo estranho, talvez para que a divisão pareça maior do que é. Há uma janela no alto da parede com o que eu assumo ser vidro martelado grosso. Aos pés da cama há uma retrete metálica e um lavatório de parede também metálico. O cheiro é atroz, como já seria de esperar: uma mistura pungente de desinfetante industrial, água estagnada do sifão da retrete e o suor do último ocupante. Ou talvez tenha mais que se lhe diga: talvez seja o fedor dos crimes daqueles que por aqui passaram; talvez se entranhe nas paredes e fique latente, como uma doença contagiosa, à espera de outros criminosos, e se vá acumulando até se transformar numa enfermidade pútrida que se insinua no organismo do ocupante seguinte. Talvez se vá alterando, de modo a que nenhum dos detidos cheire o mesmo que os outros nem saia com a mesma infecção criminosa.

Começo por ignorar e depois afugento estes pensamentos loucos porque, como estou constantemente a lembrar-me a mim própria, *a cela de detenção até é confortável*.

Não é pequena, confinada nem claustrofóbica. Não me dá vontade de gritar e arrancar as grades de metal, nem de trepar pelas paredes até à janela para deixar entrar algum ar aqui dentro.

Além da mala, do casaco, do cinto e das meias levaram-me também as sapatilhas. Devem estar lá fora, de frente para a porta da cela, como o restante calçado que vi alinhado do lado de fora das celas quando me trouxeram.

Dou um pulo de susto e o meu coração acelera quando abrem a porta. É o homem que foi outrora o agente mediador entre a minha família e a polícia.

Para à entrada. Visualizo nitidamente o que vou fazer a seguir: levantar-me de um salto, dar-lhe um empurrão para o lado e fugir a sete pés. Teria de parar para apanhar as sapatilhas e sem a mala não iria a lado nenhum. E será que ainda me lembro de como encontrar a saída? É uma ideia ridícula, mas não tenho eu feito tanta coisa tresloucada, ultimamente?

O agente deixa escapar o suspiro profundo de um amigo perplexo, frustrado, preocupado e altera a expressão para combinar com o suspiro antes de vir sentar-se o mais afastado possível de mim na cama curta e estreita. Pelo menos, deixou a porta aberta. Pelo menos, deu-me a opção de tentar a fuga.

– Não pensei voltar a vê-la tão cedo, Sra. Mackleroy.

– Queria ver se conseguia acertar com o meu nome duas vezes seguidas. E, viva!, consegui. Boa!

O agente não se ri, mas parece achar piada.

– Que se passa, Sra. Mackleroy? Nem quis acreditar nos meus olhos quando li o seu nome na folha de detenções. Vandalismo?

Está genuinamente preocupado comigo. Quase me sinto esmagada pela onda de afeto que subitamente sinto por ele. É tão jovem e parece ter mudado tanto em tão pouco tempo.

– Qual é o seu nome? – pergunto-lhe. Ele pestaneja, surpreendido.

– Não sabe o meu nome?

Abano a cabeça.

– Nunca cheguei a dizer-lho, ou esqueceu-se?

– Nunca mo disse. Quando foram a minha casa daquela primeira vez nenhum de vocês se apresentou. Deram-me, provavelmente, a pior notícia que já recebi e nem sequer sabia os vossos nomes. E depois disso já não se proporcionou. Todos os outros agentes que foram lá a casa se apresentaram, menos vocês.

– Não é possível. – Puxa pela memória, alarmado, para relembrar aquela

época; quer localizar o momento em que me disse como se chamava. *Não houve um dia em que não estivesse naquela casa*, está ele a pensar, *seguramente disse-lhe o meu nome*. – Não é possível – repete, incapaz de situar o momento em que se identificou à dona da casa.

Abano a cabeça.

Ele fecha os olhos, vexado.

– Às vezes, penso no seu caso e arrependo-me de tanta coisa – diz ele, mais para si próprio do que para mim. – Aprendi tanto desde então.

– Mas não a dizer-me o seu nome, aparentemente – brinco.

– Inspetor-estagiário Clive Malone.

– É um gosto conhecê-lo, Clive Malone.

– Está numa cela de detenção, Sra. Mackleroy, não me parece que tenha grandes motivos para estar satisfeita.

– Não, tem razão. A minha filha está no hospital e gostaria imenso de poder voltar para junto dela.

– Receio que ainda tenha de ficar algum tempo. Não posso fazer nada em relação a isto.

– Nem eu quero que faça. Precisava de mostrar àquele homem, o proprietário do carro que ataquei, que tinha de se manter afastado da minha filha.

– Há formas melhores de o fazer – responde ele.

– Pois há. Mas eu queria ir presa. Tenho sido tão má mãe, uma mãe ausente, não tenho estado devidamente atenta e nem sequer reparei na gravidade do que estava a acontecer. Queria que me prendessem, como castigo. Pregar um susto de morte ao filho da mãe que abusou da minha filha foi um bónus. Mas não vou para a prisão, pois não?

– Não. Se estiver disposta a admitir o que fez e a aceitar uma advertência, vou ver se consigo antecipar a sua audiência para a tirarmos daqui o mais depressa possível.

- Obrigada, Clive Malone.
- É o mínimo que posso fazer, dadas as circunstâncias.
- Suponho que não pode deixar a porta aberta – pergunto-lhe quando se prepara para sair.
- Isso não, lamento. Mas vou ver se podem transferi-la para uma sala de interrogatórios.
- Obrigada.

O agente Clive Malone sorri-me antes de desaparecer. Puxo os joelhos para o peito para apoiar a cabeça. Eu mereço estar aqui. Não apenas por ter vandalizado o carro do Ray Norbet, mas por tudo o que tem acontecido.

Hei de superar isto, no entanto. Hei de resolver tudo. Não tenho outro remédio.

A tia Betty e a Phoebe estão ambas a dormir quando regresso ao hospital.

A tia Betty usou as suas artes mágicas e alguém lhe arranjou uma cadeira totalmente reclinável e dois cobertores brancos de hospital. Nas sombras do quarto, deixo-me cair na poltrona que ocupei antes. Os sinais sonoros pontuam o silêncio, os gráficos são luzinhas no escuro.

Apetece-me imenso tomar um banho, lavar-me dos crimes entre os quais me sentei na cela de detenção. Purificar-me para poder regressar ao ponto de partida, fresca e renovada. Que bom que seria, não? Simbólico.

Sem fazer barulho, aproximo a cadeira da cama e estendo os braços para a minha filha. Descanso a testa nas nossas mãos entrelaçadas. Sem ela, sem o Zane, nada valeria a pena.

Fecho os olhos e adormeço. Amanhã de manhã tudo será melhor.

Quinta-feira, 23 de maio
(Entregue na sexta-feira, dia 24)

Saffron,

Somos tão parecidas, eu e você.

Quando atacou o carro daquele sacana senti a mesma raiva que eu, não senti? Vi-o no seu rosto, é um estímulo como nenhum outro. É como se nos tornássemos outra pessoa.

E também a ouvi. Disse das boas ao sacana, parabéns. É nojento. Lamento ter pensado que a Phoebe era uma oferecida. O que ele lhe fez é horrível.

Alguém me disse que a deixaram sair tão depressa porque aceitou uma advertência? Porquê? No seu lugar teria explicado o que o sacana fez e a polícia teria percebido que foi perfeitamente justificado.

Acho que também iriam perceber porque fiz o que fiz. Não premeditei nada, mas, quando aconteceu senti-me como a Saffron, quase cega de raiva ao ouvir o que ele me disse. Tudo palavras que a Saffron lhe pôs na boca, mas ele não tinha de as dizer, pois não? Preparei tudo para ficarmos a sós. Ninguém saberia e ninguém podia contar-lhe nada. E ele não parava de dizer aquelas coisas.

Não tinha de acabar assim. Fiquei tão... colérica. Mas a Saffron entende, não entende? Vê porque aconteceu o que aconteceu. Eu não o matei, não premeditei nada, mas a raiva tomou conta de mim.

Se pensarmos bem nisso, entre um carro e uma pessoa não vai assim tanta distância.

Acho que devíamos encontrar-nos para conversar sobre tudo isto. Acho que podíamos ser amigas, acho mesmo.

A

LVII

Leio a carta, entregue com flores para a Phoebe, sentada no tampo da sanita da casa de banho ao lado do quarto da minha filha.

Esta mulher está sempre onde eu estou. Segue-me para todo o lado, não perde nada, parece não precisar de dormir. E está cada vez mais arrojada. Parece ser-lhe indiferente se a vejo ou não, se realmente esteve lá ontem, perto o suficiente para ouvir o que eu disse ao Ray, para ver a minha cara. Não me resta qualquer dúvida de que se prepara para vir atrás de mim. Tenho de estar preparada, alerta. Devolvo a carta ao envelope, que dobro ao meio, cortando as palavras dela em duas metades. Torno a dobrá-lo, dividindo-as ainda mais. Enfio-as no bolso de trás das calças de ganga, onde terão de ficar até poder guardá-las com as outras.

Lavo as mãos para me libertar dos vestígios dela e regresso ao quarto da Phoebe. A tia Betty convenceu alguém a deixá-la tomar um banho e a descansar convenientemente num dos quartos do pessoal da enfermagem. Esta manhã fui a casa buscar mudas de roupas para ambas (tive de chamar um táxi porque o meu carro ficou na casa da Imogen, provavelmente, crivado de multas de estacionamento e em risco de ser rebocado).

A Phoebe já tomou o pequeno-almoço, recebeu a visita do médico e está sentada na cama com a sua bata branca, o cateter, semelhante a um apito branco, ainda fixo às costas da mão esquerda e uma pulseira hospitalar no pulso direito com o nome dela. Como tem feito toda a manhã, está a passar de forma obsessiva a série limitada de canais na pequena televisão pendurada acima da cama.

Neste momento, parece ter uns 6 anos, tem estampada no rosto a expressão de uma criança pronta a desvendar as maravilhas do mundo. Deixo-me cair pesadamente na poltrona ao lado da cama e ela olha-me de

soslaio.

– Conheço esse olhar – resmunga ela antes de desligar a televisão. Afasto o aparelho para poder vê-la bem.

– Então, o Curtis era realmente o pai – comento.

Ela tenta um encolher de ombros, mas não consegue, porque a ligação nervosa entre o ombro e a zona operada, a zona da gravidez ectópica, torna doloroso qualquer movimento brusco.

– Eu disse-te.

– Pois disseste. Mas não agiste como tal por causa do Ray.

Arregala os olhos escuros, raiados de sangue.

– Já sabias?

– Sim. Vi no teu telemóvel. E, antes que comeces a mandar vir comigo, deixa-me dizer-te que já o devia ter feito há muito mais tempo. Não sei nada da tua vida, Phoebe, e as coisas não podem ser assim. A minha função é proteger-te dos males do mundo e tenho feito um péssimo trabalho, em parte porque não queria ser como a minha mãe, e pequei por excesso. Isso acabou. De agora em diante, vou controlar regularmente o computador e o telemóvel e, se algo não me agradar, perdes os teus privilégios. Entendido?

Quer encolher os ombros, vejo-o na expressão dela.

– Não é justo.

– É justo, sim. És muito jovem. Sei que te sentes adulta e que queres poder fazer tudo o que te apetece, mas ainda não podes. Podes ter alguma liberdade e alguma independência, mas com limites. E podes ter coisas como o computador e o telemóvel, mas só se eu puder controlá-los regularmente e certificar-me de que não dás um passo maior do que a perna. E adorava que me falasses da tua vida. Gostava que me contasses o que se tem passado e me pedisses uma opinião, conselhos, mas não posso forçar essa situação. Só posso prometer que vou tentar equilibrar o papel de mãe que estabelece as regras e o de alguém com quem podes falar à vontade. Parece-te justo?

– Veremos...

Encosto a cabeça para trás e fíto o teto. Tenho de me manter acordada, não posso deixar-me cair num sono profundo que dure mil anos.

– Não vais ralhar-me por causa do Ray? – pergunta ela a medo.

– Agora não. Estou sem energia para isso.

– Vais... vais dizer-lhe que sabes? E à Imogen?

– Já lhes disse. E já sabem que têm de se manter afastados de nós.

A Phoebe sobressalta-se e arregala muito os olhos.

– O que é que lhes disseste? O que é que eles disseram? Estão zangados comigo? A Imogen vai voltar a barafustar comigo?

– Não ficaram lá muito contentes, mas, como já disse, sabem que têm de manter a distância. – Estou a pensar matricular o Zane noutra escola para o afastar do Ernest. Não tem culpa nenhuma, mas quanto menos contacto tiver com aquele homem, melhor.

Esfrego os olhos, parecem carvões em brasa na gélida fornalha de dor que tenho no lugar da cabeça.

– Mãe? – chama ela.

Baixo a cabeça e observo-a.

– Ele foi muito meigo comigo. Lembras-te de me teres perguntado se ele tinha sido bom para mim? Foi. O Curtis, quero dizer. Ele queria usar um preservativo e eu é que insisti que não tínhamos de o fazer por causa do que o Ray me tinha dito. O Curtis é, tipo, o meu melhor amigo embora seja rapaz e eu disse-lhe que não queria que o Ray pensasse que eu não passava de uma miudinha estúpida. Queria tanto que ele gostasse de mim. E o Curtis disse-me que curtir não era bem a cena dele e que gostava de mim e não sabia se seria boa ideia termos relações. Fiquei de rastos, porque pensei que, se quisesse fazê-lo com o Ray, ele ia ficar aborrecido por eu não ser, tipo, experiente. Mas, depois, o Curtis, tipo, mudou de ideias assim sem mais nem menos e disse que queria. Fizemo-lo na casa dele depois das aulas quando o pai ainda

estava na escola.

Estou no estado de espírito perfeito para ouvir isto, para me habituar a ter uma relação com a minha filha em que ela se abre comigo, porque me sinto esgotada de mais para desatar a correr pelo quarto com as mãos nos ouvidos, a gritar-lhe que pare de me falar de sexo.

– Foi muito meigo. Não parava de me perguntar se tinha a certeza e se estava bem. Disse-me que podíamos parar quando eu quisesse e que não tínhamos de ter relações. Senti-me muito segura com ele.

Com certeza foi por isso que ele mudou de ideias, penso eu. Conhece a minha filha, sabia que arranjaría outra pessoa e quis que se sentisse segura da primeira vez, que fosse bem tratada.

– E até foi bom. Eu, tipo, tu sabes, até gostei.

– Ainda bem.

O Joel foi o primeiro homem com quem me senti assim. Já tinha tido relações sexuais muitas vezes e era fantástico, agradável, quase sempre orgásmico, mas a primeira vez que tive relações sexuais emocionalmente seguras, onde não me preocupei em esconder o que sentia, foi com o homem com quem me casei. Vou para lhe dizer *Com o teu pai também foi assim*, mas contenho-me a tempo. Realmente, há coisas que não precisamos de saber sobre os nossos pais.

– Quis contar-te porque não quero que o odeies, ou qualquer coisa do género. Não fez nada de mal e foi muito meigo comigo.

– Eu não o odeio. Já lhe contaste o que aconteceu?

– Sim e ao tio Fynn também. Vêm visitar-me logo à tarde, pode ser?

– Sim, conta a quem quiseses. Menos aos teus avós. De ambos os lados. Já tenho problemas que cheguem. Contamos-lhes noutra altura, ou nunca. Ainda não decidi.

A Phoebe faz uma expressão arrependida.

– Oh!

– Oh, Pheebbs! Podias ter-me avisado, ao menos. Quando é que lhes contaste? Tenho de pensar bem no que lhes hei de dizer quando aparecerem.

– Apanhei-te! – ri-se ela. Agarra a barriga para conter o riso e a dor. – Nem eu sou assim tão estúpida, mãe.

O rosto dela, iluminado pelo riso, é uma das coisas mais belas que já vi na vida. Quase compensa a carta que me arde no bolso e o relógio sobre a minha cabeça a contar o tempo até ao inevitável confronto com a assassina do meu marido.

LVIII

Percorro os corredores, à espera que o Fynn termine a sua visita.

Se não parar de andar, não adormeço. Eu e a Phoebe dormitámos esta tarde, mas não o tempo suficiente para me fazer sentir fresca e repousada, em vez de exausta e desalinhada. A tia Betty encontrou uma vida nova no hospital. Vem muitas vezes ao quarto dizer que está bem e volta a desaparecer. Não sei como conseguiu acesso a tantas outras alas quando há fechaduras de segurança em todas as entradas e saídas, mas não a questiono. É como um grande bebé a dar os primeiros passos: deixo-a brincar à vontade se estiver num sítio em que lhe possa ir deitando um olho de vez em quando.

Paro ao lado da porta para o quarto da Phoebe e encosto-me à parede. É fresca e sólida como uma cama. Fecho os olhos e deixo-me levar para longe de tudo isto. Permito-me a liberdade de esvaziar a mente e sucumbir à beleza d...

– Pareces exausta.

Fico alerta de repente e endireito-me.

– É sempre bom ouvir a opinião do espelho falante – declaro.

Depois de um sorriso cúmplice, ele torna-se sério.

– Devias ter-me ligado, Saff – diz.

O meu coração cansado dói-me no peito e quero dizer-lho. Quero conversar com ele, que volte a ser o meu melhor amigo. Quero recuperar aquilo que tínhamos.

– Devia?

– Sim, sabes bem disso. – Repousa o olhar na parede ao lado da minha cabeça, no corredor, por cima do meu ombro, no teto, mas nunca em mim. Em todo o lado menos em mim. Ainda não suporta sequer olhar para mim. Devia pegar-lhe na mão e apertá-la contra o peito, pedir-lhe para sentir esta

dor forte e bem real que trago no coração pela forma como as coisas estão entre nós.

– Não podemos falar disto, Fynn? Ver se...

– Vá lá, Saff, falar sobre quê? Os meus sentimentos não mudaram. E os teus mudaram?

– Não é assim tão simples.

– Vou interpretar isso como um... – Deixa a frase em suspenso. Fixa um ponto acima do meu ombro e depois desvia o olhar. Baixa a cabeça, debatendo-se com um misto de emoções que tenta disfarçar, dentre as quais reconheço a sensação de ter sido traído. Sinto o estômago, um caldeirão de náusea constante, a virar-se do avesso, pois sei o que viu, *quem* viu. Julga que liguei ao Lewis e não a ele, que numa altura em que a Phoebe podia até ter morrido não pensei contactá-lo, mas telefonei ao novo homem na minha vida.

– Não. Vou interpretar isso como um não. Até à próxima, Saff.

– Até à próxima.

Aperto os olhos com força e mordo o lábio inferior para não ter de o ver uma vez mais a virar-me as costas. Está a tornar-se um hábito e o meu coração não aguenta muito mais disto.

– Mais uma vez, os nossos filhos aproximam-nos – comenta o Lewis Bromsgrove.

Estamos na cafetaria no rés do chão do The Alex e, da última vez que a porta que dá acesso à cozinha se abriu, tenho a certeza de ter visto lá dentro a tia Betty de bata e touca de rede. Devo estar a alucinar. *Espero* estar a alucinar.

Ofereço-lhe um sorriso fraco. Além do *cappuccino* dele, tenho à minha frente um copo descartável com uma dose dupla de café forte e um pastel de massa folhada com creme. Não quero o pastel. Não me lembro da última vez que comi, mas não quero o pastel. Muitas vezes compro algo assim para manter as aparências quando me encontro com alguém para tomar um café ou

um chá. Começo a comê-lo e “descubro” um cabelo ou bolor. Como não quero provocar alarido, deixo-o de lado, por comer. É o disfarce perfeito, porque a pessoa com quem estou convence-se de que como normalmente e é uma oportunidade para me testar a mim própria. Para testar a minha força de vontade, a minha capacidade de resistir ao apelo da comida.

Às vezes, não sou assim tão forte e desfaço o que tenho em pedaços. Separo as coberturas dos queques, o creme dos pastéis de cenoura, o recheio das fatias de bolo, alegando serem doces de mais, e como o resto. A parte com menos calorias “vazias”. E depois, assim que posso, faço todos os possíveis para me livrar dessas calorias. Neste momento, não quero o pastel nem vou incomodar-me com o elaborado logro do costume. Pedi-o porque é o que faço quando vou tomar café com alguém.

Ficamos sentados sem falar durante longos minutos no meio da movimentada cafetaria.

– Desculpe – diz o Lewis, por fim. – Devia ter-lhe contado logo tudo.

– Não sei se devia, se quer que lhe diga – admito. – Tenho refletido muito sobre o assunto e, como o Joel teria feito notar, foi bom para ela ter um adulto em quem confiar numa altura tão desesperada. Fez uma boa ação por uma adolescente amedrontada e isso é nobre da sua parte.

– Mas?

– Eu não sou o Joel. Não consigo conceber que me tenha escondido uma coisa tão importante. Levei algum tempo, mas finalmente percebi que a questão só se coloca por nos sentirmos atraídos um pelo outro e haver todo este potencial entre nós.

O Lewis concorda com uma careta.

– Se fosse apenas um dos professores da Phoebe, o que fez seria justo e compreensível. Mas há isto entre nós: se acontecesse alguma coisa, podia potencialmente tornar-se uma espécie de padrasto na vida da minha filha e seria impossível deixar de me questionar que outros segredos teria com a

Phoebe ou o Zane.

O Lewis tira os óculos de hastes douradas e deixa-os cair em cima da mesa, quase como um pugilista a baixar os braços, dando-se por vencido. Faz um aceno de cabeça, resignado, ao que parece, com as minhas palavras, o que significam para nós, e esfrega os olhos com gestos cansados.

– Tirando a relação com o Curtis, suspeito que será sempre o professor que quer ajudar os alunos, em primeiro lugar. O que é louvável, mas não tão bom assim para alguém que, como eu, já sente enormes dificuldades em confiar nos outros.

Outro aceno de cabeça. Pergunto-me o que verá sem os óculos. Estou ligeiramente zozza e sinto uma vontade súbita de os pôr e desfilar pela cafetaria a dizer: “Olá. Como está? Chamo-me Lewis Bromsgrove e sou tão delicioso que a Saffron quer lambe-me como a um chupa-chupa.”

– Estava a ter alguma fantasia bizarra agora mesmo? – pergunta-me o Lewis quando volto a olhar para ele. – Ficou com um olhar distante, como se estivesse noutra planeta ou qualquer coisa do género.

– Sim – admito. – Perguntava-me o que faria o Lewis se eu pusesse os seus óculos e me fizesse passar por si.

Ele lança-me um sorriso tão beatífico que tenho de desviar o olhar. É mesmo um pedaço de céu.

– E isto não tem nada a ver com aquele outro tipo, o Fynn? – pergunta ele, outra vez sério.

– Porque é que havia de ter alguma coisa a ver com ele?

– Não é lá muito amistoso. Parece-me que tenho ali concorrência.

– Não sou um prémio para se ganhar ou perder – lembro-lhe. – E, com Fynn, ou sem Fynn, isso não altera o facto de que não consigo conceber que me tenha ocultado algo tão grave.

– Tem razão. Suponho que estamos perante um daqueles projetos que nunca sairá do papel. Um verdadeiro clássico – declara ele sem amargura

sobre o nosso potencial falhado.

– Talvez sim – digo eu. – E, seja como for, a parte divertida destas coisas costuma ser a incerteza: “Será que vamos? Será que não vamos?” Teremos sempre isso.

A gargalhada do Lewis, grave e gutural, provoca-me um arrepio agradável na espinha e faz com que algumas pessoas virem a cabeça com um ar surpreendido ao ouvir um riso tão contagioso.

– Asseguro-lhe que essa não é a parte divertida – ri-se ele. – Nem por sombras.

– Sabe bem o que quero dizer. – Rio-me, também. É uma experiência diferente, ser capaz de rir. Quando terá sido a última vez que o fiz? Não me lembro.

– Gostava que me desse a oportunidade de tentar fazê-la mudar de ideias – diz ele.

– Sim, está bem. Porque não? – respondo. Como disse à Phoebe há bocado, estou sem forças para discutir. – Mas desde já lhe digo que raramente mudo de ideias.

O Lewis não sabe que tem havido demasiados segredos na minha família e não quero incorrer no mesmo erro.

– Para que saiba – replica ele com um sorriso, devolvendo os óculos ao rosto –, adoro desafios.

LIX

– Mãe! Mãe! Acorda!

Abro os olhos ao ouvir a voz urgente e sentir um peso a esmagar-me.

Durante uns momentos não sei onde estou. Já passei três dias no hospital, mas acordo sempre desorientada. A luminosidade do lado de fora das minhas pálpebras irrita-me um pouco: não é de manhã cedo, nem de noite. Sinto o corpo pesado e tenho qualquer coisa mesmo à frente do nariz, próxima de mais para conseguir focá-la. O objeto afasta-se um pouco e vejo o que é. E é divinal.

– Zane? – sussurro, com medo de falar muito alto e despertar deste sonho.

– Zane?

– Iá! – diz ele, todo contente. Põe-se aos saltos em cima de mim e os ossos dos joelhos dele esmagam-me os órgãos internos. Parece ter crescido para o dobro do tamanho desde que saiu de casa, há três semanas. – Voltei. Nem acredito no que a Phoebe fez desta vez!

Se ele está aqui, eles também estão e isso significa que... Vejo-os do outro lado da cama como duas torres sombrias. Não sabem a quem dirigir os seus olhares de censura: enquanto um olha para mim, o outro olha para a Phoebe e depois trocam.

– A Betty ligou-nos – informa a mãe do Joel. – Achou que devíamos saber.

– Ah, OK – Nem acredito que a tia Betty me meteu num aperto destes. É a última vez que a acolho em minha casa.

– Nem acredito que andou de ambulância – diz o Zane. – Com os pirilampos ligados e tudo, disse ela. Não é justo.

Aconchego o Zane, aperto-o contra mim para o impedir de me causar mais danos internos e porque o meu pequenino regressou a casa. Vou gozar o

momento. Não vou pensar que tê-lo aqui é mais um sinal de fraqueza, porque neste momento estou-me nas tintas para isso. Voltou, tenho-o aqui comigo e posso abraçá-lo.

– Podias ter-nos ligado, Saffron – declara o pai do Joel. – Teríamos vindo mais cedo.

Quando as galinhas tiverem dentes, penso eu.

– Por favor – diz a mãe do Joel de repente. Olha-me nos olhos com uma expressão que nunca lhe vi no rosto. Noutra pessoa qualquer seria de humildade, arrependimento. – Por favor – repete. – Podemos recomeçar? Sei que o Joel já cá não está para ver isto, mas vamos deixar o passado para trás. Vamos ser mais amáveis uns com os outros. Seguir em frente com outra atitude.

Com a breca! O que lhes terá dito a tia Betty?, pergunto-me.

– Sim, claro – assinto. Aproveito para enterrar o nariz no pescoço do meu pequenino, para o cheirar e apertá-lo nos braços. Tenho tanta sorte por poder fazê-lo, por ser este o meu propósito na vida.

Podia fazer-lhes notar que a culpa é toda deles, não minha. Podia lembrar-lhe de que, durante anos, fiz das tripas coração para tentar estar à altura das expectativas, em vão. Podia dizer que pensava que as coisas seriam diferentes depois da morte do Joel, e qual não foi a minha desolação ao verificar que continuou tudo na mesma. Podia dizer tudo isso, mas não o farei. Nada disso interessa porque trouxeram o meu bebé para casa. Neste momento, seria capaz de lhes perdoar quase tudo.

PARTE XI

LX

É hoje que ela vem atrás de mim.

É uma das coisas de que tenho estado à espera e chegou o dia.

Sinto-o.

Há três dias que não recebo cartas no hospital, desconheço se houve novos ataques ao meu carro, porque foi rebocado e não tenho tempo para ir recuperá-lo. O que sei é que alguém ligou para o hospital a perguntar quando é que a Phoebe ia receber alta. A enfermeira que atendeu disse que não podiam fornecer essa informação, mas confirmou que a Phoebe estava de facto internada neste hospital. Vi logo que era ela, a verificar se ainda cá estávamos, a tentar descobrir se eu tinha falado com a polícia e se estaríamos sob vigilância policial. A tentar perceber até quando vou permanecer em casa durante longos períodos do dia para poder vir matar-me.

Nos últimos quatro dias tenho vindo a casa, do hospital, sempre à mesma hora para levar mais roupa lavada, trazer a roupa suja e cozinhar para mim e para a Phoebe. A tia Betty vai e vem a seu bel-prazer (come aqui e ali), mas fica sempre com a Phoebe quando não estou.

Sinto-a a aproximar-se como um inverno frio e lúgubre. É uma sensação que paira no ar, a arrepiante ameaça do que está para vir. Apercebo-me de que sempre foi esta a intenção dela. Se ler as cartas desde o início, torna-se evidente que eram simplesmente um prelúdio para este dia.

Vai ser hoje porque a Phoebe vai deixar o hospital amanhã, voltaremos a estar cá todos, a casa tornará a ganhar vida e já não estarei sozinha, completamente sozinha, como agora.

Ela virá para me matar e estou preparada.

Parei a caminho de casa para comprar amoras. É o meu sabor preferido, mas não como amoras desde *aquele dia*. Evito olhar para elas nas lojas, os

meus olhos parecem desenvolver um ponto cego onde quer que as encontre. Ignoro as receitas que levam amoras nos livros e na Internet. Sempre adorei o seu sabor pungente e semiamargo, a sucessão de pequenas explosões na língua. *Naquele dia*, tencionava sentar-me com a minha taça de amoras a ler uma revista e a ouvir rádio enquanto esperava pelo meu marido. Em vez disso, aquele foi o dia em que começou a minha espera pelo dia de hoje.

É hoje que ela vem para me matar e é disso que tenho estado à espera.

Estou na cozinha, claro. É aqui que vou esperar que aconteça. Não vou comer as amoras, vou elaborar uma receita para o livro. Vou aproveitar este tempo para criar algo que adoro.

Já dispus na bancada os ingredientes de que preciso e examino-os atentamente, correndo os dedos ao de leve pelas superfícies, para garantir que não falta nada: Amoras Açúcar branco Sumo de limão Extrato de baunilha Manteiga Açúcar amarelo Sal Amêndoa ralada Farinha simples Também retirei do armário por baixo do lava-loiça a taça misturadora bege de cerâmica que o Joel me comprou no dia em que morreu. Guardei-a lá porque não era capaz de olhar para ela. Por qualquer motivo, tornou-se o símbolo de tudo o que tinha corrido mal. Tinha estado no carro dela. E tenho-me perguntado muitas vezes: teria o Joel vindo diretamente para casa, em vez de parar para a deixar na mala do carro, se não a tivesse comprado para me fazer uma surpresa? Ainda estaria vivo? Lavei-a e coloquei-a ao lado dos ingredientes. Vai ser bom, vem mesmo a propósito fazer isto enquanto espero.

As bagas rebentam e desintegram-se sob a pressão do garfo na minha mão. Transformam-se numa papa contra os lados da taça e, de tantos em tantos segundos, tenho de parar, de olhar para a mancha na tijoleira, para me lembrar da razão por que estou a fazer isto. Pela Phoebe. Pelo Zane. Por mim. Pelo Joel. Acima de tudo pelo Joel.

– *Casa do J-J-J-J-Jota!* – ouço a voz do Joel, distante como um eco. –

Casa do J-J-J-J-Jota!

- *O seu marido envolveu-se num incidente* – ecoa a voz do agente.
- *Como vai isso, meu? Já não te vejo há bué* – ecoa também o Zane.
- *Toda a gente curte* – ecoa a Phoebe por trás dele.
- *Acho fantástico. A ideia de terminar o livro e a conversa. Sobretudo a conversa* – ecoa o Lewis.
- *Mas, afinal, foi apenas sexo, para ti?* – ecoa o Fynn.
- *Por favor, acredita em ti própria, Saffron* – ecoa a tia Betty.

As vozes, tudo o que foi dito, as palavras das pessoas da minha vida estão bem vivas aqui. Surgem ao mesmo tempo, confundem-se, deixaram a sua impressão no coração desta casa e agora enchem a divisão, atropelam-se dentro da minha cabeça. Interrompo o que estou a fazer e deixo-me envolver por esses retalhos da minha vida, pelos aromas dos diferentes tipos de amor que experimentei.

São tão nítidos, tão cristalinos, tão presentes, que quase não ouço o primeiro *toc, toc*.

Sinto o coração a bater ao ritmo normal, a respiração pausada. Devia estar aterrorizada, morta de medo da pessoa do outro lado da porta, mas não estou. O que está prestes a acontecer é inevitável, por isso, não tenho de ter medo.

Ouçó bater à porta novamente, desta vez mais alto.

O bater do meu coração torna-se irregular. Talvez me tenha enganado, talvez esteja assustada e simplesmente não o saiba. Talvez viva há tanto tempo num estado de pânico permanente, desde *aquele dia*, que o que julgo ser normal é aquilo a que a maioria das pessoas chamaria um medo terrível.

Chego à porta em poucos segundos. Tenho a mão a tremer. Afinal, *estou* assustada.

– *Se não tiver notícias minhas dentro de duas horas, ligue à polícia e diga-lhes para irem lá a casa. Ligue ao Fynn e peça-lhe para vir fazer-lhe companhia* – disse eu à tia Betty esta manhã antes de sair. Tenho 15 minutos

para lhe ligar. Depois disso, fará como lhe pedi.

Rodo a maçaneta com a mão trémula e abro uma frincha na porta.

Do outro lado, vejo um rapazito pouco mais velho do que o Zane com um rosto de alabastro e o cabelo aos caracóis a condizer com a cor das sardas que lhe salpicam o nariz. Tem uns olhos verdes impressionantes e está vestido como se fosse encontrar-se com os bacanos lá do bairro dos betinhos: capuz de marca, calças de cintura descaída também de marca e boné de beisebol NYC, tudo acabado de estrear, tudo ridiculamente folgado.

– Sim? – Preparo-me para a ver abater-se sobre mim, aparecer por trás dele nos degraus e forçar a entrada como um aríete a estraçalhar um portão barricado.

– Uma senhora pediu-me para lhe entregar isto – e estende-me um envelope de cor creme com um nome escrito na frente: *Saffron Mackleroy* – Que senhora? – pergunto eu sem tocar no envelope.

– *Num* faço a mínima – responde ele com um encolher de ombros.

– Se não a conheces, porque aceitaste isto?

– Deu-me cinco libras.

– Não sabes que não deves aceitar coisas de estranhos? – digo-lhe eu. Estou a tentar ganhar tempo, como é evidente. Quanto mais prolongar a conversa, mais estarei a adiar o que tem de acontecer.

– Mas era uma nota de cinco libras.

– Porque é que tens esse sotaque de Londres?

– *Num* faço a mínima. – Um encolher de ombros. – Quer isto ou não?

Não, penso eu de mim para comigo. *Definitivamente, não quero*. A minha mão treme quando pego no envelope.

– Faz um favor a ti próprio e às pessoas que gostam de ti, e não voltes a falar com estranhos – digo eu ao rapaz.

– Iá, na boa – replica ele. Do ponto de vista dele, eu é que sou a aberração, não a pessoa que lhe pagou para entregar uma carta, não ele

próprio por tê-lo feito em vez de se limitar a fugir com o dinheiro, mas sim eu, o alvo.

Sinto a carta pesada nas mãos porque contém o peso do meu temor crescente; contém a mensagem final.

Abro-o com dedos trémulos. Enquanto o faço, apercebo-me de que a casa já não se encontra vazia. Já não estou sozinha. Retiro a carta, uma única folha e deixo cair o envelope para a desdobrar com ambas as mãos. Leio: ***SURPRESA!***

escrito em grandes letras no meio da página. E é, de facto, uma grande surpresa.

Deixo cair também a folha de cor creme e dirijo-me à cozinha. Sei o que vai acontecer quando lá chegar. Já não sinto a casa vazia porque há alguém na cozinha à minha espera.

Devia virar costas e fugir. Tenho de pensar nos meus filhos. O que fariam eles sem mim? Mas continuo a caminhar, precisamente porque tenho de pensar nos meus filhos. Se não fosse eu, seriam eles. E, como a tia Betty fez notar, farei tudo pelos meus filhos sem pensar duas vezes.

Conheço-a. É uma daquelas pessoas pelas quais passamos na rua, que vemos à nossa frente na fila para a máquina de pagamento automático do parque de estacionamento, com quem chocamos carrinhos no supermercado. É uma daquelas pessoas a quem por vezes lançamos um meio sorriso hesitante, na eventualidade de ser nossa conhecida, pois reconhecemos vagamente o rosto mas não sabemos de onde.

É a pessoa que nunca chegamos a conhecer. A pessoa que vemos todos os dias sem nunca prender a nossa atenção.

Está parada diante da porta das traseiras. O capuz do casaco preto cobre-lhe a cabeça, mas não lhe oculta totalmente o rosto. Na mão direita, ao correr da perna, traz uma faca de cozinha de cabo negro. O tipo de faca que matou o meu marido.

– Não fuja – diz-me. Tem uma voz normal, comum, tal como ela. Esperava talvez a gargalhada estridente e nasalada de uma bruxa ou um sotaque arrastado e malévolo. Mas não passa de uma pessoa vulgar.

Sorrio. O meu sorriso manifesta-se no exterior, mas também estou a sorrir por dentro. Que ridículo da parte dela, dizer uma coisa daquelas. Fugir é a última coisa que penso fazer.

LXI

No ano em que completei 41 anos, a minha casa foi invadida por uma mulher com o intuito de me assassinar. Tinha assassinado o meu marido e, depois, decidiu matar-me também a mim. Franqueei-lhe o caminho ao deixar a porta das traseiras destrancada quando fui atender a porta da frente. Sabia que não era do género de bater à porta da entrada, que preferia entrar à socapa e esperar por mim nas sombras para tentar acabar comigo como acabara com o meu marido.

Julgo que, quando o matou, contava pôr um ponto final na vida dele e em tudo o que ele representava. Não conseguira, claro, e foi isso que acabou por levá-la à loucura. Ele continuava vivo nos filhos, na esposa, na família, nos amigos. Não se extinguiu, não deixara de existir por causa dela. Exercera o derradeiro poder de pôr fim à vida de outrem e julgou que isso faria dela a pessoa mais importante da vida dele. Que o mundo olharia para ela quando pensasse na sua vítima, que ele não poderia continuar a existir para os outros a menos que pensassem também nela.

Tal não aconteceu, porém. A esposa dele continuou a ir para o trabalho, os filhos continuaram a frequentar a escola, a tia mudou-se para estar junto da família dele, não participaram no apelo público, não passavam o tempo todo a chorá-lo. Seguiram em frente como ele teria desejado, mas sem fazer dela o centro das suas vidas. E isso ela não podia admitir.

Passara um ano escondida em França, à espera de que viessem bater-lhe à porta, de ser apanhada. Em vão. Passou o aniversário da morte dele e ninguém a procurou. Ninguém lhe perguntara nada para além do motivo de lhe ter telefonado na manhã do crime, ao que ela respondera: “Por causa de uma receita do curso de culinária.” E o assunto acabara por morrer.

A filha dele não tinha contado à polícia que a tinha visto com o meu

marido nesse dia. Por isso, calou-se e esperou. Esperou, esperou, e nada aconteceu. Até que decidiu regressar a Inglaterra, a casa, à vida que levava antes. Arranjou um emprego novo e tudo voltou ao normal. No entanto, ela não era normal, não era como os outros. Agora era *alguém*. Era a responsável por aquilo que dominara os jornais e as conversas durante meses a fio. Tivera a vida de outra pessoa nas mãos, como podia alguma coisa voltar a ser como dantes?

Aparentemente, porém, só tinha significado para ela. A mulher dele dormia com as persianas abertas como se nada de mal lhe tivesse acontecido e não sentisse necessidade de trancar tudo à noite. Ia ao supermercado e não rebentava em lágrimas ao passar por certos alimentos, como ela quando via um dos ingredientes que tinham usado nas aulas. Deixava os filhos regressarem sozinhos da escola como se estivessem em segurança. Uma vez até olhara para ela na calçada marítima de Brighton com aquele sorriso “Conheço-a de algum lado?” que fazemos a estranhos que pensamos reconhecer vagamente. Nada mudara para a mulher dele, a mulher que supostamente o amava mais do que a própria vida. A Esposa era a razão de tudo ter acontecido e nada mudara para ela.

As coisas não podiam continuar assim.

A Esposa tinha de ficar a saber com quem estava a lidar. Tinha de sentir medo. E, depois, tinha de ser eliminada sabendo que, quando morresse, não haveria nada que pudesse fazer para proteger os filhos. O fim dele tinha sido imprevisto, discreto e terrivelmente triste. O da Esposa teria de ser tão lento e cheio de terror quanto possível. Afinal de contas, era tudo culpa dela.

No ano em que completei 41 anos, era viúva e tinha dois filhos e uma mulher vários anos mais nova do que eu entrou na minha cozinha e tentou matar-me.

As primeiras palavras que me disse foram: “Não fuja.”

E eu sorri-lhe. Sorri-lhe porque fugir era a última coisa que pensava fazer.

LXII

– Não fuja – diz-me ela.

– Porque haveria eu de fugir? – replico. Pareço destemida, cheia de coragem, mas, na realidade, estou apavorada. Completamente apavorada. Sinto o coração errático por causa deste medo. Nem sequer estou a tremer. Os meus olhos querem focar a mancha deixada pelas amoras mas não consigo parar de fixá-la nem por um segundo, pois é disso que ela está à espera para atacar. – Nem sequer sei quem você é.

– Vou ter de a matar. Sabe disso, não sabe?

– Hum, não, por acaso não sei. Porque faria uma coisa dessas? Quem é você?

– Devia ter sido você. Devia tê-la matado a si em vez dele. Se tivesse acabado consigo, podia tê-lo apoiado durante o luto, podia tê-lo consolado. O Joel ter-se-ia apaixonado por mim e estaríamos juntos agora.

– Pensei que ele já estava apaixonado por si. Foi o que disse nas cartas, que eram amantes.

– E é verdade, ele amava-me.

– Só que ainda não sabia que a amava, ou que eram amantes, certo?

Arranca bruscamente, pronta a atravessar a cozinha e a enterrar a faca no meu corpo, mas detém-se, reprime-se, pois ainda não disse tudo o que tinha a dizer.

O tempo está a esgotar-se, penso eu de mim para comigo. A tia Betty não tardará a ligar ao Fynn e à polícia.

– A culpa disto é toda sua. Se não fosse você, ele ainda estaria vivo.

– Os pais dele pensam o mesmo – replico eu. – Achem que, se não me tivesse conhecido, teria casado com uma mulher à altura, que teria feito dele um médico ou qualquer coisa parecida, e ainda estaria vivo. Tenho pena de si

por pensar como os pais dele.

Ouçõ mentalmente a Phoebe a dizer “*Sabes o que pareces quando dizes essas coisas?*”

– Julga que não vou matá-la, é isso? – Lança-me um sorriso escarninho e sei que não hesitará em fazê-lo. O meu tempo esgotou-se. A espera acabou.

– Sim, penso que não o fará – declaro. – Não acho que tenha assassinado o Joel e sei que não vai matar-me.

– Então, como consegui eu a chave da porta das traseiras?

O meu peito estremece, contendo o fôlego. Ela dá um pequeno, mas determinado, passo em frente.

– Como é que eu sei que a faca foi torcida antes de ser arrastada através da barriga?

Cerro os dentes para me barricar contra as palavras dela. Não quero ouvir isto. Outro passo.

– Como é que eu sei que o deixaram na Montefiore Road por ser uma zona sem videovigilância?

– Não quero ouvir isto – declaro entre dentes, com os olhos a chispar com lágrimas de indignação.

Outro passo.

– Como é que eu sei que ele pensou ter perdido o telemóvel? Mas, na verdade, quando ele acompanhou a filha à escola, deixou-o no meu carro. Por isso, desliguei-o e guardei-o.

– Não quero ouvir isto.

Outro passo.

– Não quer ouvir que eu queria que ele fosse a minha casa e até o levei lá? Mas ele nem quis entrar, só pensava em ir buscar o carro.

– Não, não quero. – Não *suporto* ouvir isto.

Outro passo.

– Não quer ouvir que o levei à oficina, sabendo que ele ia perceber onde

deixara o telemóvel e voltaria a minha casa para o ir buscar?

– Não... Não posso mais. Pare de falar, por favor.

Outro passo.

– Não quer ouvir que, mesmo a sós comigo, não quis admitir que havia qualquer coisa entre nós? Que continuou a desbobinar aquilo que você lhe tinha dito para me dizer?

Outro passo. Está praticamente na zona da mancha na tijoleira.

– Pare, peço-lhe. Não quero ouvir mais nada.

Outro passo.

– Ai não quer ouvir mais nada? Então e eu? E o que ele me fez sofrer quando me disse todas aquelas coisas porque você lhe disse para o fazer? Podíamos ter sido tão felizes, mas ele não parava com aquilo.

Outro passo.

– Só queria que ele percebesse como eu estava a sofrer. Como me senti ao ser humilhada em público e depois na minha própria casa. Por isso, mostrei-lho. Com isto. – Agita a faca no ar. Outro passo.

– E oh se percebeu.

Outro passo. Chegou à mancha, está onde tudo começou para mim.

– E não haveria problema, estaria vivo agora se não fosse por *sua* causa. Convenceu-me, mesmo a sangrar por todo o lado, a levá-lo ao hospital, dizendo que não lhes contaria o que eu tinha feito.

Outro passo. Já está perto de mim. Perto de mais.

– Mas, no carro, tentou enviar-lhe uma mensagem. Por isso é que parei e o arrastei para fora. Deixei-o lá com o telemóvel fora de alcance, porque não merecia viver se só a queria a si. O que tem você de tão especial?

– Não posso ouvir mais nada – digo-lhe. Basta. Já me disse o suficiente. Se continuar, não poderá atacar-me, porque antes disso ataco-a eu. Acabo com ela.

Outro passo. Mais três passos e vai poder esfaquear-me. E eu vou poder

apertar-lhe o pescoço.

– A última coisa que ele fez foi escrever-lhe uma SMS a dizer “Amo-te muito xxxxx”, que nunca chegou a enviar, porque fazer aquilo quando eu estava ali a tentar salvar-lhe a vida era levar os insultos longe de mais.

– Não tinha de lhe fazer aquilo – rosno entre dentes. – Não tinha de o matar.

– Não, não tinha. Mas, infelizmente, vou ter de a matar a si.

A mão que segura a faca ergue-se, o rosto dela contorce-se com uma raiva como nunca vi antes e a porta das traseiras rebenta, arrombada a pontapé. De repente, o mundo à nossa volta eclode num coro anárquico de vozes a berrar, a dar ordens, a gritar ao mesmo tempo: – FIQUE ONDE ESTÁ! LARGUE A FACA! LARGUE A ARMA, JÁ!

Num abrir e fechar de olhos, o inspetor-estagiário Clive Malone está à minha frente, a meter-se entre mim e a mulher de olhos esbugalhados, chocada, furiosa com o que está a acontecer à sua volta. Quer ser uma barreira entre nós, não vá ela ignorar os avisos e tentar atacar-me.

Ela não o fará, todavia. Foi completamente apanhada de surpresa.

– LARGUE A FACA! JÁ! – grita alguém, e ela fuzila-me com o olhar ao levantar os braços acima da cabeça como fazem no cinema e deixa cair a faca de cozinha de cabo negro. Esta produz um tinido metálico ao embater no chão e lasca uma das tijoleiras perto da mancha, outra cicatriz na epiderme da minha vida. Outra marca, desta vez para me lembrar como tudo terminou, onde o ciclo veio a completar-se.

Olhamo-nos enquanto é algemada.

– Julgou mesmo que ia deixá-la ficar impune depois do que fez ao Joel, do que me fez a mim, aos meus filhos, à minha família? – digo-lhe. – Julgou mesmo que ia deixá-la entrar em minha casa, atacar-me, sem oferecer resistência? É mesmo iludida, não é? Iludida e patética.

Ela tenta investir contra mim mas é travada pelo agente baixo ao seu lado

esquerdo e a agente alta à direita. Continuamos a fixar-nos mutuamente enquanto os agentes a informam dos seus direitos e a arrastam para o exterior. Enquanto é levada, continua a torcer a cabeça para acabar de me eviscerar visualmente, até que deixa de poder fazê-lo.

– Esteve muito bem – diz-me o agente Clive Malone, voltando-se para mim agora que ela já não pode fazer-me nada. – Temos uma confissão cabal, o que, como já lhe tinha dito, deve bastar para que a Phoebe não tenha de prestar declarações em tribunal. Se conseguirmos que se declare culpada, é pouco provável que alguém venha a saber que a Phoebe a viu naquele dia. Deve ter sido uma experiência horrível para si, mas conseguiu-nos exatamente aquilo de que precisávamos. Esteve muito bem.

Há quatro dias (maio de 2013) – Sra. Mackleroy, pode dizer-nos para a gravação e por palavras suas como as coisas se passaram? – pediu o agente Clive Malone. Estava sentado ao lado de um agente fardado mais velho que não poderia parecer mais entediado por mais que tentasse.

– Há 18 meses assassinaram o meu marido – comecei. – As pessoas pensam que superei muito bem o luto, mas ninguém faz a mais pequena ideia das coisas que fiz para me aguentar. Como se não bastasse, há seis semanas, a minha filha de 14 anos pediu ao diretor da escola para me dizer que estava grávida. Um rapaz conhecido dela confessou ser o pai, mas eu sabia que tinha de ser alguém mais velho, mais vivido, que a manipulara para não usar contraceção. Nessa semana, recebi a primeira carta da assassina do meu marido. Há seis semanas que me escreve. Sei quem é porque a minha filha viu-a com o meu marido *naquele dia*. O dia em que foi assassinado. Anda a perseguir-me, sabe Deus há quanto tempo, e tentou entrar em minha casa, vandalizou o meu carro mais do que uma vez e andou a espalhar boatos sobre a minha filha.

Hoje descobri quem era o homem que andava a manipular a minha filha e soube logo o que tinha de fazer. Tinha encontrado uma forma legítima de ser

detida pela polícia em público para poder prestar estas declarações. Foi por isso que dei cabo do carro dele e fiz aquele discurso exagerado (tudo verdade, já agora). Não pude dizer-lho nas celas porque nunca se sabe quem mais pode estar a ouvir. Não sei quem é que ela conhece. O simples facto de estar aqui a contar-vos isto já é um risco enorme, mas não tenho escolha. Acho que ela vai tentar matar-me nos próximos dias porque, quando não estou no hospital, estou sozinha em casa. Suplico-vos para não a investigarem durante os próximos dias. Peço-vos por *tudo* o que é mais sagrado para me deixarem seguir a minha vida normal para que ela pense que não vos contei nada e não fuja nem faça mal a mais alguém da minha família. Talvez possam destacar alguém para vigiar a casa enquanto eu estiver no hospital para ver se a apanham a deixar uma carta, e aí já poderiam prendê-la. E foi assim, por palavras minhas, que as coisas se passaram. Normalmente, não sou dada a atos de violência, mas não quero morrer e deixar os meus filhos e quero que ela me deixe em paz e responda em tribunal pelo homicídio do meu marido.

Ficaram ambos mudos depois do meu relato. Não era o que esperavam ouvir, por isso, não sabiam o que dizer. E eu também já não tinha mais nada a dizer. Ficámos sentados em silêncio durante uns bons cinco minutos, até que o agente Clive Malone disse: – Oh.

– Nada vai trazer o meu marido de volta, pois não? – pergunto eu ao agente Clive Malone. Esfrego os cantos interiores dos olhos, o ponto de dor, a barragem que está prestes a rebentar, com a base dos polegares. – Andei todo este tempo a tentar mantê-lo vivo, agarrei-me a todos os vestígios dele, convencida de que, mais tarde ou mais cedo, ele iria voltar. Mas não. Não vai voltar. – As minhas pernas recusam-se a suportar o peso do meu corpo agora que interiorizei este facto, esta realidade. – Nada trará o meu marido de volta. Nunca mais o verei.

Faça o que fizer, diga o que disser, nunca mais voltarei a vê-lo.

O agente Clive Malone coloca-se à minha frente, age como um escudo

entre mim e os outros agentes que saem devagar da cozinha. Esta revelação continua a difundir-se pelos meus músculos, os órgãos internos, pelo meu cérebro e pela minha memória a partir dos núcleos celulares, dos ossos, do sangue, onde sempre soube e aceitei a verdade.

Nunca mais voltarei a vê-lo, porque nada pode trazê-lo de volta.

Quando fico sozinha com o agente Clive Malone, o meu escudo humano, começo a gritar. Gritos incontidos, do tipo que nunca pude libertar porque, geralmente, estou rodeada por colegas de trabalho, crianças, amigos, pelo resto do mundo.

Tenho de fazer isto agora. Preciso de o fazer.

Tenho de libertar todos os gritos que abafei, dar-lhes corpo, volume, porque nada trará de volta o amor da minha vida.

PARTE XII

MULHER DETIDA POR HOMICÍDIO DE PAI DE DUAS CRIANÇAS, NATURAL DE BRIGHTON

A polícia deteve uma suspeita no âmbito da investigação à morte de Joel Mackleroy, esfaqueado em 2011. A mulher, de 35 anos, residente na Ramonant Road em Hove, foi detida na manhã de ontem por suspeita de homicídio do estimado pai de duas crianças natural de Brighton. Um porta-voz da polícia confirmou que a mulher irá também responder por acusações de assédio, danos agravados e tentativa de homicídio. “Temos sob custódia a pessoa que julgamos ser responsável por este e outros crimes. Poderemos disponibilizar mais informações com o desenrolar da investigação”, acrescentou.

Excerto do Noticiário da Noite – Brighton & Hove

LXIII

– Por favor, não voltes a fazer uma coisa destas, Saff – diz-me o Fynn à porta. Pediu emprestada a um amigo uma carrinha de transporte de pessoas para nos trazer do hospital, um dia depois do previsto, pois os técnicos forenses ainda estavam a processar a casa no dia em que contávamos regressar e tive de comprar uma porta das traseiras para substituir a antiga.

Continua sem olhar para mim. Vem visitar a Phoebe todos os dias, insistiu em trazer-nos a todos para casa, mas eu continuo a ser um gatilho de dor e, por isso, não é capaz de olhar para mim. Não tem noção do quão horrível é quando alguém que amamos se recusa a olhar para nós, finge que somos um espaço vazio quando estamos mesmo ali. Um vácuo. Não se apercebe de que ignorar-me me fere tanto como não querer estar comigo.

– O quê? – pergunto-lhe.

– O que fizeste com a polícia, sem nos dizer nada. A mulher matou o Joel, é incrivelmente perigosa. Se tivesse... Não voltes a fazer, está bem? Torço-te o pescoço se voltas a arriscar-te daquela forma. Ficou claro?

– Como água. E, Fynn?

– Sim? – responde ele.

O que quero mesmo dizer-lhe é: *Sabias que o Joel não vai voltar?*

– Não voltes a chamar-me Saff.

Desta vez, olha-me nos olhos, o semblante carrancudo, confundido.

– Porquê?

– Só os meus amigos é que me chamam Saff. Como já não queres ser meu amigo, para de fazer coisas que só um amigo faria.

Vejo-o engolir o nó na garganta e erguer ligeiramente a cabeça para me observar, para ver se estou a falar a sério.

O que eu quero mesmo perguntar-lhe é: *Quando é que soubeste que ele*

não ia voltar? Sentes-te tão vazio como eu agora que sabes que é para sempre?

– O que foi, não estou a fazer o que devia? Querias que aceitasse o facto de acabares com a nossa amizade em silêncio e continuasse a aturar essa tua atitude?

– Foste tu que...

O que quero mesmo comunicar-lhe é: *Achas que alguma vez vou deixar de me sentir tão desamparada? Disseste que ia aprender a viver com a dor e estou, mas e este deserto ermo e desolado? Alguma vez me livrarei dele?*

– Eu quis conversar contigo e tu cortaste-te – declaro. Ele baixa a voz.

– Conversar sobre quê? Sou *apenas* mais um amigo teu. O que partilhámos foi *apenas* sexo. Que mais há para discutir?

O que quero mesmo pedir-lhe é: *Só preciso de saber que isto vai melhorar e que vai ficar tudo bem.*

– Por favor, sabes que não é assim tão simples – imploro.

– Não temos nada a dizer um ao outro – diz-me ele.

– Temos, sim.

Ele abana a cabeça. Sei porque se recusa a falar. Pela mesma razão que me impede de verbalizar todas estas emoções: saber que a dor que as respostas acarretam é de mais para suportar; e eu não sou a única a evitar a dor a todo o custo, o Fynn faz o mesmo.

– Não volto a chamar-te Saff, podes estar descansada – declara.

– Ótimo – retruco. – Acho bem.

Tenho de me afastar antes que ele saia e feche a porta atrás de si. Não suporto vê-lo virar-me outra vez as costas. Está sempre a fazê-lo e, de cada vez, dói um pouco mais, sobretudo agora que sei que já não posso contar com ele para me dizer que vai ficar tudo bem.

A Phoebe está instalada no sofá debaixo do edredão com a paisagem marítima, com várias almofadas atrás das costas e de comando prateado na

mão. O Zane, que praticamente não a deixa desde que regressou há dois dias, está sentado no chão com as costas apoiadas no sofá ao lado da cabeça dela para ficarem o mais juntos possível. A tia Betty está a cabecear de sono na poltrona da sacada. Foram uns dias muito cansativos no hospital, nem ela imaginava ter tanta energia. Voluntariou-se como visitante do hospital e para angariar fundos para gerir uma biblioteca móvel. Pensa começar com os livros que tem em armazém, mas já sei que eu é que vou ter de custear o projeto e levá-la e trazê-la do “trabalho”, como ela lhe chama.

Pela primeira vez desde que a conheço, passou vários dias sem usar uma peruca. Mesmo quando estive internada no hospital com a anca partida, nunca dispensou a peruca e um mínimo de maquilhagem quando chegava a hora das visitas. Agora traz solto o cabelo que lhe dá pelo queixo e que lhe adorna o rosto como um banco de nuvens negras com madeixas cinzentas. Parece uma pessoa diferente, embora ainda use batom e maquilhe os olhos. Nos últimos dias, apercebi-me de que deixou de se esconder atrás da maquilhagem. Agora, usa-a para realçar os seus traços, não para os disfarçar. Ao que parece, a tia Betty está finalmente preparada para enfrentar o mundo.

Neste momento, tem a cabeça encostada para trás, a boca escancarada com o mosaico de dentes chumbados à vista de todos. Não enche a poltrona em pele castanha, não como o Joel enchia. Era a cadeira “dele” e, outrora, tê-la-ia encorajado a sentar-se noutro lugar dizendo que ficaria mais confortável. Agora, deixo-a estar. Não importa, agora que ele não vai voltar. Não voltará a sentar-se nela. Foi-se de vez.

– Quem quer uma caneca de chá/ chocolate quente/ café/ sumo de maçã (risquem o que não interessar)? – pergunto.

A minha resposta é um silêncio atroador.

– Tudo bem, faço para mim – afirmo.

– Está bem, mãe – diz a Phoebe.

– Vai ficar tudo bem, sabes, mãe? – declara o Zane de repente,

inesperadamente.

Franzo o sobrolho ao meu filho.

– E vai mesmo, sabes? – acrescenta a Phoebe com um aceno de cabeça.

– Certo. – Lanço um olhar de soslaio à tia Betty, esperando que ela acrescente algo igualmente comovente. Continua a rressonar discretamente.

Os miúdos desatam a rir e eu encontro também o meu sorriso.

Vai ficar tudo bem, sabes, mãe? Passo o resto do dia a ouvir estas palavras na minha cabeça. E, quando me deito nessa noite, não me limito a olhar para o lado do Joel, estico-me na cama, estendo os braços para os lados e tento ocupar todo o espaço.

Vai ficar tudo bem, sabes, mãe?

Os meus dedos não chegam aos lados da cama, mas continuo a tentar, estico-me até não poder mais porque quero desesperadamente chegar-lhes. Quero desesperadamente fazer o impossível. Porque a ideia de que vai ficar tudo bem parece-me impossível. De que a vida vai valer a pena mesmo agora que sei que o meu marido já não volta.

Finalmente desisto, paro de me esticar, de tentar o impossível, e aquieto-me.

Inerte, volto a ouvir as palavras: *Vai ficar tudo bem, sabes, mãe?*

– *E vai, Ffrony* – imagino ouvi-lo dizer. – *Vai ficar tudo bem, prometo-te.*

LXIV

Vejo o Fynn de tronco nu a beijar uma mulher à porta de casa.

Observo-os da entrada do caminho ladrilhado que conduz aos degraus do prédio de apartamentos. Vive num de quatro apartamentos de um edifício em Hove, numa das ruas que desce até à avenida paralela à praia. Não havia mesmo necessidade de estar cá fora nestes preparos quando tem uma porta lá dentro.

É muito bela, esta mulher. Tão alta como ele nos seus saltos elegantes, esguia, com um fato azul-marinho que lhe assenta na perfeição e uma cascata de caracóis de ébano que lhe chegam até meio das costas. Tem uma mão no rosto dele, ele enlaça-a pela cintura com um braço e estão a beijar-se como duas pessoas que manifestamente partilharam uma noite de sexo tórrido. E, provavelmente, a manhã também.

Isto, eu não preciso de ver. Quer se trate de uma namorada nova ou de uma aventura de uma noite, não precisava de assistir a isto. A despeito de tudo o resto, é a confirmação de que, durante as quatro semanas que passaram desde a última vez que nos vimos, o facto de já não sermos amigos não o incomodou. Por ele não há qualquer problema se as coisas continuarem como estão: ele a falar regularmente com os miúdos e muitas vezes com a tia Betty e a trocaram SMS. Decidiu simplesmente excluir-me da vida dele.

O casalinho afasta-se e sorriem um ao outro, partilhando um segredo sem palavras. Despedem-se e ela sorri ao passar por mim, com um rápido olhar dos seus olhos azuis-claros. Traz a roupa da noite anterior, mas a maquilhagem é recente e tomou banho. O perfume masculino, vagamente almiscarado é um que reconheço muitas vezes no Fynn. Devolvo-lhe o sorriso porque é o que se costuma fazer em situações destas. Sorrio também ao homem ao cimo das escadas brancas e pretas.

Ele responde com uma expressão pouco simpática e um olhar zangado, mas deixa a porta do prédio e a porta do apartamento abertas quando entra.

O apartamento está na semiobscuridade porque as persianas da sala se encontram corridas, e imagino que as do quarto também. Todas as outras portas que dão para o corredor estão fechadas, deixando o apartamento sombrio, quase lúgubre. O Fynn mudou-se para cá depois de se ter divorciado há oito anos. Esteve casado dois anos e nenhum dos dois sabia explicar por que se tinham casado (tinham-no feito em Las Vegas), nem porque se separaram. Eu gostava dela, mas foi viver para outro lado depois da separação e não quis manter-se em contacto. “Preciso de recomeçar num sítio diferente, longe de todos,” dizia a mensagem que me enviou. “Sei que vais entender.”

Quando entro no apartamento, já o Fynn vestiu uma *t-shirt* branca, felizmente, e está a abrir as persianas da janela da sacada. Abre também as janelas de guilhotina ao máximo para arejar o apartamento, que bem precisa, porque tresanda a sexo.

Anda às voltas pela sala, a compor a divisão depois das atividades da noite passada: recolhe as taças de vinho da mesinha à frente da televisão e leva-as para a cozinha. Regressa para vir buscar os copos de *shot* e a garrafa de whisky praticamente vazia. Finalmente, enquanto amarrota os pacotes vazios de batatas fritas e apanha a embalagem vazia de preservativos que se encontrava parcialmente escondida pela mesinha baixa, diz-me: – O quê, vieste apreciar-me a arrumar a casa ou dizer-me o que mais não posso fazer porque já não somos amigos?

– Nem uma coisa nem outra... Vim aqui... – Levanto o saco de papel que tenho na mão e que contém um queque que elaborei a pensar nele, com todos os sabores que sei que adora. – Olha, vês? Trouxe-te este queque: farinha refinada, açúcar branco, chocolate branco, coco (que é branco, claro), tudo num saco de papel branco. Sim, leva mirtilos e o coco foi ligeiramente

torrado, mas é, essencialmente, uma criação culinária para usar como uma bandeira branca. – Agito o saco. – Cessar-fogo?

Ele não diz nada, fuzila-me com os olhos enquanto limpa a mesinha e depois endireita-se e dirige-se à cozinha. Os pés descalços dele produzem um ruído quase cómico ao bater na tijoleira.

Sigo-o. Sei que se sente magoado, mas eu também estou. O mundo não faz sentido sem ele e sem o Joel. Não acredito que não sinta o mesmo.

– Não achas estranho não falarmos há um mês? – pergunto-lhe.

Ele encolhe os ombros com indiferença e enche uma caneca gigante que ele e o Joel trouxeram para casa da Oktoberfest de 1997 em Munique com água da torneira. O Joel confessou-me que tinha sido uma das piores viagens da vida dele, porque, pela primeira vez, sofreu períodos de amnésia à conta de toda aquela cerveja e detestava a ideia de não se lembrar do que tinha feito.

– E então, quem era a tua amiga? – recomeço, tentando fazê-lo falar.

O Fynn baixa a caneca e vira a cabeça para mim com um gesto brusco. Por momentos, penso que vai expulsar-me do apartamento, da vida dele, aos berros, e preparo-me.

– Estás a gozar comigo? – replica ele.

Talvez isto não tenha sido boa ideia, afinal.

– Não – digo eu. – Perguntei porque estou interessada. – Inspiro fundo num esforço para diminuir o pânico que começa a ganhar forma dentro de mim. Tenho uma rotina para acalmar o pânico mas estou a tentar deixá-la. Não quero voltar a ser aquela pessoa. Não está a ser um sucesso total, mas hei de chegar lá. Vim aqui para enfrentar o pânico, em vez de continuar a fugir.

– Interessada ou com ciúmes? – desafia ele.

– Ciúmes, claro. Estou cheia de ciúmes – digo eu. O pânico cresce. Baixo os olhos para o queque que tenho na mão. Apetece-me tanto. Apetece-me rasgar o saco e enfiá-lo inteiro na boca para me silenciar a mim própria, para

me impedir de fazer isto. Atiro o saco para cima da bancada e viro-lhe as costas.

A surpresa dele é evidente, mas não diz nada.

Tenho de redirecionar os olhos ao continuar.

– Sabes bem que são ciúmes. Sabes bem que... Querer-te, dormir contigo, nunca foi esse o problema, Fynn.

– Não foi isso que tu disseste.

– Eu sei. É que... aquelas duas conversas apanharam-me desprevenida. Sou péssima nestas coisas. Falar sobre o que sinto não é fácil para mim. Se fosse, duvido que tivesse metade dos problemas que tenho. Deus sabe que tive de aprender a fazê-lo nos últimos tempos, mas está longe de ser uma segunda natureza. Fico assustada. Entro em pânico. Quero fazer tudo na perfeição e fico aterrorizada com a possibilidade de falhar, ponho-me a prever todos os desastres possíveis e imaginários e fico paralisada. Mas, nas últimas semanas, vi-me obrigada a enfrentar uma série de problemas. Tem sido... Tem sido tão difícil. E contigo, entrei em pânico porque aquelas conversas eram campos minados.

Inspiro bem fundo, expiro lentamente.

– Preciso de ti na minha vida. Volta.

– Tens o Lewis.

– Ele é ele, tu és tu.

– O que é que queres dizer com isso, Saff, perdão, Saffron? Não estás a fazer sentido nenhum.

Embora tenha as mãos a tremer, tiro-lhe a caneca e pouso-a na bancada ao lado do lava-loiça.

– Fynn... – O pânico avoluma-se, camadas e camadas de pânico como almofadas de penas a tentarem asfixiar-me pelo lado de dentro.

Levo as mãos ao rosto dele. Quero vê-lo ao dizer-lhe isto. Quero que olhe para mim, que me veja a falar, para que perceba.

– Fynn... eu... *amo-te*. Tanto. Faz-me doer o peito pensar como te amo. Não apenas como amigo. Nunca serás “apenas” qualquer coisa para mim. Sim, foi sexo, mas eu não podia ter ido para a cama com qualquer um. – Aperto os olhos, empurro o pânico para fora, afasto-o com cada palavra. Quando recupero a coragem, volto a abri-los. – Claro que te amo e, se tivesse mais filhos, queria que fosses tu o pai. Já és como um pai para o Zane e para a Phoebe. E sim, admito que parte de mim também esperava que juntássemos os trapinhos.

Ele observa-me em silêncio, de pé atrás.

– Mas não posso ter nada contigo. – O pânico continua a libertar-se. – És demasiado parecido com ele. Falas como ele, pensas como ele, achas piada às mesmas coisas. Reages da mesma forma que ele reagiria a tudo e dás tanto de ti às pessoas de quem gostas. És fantástico. E ele também era. Têm tantas coisas fantásticas em comum. Se assumíssemos uma relação, seria como voltar a perdê-lo outra vez. Já o perdi uma vez. Andava a tentar reencontrá-lo com o livro de receitas, a tentar trazê-lo de volta e não resultou. E, depois, passou-se aquilo com a Phoebe e tive de deixar de tentar fazer as coisas à maneira dele e começar a fazê-las à minha maneira, tive de abrir mão de mais um bocadinho dele. Não posso abrir mão do resto. Por motivo nenhum. Estar contigo seria apagá-lo. Não saberia onde ele acaba e tu comesças. Seria um processo lento, a princípio nem iria dar por nada, provavelmente, mas depois quando tentasse lembrar-me de qualquer coisa que ele disse ou fez acabaria por confundi-lo contigo e não restaria nada dele. Não posso deixar que isso aconteça.

O Fynn afaga-me o rosto entre as mãos como se estivesse a embalar uma flor delicada, afasta algumas lágrimas com um gesto meigo. As lágrimas dele ficam temporariamente retidas entre os meus dedos antes de prosseguirem o seu caminho descendente por cima e à volta das minhas mãos.

O pânico, o terror, já não é tão avassalador, não parece tão perigoso,

perdeu a capacidade de me asfixiar com a sua mortalha branca agora que me abri com ele.

– Percebes? – pergunto-lhe.

Ele assente com um gesto da cabeça, forçando um sorriso triste.

– E percebes porque não pude contar-te isto antes? É colossal admitir para mim própria que me apaixonei por outra pessoa menos de dois anos depois, quanto mais confessar-to quando quero tanto estar contigo e não posso.

Outro aceno infeliz.

– Descul...

– Chhhhh – faz ele – não peças desculpa. Não por isso. Podes pedir desculpa por outros motivos, mas não por isso.

Afasta as mãos do meu rosto ao mesmo tempo que eu baixo os braços. Aperta as palmas das mãos contra os olhos e esfrega a cara para secar as lágrimas, deixando um rasto de marcas vermelhas ao fazê-lo.

– Caramba! Porque é que acabo sempre a chorar quando estou contigo? Está a dar cabo da minha reputação, sabes? És péssima para mim, mulher.

– Não és o primeiro a dizer isso.

Com o rosto inchado, aproxima-se e enlaça-me pela cintura.

– E então, que me dizes a passarmos duas horinhas na cama, em nome dos velhos tempos? – brinca. Sei que está a brincar, sei o que está a fazer. Está a levar-nos para terreno mais seguro, para trás. Quer, tal como eu, que voltemos a ser como éramos antes da minha estúpida tentativa de obliterar a dor que me levou a beijá-lo por não querer que se fosse embora, uma noite. Antes de ele ter tentado fazer o mesmo, quase arruinando a nossa amizade. O Fynn quer reencontrar a centelha que partilhávamos entre os destroços dos últimos 20 meses das nossas vidas. Ambos sabemos que, acima de tudo, éramos amigos e ambos acreditamos que podemos voltar a sê-lo.

Rio-me, abano melancolicamente a cabeça enquanto seco os olhos e

componho a expressão para combinar com a mudança de registo.

– Eh, corrige-me se estou errada, mas não há ADN de outra mulher a cobrir os teus lençóis? Provavelmente, o apartamento inteiro.

– Pormenores, Saff, pormenores. Mas admito que és capaz de ter alguma razão.

Fecha os olhos e abraça-me. Aperta o rosto contra o meu pescoço e murmura-me junto à pele: – Amo-te. Sempre.

As palavras ficam gravadas em mim como uma tatuagem invisível que levarei comigo para sempre. Antes que possa responder-lhe ele afasta-se para trás.

– Eu também te amo – sussurro. – Sempre.

O Fynn brinda-me com toda a ternura de um dos seus sorrisos fáceis e genuínos.

– Voltamos a ser amigos? – peço-lhe.

– Claro.

– Que bom. Obrigada. – Hesito, inspiro bem fundo para expandir o peito, para arranjar espaço para toda a coragem de que preciso. – Vou consultar um médico – acrescento. Se o disser em voz alta, fá-lo-ei. *Vou* fazê-lo. – Por causa do... do meu distúrbio alimentar. Vou consultar um especialista e superar isto.

Ele observa-me, cauteloso, mas não diz nada. Não é de admirar que sinta algum receio de abordar o tema com o escarcéu que eu armei da última vez. E, provavelmente, tem medo de que só esteja a dizer isto por achar que é o que ele quer ouvir e não porque vou realmente fazê-lo. Mas vou.

– Desta vez vou mesmo arranjar ajuda.

– O Joel sabia? – pergunta ele.

Confirmo com um aceno.

– Era a única coisa que nos fazia discutir.

O Fynn pega no saco que contém o queque. Fi-lo com a forma de um

coração para o caso de ter de ser ainda mais explícita sobre como me sinto.

– Deixa-me provar isto – diz ele. – Qual é o teu sabor preferido?

Está a testar-me.

– Não tenho a certeza – confesso. – Não provei nenhum.

Parte um pedaço do queque com um gesto decidido e observo algumas das migalhas a cair para dentro do saco. Leva-o à boca e começa logo a mastigar. Como se fosse a coisa mais natural do mundo, levar comida à boca e mastigar. Fecha os olhos por uns instantes e volta a abri-los.

– Céus, que delícia! – diz ele. – Que aromas incríveis. – Come outro pedaço, reagindo da mesma forma. – Tens de provar isto, Saff. – Separa outro pedaço, contém o fôlego e aproxima-o da minha boca.

O pânico volta a agigantar-se e sinto-me a perder o pé entre as ondas revoltas dos meus medos. Não sou capaz. Não sou capaz. Quero muito fazê-lo, quero ser capaz de fazer isto, mas não consigo.

– Não sou capaz – admito.

– Experimenta – encoraja ele. – Não tenhas medo.

– Não sou capaz.

– Experimenta.

Fecho os olhos, abro a boca e deixo-o meter o pedaço de queque lá dentro. Sinto lágrimas de terror a escapar-me dos olhos fechados. Não sou capaz.

– Qual é o teu sabor preferido? – pergunta-me o Fynn.

Tenho de cuspir, tenho de expulsar este veneno da minha boca.

– *Experimenta, Ffrony* – parece-me ouvir o Joel dizer. – *Eu sei que és capaz, experimenta.* – Tem acontecido mais e mais desde que chorei e gritei na cozinha, consigo ouvi-lo, senti-lo, é como se tivesse voltado para mim. Já não tenho de me deixar cair nas poças da memória para estar com ele, pressinto o que ele diria. Sinto-o quando preciso de o ter comigo. – *Tenta, Ffrony.*

Trinco, *mastigo* e sinto uma silenciosa explosão de sabores na boca: a cremosidade do chocolate branco, o travo acre dos mirtilos pouco maduros, o toque subtil do coco. Há muito que não provo nada: devoro, vomito, mas raramente como, gozo a comida, sei quando parar. Muitas vezes, nem começo por medo de não ser capaz de parar.

Há tanto tempo que não estou presente enquanto como. Mas é incrível. Saborear o que comemos é incrível.

– Diz lá então, qual é o teu sabor preferido? – insiste o Fynn.

Encolho os ombros como a Phoebe, franzo o sobrolho como o Zane.

– Todos, acho eu.

Novembro de 2013
(Passaram cerca de dois anos e um mês)

LXV

– Não sei bem o que gostarias de saber. Ou se, onde quer que estejas, já o sabes:

Os miúdos estão bem. Finalmente, dei a mão à palmatória e arranjei-lhes acompanhamento psicológico profissional. Já o devia ter feito há muito tempo, mas fi-lo agora e, por isso, vou tentar não me martirizar muito pelo atraso. A Phoebe anda muito melhor. Ela e o Curtis ainda namoram, mas, antes de mais, são amigos, segundo me dizem. Entretanto, vou-me preparando para a próxima vaga de revolta juvenil. Tento não entrar em pânico quando ela me confidencia que estão na dúvida sobre retomar a relação física. Não é fácil de ouvir, mas, pelo menos, fala comigo. Arranjei-lhe uma escola nova. Fica um pouco fora de mão mas ela parece bem integrada e já fez novos amigos. Às vezes, fala-me sobre a gravidez. Ainda está muito fresca na memória dela, mas, pelo menos, consegue conversar sobre o assunto e sobre o que teria feito. Estou orgulhosa dela, sabes? Estou muito orgulhosa da forma como evoluiu com toda esta experiência.

O Zane continua na mesma escola, não quis tirá-lo de um sítio onde se sentia tão feliz e tão seguro. Anda muito mais feliz. Havia de o ver: está muito mais falador, já se ri outra vez e adora passar o fim de semana em casa dos teus pais de tantas em tantas semanas. A Phoebe não iria nem que lhe pagassem, mas é um direito que lhe assiste.

O Ernest e o Zane continuam amigos. Há umas semanas, o Ernest contou ao Zane que o pai já não vive com eles, por isso, calculo que a Imogen e o Ray tenham acabado por se separar. Conhecendo a Imogen como conheço e sabendo como detestava a ideia de ser mãe solteira outra vez, deve ter feito todos os possíveis por varrer o problema para debaixo do tapete para fazer com que a relação funcionasse, mas não estava destinado. Cumprimentamo-

nos quando passamos uma pela outra no recreio da escola, mas é só. Ela tem os problemas dela e eu tenho os meus.

A tia Betty lá continua nas águas-furtadas e agora vive em função do hospital. Gasto imenso tempo a levá-la e a trazê-la e, quando não posso, vai o Fynn. É como se fôssemos os pais divorciados de uma adolescente. É irónico que a mulher mais egoísta à face da Terra, como ela própria se descrevia, tenha encontrado a sua verdadeira vocação no voluntariado.

O Fynn é o Fynn, já o conheces. E, seja como for, não tenho dúvidas de que passa horas intermináveis a conversar contigo. Mas nós olhamos um pelo outro, voltámos a ser os melhores amigos, o que obviamente quer dizer que ele tem o condão de me deixar fora de mim, às vezes, mas a amizade é assim mesmo, não é? Amo-o tanto como tu o amavas. Ajudou-me a montar uma estufa no sítio do canteiro da horta, pelo que se acabaram as orgias de lesmas. E ando a poupar para lhe devolver o dinheiro da cabana de praia.

Uma vez por outra, eu e o Lewis saímos como amigos, é muito agradável. Não vai a lado nenhum, apesar dos esforços dele, mas não faz mal porque é bom estar com ele. O Lewis é uma companhia agradável.

Quanto a mim, sinto-me melhor agora que *ela*, a Audra, foi condenada. Declarou-se culpada de homicídio involuntário, como esperávamos, mas também da tentativa de homicídio contra mim e, assim, pudemos evitar um julgamento público, felizmente. Está a cumprir uma pena mínima de 25 anos. Foi avisada de que se voltar a tentar entrar em contacto comigo a queixa de assédio será reposta, por isso, com alguma sorte, não terei mais nada a ver com ela. Isto ajudou-nos imenso a todos, saber onde está e que vai lá ficar por muito tempo. O mundo parece um lugar menos incerto, muito menos assustador.

O trabalho também corre bem, agora que o Kevin e o Edgar já não estão na empresa. Ainda não consegui tirar da cabeça aquela imagem do Gideon, mas adiante... Ajuda estar de regresso ao meu antigo posto e um dia talvez

possa vir a ser promovida.

E... e... chegámos ao elefante. Aquele outro assunto. Está a correr razoavelmente bem. Passaram seis meses desde que marquei a primeira consulta e três desde a última vez que me purguei. Às vezes, sinto que não estou a melhorar com a rapidez que desejava e apetece-me desistir, voltar ao que conheço, mas depois lembro-me de que não posso. Aquele estilo de vida, aquela forma de lidar com os problemas, às escondidas, andava a dar cabo de mim. Sei que tenho de ser paciente, não exigir de mais de mim própria. Que tenho de aceitar que vou demorar o tempo que for preciso até ficar boa.

E tu, meu amor, como estás? Espero que estejas rodeado de gente, espero que, onde quer que estejas, possas continuar a ser quem és. Espero que te sintas em paz mas que continues a ser aquele homem dinâmico e cheio de energia que sempre foste. E não te preocupes connosco. Estamos todos bem.

Ainda estou muito zangada contigo. Continuo furiosa por não estares aqui e por ter de continuar esta coisa de viver sem ti, mas já não é a única coisa que sinto a toda a hora. Sinto outras coisas, algumas fantásticas, outras nem por isso, mas voltei a sentir e isso é bom. É o que interessa.

O nosso livro, *Os Aromas do Amor*, continua a ser uma obra em execução tal como eu, como quase tudo na vida, calculo. Estou a aprender de que pratos gosto mais preparando-os, provando-os, e as receitas vão-se acumulando. Vai ter milhares de receitas quando finalmente juntar as tuas e as minhas, mas vai ser nosso. Algo que partilhamos ainda que não possamos estar juntos.

Tenho de me ir embora, vamos jantar fora com o namorado da tia Betty, o do posto dos correios. Refiro-me a todos nós: a tia Betty, o Fynn, a Phoebe, o Zane, o Curtis e eu. O coitado não faz a mais pequena ideia, nem vai saber de que terra é.

Tenho saudades tuas. Amo-te muito. À séria, mesmo, mesmo. Até à próxima.

Epílogo

Amanhã regresso a casa.

Não sei se quero regressar à vida que levo lá. Não sei se sou capaz. Se calhar, devia ficar por cá. Adoro Lisboa, adoro as calçadas de pedra, os edifícios cor de arenito que não se limitam apenas a erguer-se do chão, mas parecem existir para nos reconfortar, para nos aconchegar. Talvez devesse ficar por cá e deixar tudo aquilo para trás. Aqui sinto-me normal. Mesmo sozinha não me sinto tão em pânico, tão amedrontada, não estou constantemente em estado de alerta.

O dinheiro que trouxe está a acabar, mas, se voltar para casa, se aceitar aquele emprego em Brighton e continuar a viver em Worthing talvez possa regressar um dia, conhecer melhor Portugal, quem sabe? Talvez o que eu posso fazer da minha vida seja viajar. Posso começar outra vez a poupar todos os tostões para depois viajar por esse mundo fora. Talvez o pânico diminua se descontraír um pouco e começar a experimentar o mundo em pequenas doses.

O ar está quente, perfumado, saturado com a promessa de uma chuva de verão. Subo uma ruela sinuosa desde a Avenida da Liberdade e viro a esquina para o hotel. O homem do avião, o que me segurou a mão durante aquela turbulência horrível, está sentado na borda do vaso de grés cheio de verdura do lado oposto à entrada. Levanta-se quando chego ao hotel. Tenho-o visto com a namorada (que é obviamente uma modelo) por todo o lado. É quase como se andássemos a seguir-nos uns aos outros.

Sorri ao aproximar-se e eu devolvo-lhe o sorriso.

– Olá – cumprimenta ele.

– Olá – digo eu, confundida.

– Isto vai parecer uma tentativa de engate e, se vieres a conhecer-me melhor, como espero, vais ver que não sou desse tipo, mas há qualquer coisa em ti... Vejo-te no meu futuro. Sei que parece estúpido e absurdo e

sinceramente não acredito em superstições nem em cenas paranormais, mas... acho que fazes parte do meu futuro.

Observo-o. É alto e possui um porte atlético, mas despretensioso, e sei que é forte pela forma como me apertou a mão no avião. Tem um rosto liso e bem cinzelado, os olhos castanhos-escuros, da cor que o mogno teria se fosse possível derreter madeira. E aquela boca carnuda e convidativa não para de me sorrir. Há qualquer coisa nele... qualquer coisa nele me diz que é capaz de ter razão.

– Não é tão absurdo como parece – respondo-lhe eu.

– Achas? À séria, mesmo, mesmo?

– Não tinhas namorada?

– Não, já não. Tenho bilhete marcado para regressar a casa hoje à noite, três dias antes do previsto. Ela deixou-me. Ao que parece, não faço outra coisa senão olhar para ti. Disse-me que tinha demasiado amor-próprio para andar com um tipo que passa a vida a olhar para uma miúda que nem sabe que ele existe. Tentei explicar-lhe que era porque imaginava o meu futuro contigo e ela não ficou lá muito contente.

– Vá-se lá saber porquê...

– Pois... parece que tenho um pequeno problema: não sei mentir.

– Há problemas piores.

– Posso dar-te o meu número? Ligas-me quando regressares?

– Está bem.

– Na boa?

– Sim, na boa. Chamo-me Saffron, a propósito.

– Saffron. *Saffron*. Ffron. *Ffrony*. Soa-me bem. *Adoro*.

– Nunca ninguém tinha feito isso com o meu nome.

– Fixe, não?

– Sim, muito fixe.

– É um prazer conhecer-te, Saffron. Eu sou o Joel.

Agradecimentos

(*vulgo* parte onde a Dorothy se torna lamechas)

Agradeço-lhe a si, leitor, por ter adquirido este livro, por dedicar algum do seu tempo a lê-lo e por, caso se sinta inclinado para tal, me transmitir a sua opinião. Sinto-me grata, como sempre, pelo seu apoio constante.

Quero também agradecer:

À minha maravilhosa família e aos meus igualmente maravilhosos sogros e cunhados, por serem as pessoas com quem posso sempre contar. Uma alusão especial à tia Betty da vida real, por me deixar usar o seu nome e algumas das suas histórias.

Aos meus fantásticos amigos, que são todos tão compreensivos e não deixam de me falar mesmo quando eu desapareço de cena para terminar o meu último livro.

Aos fabulosos Ant e James, sempre presentes com os melhores conselhos e as conversas mais interessantes. Adoro-vos.

À fabulosa malta da Quercus, por ser tão... bem, tão fabulosa.

À magnífica Jenny, pela deliciosa capa e à magnífica Emma pelo seu fabuloso trabalho de relações públicas: continuem a fazer aquilo que fazem de forma tão brilhante.

À Divina Jo Dickinson (acho mesmo que devias chamar-te assim), por tudo. Bem hajás por continuar a puxar por mim, a acreditar em mim e a confiar na minha capacidade para entregar o trabalho a tempo sem sequer o teres visto.

Aos especialistas que me ajudaram de tantas formas: Nathalie Patey, pela ajuda com as receitas; o pessoal da Victim Support, sobretudo o Mark Hazelby, pela informação relativa aos processos de homicídio; o pessoal da B-eat, pelos dados relativos aos distúrbios alimentares; e as mulheres de coragem que generosamente partilharam as suas histórias para ajudar a criar este livro.

E finalmente...

A E., G. e M. Não sei se há palavras suficientes no mundo para exprimir a minha gratidão a todos por serem a minha rede de apoio, mas vou continuar a tentar. A vocês, todo o meu amor.